



ORIGEM

UM SEGREDO QUE PODE SER A NOSSA DESTRUIÇÃO



J. T. Brannan

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ORIGEM

J. T. Brannan

ORIGEM

Tradução
MARTHA ARGEL
HUMBERTO MOURA NETO



Título do original: *Origin — The Secret of Man's Origin Could Now Destroy US All.*

Copyright © 2012 Damian Howden.

Publicado originalmente em inglês por Headline Publishing Group.

Copyright da edição brasileira © 2015 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

1ª edição 2015.

A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance, são também produtos da imaginação do autor e usados de modo fictício.

Editor: Adilson Silva Ramachandra

Editora de texto: Denise de C. Rocha Delela

Gerente editorial: Roseli de S. Ferraz

Preparação de originais: Marta Almeida de Sá

Produção editorial: Indiara Faria Kayo

Assistente de produção editorial: Brenda Narciso

Editoração eletrônica: Fama Editora

Revisão: Nilza Agua

Produção de ebook: S2 Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brannan, J. T.

Origem / J. T. Brannan ; tradução Martha Argel, Humberto Moura Neto. — São Jangada, 2015.

Título original: Origin.

ISBN 978-85-5539-000-5

1. Ficção de suspense 2. Ficção inglesa I. Título.

15-03437 CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção de suspense : Literatura inglesa 823

1ª Edição digital: 2015

eISBN: 978-85-5539-015-9

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela

EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a

propriedade literária desta tradução.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP

Fone: (11) 2066-9000 — Fax: (11) 2066-9008

<http://www.editorajangada.com.br>

E-mail: atendimento@editorajangada.com.br

Foi feito o depósito legal.

Para Jakub e Mia

Agradecimentos

Eu gostaria de agradecer às seguintes pessoas, por sua ajuda ao longo do processo de publicação deste livro: meus pais, por sempre terem acreditado em mim; meu fantástico agente Luigi Bonomi, bem como Thomas Stofer e aos demais integrantes da equipe na LBA; meu magnífico editor Alexander Hope, e todo mundo da Headline Publishing; dr. Jeffrey D. Means, da Universidade de Wyoming; Matthew B. Barr e sua equipe, do Institute for American Indian Studies; meu amigo Tom Chantler, pela assistência e pela consultoria científica valiosa; e minha esposa Justyna — sem seu apoio, incentivo e aporte criativo constantes, este livro jamais teria sido escrito.

“Três pessoas podem manter um segredo,
se duas delas estiverem mortas.”

Benjamin Franklin

Poor Richard's Almanack

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

Epígrafe

PARTE UM

1

2

3

4

5

PARTE DOIS

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14
15
16
17
18
19
20
21

PARTE TRÊS

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27

PARTE QUATRO

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17

PARTE CINCO

- 1
- 2

PARTE UM

1

Lynn Edwards abriu a porta do acampamento-base e saiu direto para um inferno gelado.

— Onde você o viu pela última vez? — gritou Lynn, acima do vento uivante, o pânico nos olhos do homem diante dela.

— Na crista! — Stephen Laverty gritou em resposta, apontando para a vastidão coberta de gelo estendendo-se às suas costas.

Lynn olhou por cima do ombro de Laverty. A crista estava a 400 metros de distância. Não era longe no mundo real, mas ali, na Geleira de Pine Island, na Antártida, era o mesmo que quatro mil. *O que ele tinha ido fazer lá?*

Como se lesse a mente dela, Laverty gritou-lhe:

— Ele só queria encontrar um lugar melhor para fazer as medições. Mas a crista desmoronou, e ele caiu junto.

Não era o momento para recriminações, mas o homem que estava desaparecido devia ter sido mais cauteloso. Lynn era a pesquisadora-chefe da equipe da NASA que estudava o rápido processo de derretimento da geleira, e Tommy Devane era o responsável pela perfuração com água quente, que era uma parte importante da missão. Os pontos de perfuração tinham sido cuidadosamente determinados, mas era evidente que Devane queria

explorar um pouco mais. Lynn sabia que, na Antártida, semelhante ousadia poderia ser fatal.

Ela percebeu um movimento atrás de si, e ao virar-se viu quatro outros membros de sua equipe juntarem-se a eles. Ela assentiu com a cabeça, e apontou com um gesto a paisagem violenta para além de Laverty.

— Lá, além da crista — disse-lhes.

— Que diabos ele foi fazer lá? — quis saber Sally Johnson, sob murmúrios de concordância de todos.

— Podemos questionar isso depois — gritou Lynn. — Neste momento, precisamos trazê-lo de volta. — Ela se virou para encarar o brutal vento antártico. — Agora vamos!

A Geleira de Pine Island, também conhecida como PIG, é uma das duas maiores geleiras que drenam a plataforma de gelo da Antártida Ocidental em direção ao mar de Amundsen, uma grande corrente de gelo que desce pelas encostas das montanhas Hudson até a baía da ilha Pine. Imagens de satélite mostraram que nos últimos anos ela sofreu uma aceleração perceptível, fazendo com que descarregue no mar mais gelo do que qualquer outra bacia de drenagem do planeta.

A equipe liderada por Lynn Edwards tinha a missão de tentar compreender a interação entre o oceano e o gelo, por meio de complexos conjuntos de medições, seguidos de uma modelagem dos resultados, produzindo uma imagem “virtual” abrangente da ação da geleira como um todo.

A PIG em si situava-se em uma das áreas mais remotas do vasto continente gelado, a cerca de 1.300 quilômetros da mais próxima estação de pesquisa com pessoal permanente. Fazia apenas uma semana que Lynn e sua equipe haviam chegado, vindos da grande

base de pesquisa dos Estados Unidos conhecida como Estação McMurdo, 1.600 quilômetros ao sul. Tinham sido transportados por um pequeno avião Twin Otter, e aterrissado no antigo acampamento-base de Matrix, que eles reabriram.

A semana transcorrera sem problemas, e Lynn havia estabelecido a base com rapidez e eficiência, auxiliada por sua equipe de oito cientistas escolhidos a dedo.

Eles tinham descoberto a crista no segundo dia. A somente 400 metros da base, a crista elevava-se cem metros acima da superfície da geleira, em uma linha longa e perfeita, através do horizonte gelado. O abismo do lado oposto, onde aparentemente Devane havia caído, tinha quase três vezes essa distância, um penhasco de ângulo abrupto, criado pela ação do gelo que se partia.

A monotonia básica do cenário branco e desolado tornava a orientação e a estimativa de distâncias uma missão quase impossível, e Lynn só podia rezar para que Stephen Laverty fosse capaz de guiá-los de volta ao lugar onde vira Devane pela última vez.

Se não conseguisse, Tommy estaria morto dentro de uma hora.

Tommy Devane ajustou o corpo, testando um membro de cada vez, e então o pescoço. *Nada quebrado.*

Suspirou, aliviado, voltando o olhar para o topo da “crista”, que vista daquele ângulo parecia mais uma montanha. Ele avaliou os pontos positivos — o traje termoeletrico amortecera bem a queda — e então xingou a si mesmo em voz alta por ser tão idiota. Ele era um profissional! O que havia feito?

Ele clareou a mente. Sentir pena de si mesmo não ajudaria em nada, isso ele sabia com certeza. Também sabia que, mesmo a base

estando a meros 400 metros dali, se não conseguisse subir de novo a crista, logo estaria morto. Olhou para a montanha que se erguia acima dele, a face íngreme zombando de suas esperanças. *Sem chance*. Ele não conseguiria subir sem um bocado de ajuda.

Sabia que Laverty tinha ido em busca de ajuda, mas também sabia que existia a terrível possibilidade de que nunca fosse encontrado.

Decidido a não ceder ao pânico, ele se pôs de pé e começou a examinar a crista. A face dela era quase vertical, com nada além de gelo a que se agarrar. O instinto lhe dizia para seguir ao longo da crista e tentar encontrar um modo de escalá-la, mas a cabeça dizia para ficar onde estava. Se Laverty voltasse com o pessoal até o ponto onde ele tinha caído, e ele não estivesse mais ali, estaria encrencado.

Assim, ele esperaria. Esperaria e...

O que era aquilo?

Os olhos de Devane se arregalaram quando ele viu a imagem espectral, um pouco adiante na base da crista.

Seria possível?

Ele sacudiu a cabeça, o olhar transfixado. Era um corpo, aparentemente soterrado no gelo.

Fosse ou não uma boa ideia, sabia que precisava ir e investigar.

2

Lynn e sua equipe tinham finalmente chegado à crista. Eles contornaram a borda, tomando cuidado para evitar qualquer ponto onde o gelo se soltava, pois não queriam que lhes acontecesse o mesmo que acontecera a Devane.

— Foi aqui que você o viu pela última vez? — Lynn perguntou a Laverty. O vento tinha arrefecido, e eles podiam se dar ao luxo de comunicarem-se sem ter que berrar um para o outro.

Laverty fez que sim.

— Sim, tenho certeza. — Ele indicou o mostrador de seu GPS a prova d'água. — Tanta certeza quanto possível, de qualquer modo.

Lynn assentiu com a cabeça em resposta.

— Certo. — Ela se voltou para o resto do grupo. — Otis?

Um homem pequeno e rijo adiantou-se. Otis Burns era o principal oceanógrafo da equipe, e também o alpinista mais experiente. Com enxutos 63 quilos, ele sabia que era a escolha óbvia para descer pela borda. Ele sorriu para Lynn.

— Pode me amarrar, boneca — disse, com uma piscadinha.

— Firmes aí, tem que ser devagar — disse Lynn para os três membros da equipe que iam soltando a corda pela borda da crista. Ela olhou borda abaixo, esticando-se ao máximo. — Já consegue ver

algo? — gritou para Burns, que tinha descido uns 30 metros pelo outro lado.

— Nada! — soou a voz, vinda das profundezas geladas. — Não consigo ver coisa alguma aqui embaixo.

— Tudo bem, vamos continuar — respondeu Lynn. — Continue...

— Espera! — O grito foi ouvido por todos, o tom inconfundível. Burns encontrara algo. — Acho que estou vendo alguma coisa para oeste! Eu... É, tem alguém se mexendo, direto abaixo, no fundo.

Houve uma pausa, e a mulher e os dois homens que seguravam a corda sentiram-na mover-se ligeiramente, sabendo que Burns devia estar se ajeitando, virando-se para ficar de frente para a pessoa que tinha encontrado.

— Ei! — ouviram-no gritando. — Aqui!

Lynn esperou por notícias, ansiosa. As palavras seguintes de Burns surpreenderam-na mais do que ela esperava.

— É ele! Ele está bem! — Houve uma pausa. — Mas ele quer que a gente desça até onde ele está!

Lynn franziu o cenho. *Mas que diabos?*

Duas horas depois, metade da equipe estava lá embaixo com Tommy Devane, que havia sido vestido com uma nova roupa térmica e recebido rações de emergência, embora estivesse tão agitado que quase as recusara. E quando Lynn viu o que ele tinha descoberto no fundo da crista, não ficou nem um pouco surpresa.

O corpo estava apenas parcialmente coberto pelo gelo, o derretimento glacial tendo exposto metade dele, perfeitamente mumificado pelas condições de temperatura. Era o corpo de um homem, moderno na aparência. Era louro, de cabelo curto e barbeado. Poderia quase ser um deles. Quem seria? Que estivera

fazendo ali? Como havia morrido? Há quanto tempo? As perguntas corriam pela mente de Lynn, em rápida sucessão.

Ela sabia que o corpo podia muito bem estar ali há muito tempo. Em 1991, um homem mumificado por congelamento havia sido descoberto nos Alpes italianos, e a datação por carbono mostrou que teria mais de cinco mil anos de idade. Mas este corpo era diferente. Para começar, estava vestido com um material que ela nunca tinha visto antes.

— O que ele está vestindo? — perguntou a Devane, que estivera examinando o corpo enquanto esperava que os colegas chegassem.

— Não tenho certeza. Algum tipo de tecido encouraçado, mas nunca vi nada assim. Parece incrivelmente complexo.

— Será algum agente especial militar? — perguntou Lynn a Jeff Horssen, um analista de dados que já havia trabalhado para a Agência Nacional de Segurança dos Estados Unidos, um celeiro de tecnologias militares secretas que o cidadão comum jamais teria a oportunidade de ver.

Horssen examinou o material, excepcionalmente bem preservado pelo gelo.

— Poderia ser. Até onde sei, eles têm trabalhado em equipamento realmente avançado, para condições de frio extremo. Mas isso não se parece com nada que eu tenha visto.

Lynn olhou para Devane; a expressão dele dizia que ainda havia mais coisa.

— E o que mais? — perguntou-lhe.

— Não sei se é *avançado* — ele disse, com uma mescla curiosa de surpresa e satisfação. — Mas, e que tal *antigo*?

As expressões de assombro no rosto de seus colegas o deixaram ainda mais satisfeito. Como responsável pela perfuração a calor,

Devane estava acostumado a extrair amostras de gelo — seções de gelo de 30 centímetros de largura, obtidas a profundidades de até um quilômetro, mostrando as camadas de envelhecimento, como os anéis de uma árvore. Bolsões de ar, perfeitamente preservados no gelo, podiam dar informações climáticas sobre a região, referentes a dezenas ou até centenas de milhares de anos no passado. Como especialista no assunto, ele apenas apontou para as paredes abruptas da crista.

Lynn seguiu o dedo dele, e olhou para a parede por vários instantes, antes que a compreensão a invadisse.

— Minha nossa...

— Sim — confirmou Devane. O gelo que se separara do corpo principal da geleira tinha deixado estrias na face do penhasco que eram como uma amostra exposta do gelo, as linhas podendo ser lidas ao longo de quilômetros. — Pela estimativa que faço a partir dessas leituras, o homem que acabamos de encontrar foi soterrado aqui debaixo do gelo a não menos que 40 mil anos.

3

— Encontramos algo aqui — informou Lynn pelo rádio UHF para os colegas que estavam na base Matrix.

— O que é? — veio a resposta, carregada de estática.

— É um corpo congelado. Mumificado. Potencialmente muito antigo. E com alguns artefatos anômalos.

— Hein? — Lynn podia ouvir a perplexidade. — Que tipo de artefatos?

— Coisas que é melhor não discutir por uma linha aberta — decidiu ela. — Estamos voltando para a base.

A transmissão UHF foi captada pelo satélite Keyhole, da Agência Nacional de Segurança, e transmitida diretamente para os supercomputadores do quartel-general do órgão, em Fort Meade, 25 quilômetros ao sul de Baltimore. Em 15 minutos, passou através de vários níveis de análise; mas por ordem de um homem a mensagem não seguiu adiante, e foi “perdida” para sempre.

Stephen Jacobs cerrou os punhos, furioso. Estavam tão perto do final da missão! *Tão perto!* Ele não podia deixar que nada ficasse no caminho do sonho da organização. Um corpo mumificado soterrado no gelo antártico com “artefatos anômalos”? Podia, claro, não ser nada. Mas Jacobs também sabia o que mais aquilo podia ser, e tal

descoberta faria com que perguntas demais fossem feitas, e justo na hora errada.

Ele suspirou. Teria que falar com seus superiores. Não podia permitir que nada pusesse em risco o sonho.

— **A**final, que diabos é? — perguntou Sam Maunders, sismólogo, quando todos os membros da equipe estavam reunidos, já de volta à base Matrix. O lar, por assim dizer.

— Até onde podemos ver, é o corpo de um homem — começou Lynn, enquanto Devane distribuía latas de cerveja que tirara da geladeira. — Aparentemente idêntico ao de um humano moderno. E parece ter sido soterrado no gelo cerca de 40 mil anos atrás.

Ela ergueu os olhos quando Devane deslizou uma cerveja para ela pela mesa de jantar, deu um sorriso de agradecimento e abriu a lata. *Que diabos, pensou ao tomar um longo gole. A gente não faz uma descoberta dessas todo dia.*

— Encontramos o corpo com o que parecem ser roupas modernas — prosseguiu Lynn.

— Como assim? O que você quer dizer? — perguntou Maunders, fascinado. Isso era muito mais interessante do que alterações no gelo, com certeza.

— Roupas árticas avançadas, algum tipo de material leve mais altamente isolante contra o frio.

— Mas o que isso *significa*? — perguntou Joy Glass, a analista-chefe de computação.

Lynn apenas sacudiu a cabeça.

— Até o momento não sabemos.

Seguiram-se especulações desenfreadas acerca do que haviam descoberto, e o clima era exultante, entusiástico e totalmente maluco. A despeito da missão que tinham, uma múmia de 40 mil anos de idade era muito mais emocionante do que reunir informações sísmicas e elaborar modelagens oceânicas. Seu significado tinha o potencial de estremecer a Terra.

Se for verdade, Lynn lembrou-se a si mesma, como cientista. Precisariam de muito mais tempo de análise, e muito mais recursos para chegar ao fundo daquele assunto. Ela sabia muito bem do dano causado a "Ötzi, o Homem do Gelo", a múmia encontrada nos Alpes, assim que foi descoberto. As autoridades supuseram que o corpo, descoberto por um casal durante uma caminhada na montanha, era de algum alpinista morto em um acidente de escalada. Assim, não estavam tentando preservar e proteger o corpo, mas apenas tirá-lo do gelo. Como resultado, rasgaram suas roupas, usaram o arco dele como alavanca para arrancá-lo de lá e até perfuraram seu quadril com uma britadeira.

Tais equívocos não aconteceriam com a descoberta deles; Lynn estava determinada a seguir um procedimento científico estrito durante a extração e o exame do corpo. Esta atenção aos detalhes, mesmo quando a excitação da descoberta ameaçava dominá-la, era o que a levava ao topo de seu campo de atuação.

Evelyn Edwards — Lynn, para os amigos — era dotada de uma capacidade excepcional, tendo se graduado como a melhor da classe em Harvard, e a galgar até o topo de sua área, ainda dominada pelos homens.

Sua aparência, embora invejada por muita gente, não tinha lhe facilitado em nada a vida acadêmica. Na adolescência, havia sido uma garota sem graça, e às vezes ela se perguntava se fora por isso

que decidira seguir a carreira acadêmica, mas com o tempo se tornou uma bela jovem. Tinha pele suave, cor de oliva, que sugeria algo exótico em sua ascendência, e abundantes cabelos escuros, que emolduravam os olhos de um verde intenso. Seu corpo era esguio e atlético, moldado ao longo dos anos por corridas matinais regulares, academia e a prática de *kickbox*. Mas no mundo da ciência, tal aparência com frequência fazia com que as pessoas não a levassem a sério; parecia que as pessoas achavam que mulheres como ela não podiam também ser *inteligentes*. Ela nadou contra a corrente, seus talentos naturais sobrepujando a intolerância os pontos de vista dos pares, até chegar a ser uma das principais cientistas da NASA.

Mas as qualidades que a fizeram destacar-se na profissão levaram ao fracasso sua vida pessoal. Seu casamento durou menos de dois anos, e ela sabia que boa parte da culpa devia recair sobre seus ombros. Não tinha sido por causa de Matt, na verdade. Eles tinham se apaixonado, noivado e casado em um período de tempo muito curto. Curto demais, como se viu depois. Matt Adams era um nativo americano rastreador, um homem robusto que gostava de viver em comunhão com a natureza, sintonizado com o "grande espírito". Lynn se sentira atraída de imediato pelo comportamento dele, livre e despreocupado, e se encantara com seu mal contido entusiasmo por toda e qualquer coisa. Ele realmente sabia como abraçar a vida. E ele a amava com todo seu coração.

Lynn sentiu-se mal agora, pensando nele, como fazia com frequência aqui na Geleira de Pine Island, de nome tão parecido ao da reserva de Pine Ridge, na Dakota do Sul, onde ele nascera. Ela se perguntou se ele ainda morava lá, e o que acharia daquela descoberta. Sem dúvida ficaria empolgado; ele sempre lhe contara

como os mitos dos indígenas norte-americanos sugeriam que os Estados Unidos haviam sido habitados, dezenas de milhares de anos atrás, por um povo muito avançado.

Ela sorriu enquanto pensava nele, mas logo afastou os pensamentos e voltou à situação presente — uma qualidade que era tanto uma bênção como uma maldição.

Ela ergueu o radiophone seguro e fez uma ligação para a sede da NASA. Uma mensagem como aquela só poderia ir direto até o topo.

O telefonista atendeu, e Lynn não perdeu tempo.

— Quero falar com o administrador.

Samuel Bartholomew Atkinson era o administrador da NASA, o “chefão do espaço”, como seus funcionários se referiam carinhosamente a ele.

O amor dele pelo cosmos vinha de quando tinha apenas 3 anos de idade, contava sua mãe, e ele tinha se dedicado à carreira entre as estrelas com uma paixão que beirava a fúria. Agora estava no emprego de seus sonhos, e amava cada minuto dele. Claro, havia desafios, mas qual satisfação na vida vem sem desafios? Sua posição lhe dava um nível de conhecimento sobre o cosmos que teria assustado aquele menino de 3 anos que ele fora, mas agora ele prezava aquele conhecimento acima de tudo o mais.

A mensagem que Evelyn Edwards acabava de lhe transmitir era perturbadora demais, e ele teria que passá-la adiante, para cima. Disse a Lynn que retornaria a ligação dali a uma hora.

Seus dedos digitaram velozes o número, no telefone seguro sobre sua mesa, e Stephen Jacobs atendeu ao primeiro toque.

Atkinson informou-o o mais rápido que pôde, mas Jacobs interrompeu-o na metade.

— Eu sei, Samuel. E já falei com nossos amigos.

Atkinson pareceu surpreso. Mas de qualquer modo, Jacobs era um homem cheio de surpresas.

— E o que disseram?

Jacobs limpou a garganta.

— Disseram que, definitivamente, isso é algo com que devemos nos preocupar. Poderia haver uma conexão, embora não haja um modo concreto de saber antes de um exame. Mas é motivo de preocupação. Precisamos conter a situação.

— Sim, senhor. Qual nossa linha de ação a seguir?

— OK, escute com atenção. Isto é o que eu quero que você faça.

O radiophone soou entre as paredes metálicas da sala de comunicações da pequena base. Lynn atendeu de imediato.

— Olá, Lynn — saudou Atkinson, com seu tom afável e cordial. — Como está você?

— Entusiasmada — confirmou Lynn. — Mas disposta a fazer tudo do jeito certo. O que você recomenda?

— Vocês devem permanecer na base por ora — disse Atkinson. — Não queremos comprometer o local. Já temos um grupo de especialistas a caminho. Vocês deverão colaborar com eles, e dar toda a assistência que puderem. Está claro?

— Sim, senhor — ela confirmou. — Hora estimada de chegada?

— Hora estimada de chegada, 7 horas, amanhã de manhã. Conexão para McMurdo, e depois até a base. Providenciem uma recepção calorosa.

— Faremos isso, senhor.

— E, Lynn...

— Sim, senhor?

— Este assunto foi classificado como ultrassecreto. Ninguém mais sabe sobre isso, e queremos que continue assim. A menos que seja por meu intermédio, vocês devem cessar qualquer comunicação com o mundo exterior a partir de agora.

A 16 mil quilômetros de distância, em seu escritório particular em Washington DC, Atkinson recolocou o fone no gancho e esfregou os olhos. Ia ser uma longa noite.

4

O grupo chegou, como previsto, exatamente às 7 da manhã seguinte, pousando em dois helicópteros Chinook AH-46 de rotor duplo idênticos, a apenas 50 metros da base, neve e gelo sendo arremessados a grande altura no ar pelo forte vento das hélices.

Seis homens desembarcaram rapidamente de cada helicóptero, as cabeças baixas enquanto corriam sob os rotores que desaceleravam. Lynn tinha a porta aberta para eles, contando-os um a um. Os pilotos viriam mais tarde, depois de fazerem uma checagem geral das aeronaves.

Nada foi dito até todos estarem reunidos na sala de refeições, o maior aposento no pequeno acampamento-base Matrix.

Um dos homens — Lynn notou que eram todos *homens* — adiantou-se.

— Dra. Edwards? — disse, estendendo grande mão. — Major Marcus Daley, Corpo de Engenheiros do Exército dos Estados Unidos. Lynn apertou-lhe a mão com firmeza.

— Exército? — perguntou, surpresa. Ela relanceou o olhar pelos demais, distribuídos atrás de Daley numa formação em leque. Com certeza militares. A atmosfera ao redor deles era inconfundível.

— Ei, quem mais pode realizar uma operação de emergência a milhares de quilômetros da civilização? Ou somos nós, ou vocês vão

ficar esperando por duas semanas até a chegada de uma equipe de civis. Se o corpo já está exposto, não vão querer que se decomponha.

Lynn acenou com a cabeça, concordando.

— Sim, é claro. Me desculpe, eu não quis ser rude, mas é que não estava esperando uma equipe militar. Vocês já retiraram corpos do gelo antes?

Daley fez que sim, muito sério.

— Soldados morrem em regiões geladas do mundo o tempo todo. E nós nunca deixamos um homem para trás. — Ele olhou nos olhos de Lynn. — Agora levem-nos até o corpo.

Lynn tinha que admitir que a eficiência militar era digna de nota. Na hora do almoço, os engenheiros do exército já tinham visto o local, feito um reconhecimento completo da área e traçado um plano de ação detalhado, que foi rapidamente aprovado por Lynn. Parecia que, de fato, já tinham feito aquilo antes.

De volta à base, o major Daley sentou-se com Lynn e Devane na sala de refeições, com canecas de café quente e forte na mesa de alumínio entre eles. Os dois cientistas da NASA estavam relatando a Daley os eventos da descoberta inicial, e o major fazia perguntas e tomava notas.

— Então, desde que falou com Atkinson na noite passada, vocês não voltaram ao local onde o corpo está, até a manhã de hoje?

Lynn trocou um olhar com Devane, e sacudiu a cabeça.

— Não. Samuel nos ordenou que voltássemos para cá e esperássemos até a chegada de vocês.

Daley assentiu com a cabeça.

— Ótimo.

— Por quê? — perguntou Lynn, perfeitamente ciente de que sua resposta não tinha sido inteiramente verdadeira.

Depois da reunião e da discussão com a equipe na noite anterior, ela e Devane tinham descido a crista de novo, documentando a descoberta com câmeras de alta definição e tomando notas detalhadas. Usando suas próprias ferramentas especializadas, tinham até mesmo conseguido colher algumas células da pele do corpo congelado, e cortar um pouco de cabelo para uma posterior análise de DNA, e também coletado uma pequena tira do tecido da roupa para um teste com radiocarbono. O tempo imprevisível daquele continente maluco podia fazer com que todo o local da descoberta estivesse sob metros de neve quando uma equipe de especialistas por fim chegasse. O corpo poderia muito bem ficar perdido por mais 40 mil anos, e de forma alguma Lynn deixaria que aquilo acontecesse. No entanto, ela se sentia desconfortável em admitir aquilo para Daley, e assim a evidência que haviam coletado jazia agora em sua mochila pessoal, guardada em sua cabine particular.

— Muito bem, daremos andamento à fase um do plano às 15 horas, com a extração do corpo — anunciou Dale. — Nós o colocaremos em uma das unidades pressurizadas de refrigeração a bordo do primeiro Chinook, e então todos iremos embora daqui esta noite, às 22 horas.

— O quê? — perguntou Lynn, chocada. — *Todos* nós? E quanto à nossa missão?

Daley ignorou por completo as objeções dela.

— Vocês agora são parte de uma descoberta científica de grande monta, dra. Edwards — disse ele de modo agradável. — Sua missão sofreu uma mudança.

Como havia dito, Daley certificou-se de que, naquela noite, sua equipe já tivesse o corpo fora do gelo e acondicionado no helicóptero.

Os homens eram tão eficientes que Lynn não pôde deixar de impressionar-se. Eles retiraram o corpo com um cuidado quase carinhoso. Lynn e Devane ficaram olhando, fascinados, à medida que mais e mais do antigo cadáver ia sendo revelado. As estranhas roupas continuavam na parte de baixo, terminando em uma espécie de botas para baixas temperaturas. E então apareceu outra coisa mais, algo *metálico*, enterrado junto ao corpo.

Lynn adiantou-se para olhar mais de perto, mas foi mantida afastada com um gesto.

— Sinto muito, dra. Edwards — disse Daley, com uma impaciência brusca. — Esses instrumentos de extração que estamos usando são perigosos. Por favor, mantenha-se na zona de segurança.

Desapontada mas não surpresa, Lynn recuou. Daley não queria nem que ela estivesse ali, mas ela havia argumentado com muita ponderação. Por mais experiência que alegassem ter naquele tipo de trabalho, os militares não estavam familiarizados com as condições únicas da Geleira de Pine Island, e Lynn disse a ele, com toda clareza, que precisariam de assessoria especializada se quisessem ter certeza de que não haveria problemas. Anomalias sísmicas, movimentos súbitos do gelo, mudanças nas correntes de ar, fatores assim poderiam desprender perigosos blocos de gelo, ou algo pior.

Daley havia capitulado, mas quis que no máximo duas pessoas ajudassem. Lynn ficou feliz pela oportunidade de acompanhar a operação, mas lamentou que a maioria de sua equipe não pudesse compartilhar daquela emoção.

Ficou claro que não havia a emoção da descoberta para o major Daley e seus homens. Eles encararam o trabalho profissionalmente, nem mais nem menos. E às 10 horas daquela noite, o corpo estava a bordo do primeiro helicóptero, como havia sido prometido, os engenheiros do exército junto com ele; enquanto isso, na segunda aeronave Lynn e sua equipe da NASA observavam a pequena base Matrix que desaparecia na névoa rodopiante abaixo deles.

5

Lynn olhou para baixo, pela janela, para as águas escuras e geladas da passagem de Drake, a pequena porção de oceano entre os oceanos Antártico e Atlântico que separava a Antártida da América do Sul.

Pareciam estar voando muito baixo, e ela se pegou imaginando se iriam aterrissar para reabastecer. A autonomia de voo do Chinook não podia ser de muito mais de 1.600 quilômetros, o que os levaria para dentro do Chile ou da Argentina. Haveria alguma base aérea militar norte-americana em algum desses dois países? Ou quem sabe, dada a natureza delicada da carga que levavam, reabasteceriam em pleno ar, afastando a necessidade de pousar em qualquer lugar antes de reentrarem nos Estados Unidos.

Seus devaneios foram interrompidos por Harry “Truman” Travers, o sismólogo-chefe da missão agora interrompida.

— Pelo menos vamos rever nossas famílias mais cedo do que pensávamos — disse ele, com entusiasmo fingido.

O restante da equipe murmurou concordando, inclusive Lynn, apesar da sensação dolorosa de não ter uma família de fato para a qual retornar. Era filha única, seus pais tendo morrido em um acidente de carro não muito tempo depois de ela ter nascido. Havia sido criada pela avó, mas aquela mulher maravilhosa também tinha

sido levada, de forma trágica, pelo câncer, apenas dois anos antes. Sem marido ou filhos, ela não tinha ninguém.

Ficou aliviada quando Sally Johnson mudou de assunto.

— O que vocês acham que vai acontecer conosco?

Horsen resmungou, sua experiência com os serviços de inteligência dando-lhe conhecimento sobre situações como aquela.

— Muito simples — disse. — Ou eles vão desfilar com a gente, empurrar-nos para a frente da mídia mundial e colocar todos os holofotes sobre nós, em grande estilo...

Ele fez uma pausa.

— Ou? — Devane finalmente perguntou, por todos eles.

— Ou vão nos colocar de quarentena e nos manter fora de circulação. Depende da decisão do governo do quão delicada foi a descoberta do corpo. Porque esse é *exatamente* o tipo de coisa que o governo manteria em segredo.

O homem que estivera fingindo ser o major Marcus Daley olhou através do céu escuro para as luzes da cauda do segundo helicóptero, que voava baixo por cima das ondas.

Ele gostava de alguns aspectos de seu trabalho, de outros não. Aquele em particular era um dos quais gostava. Muitos homens teriam recuado diante do que estava a ponto de fazer, mas ele nunca considerara nenhuma outra opção. Seria a sangue-frio, claro, mas ele simplesmente não ligava. Seus atos beneficiariam e protegeriam a organização. E o sonho.

Tirou de dentro do bolso *cargo* a pequena caixa de metal, checando a luz que piscava.

Olhou mais uma vez através do oceano para o segundo Chinook, o dedo no botão, esperando pelo momento certo.

— Seria bom saber pelo menos para onde estamos indo — disse Devane, espreguiçando o corpo no assento pequeno, apertado.

Ele tinha lido a mente de Lynn, enquanto ela contemplava novamente o mar, imaginando exatamente a mesma coisa. *Dane-se.*

— Vou lá perguntar ao piloto — anunciou, soltando o cinto e erguendo-se de sua própria poltrona apertada. Pelo menos seria *algo* para fazer naquele longo voo.

Apanhando sua mochila, ela se deslocou pelo estreito corredor, chocando os joelhos contra os dos colegas.

— Você pode deixar a mochila aqui, sabia? — brincou Otis Burns.
— A gente não vai roubar nada.

Lynn ficou vermelha, sabendo que Burns tinha razão. Mas ainda assim ela sentia a necessidade de proteger o conteúdo da mochila, especialmente agora que todas as outras evidências estavam de posse do exército dos Estados Unidos.

— Que posso dizer? Tenho problemas em confiar nos outros — devolveu a brincadeira.

Ela continuou em frente pelo corredor e em apenas mais dois passos estava na porta da cabine do piloto. Bateu uma vez, e depois de novo. Não houve resposta.

— Olá? — disse, batendo mais alto. Gritou e bateu de novo, mais e mais alto.

Ainda não houve resposta.

Ela segurou a maçaneta e a torceu. A porta abriu-se devagar, e Lynn entrou na cabine.

Seus olhos se arregalaram e sua respiração falhou, chocada com o que viu.

O comandante Flynn Eldridge — que dera aos cientistas o nome falso de Daley — ajustou sua posição, esticando-se para ver o segundo helicóptero, apenas 500 metros atrás, a estibordo, suas luzes pequeninos lampejos na distância.

Checou a hora no relógio, e então checou de novo as coordenadas de navegação.

Olhou para o navegador da aeronave.

— Aqui? — pediu a confirmação.

O navegador assentiu.

— Aqui.

Eldridge assentiu de volta e apertou o botão.

— Não há ninguém pilotando o helicóptero! — berrou Lynn, aterrorizada.

Ao entrar na cabine, Lynn não viu o piloto e o navegador, como esperava, mas um espaço completamente vazio, exceto por uma única luz verde que piscava no painel de controle.

— Estamos voando por controle remoto!

Toda a equipe de imediato se tumultuou, lançando-se de seus assentos, indo em direção à cabine para verem com os próprios olhos.

E então Lynn viu a luz verde começar a piscar cada vez mais depressa, até que parou. E ficou vermelha.

Quinhentos metros à frente, acima da passagem de Drake, o comandante Flynn Eldridge e seu grupo observaram com um distante interesse profissional quando o escuro céu noturno se iluminou perto deles em uma imensa bola de fogo.

Viram a massa de fogo circular expandir-se, suspensa no ar por alguns segundos, lutando para manter a altitude, antes de despencar rumo ao mar gelado lá embaixo.

Eldridge acenou com a cabeça, satisfeito.

Missão cumprida.

PARTE DOIS

1

Matt Adams despejou água morna sobre o cereal matutino, os olhos inchados de sono. O leite custava caro e, de qualquer forma, em seu estado atual ele mal conseguiria distinguir entre leite e água.

Adams não tinha uma boa noite de sono fazia mais de uma semana. Às vezes os pesadelos eram assim; vinham em ciclos, com frequência dois ou três por noite, e depois não haveria mais nada por meses.

Na última semana, ele tinha conseguido uma hora de sono aqui, outra ali, quando seu corpo literalmente desabava, mas então os sonhos vinham, e de novo ele ficava totalmente desperto, sem querer fechar os olhos, não importando o quão cansado estivesse.

Ele sabia a causa — não havia jeito de esquecer *aquilo* — mas o fato era que ele se tornara uma sombra do que tinha sido, os destroços de um homem lançados à praia. A notícia que recebera naquela manhã não contribuía em nada para melhorar seu estado de espírito.

Evelyn Edwards, antes Evelyn *Adams*, na época em que estiveram casados, estava morta. Havia morrido em algum tipo de acidente de helicóptero, quando retornava de uma missão da NASA na Antártida.

Os destroços tinham se espalhado pela passagem de Drake, e era improvável que qualquer corpo jamais fosse recuperado. Em vez de

um funeral, uma cerimônia fúnebre oficial seria celebrada em Washington DC, em memória de Lynn e sua equipe, dali a apenas duas semanas.

Foi a NASA quem tinha ligado para dar a notícia trágica, e convidá-lo para a cerimônia. Não havia muitas pessoas mais para convidar fora do círculo profissional dela. Lynn não tinha família, e a maioria das pessoas que ela conhecia era da NASA.

Adams disse à mulher do outro lado da linha que compareceria. Enquanto comia o cereal, sua mente ficava voltando o tempo todo para Lynn.

O fato era que ele ainda a amava. Uma lágrima rolou por seu rosto, e então ele olhou para a tigela de cereal na mesa à sua frente, e já nem conseguia saber o que era aquilo.

Uma hora depois, ele ainda estava ali.

A Reserva Indígena de Pine Ridge está situada no canto sudoeste da Dakota do Sul, na divisa com Nebraska. Administrada pela tribo Oglala Sioux, cobre quase nove mil quilômetros quadrados, e incorpora três dos condados mais pobres dos Estados Unidos.

Marginalizada, para se dizer o mínimo, a população nativa americana dos Estados Unidos tem enfrentado sérios problemas com pobreza, educação, saúde e seguridade social, e em nenhum lugar essa condição fica tão evidente quanto em Pine Ridge.

Enquanto Adams pedalava sua bicicleta, sem muito equilíbrio, rumo ao trabalho, considerava-se um sujeito de sorte por ao menos ter um emprego. Não era um bom emprego, e com certeza não do mesmo nível do anterior, que terminara de forma tão trágica, mas de qualquer modo era um emprego. O salário era baixo, mas pelo menos ele não precisava se preocupar com o aluguel.

Com menos de quatro por cento das terras da reserva adequados para o cultivo, e praticamente ignorada pelo governo federal, como resultado a pobreza era endêmica, e as condições propícias para alcoolismo, criminalidade e outros problemas associados. E assim, ao chegar à pequena cabana turística nos limites do Parque Nacional Badlands, Adams se considerava um dos sortudos.

Os Oglala Sioux são uma tribo orgulhosa, parte das sete tribos que no passado formavam a Grande Nação Sioux.

Matt "Urso Livre" Adams pertencia à tribo, conhecida por seus membros mais propriamente como Oglala Lakota Oyate. Os lendários antepassados da tribo tinham lutado contra o exército norte-americano na Guerra de Nuvem Vermelha e na Grande Guerra Sioux, e estavam entre aqueles que foram massacrados em Wounded Knee.

Já os ancestrais de Adams eram mais obscuros. Encontrado do lado de fora da delegacia de polícia da tribo em Pine Ridge, com a idade estimada de dois dias, nunca se determinou quem seriam seus pais. Ele foi acolhido pelo chefe de polícia local, que o levou para viver com sua própria família. A situação só durou pelos primeiros anos da vida de Adams. Após o generoso homem ser morto a tiros na cidade, em uma fria noite de novembro, Adams em breve viu-se sendo mandado de um lugar para outro. Um orfanato aqui, um abrigo para crianças ali, ele tinha vivido em mais de duas dúzias de lugares antes de chegar à adolescência.

Mas o jovem Adams era resistente, o espírito nele inculcado pelo chefe de polícia naqueles primeiros anos nunca o abandonou. Ele jamais deixava que as situações o levassem para baixo, nunca desistia, e sempre continuava lutando.

Foi o espírito de luta de Adams que finalmente chamou a atenção de Jim “Grande Urso” Maddison, chefe da sociedade guerreira Akicita Coração Forte e parente distante do grande chefe Cavalo Louco, mais conhecido por liderar ataques contra as tropas do governo dos Estados Unidos durante as batalhas de Rosebud e Little Big Horn.

Como o chefe de polícia no passado, Maddison tomou Adams sob sua proteção. Quando ele foi apresentado aos anciãos da tribo, eles reconheceram não apenas seu espírito de luta, mas também sua natureza mais profunda, espiritual, e eles próprios se interessaram por ele.

As habilidades tradicionais de combate, caça e rastreamento da tribo eram tratadas como um anacronismo pela maioria dos lakotas, que já não as consideravam relevantes para as necessidades contemporâneas. Tais habilidades não eram passadas de geração para geração desde os anos 1800, mas ainda assim alguns dos homens santos lakotas ainda guardavam conhecimentos dos costumes do passado.

Esses homens observavam a natureza e criavam um relacionamento com todos os aspectos do mundo — animais, plantas e a própria Terra. E assim, quando empreendiam processos aparentemente físicos como rastrear, eles não se baseavam apenas nos sinais visíveis, mas também ouviam o que o mundo estava lhes contando sobre si.

Não havia muita gente capaz dessa conexão com a Terra, ou de atingir semelhante alinhamento espiritual, mas o jovem Adams tinha demonstrado uma incrível aptidão para os ensinamentos dos anciãos lakotas. Isso por sua vez gerou problemas com outros membros da tribo, que argumentaram que uma criança sem linhagem ou

ancestralidade tribal jamais deveria ter permissão para receber tais instruções.

E assim, a despeito da proteção de Grande Urso, a vida de Adams não era fácil, e ele nunca foi capaz de evitar o estigma de sua orfandade, tendo constantemente que lutar para conseguir o que a maioria recebia de graça. Mas seu espírito sempre se projetou, até que ele se tornou o rastreador mais respeitado da reserva, e recebeu de Maddison e dos homens santos lakotas o nome “Urso Livre”, para mostrar como ele havia se libertado das amarras da ancestralidade e conquistado seu lugar por meio da própria habilidade e força de vontade.

O que Maddison e os anciãos teriam pensado dele agora — pronto para guiar um grupo de turistas para a Aventura Nativa Americana nas Badlands — era uma incógnita. Mas enquanto levava o grupo de doze turistas a cavalo até as belezas das Badlands, ele não estava pensando sobre decepcionar Maddison.

Em vez disso, ele só conseguia pensar em Lynn.

A excursão durava quatro dias, e o grupo acampava à noite, reunindo-se ao redor da fogueira para discutir as experiências do dia e ouvir Adams contar histórias da mitologia do lugar.

Apesar da baixa temperatura noturna, Adams passava as noites sob as estrelas. Havia milhões delas, com um brilho intenso na ausência da iluminação criada pela mão humana, e enquanto tomava um chá de urtiga, Adams sentiu sua mente — seu *espírito* — começar a vagar pelo cosmos.

Mas então seus pensamentos se intrometeram, trazendo sua jornada astral de volta à terra com um sobressalto. *Lynn*. Eles tinham se apaixonado, casado e então se divorciado. E agora jamais

voltaria a vê-la, até que ele também ascendesse para o mundo espiritual.

Havia sido no Parque Nacional das Badlands que se encontraram pela primeira vez, e Adams tomou outro gole da caneca e sorriu ao recordar.

Ele tinha apenas 20 anos na época, quase duas décadas antes, e estivera caçando um antilocapra macho através da pradaria, um animal solitário que deveria ter se apartado da manada. Não pretendia matá-lo; seu objetivo era chegar o mais perto possível sem que o animal o notasse. Queria poder chegar perto o suficiente para tocá-lo. *Isso* seria habilidade.

E assim ficara à espera por horas, rastreara a criatura por quilômetros, e sorrateiramente se aproximara, mais e mais. Tinha chegado a apenas três metros do magnífico animal, quando as pressentiu.

Duas pessoas. Deslocando-se a pé. A apenas um quilômetro e meio de distância, para nordeste.

Ele escutou com mais atenção, a orelha perto do chão, os sentidos sintonizados com precisão. Torceu para que o grande antilocapra não as detectasse também.

Aproximou-se mais — dois metros e meio, dois metros, um metro, meio. Os sons das duas pessoas desconhecidas estavam mais fortes agora, mas Adams tinha certeza de conseguir tocar o animal antes que este as ouvisse.

— Olha aquilo! — ele ouviu uma voz feminina jovem gritar.

— Pegue a câmera! — ouviu outra, e foi o suficiente.

Bem quando estendia sua mão, o animal se assustou, virando a cabeça para os gritos estridentes, e então se afastou correndo, ganhando velocidade através da planície.

Adams suspirou e ergueu o olhar. Não fazia sentido ficar irritado. Que sabiam os turistas? Talvez devessem saber se portar, mas nunca sabiam, e fazia muito tempo que Adams tinha aprendido esse fato da vida.

Ele sabia que as duas garotas estavam perto agora, e podia ouvi-las conversando.

— Ai, você foi muito lerda!

— Ele fugiu!

— Quem sabe a gente encontra ele de novo...

Ele decidiu divertir-se um pouco e tentar ao menos tirar algo de bom daquele dia.

Perfeitamente invisível entre o capinzal alto, esperou até que as moças estivessem quase em cima dele, e então ergueu o corpo, sentando-se de repente na frente delas.

Ele pretendia soltar um “Buu!” cômico, mas a respiração ficou presa em sua garganta quando ele viu a jovem da esquerda.

Era a garota mais linda que Matt Adams já tinha visto.

As duas moças estudavam em Harvard e estavam no intervalo de primavera, e em vez de pegarem um avião para a Flórida ou Cancun, para passar a semana de farra e bebedeira, tinham decidido viajar pelas Grandes Planícies, e aprender na prática um pouco da história de seu país.

A garota linda chamava-se Evelyn Edwards, e estudava astronomia e física, temas pelos quais a princípio Adams não conseguiu imaginar que estivesse interessada. Ela parecia mais uma modelo do que uma física.

A outra garota era sua colega de quarto, e com certeza era menos bonita que Lynn — Adams descobriu logo como ela gostava de ser

chamada —, e mais do tipo que ele associaria com a astrofísica.

Depois de pedir desculpa por assustá-las e explicar quem era e o que estivera fazendo, Adams tinha convidado as duas moças para jantar em sua cidade natal de Pine Ridge.

A amiga relutou em aceitar, mas Lynn, claramente interessada, concordou pelas duas.

O que se seguiu nos dias subsequentes foi um romance-relâmpago, enquanto Adams apresentava Lynn às maravilhas das Grandes Planícies Americanas, fornecendo-lhe uma deliciosa válvula de escape para a pressão dos estudos. Por infelicidade, a amiga dela logo ficou esquecida, e teve de voltar sozinha depois que os dois primeiros dias indicaram que estava sobrando ali.

Um dia antes de Lynn voltar para Harvard, Adams a levava para as Badlands de novo, e eles se sentaram ao pé da mesma árvore sob a qual ele estava agora deitado. Conversaram noite adentro, e então ele estendeu a mão, pousando os dedos com suavidade na face dela.

E quando afinal se beijaram, Adams soube, por instinto, que o destino deles era ficar juntos.

Finalmente a excursão chegou ao fim, e Adams voltou à cabine que servia como base de operações turísticas. Cuidou dos cavalos, e então tomou um banho e trocou de roupa.

Depois de ser pago em dinheiro pelo gerente, decidiu pegar a bicicleta e ir direto para o bar mais próximo.

Ele não costumava beber, mas de vez em quando — se os pesadelos persistiam — tentava ver se o álcool podia ajudá-lo a dormir. Às vezes ajudava, às vezes não; e às vezes, quando ajudava, os pesadelos voltavam piores do que nunca. Receando ter os

pesadelos na frente dos turistas, ele não tinha dormido nada durante a excursão, e estava agora no ponto em que o corpo exigia *qualquer* tipo de sono, nem que fosse repleto de pesadelos.

Depois de apenas uma hora, Adams tinha bebido o bastante. Estava quase bêbado, e temia o que pudesse acontecer se bebesse mais. Já percebia que desta vez a bebida não ia ajudá-lo a dormir, e assim pagou a conta e foi para casa.

Pedalandando pelas ruas na noite fresca, Adams pegou o caminho errado por duas vezes, o que o fez rir alto. *Você costumava ser o melhor rastreador que existia. Ha! Olhe para você agora, não consegue nem encontrar sua maldita casa!*

Mas por fim ele a encontrou, uma casinha térrea e mal conservada — quarto, banheiro, sala e uma pequena cozinha, um jardimzinho externo rodeado por uma cerca de tela de arame.

Não era muito, mas era o lar.

Lar, doce lar. Adams deu uma risadinha enquanto largava a bicicleta no jardim e cambaleava até a varanda, abrindo a porta telada externa.

Apoiando-se no batente da porta, teve dificuldade para pegar as chaves, e teve dificuldade de novo para enfiar a chave na fechadura. Não estava bêbado, mas o álcool com certeza não estava ajudando em sua coordenação.

Finalmente, depois de muito praguejar, ele conseguiu, e cruzou a porta, entrando na sala.

E então percebeu, pela primeira vez, algo que devia ter captado muito antes.

Havia mais gente em sua casa.

Começou a se mover, mas imobilizou-se ao sentir o aço frio de uma arma de grosso calibre pressionando com força a parte de trás

de sua cabeça.

Em um instante, Adams estava completamente sóbrio.

2

As luzes se acenderam, ofuscantes em sua intensidade depois da escuridão profunda, e uma dor aguda penetrou pelos olhos de Adams, indo direto para seu cérebro.

Ele se situou instantes depois, e viu que havia quatro homens ali no aposento com ele, incluindo o que estava armado às suas costas. Todos se vestiam de forma idêntica, terno azul-escuro, camisa branca, gravata azul-escuro. Adams não tinha dúvida de que os outros três homens também portavam armas.

Dois homens estavam nas laterais, enquanto um se postava bem à sua frente, a menos de um metro de distância. Esse homem — com cabelo curto à escovinha, olhos penetrantes ocultos por trás de óculos sem armação, seus movimentos fluidos, relaxados — aproximou-se de Adams, fitando-o no rosto com um desprezo mal disfarçado.

— Onde ela está? — perguntou, numa voz fria.

— Quem? — Adams indagou, genuinamente confuso, e não apenas pelo álcool que consumira naquela noite.

O homem não respondeu, mas apenas esmurrou Adams no meio da cara com o punho calçado numa luva de couro.

A cabeça de Adams foi arremessada para trás, o sangue espirrando de seu nariz e traçando uma linha no carpete fino. Ele

caiu sobre um joelho, atordoado por um instante. A dor era aguda, involuntariamente enchendo os olhos de lágrimas, mas ele sabia que ela era o menor de seus problemas.

— Não vamos jogar nenhum joguinho, sr. Adams — disse o homem, com calma, a violência não o afetando em nada. — Sabe de quem estamos falando. Onde ela está?

Adams sacudiu a cabeça, os olhos voltados para o chão enquanto ele cuspiu o sangue da boca. Ele ergueu o olhar.

— Sério, não faço ideia do que você está falando.

O homem suspirou, revirou os olhos para o teto de forma teatral e baixou violentamente o pé calçado com bota na cara de Adams.

A cabeça dele foi lançada para trás de novo, e ele viu estrelas. Os ouvidos estalando, ele olhou de novo para o homem à sua frente, os olhos indagando.

— Sua ex-mulher — explicou o homem, exasperado. — Dra. Evelyn Edwards. *Onde ela está?*

A cabeça de Adams levou um novo golpe, mas não por ter sido atingida. Foi perplexidade. *Minha ex-mulher? Lynn?*

— Ela morreu — disse Adams, brusco. *Não morreu?*

— Se está morta, então como explica o e-mail? — disse o homem, impassível.

— E-mail? — perguntou-se Adams em voz alta. — Que e-mail?

O homem de terno adiantou-se para acertar Adams de novo, mas este ergueu as mãos, tentando acalmá-lo.

— Ei, ei, não sei do que está falando! Estive fora, numa excursão, nos últimos quatro dias.

O homem deteve-se, considerando aquilo.

— Quer dizer que não viu o e-mail? — perguntou por fim. Tirou uma folha de papel do bolso, segurando-a bem na frente do rosto de

Adams.

Adams fechou os olhos e voltou a abri-los, tentando fazer foco. Era o texto impresso de uma mensagem eletrônica. Ele reconheceu seu próprio endereço de e-mail, mas não o remetente.

Olhou com mais atenção, dissipando a dor de sua cabeça enquanto lia.

Matt, aqui é Lynn. Alguém está tentando me matar, mas não sei quem é. Podem ser os militares, o governo, até a NASA. Não sei em quem confiar, exceto em você. Por favor, sei que faz muito tempo, mas preciso de sua ajuda. Encontre-me no parque. E, por favor, venha. Assim que puder. Lynn.

Adams estava perplexo. A mensagem era de Lynn? Olhou a data. Dois dias antes. Portanto, *quatro dias* depois do acidente de helicóptero que supostamente a matara.

— Então, o que isso significa, sr. Adams? — o homem perguntou.
— A que “parque” ela está se referindo?

A cabeça de Adams rodava, mas a compreensão atingiu-o de repente. Lynn estava viva, em perigo, e precisava de sua ajuda. Por que aqueles homens estariam ali, a menos que acreditassem que a mensagem era genuína? E se estavam tentando encontrá-la, com a força e com armas, só podia ser por uma razão — para terminar o serviço, e se assegurarem de que ela estivesse morta.

Adams sabia que não estava em condições de fazer qualquer coisa naquele momento, mas a fúria que de repente correu por suas veias pareceu revitalizá-lo. Queriam matar Lynn? *Bom, isso veremos,* pensou Adams. *Bom, isso veremos!*

Sua mente e seu espírito se uniram como se fossem uma coisa só pela primeira vez em muitos anos. Urso Livre recuou de supetão, a cabeça desviando-se para longe do cano da arma, a mão girando para agarrar o braço do homem que a empunhava.

Com os outros três homens ainda tendo de sacar as armas, Adams sabia que tinha uma chance. Seu ombro recuou com violência, atingindo a mandíbula do homem que segurava a arma, e nocauteando-o. Ao mesmo tempo, Adams agarrou a arma, o dedo enfiando-se pela guarda do gatilho.

O homem à sua frente estava com sua Sig Sauer semiautomática já meio fora do coldre de cintura de saque rápido quando Adams atirou. O tiro acertou-o no peito, arremessando-o para trás através da pequena sala, uma pluma de sangue jorrando-lhe das costas quando o projétil deixou o corpo por um ferimento de saída gigantesco.

Adams virou depressa para a esquerda, atirando de novo. O álcool estava fazendo efeito, porém, e ele acertou o terceiro homem no ombro, mas foi o suficiente para incapacitá-lo. Ele ignorou o homem que desabava ao chão, de olhos arregalados e já entrando em choque, e virou-se de imediato para atirar no último intruso.

Este, percebendo que o tempo perdido ao sacar a arma podia ser fatal, em vez disso arremeteu na direção de Adams, tentando chegar até ele e desarmá-lo. Era uma boa estratégia. Quando Adams se virou, era tarde demais. O homem já estava em cima dele, enterrando o ombro com força no estômago de Adams.

O golpe deixou-o sem fôlego, e a arma saiu rodopiando no ar, para aterrissar perto da cozinha. E então Adams sentiu o peso do homem sobre ele, os dedos grandes e robustos apertando-lhe a garganta, forçando a vida para fora dele.

O *whisky*, a falta de sono, os golpes na cabeça, a confusão de tudo o que estava acontecendo eram demais, e ele sentiu-se cedendo à pressão dos dedos, o cérebro se enevoando pela falta de oxigênio.

Não! Ele não podia se entregar; isso simplesmente não podia acontecer.

Seu braço se soltou de sob o corpo do homenzarrão, estendendo-se na direção da mesinha de vidro barato que estava ao lado do sofá. Bem quando seus olhos perdiam a visão, usou suas últimas forças para despedaçar a mesa.

O som do vidro partindo-se fez o homem parar e relaxar ligeiramente o estrangulamento, e isso era tudo o que Adams precisava. Pegou do chão uma lasca de vidro quebrado e a enfiou no pescoço do homem, com um urro selvagem de triunfo. A artéria carótida foi cortada e um grande jorro de sangue vermelho vivo espirrou e cobriu sua própria face.

Adams ficou deitado no chão por vários minutos depois disso, o sangue escorrendo de seu corpo e empoçando no carpete barato.

Finalmente ergueu-se, ficando de joelhos e depois em pé, e contemplou a carnificina. Três homens mortos e um inconsciente devido ao choque.

Mas Adams estava bem. E ele sabia exatamente para onde ir.

O parque.

Lynn estava viva.

3

Stephen bebericou seu chá de ervas de uma xícara de porcelana chinesa enquanto olhava para o monitor sobre a grande escrivaninha de noqueira à sua frente.

Na tela, os outros onze membros da elite de liderança da organização devolviam-lhe o olhar. Era uma conferência eletrônica segura, uma discussão de emergência reunindo doze dos mais influentes tomadores de decisões do mundo.

Yasuhiro Obata olhava sério para a câmera.

— Fomos comprometidos? — perguntou simplesmente.

Como líder do maior conglomerado empresarial *zaibatsu* do Japão, estava acostumado ao discurso direto, fato que alguns membros mais políticos da liderança interna achavam um tanto desconcertante.

— Não — respondeu Jacobs, de maneira igualmente direta. — O corpo está seguro em nossas instalações em Nevada, e todos de fora da organização foram neutralizados.

— Exceto a dra. Edwards — interrompeu Sergio Molina, o chefe dos esportes automotivos da Itália.

Jacobs acomodou-se em sua poltrona de couro antes de responder.

— É verdade que ainda precisamos encontrar a dra. Edwards, sim. Mas a operação para localizá-la já começou.

Na tela, ele viu Yuri Andropov, proprietário do maior grupo de mídia da Rússia, debruçar-se para a frente.

— E se ela falar antes?

— Isso não vai acontecer, tenho certeza — respondeu Jacobs, e tomou outro gole de chá. — Além disso, ela sabe muito pouco. Se vier a público, o que vai dizer? Nada em que as pessoas iriam acreditar, de qualquer maneira. E não nos esqueçamos de que nossa organização controla 80 por cento da mídia mundial. De qualquer modo, a história seria abafada. Mas coloquem-se no lugar dela. Ela sente que alguém está tentando matá-la, e é por isso que entrou em contato com o ex-marido e não com as autoridades. É muito improvável que queira atrair atenção para si. Não, senhores e senhoras, creio que por enquanto estamos seguros.

— De quanto tempo mais precisamos? — perguntou Lorde Thomas Hart, o membro da Câmara dos Lordes britânica com mais longo tempo de serviço.

Jacobs voltou os olhos para a imagem do professor Philippe Messier, diretor-geral do CERN, o centro de pesquisas nucleares e laboratório de física de partículas perto de Genebra, Suíça.

— Professor? — perguntou, passando a bola adiante.

Messier limpou a garganta.

— As coisas estão progredindo bem. Devemos estar prontos para testar o aparelho antes do final do mês.

Surgiram expressões de grande satisfação no rosto de todos os líderes reunidos, e até sinais de empolgação. O sonho estava perto de realizar-se.

— Não podemos nos dar ao luxo de correr qualquer risco — disse Tony Kern, assessor especial do presidente dos Estados Unidos. — Faça o que tiver de fazer, sr. Jacobs. Mas certifique-se de que a dra. Edwards seja tirada de cena.

Jacobs assentiu com a cabeça. Tirar de cena a dra. Edwards não seria um problema. As engrenagens já estavam em movimento.

* * *

Matt Adams esticou os músculos quando saiu do calor sufocante do interior do táxi direto para a metrópole frenética e cheia de agitação de Santiago, no Chile.

A população ali era predominantemente ameríndia, e as clássicas feições lakotas de Adams se mesclavam perfeitamente. Era como o lar longe do lar.

Ele portava seu próprio passaporte, mas sabia que não tardaria muito antes que seu nome começasse a circular por ali. Os agentes não se reportariam, e as forças por trás deles — quaisquer que fossem — imaginariam de imediato que ele havia fugido, numa possível tentativa de encontrar-se com Lynn num local desconhecido. E apesar de obviamente não fazerem ideia de onde este se situava, o que limitaria a cobertura que seriam capazes de executar, com certeza poderiam dificultar muito a vida dele.

Mas Adams tinha lá seus recursos. Havia chegado apenas uma hora antes, em um voo vindo do México, depois de ter primeiramente visitado um velho amigo da Nação Tohono O’odham, um vasto território tribal na fronteira com esse país.

Ele tinha pedido emprestado o passaporte do homem e algum dinheiro, tomando cuidado com o que lhe dizia. Não que achasse que o velho amigo poderia revelar algo, mas quanto menos

soubesse, mais seguro provavelmente estaria. Afinal de contas, seu amigo ainda era funcionário do governo federal. Adams tinha usado o passaporte emprestado para viajar do México ao Chile, a foto sendo parecida o suficiente para não despertar suspeitas. Enquanto rapidamente se ajustava ao novo ambiente, partiu na direção de seu ponto de encontro.

Assim que recuperara o suficiente de suas forças depois da luta em sua casa, Adams revistou os corpos. Não ficou surpreso por não encontrar nada. Nada de identidade, joias, tatuagens ou sequer etiquetas nas roupas. A única característica marcante era que todos os quatro portavam pistolas semiautomáticas Sig Sauer P229 de calibre .40 idênticas, carregadas em coldres de cintura munidos de molas. Eram armas vendidas a mil dólares a unidade, e a presença delas revelava muita coisa a Adams.

A equipe era tão profissional que Adams foi forçado a concluir que eram agentes do governo. Mas qual governo? O líder do grupo tinha falado com sotaque norte-americano — possivelmente com origem no Brooklyn, mas atenuado por anos de viagens, até adquirir uma leve entonação da Virgínia Ocidental. Ele suspeitava que o grupo operava a partir de Washington, e essa ideia surgiu quando encontrou o carro deles parado a quatro ruas de distância. Era um Ford sedã cinza metálico, com placas civis, mas Adams conhecia aquilo muito bem. Clássico item de disfarce governamental. Outra vez, estava escrupulosamente limpo, mas para Adams isso apenas confirmava suas suspeitas. Só uma agência de elite do governo seria tão cuidadosa.

Mas se era uma agência do governo norte-americano, então qual seria? CIA, FBI, DEA, DIA, NSA, Departamento de Segurança

Interna? Havia uma verdadeira sopa de letrinhas de organizações que podiam estar envolvidas. Podia ser até a NASA, como Lynn parecia suspeitar, embora Adams não tivesse conhecimento de que houvesse um ramo de ação direta na agência espacial. Mas ele já não ficaria surpreso com mais nada.

Tinha decidido usar o carro até onde pudesse, e depois de fazer sua mochila e pegar as escassas economias de dentro de uma caixa-forte debaixo da mesa da cozinha, rumou para o norte, para fora da reserva. Adams viajou até Bismarck, na Dakota do Norte, onde abandonou o carro e comprou uma passagem em um ônibus Greyhound para Winnipeg, Canadá.

Em vez de tomar o ônibus, porém, ele entrou ainda mais na cidade, a pé, e voltou de carona para o sul. O subterfúgio não duraria para sempre, mas talvez fizesse o inimigo desperdiçar alguns recursos, dando-lhe uma janela de oportunidade para atingir seu verdadeiro destino.

Daí a 24 horas estava cruzando a fronteira do México a pé, em uma das incontáveis trilhas não vigiadas que havia descoberto quando trabalhou na área, anos antes. Antes do "incidente", antes dos pesadelos, antes que sua vida se transformasse num inferno.

Embarcando no avião na cidade do México, ele de repente foi invadido por uma fadiga terrível. Era consequência da adrenalina, uma reação do sistema nervoso parassimpático que gera um desejo intenso por sono.

Ele reconheceu a bênção que estava recebendo e, ao acomodar-se em sua poltrona, permitiu a si mesmo fechar os olhos e relaxar.

E por fim, afortunadamente, adormeceu.

Adams enfrentava devagar os buracos, ao longo da estrada no deserto, em seu Toyota Landcruiser, fazendo as curvas e voltas a menos de dez quilômetros por hora; por mais que pisasse no acelerador, o veículo não ia mais rápido.

Ele olhou pelo para-brisa para o sol abrasador, e desviou os olhos, sua cabeça doendo.

Parou o carro na beira da estrada. Não tinha jeito. Fazia quatro dias que estava no rastro do caminhão, e não estava nem perto de alcançá-lo. Ele precisava descansar, só meia hora para fechar os olhos. Tinha estado ali tantas vezes antes, e sabia quais seriam as consequências se adormecesse, mas era incapaz de resistir. Tinha que continuar, tinha que tentar e chegar lá a tempo, ao menos uma vez, ao menos desta vez. Mas estava tão cansado...

Ele estava no deserto, a pé agora, seguindo as marcas de pneu que haviam saído da estrada apenas meio quilômetro depois de onde tinha estado descansando. O sol estava mais baixo no horizonte, tendo transcorrido várias horas. Ele xingou a si mesmo, sabendo quais as implicações daquilo. Encontraria o caminhão, como acontecera milhares de vezes no passado, e abriria as portas esperando que desta vez fosse diferente. Mas sabia que não seria, e ainda assim seguiu em frente, rastreando as marcas de pneus por mais um quilômetro e meio através do terreno poeirento, até que encontrou o caminhão lá, parado e abandonado, sob os raios moribundos do sol da tarde.

Ele se aproximou devagar das portas traseiras do caminhão, a pistola em uma das mãos enquanto estendia a outra para pegar a maçaneta, o metal quase incandescente.

Respirando fundo, torcendo, apesar de tudo, para que fosse diferente, ele abriu as portas com um puxão.

E de novo, como todas as vezes, ele cravou o olhar no que jazia na parte de trás do caminhão, abriu a boca e gritou.

Adams despertou com um sobressalto, a mão da passageira ao lado pousada em seu ombro, sacudindo-o para despertá-lo.

Ele olhou para ela através de olhos semicerrados, confusos.

— Você está bem? — ela perguntou, com expressão preocupada no rosto.

Adams tentou sorrir-lhe.

— Perdão, foi só um sonho ruim — murmurou.

A mulher acenou com a cabeça, compreensiva.

— Uau — disse, obviamente impressionada com o que havia visto.
— Deve ter sido ruim *de verdade*.

Ela pousou a mão sobre a dele, e Adams ficou agradecido pelo contato. Ele lhe deu um sorriso mais adequado dessa vez.

— Sim — respondeu, sem saber o que mais dizer. — Foi sim.

— **O** quê? — Jacobs explodiu ao telefone, sua xícara de chá rodopiando no pires.

— Estão mortos — a voz do outro lado da linha retornou. — Três deles, de qualquer modo. O quarto estava incapacitado, e está no hospital agora.

Jacobs não pediu detalhes. Havia subestimado Adams, pura e simplesmente. Sabia-se que ele era um recluso, mas tinham sua ficha, conheciam seu histórico. Deviam ter sido mais cuidadosos.

— Onde ele está, agora? — perguntou. Era imperativo que o encontrassem. Se chegasse até Evelyn Edwards, então mais uma pessoa saberia o que tinha acontecido na Geleira de Pine Island, o

que havia sido descoberto. E então mais pessoas descobririam; era inevitável, uma vez que um segredo fosse compartilhado.

— Ele pegou um ônibus da Greyhound para o Canadá, e chegou a Winnipeg bem tarde, na noite passada.

— Faça nosso pessoal na NSA checar as gravações das câmeras de segurança da estação de ônibus, e então trace os movimentos dele através da cidade.

Como a maioria das cidades, Winnipeg tinha sua cota de câmeras de segurança espalhadas por todas as ruas. Com o fornecimento de certos parâmetros, programas de reconhecimento facial podiam traçar o percurso de uma pessoa de câmera para câmera.

— Sim, senhor.

— E descubra se estão tendo alguma sorte traçando os movimentos da dra. Edwards.

A coisa mais concreta que tinham era sua localização quatro dias atrás, um cibercafé em Punta Arenas, no sul do Chile. Quando os homens chegaram lá, já fazia algum tempo que ela havia saído, sabia-se lá para onde. Ela era uma mulher cheia de recursos, isso era certo.

— Sim, senhor.

— E mantenha-me a par do andamento da referência cruzada dos dossiês de ambos. A resposta para a localização do ponto de encontro deles pode estar aí, só esperando para ser encontrada.

As pessoas com frequência revertiam para locais familiares, e isso com certeza era indicado pelo e-mail urgente enviado por Edwards. A questão era se a informação estava armazenada em algum lugar. Se estivesse, os supercomputadores da NSA encontrariam a resposta mais cedo ou mais tarde. Era só questão de processar os dados por tempo suficiente.

— Sim, senhor.

— Muito bem — disse Jacobs como despedida, recolocando o fone no gancho.

Ele pegou o chá de novo, mas então a voz de seu superior imediato, alta e clara em sua cabeça, fez com que o derramasse por toda sua mesa. *Maldição!*

— Problemas?

— Não — Jacobs entoou, com clareza. — Nada com que se preocupar.

— Não podemos correr o risco de ter qualquer problema. Não agora, quando estamos tão perto.

— Deixe comigo.

— Sim. Não há nada mais que possamos fazer. Mas não nos falhe. Jacobs engoliu em seco.

— Não vou falhar — disse, finalmente, com a convicção que advinha do fato de ser o líder da organização mais poderosa do mundo. — Nosso sonho vai se realizar, vocês todos podem contar com isso.

— Sim — respondeu a voz. — E então você poderá assumir seu lugar de direito entre nós.

Jacobs sorriu com aquela ideia, e soube que faria o que quer que fosse necessário.

Santiago guardava recordações especiais para Adams, e enquanto estava parado no meio do Parque Metropolitano, no alto de San Cristóbal, olhando do alto para a cidade envolta em neblina e fumaça, o passado voltou-lhe, vívido.

Tinha sido ali que pedira Lynn em casamento, tantos anos antes, depois de subirem ao topo da montanha, de mãos dadas, a bordo

do funicular. Felizes. Uma felicidade muito abençoada.

Ele tinha olhado bem nos olhos dela, dobrado um joelho e pedido a mão dela. E ela tinha dito sim. Fora o momento mais feliz da vida dele, e ele sabia que ela havia sentido o mesmo.

— Ei!

A cabeça de Adams virou-se de repente ao som da voz. Estivera tão perdido em seus pensamentos e recordações que nem havia percebido a mulher afastar-se de um grupo de turistas e aproximar-se dele.

Lynn.

Apesar dos anos, ela não tinha mudado nem um pouco. Se possível, parecia ainda melhor agora do que quando a vira pela última vez. Ela sem dúvida estava sob uma tremenda pressão, e embora parecesse que não dormia direito fazia semanas, sua beleza subjacente brilhava através das feições exaustas.

Não havia dúvida de que era ela, Evelyn Edwards, viva, ali em carne e osso. Então o e-mail era verdadeiro, e ela precisava mesmo da ajuda dele.

— Lynn — disse ele finalmente, tomando-a nos braços e abraçando-a pela primeira vez em 15 longos anos.

4

— Então, quais são nossas perspectivas? — perguntou David McNulty enquanto lançava a bola 300 jardas através da parte central do campo de golfe. Semiprofissional em seus dias de juventude, McNulty ainda encontrava tempo para 18 buracos num final de semana, mesmo agora que era o presidente dos Estados Unidos.

— Boas — respondeu Tony Kern. — A delegação comercial deve chegar em Pequim amanhã de manhã, e achamos que os chineses vão aceitar. O...

Kern foi interrompido pelo toque estridente do celular. Olhando o visor, atendeu-o de imediato, apesar de o presidente McNulty estar parado logo ao seu lado, esperando por uma resposta para sua pergunta.

— Sim — ele respondeu apenas, e então desligou. Ignorando o presidente, que ainda esperava ansioso a seu lado, ele usou a teclagem rápida e fez uma chamada, dando as costas para McNulty.

— Novidades da NSA — ele sussurrou. — Santiago, Chile. Parque Metropolitano. — Fez que sim com a cabeça. — Sim — concluiu, e desligou.

McNulty ficou parado ali, mãos nos quadris, encarando o assessor.

— Desculpe, Tony, estou atrapalhando seus negócios?

Kern não podia ignorar o tom ácido na voz de McNulty, mas isso não era importante. Apesar de ser o presidente dos Estados Unidos, McNulty não era um dos escolhidos. E não demoraria muito até que seus papéis fossem invertidos, e McNulty — como todos os outros como ele — seria reduzido a pó sob os pés da verdadeira elite do mundo.

— Foi horrendo — Lynn explicou quando voltaram ao quarto duplo que ela ocupava no Hostal Americano.

Um hotel barato, básico, na área central de Santiago, mas de qualquer modo bom o suficiente para os propósitos deles.

Adams sentou-se na cama ao lado da de Lynn e ouviu-a. Ela já havia contado como tinham encontrado um corpo no gelo, possivelmente com até 40 mil anos de idade, mas com vestimenta e equipamentos que suscitavam grande quantidade de perguntas extremamente intrigantes. Ele bebericava um copo de água enquanto ela lhe contava como a equipe de engenheiros do exército tinha descido na geleira e extraído o corpo, antes de evacuar todo mundo de helicóptero.

Ele tinha perguntas se acumulando, numerosas demais para contá-las, mas não queria interromper antes que Lynn terminasse. Ela estava claramente aliviada por poder colocar tudo para fora, por finalmente ter alguém com quem falar depois de sua provação.

— Vi as luzes piscando, e comecei a gritar para todos saírem dali — prosseguiu Lynn. — E então, não sei por que, eu apenas reagi, e abri a porta do lado do piloto e pulei. — A voz dela estava embargada de emoção. — O aparelho explodiu quando eu ainda estava no ar, e as chamas me tocaram antes que eu atingisse a água.

O rosto dela ficou vermelho enquanto as lágrimas escorriam por suas faces.

— Não consegui salvar nenhum deles — ela balbuciou, e Adams passou para a cama dela, envolvendo-a em seus braços enquanto o corpo dela estremecia em soluços.

— Ah, Matt, eu devia ter tentado tirá-los de lá! Mas não tentei, eu só pulei, e me salvei, e agora eles estão mortos. Estão todos mortos!

Adams apenas a segurou com força enquanto ela desabava de encontro a ele. Ele podia dizer-lhe que ela tinha feito o certo, que ela também estaria morta se tivesse ficado para ajudar os outros, que ninguém teria sobrevivido de qualquer modo, mas ele sabia que esses eram só lugares-comuns vazios. Lynn era uma mulher de capacidade extraordinária, a mais brilhante que ele já tinha conhecido. Não havia nada que pudesse dizer de que o cérebro lógico dela não pudesse convencê-la. O fato era que ela tinha feito a única coisa que poderia ter feito, e se convenceria disso mais cedo ou mais tarde, não importava o que ele dissesse.

Assim, ele apenas a abraçou, e deixou que chorasse.

— Foi uma traineira que me achou — ela continuou, mais tarde, Adams ainda ao lado dela na cama, segurando-lhe a mão. — Eles tinham visto a explosão. Eu estava boiando na água, sendo jogada de um lado para outro, flutuando graças a minha mochila. Quando a tripulação me tirou da água, eu estava quase com hipotermia, inconsciente e em choque. Eles me levaram para a terra, uma ilha ao largo da costa do Chile, informaram o acidente por rádio e conseguiram que eu recebesse cuidados médicos. Quando finalmente voltei a mim e percebi onde estava, entrei em pânico. Implorei ao médico que me liberasse, e que não revelasse o fato de

que eu tinha estado lá. Conteí uma versão modificada do que tinha acontecido e disse que estava assustada e temia por minha vida. E temia mesmo. Se o acidente fosse registrado, e houvesse menção a um sobrevivente, sabia que viriam atrás de mim. Eu não tinha dúvida, e ainda não tenho, de que a explosão do helicóptero foi uma execução. Aquele corpo é importante para alguém, com certeza absoluta.

Adams pensou no fato de que ele tinha provas adicionais daquilo — o e-mail interceptado, a tentativa de forçá-lo a dar informações — mas decidiu deixá-la terminar a história antes de confirmar com seu próprio relato as suspeitas dela.

— O médico concordou, e até me deu algum dinheiro para me ajudar a fugir. No dia seguinte eu estava no continente, e foi quando mandei a mensagem para você. Não sabia o que mais fazer, não sabia em quem podia confiar. Quer dizer, foi o chefe da NASA quem chamei para dar a notícia da descoberta, e assim a quem mais eu poderia recorrer? Agora, talvez a NASA esteja envolvida, talvez não, talvez a mensagem tenha sido interceptada e algum outro grupo tenha se envolvido, vai saber. Talvez os engenheiros nem fossem do exército. Tudo o que sei é que alguém quer matar qualquer um que saiba sobre aquele corpo.

Lynn olhou nos olhos de Adams e apertou a mão dele com mais força.

— Eu nem sabia se você ia acreditar em mim. Vi os noticiários, como declararam que eu morri no “acidente”. Rezei para que minha mensagem chegasse até você, que você acreditasse nela. Eu não podia ligar, não podia arriscar que rastreassem a chamada. Mandei o e-mail codificado, via alguns desvios para encobrir sua origem. Se você não tivesse aparecido nos dias seguintes, eu teria tentado

deixar o país por conta própria. Ainda tenho meu passaporte, mas não quero usá-lo. Tenho certeza de que estão procurando por mim nos aeroportos.

Se quatro homens armados não tivessem tentado arrancar dele informações sobre o paradeiro de Lynn, Adams teria achado que ela estava paranoica. Mas com certeza ficara evidente que *havia* gente tentando apanhá-la, e que tinham sido capazes de interceptar o e-mail. Ele torcia para que não tivessem passado disso.

Lynn olhou novamente para Adams.

— Você acredita em mim?

Ele a olhou de volta, perdendo-se no verde límpido dos olhos dela.

— Eu acredito em você — ele a apertou nos braços, e beijou-lhe o rosto. — Acredito em você.

Stephen Jacobs atçou as achas de madeira que ardiam na enorme lareira, mais pressentindo do que vendo quando o comandante Flynn Eldridge entrou na sala de estar.

Eldridge, um ex-comandante da Equipe Seis dos SEAL da Marinha dos Estados Unidos, estava agora no comando de um grupo ainda mais clandestino. Conhecido como Brigada Alfa, tinha sua base de operações no deserto de Nevada, sob as ordens diretas da organização chefiada por Stephen Jacobs. O grupo era formado unicamente por ex-agentes de forças militares especiais, trazidos dos SEALs, do Grupo de Reconhecimento da Marinha, dos Boínas Verdes, da Força Delta e das Forças Especiais da Força Aérea. Eram um exército particular, que não operava sob ordens governamentais, mas que existia acima da lei devido à proteção recebida da organização de Jacobs.

Eldridge amava cada minuto daquilo — sem supervisão do congresso, ninguém no seu pé, nada de regras restritivas ridículas de compromisso — e a única coisa que importava a Jacobs eram os resultados. Eldridge tinha, portanto, carta branca em suas operações, desde que o serviço fosse feito, um fato que exercia forte atração sobre sua natureza agressiva e impiedosa. Se precisasse tirar informações de uma pessoa, podia torturá-la. Se precisasse convencer uma pessoa, podia executar alguém ao lado dela.

Ele era o rei de seu próprio mundinho, um mundo de mercenários assassinos de aluguel, o qual ele dominava simplesmente pela força da vontade. Às vezes achava que corria o risco de se tornar como os homens das Forças Especiais do Exército dos Estados Unidos enviados para as selvas do Laos e do Camboja para treinar as forças de guerrilha que se tornaram “nativas” durante a guerra do Vietnã, homens que eram tratados como deuses pelas pessoas das tribos, e que perderam todo o senso de realidade. Mas ele sempre conseguia se controlar e trazer-se de volta quando sentia que estava atingindo aquele estágio — afinal de contas, era um profissional. Implacável, temível, impiedoso, mas acima de tudo um profissional.

No entanto quando entrou na grande sala de estar de paredes revestidas de madeira, na enorme mansão de Jacobs às margens do rio Potomac, em Washington, Eldridge estava plenamente ciente de seus fracassos recentes. Primeiro, ele havia falhado em garantir que todos a bordo do helicóptero morressem no Antártico. Segundo, um grupo de seus homens tinha subestimado totalmente o ex-marido da sobrevivente, Matt Adams. Agora Adams sem sombra de dúvida estava indo se encontrar com Edwards, e não se sabia o que aconteceria então.

— Senhor — anunciou Eldridge, colocando-se em posição de sentido por trás do homem já de idade.

Jacobs continuou atizando o fogo, provocando a queda de brasas para inflamar a madeira e alimentar as chamas.

— Boa noite — disse, finalmente, sem se virar. Continuou a cutucar o fogo por mais alguns minutos, Eldridge ficando mais e mais desconfortável com o passar de cada segundo.

Por fim, Jacobs virou-se e olhou nos olhos do comandante das forças especiais.

— Estou certo de que você sabe como nossa organização responde a falhas.

Eldridge assentiu com a cabeça, tendo ele mesmo executado vários homens que haviam sido considerados como não estando à altura dos padrões do grupo.

— O quão seguro você está se sentindo neste momento? — Jacobs perguntou sem rodeios.

Eldridge ajustou sua posição, incomodado. Não estava acostumado a estar do lado que recebia as ameaças.

— Preciso de outra chance, senhor — respondeu. — Vou pegá-los.

Jacobs sorriu, reconfortado pela força da convicção de Eldridge. Não tinha certeza se o que dava ao homenzarrão aquela autoconfiança tão convincente era a ameaça de execução ou a expectativa da recompensa que viria caso tudo corresse dentro dos planos. De qualquer modo, Jacobs acreditava nele.

— Ótimo. O fato é que precisamos encontrar essas duas pessoas, e precisamos encontrá-las rápido.

Eldridge acenou com a cabeça.

— Temos alguma pista? — perguntou.

Pela primeira vez naquela noite, Jacobs sorriu.

— Para dizer a verdade, temos.

5

— **É** tão estranho — disse Lynn, segurando entre as mãos um copo de café fresco.

— O quê? — perguntou Adams, o suor começando a brotar em sua testa.

Ele fora capaz de dormir algumas horas a bordo do avião, antes que os pesadelos o acordassem, mas agora não estava conseguindo. E perversamente, agora que seu corpo havia sido recompensado com o sono, em vez de ficar saciado, apenas ansiava por mais.

— O outro helicóptero — Lynn respondeu de imediato. — Estive checando algumas coisinhas desde que cheguei aqui, e ele parece ter desaparecido. Nenhum plano de voo preenchido, sem registro de decolagem, nem de ter aterrissado. Talvez eu só esteja procurando nos lugares errados, mas ele parece nunca ter existido.

— Tem a ver com alguma coisa relacionada com os militares — disse Adams, pensando na visita recente à sua casa pelo que pareciam ser agentes do governo. — Provavelmente ligado aos serviços de inteligência.

Lynn fez que sim com a cabeça.

— Foi o que pensei — ela prosseguiu. — Mas por quê? Quer dizer, por que estariam fazendo isso?

— Acho que o motivo que alegariam seria segurança nacional, mas quem pode saber? Poderiam ser gente agindo por conta própria, poderia ser qualquer coisa. A única coisa que *está* clara é que são impiedosos — Adams apontou para a mochila. — E a evidência que você tem aí dentro é nossa única peça potencial de barganha.

Adams espreguiçou-se, pensando sobre o que estava na mochila. Gravações em alta definição do local onde o corpo estivera soterrado, medições, notas, diagramas e, o mais importante, amostras de DNA do próprio corpo.

— Se quisermos escapar desta, temos que saber mais sobre aquele corpo: quem era, o que estava fazendo lá e por que é tão importante, afinal de contas. — Ele pensou um pouco mais no assunto. — Precisamos voltar para os Estados Unidos e conseguir que essas amostras sejam analisadas, copiar o restante das evidências e espalhá-las por aí. Como seguro de vida.

Lynn concordou com um gesto de cabeça, sabendo que ele estava certo. De repente, ela ficou extremamente feliz por ter mandado o e-mail para Matt. Ele era sempre tão seguro, tão forte. E a despeito de ela mesma ser forte, tinha se sentido muito perdida ali, isolada e sozinha contra a imensa máquina do governo dos Estados Unidos, ou quem quer que estivesse atrás dela.

Ela tinha uma sensação estranha por dentro, algo que não sentia desde... Bom, desde a última vez que estivera com Matt, ela por fim admitiu para si mesma. Seria o estresse? Ou aquelas sensações eram reais?

Enquanto voltava a se deitar em sua cama e fechava os olhos, cedendo à necessidade de sono, ela não tinha uma resposta.

Mais tarde, naquela mesma noite, ela acordou suando frio, pesadelos da queda do helicóptero invadindo seu inconsciente,

perturbando seus demônios internos.

E então Matt estava ali com ela, segurando-a junto a si, murmurando-lhe ao ouvido que ela ficaria bem, que tudo estava bem.

Ele se acomodou ao lado dela, os braços envolvendo-a, e quando ela sentiu seu abraço forte, soube que ele estava certo.

Eldridge sorria para si mesmo enquanto o avião cruzava o ar rarefeito do quase espaço, a mais de 6.500 quilômetros por hora, 30 mil metros de altitude.

A aeronave *stealth* Aurora era um projeto militar secreto que muitos acreditavam ainda estar a anos de sua conclusão, embora na realidade já estivesse pronto para ser usado em missão. Impulsionado por um novo motor de onda de detonação por pulsos, podia alcançar velocidades antes consideradas impossíveis. Da pista de decolagem no lago Groom, no deserto de Nevada, até os céus sobre Santiago levaria menos de uma hora.

A única coisa ruim, refletiu Eldridge enquanto checava o arnês de seu paraquedas, era que a aeronave não poderia pousar — o risco de ser vista pelas pessoas era grande demais. Em vez disso, ela correria o risco menor de desacelerar e reduzir a altitude, de modo que ele pudesse saltar de paraquedas uma vez que houvesse chegado a seu destino.

Eldridge tinha familiaridade com saltos de paraquedas, e estava ansioso para reunir-se com sua equipe. Havia seis membros da Brigada Alfa já em terra em Santiago; eles estavam à procura de Lynn Edwards em Punta Arenas desde que o e-mail tinha sido enviado. Outros integrantes iriam se juntar a eles mais tarde. No momento, estavam sendo removidos de outras operações, e

relocados para trabalhar com Eldridge em Santiago. Teriam que viajar em aviões mais lentos e mais convencionais, mas chegariam no fim da manhã seguinte.

E então a caçada começaria de verdade.

* * *

Jacobs esfregou o queixo, pensativo, enquanto relaxava em sua sauna particular. O suor escorria de cada milímetro quadrado de seu corpo, pingando no piso de pinho-de-riça. Ele inspirou profundamente, e então exalou, expandindo o peito.

A informação havia chegado inesperadamente e requeria uma reação rápida, e ele estava satisfeito por ter conseguido providenciar que o Aurora transportasse Eldridge para lá rapidamente.

Uma vez no local, Eldridge capturaria Matt Adams e Lynn Edwards, e providenciaria para que os dois fossem enviados secretamente para a base em Nevada, para interrogatório. Seria muito melhor se Adams e Lynn pudessem apenas ser eliminados, executados no local, mas era vital que Jacobs soubesse o que andara acontecendo na última semana — a quem mais Lynn havia contado a respeito da descoberta, a quem tais pessoas tinham contado, *ad infinitum*, até que a situação fosse totalmente controlada.

E essa era uma possibilidade concreta, agora que a localização do casal tinha sido determinada. A análise dos computadores tinha definido a área possível que Lynn podia ter alcançado desde o desastre, levando em conta vários fatores como informações dos portos, aeroportos, estações de trem e de ônibus, uso de cartão de crédito, disponibilidade de dinheiro, uso de passaporte, registros de câmeras de segurança e algoritmos básicos de triangulação.

Foi feita então uma referência cruzada dessa área com cada pequena informação disponível sobre a vida passada de Matt Adams e Evelyn Edwards, e novas buscas por computador finalmente tinham revelado uma velha fatura de cartão de crédito, de 17 anos antes, para duas passagens de trem, da casa da família de Lynn, no Maine, até o México. Trabalho manual exaustivo tinha, por fim, desencavado a rota tortuosa percorrida através da América do Sul pelo jovem casal, e compras com cartão ao longo do caminho forneceram confirmação adicional de que os viajantes eram de fato Lynn e Adams.

Uma vez que as informações tinham sido checadas nessa referência cruzada, a zona de triangulação coincidiu quase perfeitamente com a visita anterior do casal a Santiago, Chile. Fazia completo sentido, também. Lynn podia facilmente ter chegado tão a norte no tempo disponível, sem ter que cruzar qualquer fronteira, e seria fácil perder-se em meio a uma cidade com cinco milhões de habitantes.

Uma vez localizada a cidade-alvo, foi apenas questão de checar os registros de hotéis, as companhias de viagem, os serviços de táxis, os registros de câmeras de segurança e fotografias de satélite.

As feições de Evelyn Edwards finalmente tinham sido captadas por uma câmera entrando no Parque Metropolitano, e os dados foram imediatamente repassados para os membros da Brigada Alfa que já estavam no Chile.

Mais gravações de câmeras seguiram Lynn quando ela se encontrou com uma segunda pessoa, cujas características faciais foram em seguida confirmadas como pertencendo ao segundo alvo, Matt Adams. O casal foi então seguido eletronicamente até o Hostal

Americano, onde o alvo primário parecia ter ocupado um quarto, pago em dinheiro vivo, sob o nome de Patrice Leaky.

Os cinco homens da Brigada Alfa estavam no local em menos de uma hora, prontos para agir. Enquanto estava em sua sauna, o suor escorrendo pelo corpo em grandes gotas, Jacobs tinha que admitir que tinha sido uma reviravolta impressionante.

Com Eldridge também a caminho do Chile, Jacobs estava confiante de que o casal estaria em Nevada ao anoitecer. Eles seriam interrogados por especialistas, e extraída deles até a última gota de informação.

E então seriam executados.

6

— Eles interceptaram o e-mail? — perguntou Lynn, incrédula, enquanto estavam sentados à pequena mesa do quarto.

Adams fez que sim.

— Eles até me mostraram uma cópia. Eu nem teria sabido dele se não fizessem isso. Eu estava fora de casa fazia dias.

Na noite anterior, Adams havia deixado de contar a Lynn, de propósito, os detalhes sobre o ataque à sua casa, sabendo como ela reagiria. Ela já estava tendo uma noite horrível, e ele sabia que ela não teria dormido nem por um segundo se tivesse contado sua própria história.

Mas agora Lynn parecia ter sido mordida por uma serpente, encolhendo-se num terror súbito.

— Eles podem saber onde nós estamos! — ela sussurrou, tentando controlar o pânico que crescia. — Se interceptaram a mensagem, podem fazer qualquer coisa!

Adams sacudiu a cabeça.

— Não. Eles vieram atrás de mim porque não tinham ideia de onde você estava. Eles precisavam obter de mim a informação.

— E você tem certeza de que não foi seguido?

— Tenho. Usei um passaporte emprestado, uma rota ao acaso, e nunca notei nada fora do comum. Sou muito bom nisso.

Adams estremeceu enquanto falava. Podia ter sido verdade no passado, mas não era mais. Ele não tinha sequer visto Lynn vir até ele no parque. Ele estava fora de forma, pura e simplesmente. Do jeito que as coisas estavam, Lynn parecia estar se saindo melhor do que ele. E se ele *tivesse* sido seguido?

— Pode não ter sido nem *pessoas* seguindo você — alertou Lynn. — Vigilância eletrônica. Compras com cartão de crédito, circuitos fechados de televisão com *software* de reconhecimento facial, fotografias por satélite, a lista é infundável!

Desde sua fuga, Lynn havia pesquisado meticulosamente as técnicas e métodos de seus inimigos potenciais, e sua mente afiada havia absorvido uma quantidade incrível de informação sobre o assunto. Ela não tinha a experiência prática, mas com certeza agora conhecia a teoria bem o suficiente para se preocupar.

— Ei — disse Adams da forma mais tranquilizadora que conseguiu, ciente de que Lynn estava certa. — Usei só dinheiro, eu nem mesmo *tenho* cartão de crédito, e tive cuidado em evitar câmeras. Também não usei telefone. Acho que por enquanto estamos bem.

Lynn olhou para ele por um instante antes de tomar uma decisão.

— Não. Temos que ir embora. Agora.

Adams assentiu com a cabeça. Ele na verdade concordava, mas só queria que Lynn se acalmasse e tentasse relaxar. Erros eram cometidos quando a tensão era elevada, e Adams sabia disso melhor do que a maioria das pessoas.

— Certo — disse, pegando sua mochila da segunda cama. — Estou pronto. Vamos.

Em três minutos, Lynn estava pronta e ao lado dele, à porta. Estendendo o braço para tocar a fina lâmina de madeira, a mão dele

deteve-se, e num ato reflexo ele esticou a outra para parar Lynn, um dedo indo aos lábios dela para silenciá-la.

Pressionou a cabeça contra a porta, escutando, os sentidos sintonizando o mundo do outro lado.

O ruído vinha da escada. Seis pares de pés, calçados em botas, pesados, como se cada pessoa carregasse algo. Poderia ser bagagem, claro, mas também poderia muito bem ser algum tipo de armamento. Havia um movimento definido nos passos, um ritmo, um senso de coesão que dava uma sensação vagamente militar.

Ele sentiu seus velhos sentidos retornando lentamente, rastejando para fora do véu atrás do qual vinham se escondendo desde aquele dia no deserto.

Ele farejou o ar e não sentiu nenhum cheiro de colônia, nenhum desodorante, só um tênue vestígio de sabão natural, suficiente para disfarçar o odor corporal, muito mais potente.

E então ele escutou a respiração — regular, constante, ritmada mas ligeiramente alterada, não pelo exercício mas pela expectativa.

— Força de assalto — disse a Lynn, finalmente. — Seis homens, armados, entrando no corredor agora. Temos dez segundos.

7

O CERN, Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear, está sediado perto de Genebra, Suíça. Famoso no mundo todo por sua busca pela “Partícula de Deus”, em suas instalações do Grande Colisor de Hádrons, a instituição foi originalmente fundada em 1954 para reunir os maiores físicos nucleares da Europa, e depois do mundo. Desde então, a pesquisa realizada pelos físicos de partículas foi ocupando cada vez mais espaço na instituição, cuja descoberta e posterior criação da antimatéria é tanto admirada quanto temida, em partes iguais.

Boa parte do público em geral ficou verdadeiramente em pânico quando o colisor, mais conhecido como LHC, foi ligado pela primeira vez. Consistindo em bilhões de partículas sendo deliberadamente chocadas entre si ao longo de quilômetros de tubulações subterrâneas — às vezes até dez mil partículas por *segundo* — havia quem acreditasse que o aparelho poderia criar um buraco negro que destruiria o mundo num piscar de olhos.

É claro que nada disso jamais aconteceu, e o LHC vem funcionando em segurança desde então, numa busca constante pela explicação do surgimento do universo.

O professor Philippe Messier ponderou sobre a história do laboratório LHC ao entrar no elevador. Ele havia acabado de

examinar uma porção danificada da tubulação, que recebia toda a atenção de um exército de engenheiros e maquinistas. Tendo se certificado de que todo o possível estava sendo feito, decidiu verificar o projeto mais importante, cem metros mais abaixo da superfície.

Enquanto o LHC era de forma geral a face pública do CERN, o projeto abaixo — mesmo tendo custado perto de *trilhões* de euros ao longo das décadas — era desconhecido no mundo exterior, a não ser por um punhado de pessoas seletas, todas parte da organização de elite chefiada por Stephen Jacobs. Os demais — engenheiros, técnicos, físicos, matemáticos, maquinistas e centenas de trabalhadores especializados e não especializados — não eram parte dos escolhidos, e jamais teriam permissão para deixar as instalações. De certa forma, eram escravos da máquina, destinados a trabalhar até perecerem.

Messier sorria ao descer pelo elevador, empolgando-se sempre que pensava no projeto. Quando o elevador parou com suavidade e as portas se abriram, a imensa máquina revelou-se em toda sua glória.

Embora dependesse, em grande medida, da energia gerada secretamente pelo LHC logo acima, a tecnologia em que este equipamento sigiloso se baseava era muito mais esotérica, e desconhecida da grande maioria da população humana. Era quase literalmente um presente dos deuses, pensou Messier ao se aproximar.

Logo, pensou enquanto chegava mais perto. *Logo*.

Um arrepio de emoção percorreu-o enquanto ele olhava através das enormes janelas de observação. Logo ele estaria inteiramente operacional, e não lhe importava de forma alguma que o resultado

pudesse muito bem ser a destruição da raça humana, à exceção dos poucos escolhidos.

Os poucos escolhidos que logo seriam como os próprios deuses.

* * *

Adams passou correndo por Lynn, que ficou paralisada no lugar, agarrada à sua mochila. Ele olhou pela janela do lado oposto do quarto, através da avenida Santa María, para a quadra em frente.

Em dois segundos havia detectado o atirador no telhado, o rifle apontado para a janela, bem como o reflexo, nas vitrines da calçada da frente, de dois homens postados junto à entrada do Hostal Americano, abaixo dele.

— Fique ao lado da janela — sussurrou enfático para Lynn.

Então puxou a cama mais próxima, fazendo com ela uma barricada na porta. Aquilo não deteria os homens por mais do que alguns segundos extras, mas seria o suficiente.

Eldridge havia se encontrado com seus homens no hotel às três da manhã. Tinha ouvido o relatório deles, tirado seu próprio equipamento e traçado os planos para a captura dos fugitivos.

Às 7 horas da mesma manhã, tinha conduzido os homens escada acima e observou como os dois da frente investiram contra a porta, um pequeno aríete de metal entre eles. A estratégia era puro “choque e pavor” no nível de pequena unidade tática — arrebentar a porta para entrar, desorientar os alvos com granadas de atordoamento e efetuar uma captura rápida, dominando as duas pessoas à força, se necessário.

Mas embora tivesse sido despedaçada, a porta não havia se escancarado para dentro do quarto, como esperado. *Por que diabos*

isso não acontecera?

— Murphy! — ele gritou. — Qual é o obstáculo?

Quando usou o aríete de novo, o homem da direita respondeu:

— Há uma cama atrás da porta. Eles sabiam que estávamos vindo!

Eldridge pressionou o botão de seu microfone tático, falando diretamente para o atirador no telhado. Ele teria gostado de ter mais homens do lado de fora, mas seus recursos eram necessariamente limitados naquela localidade tão remota.

— Williams, o que você vê?

— Nada, um movimento na janela faz um instante... Espere um segundo, eles arrebentaram a janela, o homem tem algo na mão... ele... arrgghh!

O sangue de Eldridge gelou quando a conexão ficou muda.

Correndo mais uma vez na direção da janela, Adams tinha pego Lynn pela mão, arrastando-a consigo. Com a outra mão, ele agarrara um grande espelho da penteadeira. Afastou a cortina e meteu o pé, calçado com bota, direto através da janela; o vidro se despedaçou, caindo ao chão, dois andares abaixo.

Um instante depois, ignorando os gritos de Lynn enquanto ele a segurava firme pelo pulso, Adams colocou o espelho para cima e para fora, ajeitando o ângulo do reflexo para que atingisse o atirador do outro lado. Viu o homem recuar instintivamente com o reflexo repentino e intenso da luz do sol que o atingiu no olho através das lentes telescópicas de seu rifle, e então ouviu os homens atrás de si, batendo contra a porta, destroçando-a, e naquele breve instante de oportunidade, puxou Lynn para a frente e saltou com ela direto pela janela.

Adams tinha visto o amplo toldo de lona sobre a entrada do saguão quando chegara ao hotel, e mais tarde havia confirmado que o quarto de Lynn ficava diretamente sobre ele, dois andares acima.

Saltar era um risco — eles podiam facilmente atingir uma das barras metálicas de suporte — mas as chances eram melhores do que ficar no quarto e enfrentar seis homens armados.

Adams ficou feliz por Lynn não ter gritado enquanto caíam, embora ele não soubesse se era por bravura ou por choque. De qualquer forma, o silêncio foi uma coisa boa. Ele tinha a esperança de que os homens lá embaixo não tivessem sido alertados pelo vidro quebrado, já que ele precisaria de toda vantagem que pudesse conseguir.

Eles atingiram o tecido em cheio, e usando o impulso do rebote do toldo, Adams agarrou a barra da borda com uma das mãos, seu outro braço passado ao redor da cintura de Lynn, e girou o corpo para baixo, soltando-se ao final do movimento e pousando com agilidade no solo, bem na frente dos dois homens que vira antes.

Ao tocar o chão ele soltou Lynn, que cambaleou para o lado, desorientada. Os olhos dos homens se arregalaram quando o viram, as mãos em seus fones de ouvido, obviamente recebendo a comunicação do grupo lá em cima.

Antes que pudessem reagir, Adams lançou-se para a frente, todo o peso de seu corpo por trás de um soco de direita bem no queixo do primeiro homem. Viu os olhos do homem revirarem e, enquanto este caía inconsciente no chão, Adams já estava virando para o outro lado, lançando um gancho de esquerda contra o outro sujeito. Conseguiu atingi-lo, mas calculou mal e o homem apenas cambaleou para trás, ferido mas ainda uma ameaça.

Adams viu-o instintivamente levar a mão à pistola no cinto, e então viu a cabeça dele virar-se sob outro forte impacto. Voltou-se e viu Lynn ali parada, tendo nas mãos a mochila que usara para golpear o homem com toda a sua força.

Ele ficou impressionado, mas Lynn sempre tinha sido durona. O homem ainda estava consciente, mas fora de ação. Adams de repente se lembrou do atirador do outro lado da rua. A visão dele podia estar prejudicada, mas ele ainda era capaz de disparar.

Puxou Lynn para um lado, abrigando-se atrás de um dos dois grandes vasos de cerâmica posicionados a cada lado da entrada principal, no mesmo instante em que suas suspeitas eram confirmadas, e os tiros atingiam a calçada no ponto onde ambos haviam estado. Adams notou que os impactos não deixavam nenhuma marca, exceto por pequenas nódoas pretas — balas de borracha. Elas ainda podiam ser mortais se o alvo tivesse má sorte, mas indicavam que quem quer que estivesse atrás deles queria pegá-los vivos.

Essa era a boa notícia.

A má notícia era que eles agora estavam presos entre um atirador de um lado e um grupo de homens no hotel atrás deles. O atirador podia ter apenas balas de borracha, mas elas de qualquer forma podiam incapacitá-los com facilidade. Se corressem para a rua, podiam ser atingidos por esses projéteis; se recuassem para o hotel, seriam recebidos pelos seis homens que sem dúvida estavam agora correndo escada abaixo rumo ao saguão.

Adams fez um rápido cálculo mental — do momento em que tinha quebrado a janela e haviam pulado, imaginou que não mais do que 15 segundos tivessem se passado. Durante esse tempo, os homens lá em cima provavelmente teriam apenas atravessado a porta, o

chefe reunindo-os todos para decidir o que fazer. Um grupo armado descendo dois lances de escada demoraria pelo menos 30 segundos.

Sabia que o hotel teria uma porta nos fundos, provavelmente dando para um beco de serviço. Ele devia ter feito um reconhecimento das saídas assim que chegara ao hotel. Tinha sido descuidado. E, contra aqueles homens, descuidado podia muito bem significar morto. Teria que melhorar se quisesse que ele e Lynn sobrevivessem.

Nas atuais circunstâncias, tinham 30 segundos para voltar para dentro do hotel e descobrir o caminho para o outro lado.

Teria de ser suficiente.

8

Eldridge liderou seus homens escada abaixo, praguejando o tempo todo. Como sabiam que o grupo estava chegando? E quem pensaria que iam pular pela janela? Que confusão!

O último contato de Williams não o fez sentir-se melhor. Aparentemente os dois homens do lado de fora tinham sido dominados, e os fugitivos haviam na verdade corrido para *dentro* do edifício!

Eldridge não sabia qual era o plano deles, mas sabia que tinha sido um erro não colocar alguém na porta dos fundos. Mas com um número limitado de homens, o que poderia fazer? Não podia cobrir todos os pontos, e a porta dos fundos tinha parecido um local muito improvável para necessitar de cobertura quando ele traçou os planos de captura.

Ainda assim, ponderou enquanto se aproximava do primeiro patamar, *os planos nunca sobrevivem ao contato com o inimigo*. O velho e rabugento suboficial-Mor que conduziu seu treinamento SEAL em Virginia Beach tinha razão ao menos quanto a isso.

Enquanto terminavam de descer a escada rumo ao saguão, ele se deu conta da impressão que causariam seis homens armados correndo dentro de um hotel barato. Supunha-se que a operação transcorreria de modo discreto, e mesmo que tivessem a aprovação

do governo chileno e da polícia metropolitana de Santiago, Eldridge sabia que a missão estava a ponto de extrapolar os limites acordados.

Os hóspedes tinham sido evacuados do saguão pelo pessoal do hotel pelo tempo de duração da operação — a ideia tinha sido carregar o casal capturado escadas abaixo e para dentro da van que esperava do lado de fora — mas Eldridge percebeu o espetáculo que estava sendo apresentado, e como poderia ficar feio para o governo dos Estados Unidos se as coisas continuassem a piorar. Ele parou por um segundo no último degrau. A van! Claro! Como podia ter esquecido?

— Renfrew — ele disse ao microfone enquanto descia o último degrau. — Leve a van até os fundos! Agora!

Adams e Lynn saíram juntos pela porta metálica de serviço para o beco estreito. Tinham encontrado a saída através da cozinha, depois de atravessarem correndo a toda velocidade o saguão, a recepção e o restaurante.

Adams ficou surpreso por não ver nenhum outro hóspede, e percebeu que deviam ter sido confinados em seus quartos. Tampouco havia funcionários à vista, e ele de repente compreendeu que aquele grupo devia ser muito bem conectado, para ter conseguido controlar o hotel com tanta eficiência.

Enquanto corriam pelo beco, passando por latões transbordando de lixo, rumo à via mais larga ao final, Adams estava aliviado por não terem encontrado nenhum guarda na porta. Estava começando a crer que talvez conseguissem até escapar, quando viu o sinistro veículo negro cortar-lhes a frente, a imensa carcaça de metal bloqueando a saída do beco.

Era a grande van que Adams tinha entrevisto, por um breve instante, enquanto estavam encurralados pelo atirador na frente do hotel. A fuga pela saída dos fundos obviamente fora prevista, e a van tinha sido deslocada para barrar o caminho.

O veículo estava a cinco metros de distância, e Adams viu a porta se abrir e um homem se debruçar para fora, na direção deles, uma submetralhadora apontada. Adams, nem um pouco confiante de que as balas desta arma fossem de borracha, agarrou a grande lixeira com rodas perto de si e a empurrou pelo beco com toda a força, na direção do homem armado.

A lixeira atingiu a porta da van, lançando o homem de volta para dentro do veículo, e de imediato Adams fez um gesto para Lynn, indicando a escada de incêndio à esquerda. Ele a impulsionou para que ela subisse em outra lixeira e pudesse alcançar o primeiro degrau e subir pela escada. Então juntou-se a ela, subindo rumo ao telhado do edifício atrás do hotel.

Adams olhou para baixo e viu o homem abrir com força a porta da van, empurrando a lixeira de volta para o beco. O homem olhou para cima, enfurecido, e ergueu a submetralhadora MP5 na direção deles.

Mas era tarde demais. Tinham chegado ao telhado.

Eldridge não estava nada feliz.

Queria ter posto a operação em prática só quando o resto do pessoal estivesse ali, mas Jacobs tinha feito contato dizendo que agissem imediatamente, enquanto tinham certeza de onde o casal estava. Eldridge podia ver a lógica daquilo — golpear enquanto o ferro estava quente; seria calamitoso se escapassem de novo. Ainda assim, relutara em lançar o assalto com apenas nove homens. Eram todos especialistas, claro, mas não era aquele o ponto — nove

homens eram insuficientes para controlar um edifício e seu entorno. Era pedir por problemas, e sua experiência em operações devia tê-lo feito dizer “não” a Jacobs.

Mas não se diz “não” a Jacobs, refletiu Eldridge. Ninguém o fazia. Assim, ele tinha seguido as ordens como um bom soldado, e agora acontecia isso — uma crise total na missão.

Os dois alvos haviam escapado do hotel, e conseguiram passar pelos edifícios nos fundos do Hostal Americano, emergindo em Huérfanos, a via principal que corria paralela à Compañia de Jesús. Felizmente, Jacobs conseguira da NSA uma transmissão direta por satélite, e seus próprios operadores em Nevada agora podiam orientar a Brigada Alfa até os alvos, via observação aérea.

Mas aos olhos de Eldridge, aquilo ainda era um fiasco total. Uma caçada através das ruas de Santiago apenas iria envolver mais e mais gente — gente que a Brigada Alfa acabaria tendo que silenciar.

Parecia que Matthew Adams e Evelyn Edwards tinham sido de novo subestimados. Até agora, dois grupos dos homens de Eldridge — homens da lendária Brigada Alfa, os melhores dos melhores — haviam falhado, e Jacobs tinha deixado mais do que evidente que qualquer coisa que não fosse o êxito total não seria tolerada.

Eldridge fez uma careta. Sabia que teria que ir em frente. Independentemente da organização, ele não era um homem que aceitava o fracasso.

Eldridge e seus homens se afastaram do bloco de edifícios, no rastro dos alvos. Ele agora estava recebendo informações em tempo real sobre os movimentos do casal, monitorados diretamente lá de cima. Sabia que a fonte era um satélite de observação em órbita terrestre baixa, e não se surpreendia por terem obtido tão rápido o acesso a ele. Embora as relações entre os vários serviços de

inteligência fossem notoriamente ruins, a organização de Jacobs sempre conseguia um jeito de apressar as coisas.

Enquanto Eldridge liderava seus homens para Huérfanos, a voz eletrônica em seu fone de ouvido lhe dizia que os alvos acabavam de entrar na Plaza de Brasil, menos de 150 metros a leste. Ignorando a expressão de espanto no rosto das pessoas nas ruas, ao se depararem com os homens mascarados e armados correndo pelo bulevar orlado de palmeiras, ele instruiu rapidamente os companheiros.

Dois iriam por cada lado da praça, dando a volta para barrar as saídas norte e sul, enquanto a van daria a volta para garantir a saída de oeste, na outra ponta. Eldridge e seu colega entrariam direto na praça e efetuariam a captura.

Ele assim esperava.

9

O que Adams e Lynn vislumbraram quando entraram no amplo espaço tirou-lhes o fôlego, embora eles mal parassem, prosseguindo para a praça principal, e o centro do Festival del Barrio Brasil.

Para qualquer lado que olhassem, algo estava acontecendo. Havia teatro de rua, mímicos, grupos de dança, exposições de arte, acrobatas, conjuntos musicais, rodeados por centenas, talvez milhares de espectadores fascinados. A grande praça também estava bem coberta por árvores, que ofereciam sombra e abrigo, e parecia o lugar perfeito para perder-se na multidão.

Adams, ciente de que o grupo armado provavelmente estava bem atrás deles, puxou Lynn adiante, mais para o meio da enorme massa de gente, reduzindo a velocidade para um passo rápido, de forma a não chamar a atenção.

Com tudo que estava acontecendo na praça, parecia uma impossibilidade que fossem vistos.

Cento e cinquenta metros abaixo do deserto de Nevada, os técnicos monitoravam as transmissões ao vivo vindas dos satélites da NSA, bem como das câmeras de segurança metropolitanas de Santiago.

Eles observaram quando os alvos — Charlie Um e Charlie Dois — entraram na praça abarrotada de gente. Perderam os dois por um

instante, mas então o programa os destacou, indicando-os com uma luz azul, e o técnico-chefe checkou a localização fornecida e a repassou para as câmeras de segurança da praça, que se viraram e focalizaram os alvos.

Então apareceram as imagens de Charlie Um e Dois, movendo-se com facilidade entre a multidão, um indígena americano e uma mulher caucasiana, ambos com trinta e tantos anos, carregando mochila e olhando com atenção ao redor.

Enquanto relatava os detalhes para a equipe de campo, o técnico se sentiu quase culpado por aquilo ser tão fácil.

Eldridge soltou uma exclamação abafada ao ver a multidão, imaginando como diabos conseguiria encontrar os alvos naquele lugar, mas então seu fone de ouvido estalou, e a informação chegou com uma clareza cristalina — estavam 40 metros para sudeste, bem no meio de 27 espectadores a um lado da apresentação acrobática.

Ele transmitiu a informação para o resto da equipe, destravou a arma e seguiu em frente, ignorando os berros das pessoas que o viam.

Adams não soube o que veio primeiro — a visão da câmera de segurança, praticamente escondida atrás de uma grande palmeira no lado norte da praça, virando-se lentamente, até deter-se apontada direto para eles, ou o som de gritos atrás deles, o tipo de grito que podia muito bem ser dado por pessoas que viam homens armados.

Mas em um instante ele soube que não estavam escondidos. Estavam encurralados. Naquele instante, as saídas da praça deviam

estar sendo bloqueadas, criando uma zona de extermínio na praça. Ele sabia que, quem quer que estivesse por trás do que estava acontecendo, queria-os vivos, mas ele também sabia que isso podia ser uma condição *preferencial*, não necessariamente *essencial*. Ele com certeza não correria nenhum risco com a situação.

Freneticamente, ele examinou a praça, a multidão, os conjuntos musicais, os dançarinos, as exposições, as mostras, os...

Ele se deteve e, apesar de tudo, um sorriso se abriu em seu rosto.

Havia uma comoção logo à frente, isso ninguém precisava dizer a Eldridge. Ele podia ver com os próprios olhos. Algo estava acontecendo entre a multidão, uma onda de gente, rugidos, gritos e risos.

A voz que vinha pelo fone lhe disse que os dois alvos haviam saído da multidão, indo mais para sudeste, rumo ao que parecia ser uma área de exposição de animais. Iam passando por entre as pessoas que ali estavam, aproximando-se dos animais e então... Eldridge cortou a ligação, sem poder crer no que estava ouvindo.

Então ele mesmo chegou lá, empurrando as pessoas para poder ver, e soube que a voz dissera a verdade.

Ele recuou, gritando no microfone para seus companheiros.

— Entrem na van! Agora! Eles estão montados num maldito cavalo!

10

Adams sentiu Lynn segurar com mais força ao redor de sua cintura, enquanto ele conduzia o cavalo através da multidão que se abria depressa.

Sabia que os dois montados em um cavalo apenas iriam chamar atenção, sua posição elevada tornando-os, momentaneamente, um alvo melhor, mas torcia para que a velocidade extra mais do que compensasse isso. Ele também não esperava que fossem dados tiros a esmo em um lugar público tão lotado, mas não havia garantias disso, e assim ele enfiou os calcanhares nos flancos do cavalo e seguiu em frente na direção da saída oeste.

De sua posição mais elevada, podiam ver melhor o que estava acontecendo. Não era nada bom. Lynn virara-se para saber o que acontecia atrás deles, e então voltara-se e lhe sussurrara ao ouvido.

— Dois homens armados bem atrás de nós.

Ele ficou surpreso com o controle na voz dela, que atenuava qualquer uma das emoções horrendas que ela devia estar sentindo. Ao mesmo tempo, ele próprio havia identificado quatro policiais em serviço na praça, cuja atenção se voltava para a comoção ao redor do recinto dos animais.

Adams e Lynn haviam entrado lá correndo. Adams saltara com agilidade e montara o cavalo sem sela, o braço estendido para baixo,

para erguer Lynn atrás de si. As crianças que estavam alimentando o animal tinham recuado depressa, e o tratador havia tentado agarrar a perna de Adams para tirá-lo de lá, mas Adams conseguira afastá-lo com um chute, controlando o cavalo com a pressão das coxas para direcioná-lo na direção da saída mais distante.

Cavalgar em pelo era uma arte difícil, que Adams havia dominado havia muito tempo, e que demonstrava com frequência durante suas excursões. Ficava mais difícil com Lynn na garupa, claro, mas não impossível.

Ele encorajou o animal — uma bela égua alazã — a seguir adiante, e ela saltou com leveza a grade do recinto, começando a ganhar velocidade. As pessoas atrás deles estavam chamando a polícia, e Adams sabia que não teriam muito tempo para sair da praça.

Tim Renfrew estava na van, vigiando a saída da praça, a submetralhadora apontada através da janela lateral.

Ainda tinha ordens de pegá-los vivos se possível, e portanto estava planejando atirar no animal. Se a montaria fosse abatida, os alvos estariam indefesos por um momento, com sorte pelo tempo que ele levaria para se aproximar e usar neles o *taser*.

Ele viu a multidão se abrindo, o pandemônio começando a se instalar, algumas pessoas que saíam da praça correndo e gritando, e então ali estavam eles. Charlie Um, Charlie Dois e o cavalo... Melhor chamá-lo de Charlie Três, decidiu Renfrew enquanto ajustava a mira da MP5.

Mas o animal estava indo depressa demais, estava arremetendo, galopando e então tudo que ele pôde ver através da mira foi a fisionomia feroz de Adams, enquanto este cavalgava rapidamente rumo à van.

E então estavam todos eles ali, quase em cima dele, e ele teve que entrar rápido na van, pondo-se a salvo fora do caminho, enquanto a égua parecia pular direto em cima dele, os cascos roçando o capô.

E então Renfrew ergueu os olhos, e a égua com os dois cavaleiros havia passado, e estava agora do outro lado da van, galopando com o tráfego para norte, pela Maturana.

Eldridge, definitivamente, não iria ficar nada feliz.

Daí a dois minutos a van estava cheia, todo o grupo de Eldridge de volta a seu interior. Renfrew a levou para dentro do tráfego de Maturana, seguindo os fugitivos para o norte.

Eldridge estava sendo constantemente informado quanto à localização da égua, mas nem era necessário; pelo para-brisa à sua frente ele podia ver o animal galopando pelo bulevar, Adams e Lynn firmes em seu dorso. Ele também podia ouvir o som de sirenes, convergindo por trás e pelos lados.

Maldição. Parecia que as forças policiais locais estavam se envolvendo, o que poderia causar toda uma nova série de problemas.

— Mais rápido — ordenou a Renfrew.

— Ei, estou tentando — protestou Renfrew, enquanto ziguezagueava com a grande van por entre o fluxo contínuo de veículos. — O trânsito está intenso.

Eldridge olhou pelo espelho lateral, vendo as luzes piscando atrás deles, aproximando-se.

— Jogue os outros carros para fora da rua, se for necessário — comandou. — Precisamos alcançar aquele maldito cavalo!

A égua estava nervosa, Adams sabia, e não podia culpá-la. A rua estava repleta de carros, e ele tinha que conduzi-la a galope por entre toneladas de aço que se moviam, o rugido dos motores e as buzinas sendo suficientes para deixar qualquer animal nervoso... incluindo os humanos, pensou Adams enquanto lutava para controlar seu meio de transporte tão incomum.

Atrás dele, Lynn mantinha-o informado quanto ao que estava acontecendo na rua.

— A van está chegando mais perto, e agora está até empurrando outros veículos para fora da rua — ela gritou na orelha dele. — Carros de polícia, também, chegando depressa por trás deles.

Adams fez que sim com a cabeça, atento à rua. Então virou-se rápido para Lynn.

— Segure-se! — berrou, enquanto virava para a esquerda, o animal sem rédeas obedecendo a vontade dele, e entrava pela Companhia de Jesús, na contramão.

Adams ficou feliz por Lynn não poder ver o que acontecia diante deles, enquanto um imenso Ford RV vinha direto para eles na rua movimentada. Ele se abaixou sobre o pescoço da montaria, incentivando-a a ir em frente, até que ela empinou e pulou por cima do imenso veículo em um movimento fluido.

— Matt! — gritou Lynn quando a égua aterrissou e imediatamente desviou de forma abrupta de outro carro. Quando Adams se virou para Lynn, sentiu o braço dela escorregando de sua cintura, e os olhos dele se arregalaram ao vê-la deslizar pelo flanco do animal.

— Ela está caindo! — anunciou Eldridge aos companheiros que estavam na traseira da van enquanto dobravam a esquina, forçando

a entrada na Companhia de Jesús. — Ela está caindo!

Na cabine da frente, Eldridge e Renfrew viram quando a égua miraculosamente saltou por cima do capô de um enorme 4x4, desviou com agilidade de outro carro e então — sim! — quando Evelyn Edwards se soltou de Adams e despencou no concreto duro da rua.

* * *

Assim que Adams sentiu que Lynn tinha se soltado, seu corpo reagiu por instinto, e de imediato.

Agarrando a crina espessa do animal com uma das mãos, ele deslocou o peso para o lado, enterrando os joelhos para se segurar melhor, o outro braço lançando-se na direção de Lynn.

Assim que ela deixou o dorso da égua, Adams envolveu o antebraço dela numa pegada poderosa, debruçando-se para baixo ao longo do flanco do animal. A égua continuou a galopar pela estrada, e Lynn segurou o braço estendido de Adams com a outra mão, berrando enquanto era arrastada, os pés batendo de forma dolorosa contra o asfalto áspero.

Adams fez uma careta de dor enquanto lutava para puxar Lynn de volta para cima, e ainda tentando controlar a montaria. Enquanto ele puxava, as mãos de Lynn agarradas em seu braço, ele relanceou o olhar para diante, soltando uma exclamação abafada ao ver o caminhão vindo de encontro a eles, a imensa massa de aço ameaçando pegá-los bem de frente.

Lynn seguiu o olhar dele, seus olhos se arregalando ao ver o caminhão. A adrenalina jorrando pelos corpos de ambos, Adams puxou-a com toda sua vontade, Lynn agarrada a ele enquanto ele a erguia mais e mais alto, até que finalmente conseguiu colocá-la de

volta na garupa, puxando o próprio corpo para fora do caminho, enquanto o caminhão buzina e passava a centímetros deles.

Na van, Eldridge ao menos teve a satisfação de saber que a polícia não estava mais atrás deles. De algum modo, Jacobs devia tê-los afastado.

Era uma bênção não ter que se preocupar com a força policial da própria cidade; se a operação tivesse sido planejada desde o começo para envolver várias agências, teria sido diferente. Mas se elementos adicionais comesçassem a se envolver quando a missão já estava em andamento, então as coisas com certeza dariam errado.

Mais errado, Eldridge corrigiu-se, porque é claro que já não estavam indo nada bem. Os alvos em fuga tinham não apenas passado ilesos pelo cruzamento com a Ricardo Cummings, abrindo seu caminho de forma quase mágica através dos veículos que vinham, como também seu meio improvável de transporte havia desaparecido totalmente de vista. Por sorte, a voz no fone era capaz de mantê-lo atualizado de forma instantânea, informando-o que o cavalo tinha virado à direita subindo Arz González, rumo à Catedral. Infelizmente, também parecia que a distância entre eles aumentava cada vez mais.

— Vamos lá — ele pressionou Renfrew. — Este monte de sucata não consegue ir mais depressa?

A essa altura, Renfrew estava ignorando Eldridge, concentrando-se por completo em apenas manter na rota a van rebelde. Mas estava determinado a pegá-los. Ele jamais conseguiria se conformar se falhasse em alcançar um cavalo, dirigindo um veículo com um motor V8 de 5,0 litros sob o capô. Mas o cavalo tinha suas vantagens; para começar, era muito mais fácil de manobrar do que um veículo a

motor, e podia passar por meio do tráfego com facilidade. Mas com certeza o cavalo começaria a se cansar em algum momento, e então Renfrew os pegaria.

Enquanto a égua avançava rumo ao final de Arz González, parecia diminuir a marcha. Estaria já ficando cansada? Renfrew acelerou ainda mais o motor.

E então aconteceu algo que fez com que tanto ele quanto Eldridge soltassem uma exclamação.

* * *

Adams viu aquilo de longe, e levou apenas segundos para tomar uma decisão.

A entrada para a estação de metrô Cummings estava logo adiante deles, na calçada oposta à Catedral que seccionava o final de Arz Gonzalez.

Ele fez a égua ir mais devagar quando chegaram ao final, checando o trânsito na Catedral. Vendo que, por sorte, era escasso, acelerou e atravessou direto a rua, subindo na calçada e descendo a escadaria íngreme que levava ao sistema de metrô de Santiago.

11

O sistema de metrô de Santiago é o mais extenso da América do Sul. Suas cinco linhas têm mais de cem estações e mais de cem quilômetros de trilhos; servindo a mais de dois milhões de pessoas por ano, é o sangue vital da cidade.

Enquanto Adams levava o leal animal para a plataforma, para além dos espectadores assombrados, que gritavam e apontavam, ele tinha certeza absoluta de que aquela era a primeira vez que um cavalo percorreria os trilhos. Ele nem sequer sabia se a égua concordaria em deixar a plataforma e saltar para o meio dos trilhos de aço, mas sabia que teria que se arriscar... O resto de seu plano dependia de chegar aos túneis.

Com Lynn agarrando-se firme a ele, ele refreou a égua na borda da plataforma, e então pularam da segurança da plataforma para os trilhos lá embaixo.

Os operadores na seção de inteligência de Nevada estavam tendo dificuldade em seu trabalho.

Seguir um cavalo pelas ruas da cidade, através das câmeras de segurança e das imagens de satélite tinha sido bem fácil, mas agora o animal havia entrado no sistema de metrô de Santiago, e ninguém

na sala de controle tinha *qualquer* ideia de como o cavaleiro estava conseguindo fazer aquilo.

O técnico-chefe teve que, de imediato, *hackear* o sistema do departamento de transporte municipal e vasculhar as gravações das câmeras de segurança.

Quando conseguiu que as imagens brutas aparecessem em seus próprios monitores, a única imagem da câmera da plataforma mostrava as pernas de trás da égua entrando a pleno galope pelo túnel do leste, rumo a Santa Ana.

Relutante, ele estendeu a mão para o telefone.

Os relatórios chegavam até Eldridge, abundantes e rápidos.

Ordens foram dadas à polícia de transportes para deter todos os trens no sistema e enviar homens aos túneis, para forçarem a égua e o casal a saírem. Enquanto isso, Eldridge insistia para que Renfrew fosse mais rápido por Catedral até a estação de Santa Ana, onde planejavam interceptar os fugitivos e pôr fim, de uma vez por todas, na correria maluca deles pela cidade.

Minutos depois, Eldridge conduzia seu grupo escadarias abaixo na estação de metrô de Santa Ana, quatro degraus de cada vez, armas destravadas e ao ombro.

Ao mesmo tempo, uma multidão estava surgindo logo à frente, subindo os degraus rumo à saída, e Eldridge não sabia se era porque a polícia estava evacuando o metrô ou se seria alguma outra coisa.

O grupo chegou ao fim da escadaria ainda correndo, e Eldridge podia jurar ter ouvido o relincho de um cavalo logo depois da esquina.

Dirigindo-se para a plataforma do trem sentido oeste, o grupo passou pelos últimos retardatários que percorriam o corredor

moderno, revestido de azulejos, e por fim passou por um grande arco, chegando à plataforma.

— A postos! — gritou Eldridge.

Os homens ergueram suas armas em sincronia, as submetralhadoras de 9 mm apontadas para o túnel escuro que tinham bem à frente, prontos para atirar no cavalo assim que ele aparecesse. Se os dois alvos não fossem eletrocutados instantaneamente nos trilhos ao caírem do animal morto, os homens correriam até eles e os dominariam.

Os homens ajustaram suas posições ao ouvirem o relincho de novo, pouco além da boca do túnel, e viram a silhueta indistinta avançar na direção deles. Exalaram o ar dos pulmões, cada um deles prendendo a respiração para tornar mais preciso seu tiro.

E então a égua castanha surgiu à luz da plataforma, ainda avançando em pleno galope, correndo entre os trilhos, um animal belo, impressionante, seu pelo rebrilhando na iluminação fluorescente, a musculatura ondulando nos flancos.

— Não atirem! — Eldridge berrou enquanto a égua passava por eles, correndo a toda velocidade ao longo dos trilhos e penetrando no túnel seguinte, até desaparecer de vista outra vez.

O animal era uma visão impactante, mas algo estava faltando. Algo vital.

— Onde diabos estão Adams e Edwards? — gritou Eldridge, exasperado.

Adams havia parado a égua no meio do túnel e desmontado com Lynn, e então dera uma palmada no flanco do animal para enviá-lo até a próxima plataforma. Enquanto o observava galopando para

longe, fez uma prece aos espíritos animais, agradecendo por terem lhe enviado a magnífica montaria, e pedindo pela segurança dela.

Adams tinha certeza de que devia haver um ponto de acesso em algum lugar do túnel, uma entrada de serviço que levaria para uma área restrita. O túnel era escuro, porém, iluminado apenas por débeis luzes de emergência vermelhas, e sua visão noturna já não era tão boa quanto tinha sido.

Foi Lynn quem encontrou a porta de aço, à esquerda, nas sombras.

Adams se adiantou e a abriu. Checando o túnel uma vez mais por algum indício de que estivessem sendo seguidos, pegou Lynn pela mão e entrou pelo corredor escuro para além da porta.

Os olhos finalmente se ajustando à escuridão, Adams decidiu deixar as luzes apagadas, sem querer chamar mais atenção para eles. Mas daí a menos de dois minutos ele estacou de repente.

— Tem gente aí na frente — sussurrou com urgência para Lynn. — Vindo para o corredor. Vão estar aqui em breve.

Depressa, ele a puxou de volta pelo corredor, passando vários metros além de onde tinham entrado. No escuro, notou uma fileira de armários de metal encostados na parede, e agora ele e Lynn puxavam as maçanetas freneticamente, tentando encontrar um que estivesse aberto.

— Chegaram à porta! — alertou Adams, bem quando Lynn conseguiu abrir um dos armários.

Eles se apertaram no pequeno espaço, fechando a porta de alumínio atrás de si, o mais silenciosamente possível.

O armário era usado para material de limpeza, e estava cheio de vassouras, esfregões e produtos químicos. Mas havia espaço

suficiente para eles, e ambos observaram por entre as frestas na porta quando as luzes se acenderam.

Depois de alguns momentos de ajuste à iluminação ofuscante, distinguiram um grupo de policiais uniformizados — provavelmente a guarda municipal de transportes, percebeu Adams — correndo pelo corredor em direção ao túnel.

Adams não sabia se a égua já tinha sido encontrada. A plataforma de Santa Ana estava ainda a alguma distância de onde tinham desmontado, mas o animal podia ter conseguido se estivesse a toda velocidade. Assim, ele não sabia se já se suspeitava que o casal tivesse deixado o túnel pelo corredor, ou se os guardas estavam simplesmente acessando o túnel por uma via direta. De qualquer forma, agora com certeza ia parecer para os guardas que os alvos não estavam no corredor de serviço, e com um pouco de sorte isso daria a ele e a Lynn alguma folga para poderem escapar.

Esperaram até que a porta de aço de acesso ao túnel se fechasse por trás dos homens, e então abriram o armário, saindo com cuidado para o corredor agora bem iluminado, prontos para a ação a qualquer momento.

Emergiram no nível da rua menos de dez minutos depois, e por sorte apenas tiveram que se esconder duas vezes mais, os sentidos de Adams, que iam retornando, dando-lhes o tempo justo para reagirem.

A saída os levou para Cathedral, a apenas cem metros do cruzamento com Brasil.

Naquela área a cobertura pelas câmeras de segurança era mínima, mas agora Adams e Lynn estavam bem cientes do perigo da vigilância por satélite, e imediatamente se esconderam sob o toldo de uma venda, fingindo olhar para as frutas variadas em exposição.

— Precisamos conseguir um carro e sair da cidade — disse Lynn, decidida.

Até então, tinha sido seu ex-marido quem liderara a fuga, e embora estivesse mais do que agradecida — pois, claro, tinha sido ela quem o contatara, em primeiro lugar — não era o tipo de pessoa que aceitava bem ficar indefesa. Tomar a dianteira agora iria ao menos preservar um pouco de seu senso de valor.

Ela checou a mochila, nervosa, aliviada... e admirada por ainda tê-la consigo, dado tudo pelo qual haviam passado.

— Estava pensando nisso — concordou Adams. — Mas onde vamos conseguir um?

— Bem aqui — Lynn respondeu de imediato.

— O quê? — perguntou Adams, surpreso, mas quando viu o brilho empolgado nos olhos da ex-mulher, soube que o plano dela era bom.

No centro de controle, muito abaixo da base da força aérea em Nevada, os técnicos estavam em pânico.

Tinham registrado os parâmetros de busca — plataformas, trilhos, entradas e saída de serviço, todas as posições possíveis onde os dois alvos poderiam ter emergido nas ruas de Santiago — e agora estavam monitorando cada uma dessas áreas em potencial.

O problema era que havia demorado alguns minutos para que o pedido de redirecionamento de satélites passasse de sua organização para o NSA, e do NSA para o Escritório Nacional de Reconhecimento, que na verdade operava os satélites.

Se os alvos tivessem saído dos túneis naquele meio-tempo e se afastado o suficiente, tal busca direta não revelaria nada.

Mas ainda havia o sistema de câmeras de segurança que cobria toda a cidade, o programa de reconhecimento facial e os olhos

físicos em terra. Se a ordem fosse dada, cada agência governamental em Santiago receberia instruções para encontrar Matthew Adams e Evelyn Edwards. A guarda municipal, a polícia nacional, os *carabineros* paramilitares, todos esses e ainda outros poderiam ser mobilizados para a busca.

Por ora, porém, os técnicos continuariam a monitorar o que pudessem, e torcer para ter algum resultado.

— Maldição! — exclamou Eldridge com violência, socando um pilar de mármore do saguão de Santa Ana com a mão enluvada.

Adams e Edwards não estavam em nenhum lugar à vista. Não estavam nos túneis, nem nas plataformas ou nas áreas de serviço e, de acordo com as informações recebidas pelo fone, ainda não tinham sido captados por nenhuma câmera de segurança nas ruas da cidade.

Eldridge sabia que o casal podia ainda estar no sistema subterrâneo, e que uma busca minuciosa poderia levar dias. Começou a perceber que as chances de fazer a captura ficavam mais tênues a cada minuto.

Foi uma hora depois que ele descobriu que a caçada podia já ter sido transferida para além dos confins da cidade.

Os donos de uma venda em Catedral tinham sido encontrados por clientes, amarrados e amordaçados, mas ilesos, atrás do balcão, e tinham imediatamente chamado a polícia.

Parecia que os donos da venda, que viviam no apartamento acima dela, tinham o carro estacionado nos fundos do estabelecimento, e que este havia sido roubado pelos fugitivos.

Um alerta geral imediato foi expedido para o veículo, e Eldridge logo soube que o carro havia ido para o norte, até Mercedarios, em Conchalí, antes de ser abandonado. Não se sabia o que havia acontecido com o casal a partir de então. Podiam ter roubado outro carro, voltado ao metrô ou mesmo ter pego um trem de superfície ou ônibus para fora da cidade.

Os técnicos da base estavam passando as imagens dos fugitivos pelas câmeras de segurança de todas as estações de trem, metrô e ônibus, mas até ali não tinham encontrado nada. Informações de câmeras de trânsito, incluindo imagens de motoristas que passavam por radares de velocidade, também estavam sendo analisadas, mas Eldridge não tinha muita esperança.

O jogo ia continuar, e com certeza ia ser muito interessante.

12

Lynn checou de novo a mochila enquanto ela e Adams estavam recostados na parte de trás de um grande caminhão. Estava tudo ali e, por sorte, intacto. A evidência do homem que tinham encontrado no gelo, um homem de 40 mil anos de idade. Um homem pelo qual havia pessoas dispostas a matar.

Ela se virou para Adams, sentado ao seu lado, e perturbava-a profundamente que ele agora fosse também um alvo. Ele sabia sobre o corpo — e mesmo que não soubesse, de qualquer modo iam supor que sabia — e assim corria tanto perigo quanto ela.

Tinham encontrado o caminhão em uma parada à beira da estrada logo depois de deixarem os limites da cidade de Santiago. Haviam abandonado o primeiro carro roubado, e então Adams tinha feito uma ligação direta em outro, num estacionamento a apenas duas quadras de distância. Haviam então saído da cidade, tomando cuidado para esconder o rosto cada vez que notavam qualquer câmera ou radar, cientes de que tais imagens podiam ser obtidas e analisadas. Os recursos do inimigo pareciam ser realmente gigantescos.

Haviam ido com o carro roubado até Colina, uma cidade de tamanho razoável cerca de 25 quilômetros a norte de Santiago. Lá, tinham estacionado o carro em um estacionamento subterrâneo,

pagando por uma semana de estadia, certos de que só seria notado pelas autoridades muito depois de terem saído da área.

Eles então tinham caminhado até um ponto de parada de caminhões, comprado almoço e batido um papo com um motorista simpático, que transportava partes de computadores para uma fábrica em Copiapó, 650 quilômetros mais ao norte. Por uma pequena *mordida*, o termo local para uma gorjetinha amigável, o motorista aceitou que viajassem com ele. Não era nada de mais, ele explicou, e a grana extra viria bem.

— Então, para onde estamos indo? — Adams finalmente perguntou a Lynn.

Até então, tinha ficado claro apenas que ela queria viajar para o norte.

— Peru — ela disse. — Um lugar chamado Nazca.

— Nazca? Tipo as linhas de Nazca? — Lynn assentiu, e ele quis saber: — Por que lá?

As linhas de Nazca eram misteriosos desenhos traçados no solo do deserto, de um tamanho tão incrível que só podiam ser vistos com clareza a partir do espaço aéreo, um conjunto de linhas retas, animais, figuras geométricas e aves com até 300 metros de comprimento. Acredita-se que tenham sido traçados na *pampa* desértica há mais de dois mil anos. As teorias quanto ao propósito de tais linhas incluíam a ideia de que fossem um imenso calendário astronômico, ou um conjunto de caminhos ritualísticos ligados à água ou a um culto da fertilidade, ou uma representação dos sonhos de um xamã sob o efeito de alguma droga; havia até quem acreditasse que fossem campos de pouso extraterrestres.

Adams havia ouvido falar nelas, mas não tinha ideia do porquê de irem até lá. Ele não tinha nenhum problema com o Peru em si. Se

estavam tentando voltar aos Estados Unidos, o Peru seria uma via tão boa quanto qualquer outra. Mas ele sabia que Lynn devia ter uma boa razão para ir especificamente para Nazca.

— Fabricio Baranelli — Lynn respondeu, de forma enigmática.

— Quem?

— Acho que eu deveria dizer *professor* Fabricio Baranelli — corrigiu-se Lynn. — Ele é o maior especialista em sua área, afinal de contas.

— E que área é essa? — perguntou Adams.

— Arqueologia. No momento ele está em uma expedição, mapeando o local. Acho que ele está desenvolvendo algum tipo de teoria nova sobre os geoglifos de lá.

— Geoglifos?

— As linhas, as marcas no solo. Não sei exatamente no que ele está trabalhando, mas é importante.

— E por que você quer vê-lo? — perguntou Adams, ainda confuso.

— Eu o conheço de Harvard — explicou Lynn. — Já nos conhecemos há muitos anos, e ele é um grande amigo. Também é a única pessoa que conheço na América do Sul que pode ser capaz de nos ajudar. O fato de que ele está escavando em um sítio arqueológico importante e protegido significa que deve ter conexões no governo, que deve ter amigos nos lugares certos. Tenho a esperança de que possa usar seus contatos, e talvez conseguir que voltemos aos Estados Unidos.

Adams pensou naquilo. Estivera pensando em como iriam voltar. Ele era engenhoso, mas estava tendo dificuldade em imaginar um plano para levar Lynn de volta. O passaporte dela àquela altura estava comprometido, disso ele tinha certeza. Na verdade, ele não sabia sequer se ainda podia confiar no seu próprio passaporte. Era

plausível que o inimigo tivesse rastreado seu percurso a partir de Pine Ridge, descoberto o passaporte que vinha usando e ele já estivesse sendo procurado. Com isso, teriam que cruzar as fronteiras a pé, e ele não tinha certeza de que Lynn fosse capaz de fazê-lo, dadas as imensas distâncias envolvidas, ou usar outras formas de transporte, cada uma das quais apresentava seus próprios problemas. Tais meios também eram lentos, o que dava ao inimigo mais tempo para rastreá-los.

Baranelli era uma aposta externa, mas talvez pudesse oferecer-lhes algo. Com certeza ter contatos no governo ajudaria. Ele poderia também ter contatos com a mídia, que talvez pudessem usar para colocar em domínio público as evidências que estavam na mochila de Lynn.

— Ok — ele respondeu. — Este caminhão vai nos levar até Copiapó, onde ainda vamos estar a quase mil quilômetros de Nazca, com a fronteira peruana no meio. Algum plano quanto a isso? — ele perguntou, com mais sarcasmo do que gostaria.

Lynn não se importou nem um pouco. Ela percebia a posição em que o havia colocado, arrancando-o de sua própria vida e lançando-o em um perigo mortal. Um pouco de sarcasmo não era nada em comparação. Ela sorriu calorosamente para ele, tomando-lhe a mão nas suas.

— Ei — disse, olhando nos escuros olhos castanhos dele, perdendo-se neles por um instante, hipnotizada por sua alma. Ela pestanejou, libertando-se, e prosseguiu. — Sinto muito por ter colocado você nisso, de verdade. Quero agradecer por tudo que tem feito por mim. Você salvou minha vida.

Adams sustentou o olhar dela por algum tempo, e então desviou o seu, constrangido com suas próprias falhas. Eles haviam sobrevivido,

mas o desempenho dele fora muito menos que perfeito.

Ele ergueu de novo os olhos para os dela, e Lynn pôde ver a franqueza, a honestidade do homem que ela um dia amara.

— Eu faria tudo de novo, a qualquer momento que você pedisse.

Ela sorriu, fez que sim com a cabeça e limpou uma lágrima do olho.

— Eu sei — sussurrou, colocando a mão dele sobre seu coração. Ela beijou-lhe a mão, e olhou nos olhos dele de novo. — Quer saber qual é meu plano para chegarmos ao Peru? *Você*. Confio em você, Matt. Preciso que *você* nos leve lá.

13

— Como estão indo as coisas?

Jacobs ouviu as palavras altas e claras, mas não tinha uma resposta imediata. Que deveria dizer a eles? Que no momento ele estava mexendo todos os pauzinhos que podia, usando todos os recursos do governo dos Estados Unidos, apenas para caçar dois seres humanos normais, comuns e insignificantes? O que iriam pensar dele e de sua organização?

Mas se mentisse, será que saberiam? E se eles *soubessem*, qual seria sua reação? Jacobs não temia por sua segurança física, mas se voltassem atrás em suas promessas, como consequência do fracasso continuado da Brigada Alfa, para ele seria pior do que tortura e morte.

No entanto, considerou, os recursos deles eram necessariamente diluídos pela distância, e como resultado precisavam tanto dele como ele precisava deles, e naquele momento talvez ainda mais.

E assim Jacobs decidiu dizer-lhes a verdade, embora sem dar a explicação completa.

— Os alvos ainda estão livres — disse, finalmente. — Estamos perto de capturá-los, e até o momento não há indicação de que a informação tenha sido passada adiante. E mesmo que algum detalhe da descoberta *seja* revelado, estamos certos de que podemos

minimizar a importância das evidências. Não haverá problemas. — Ele prosseguiu, cada vez mais confiante. — Especialmente porque os últimos relatórios do CERN indicam que estamos a ponto de entrar na fase de testes do aparelho. Mesmo que o conhecimento de sua existência, e de nosso envolvimento, se tornasse público agora, de qualquer modo seria tarde para fazer qualquer coisa.

— Você está errado — a voz retrucou de imediato. — Anomalias *sempre* têm importância. Variáveis desconhecidas podem perturbar coisas além da compreensão. Tudo deve ser *perfeito*. Pensávamos que você havia entendido isso.

— Esta é a *vida* — Jacobs retrucou, tentando controlar sua frustração. — As coisas às vezes *são* imperfeitas, só precisamos lidar com elas da melhor forma que podemos.

— Não é assim que um de nós lidaria com as coisas — veio a resposta instantânea. — Não aceitamos imperfeições.

A conexão foi interrompida. Jacobs recostou-se em sua poltrona de couro e tomou um gole de água do grosso copo que estava sobre a escrivaninha à sua frente.

Então eles não aceitavam imperfeições. Por ele estava tudo perfeitamente bem.

Ele também não aceitava.

— **V**ocê está bem? — Lynn perguntou a Adams, sentada no banco do passageiro do pequeno Fiat de 20 anos de idade.

Adams tinha perfeita noção de qual devia ser sua aparência. O suor escorria pela testa, ele tinha uma palidez cadavérica e tremia incontrolavelmente. A ausência de sono, combinada com a adrenalina e a agitação dos últimos dias, estava se tornando intolerável, e era muito mais difícil do que ele tinha imaginado.

Desde o incidente no deserto, tantos anos antes, ele estivera relutante em falar sobre seus problemas. A princípio tinha se recusado até a aceitar que tinha um problema, e mesmo quando finalmente admitiu, nunca pensou em pedir ajuda. Ele percebia agora que aquele era um desafio irreal, e pela primeira vez na vida ele queria ajuda. Ele queria simplesmente se encolher em uma bola e *gritar* pedindo ajuda. Mas também sabia que aquilo nunca ia acontecer.

— Acho que estou ficando com febre — mentiu.

— Você quer que eu dirija?

Adams pensou por um instante. Concentrar-se na estrada fazia doer sua cabeça, mas pelo menos lhe dava algo para fazer. Sentar-se no banco do passageiro, consumindo-se em autopiedade, com certeza seria pior.

— Não, obrigado — respondeu, colocando um pouco mais de vida na voz. — Vou ficar bem. Melhor eu ter alguma coisa para fazer, sabe?

Lynn olhou para ele, como se de fato o visse pela primeira vez desde que tinham se reencontrado no dia anterior.

— Você mudou desde a época em que estávamos juntos — disse, por fim.

Se você soubesse... ele pensou.

— O que você quer dizer? — perguntou, em vez disso.

De novo, Lynn pensou naquilo.

— Não sei... Antes, você parecia tão cheio de vida... Exuberante, na verdade. Agora você parece mais... apagado. — Ela deu um sorriso como se pedisse desculpas por ser tão negativa, mas curiosa com a mudança no homem que no passado amara tanto.

— A vida acaba fazendo isso com a gente, acho — respondeu Adams, sabendo na mesma hora que era justamente esse tipo de comentário que tinha feito Lynn perceber a mudança. — Mas deve ser só a febre me pegando, sabe? — ele se corrigiu depressa.

Os segundos de silêncio se transformaram em minutos, enquanto prosseguiam ao longo da Interestadual 5, através das vastas extensões das desérticas planícies chilenas.

Eles haviam chegado a Copiapó tarde na noite anterior, e pago em dinheiro pelas passagens do ônibus local até Caldera, na costa. Uma vez na cidadezinha, haviam indagado por algum carro para comprar, e minutos depois encontraram um vendedor ansioso. O carro não era lá grande coisa, não tinha ar-condicionado e mal conseguia pegar a estrada, mas parecia capaz de ir de A para B. O que era tudo o que podiam pedir, dado o preço que pagaram. Também era improvável que fosse rastreado antes que já estivessem bem longe dali. A menos que seus perseguidores descobrissem que eles tinham ido para Caldera, e então fossem de porta em porta até encontrar alguém que tinha vendido um carro recentemente, eles imaginaram que estariam relativamente a salvo.

Abasteceram-no com comida, bebida e galões de gasolina, sem saber se os postos de gasolina eram regulares ao longo do caminho, e então começaram a longa viagem rumo ao norte. A estrada margeava o Oceano Pacífico por boa parte de sua extensão, e tanto Adams quanto Lynn estavam impressionados com a beleza da paisagem. Por fim, as serras costeiras se ergueram, e a estrada começou a virar para o nordeste, para as vastas extensões do deserto de Atacama.

Estavam agora a meio caminho de Nazca, a apenas 150 quilômetros da fronteira com o Peru.

Adams decidiu esquecer a conversa anterior e mudar para outro assunto. Ele também estava começando a se sentir sonolento, e precisava da conversação para manter-se acordado.

— Então, me fale sobre o corpo.

Ele tinha visto as fotos que Lynn e seu colega tinham tirado secretamente quando o corpo ainda estava meio enterrado no gelo, antes da chegada da equipe militar. Mas ele sabia que ela devia ter visto mais coisa quando o corpo foi finalmente extraído, e com tudo o que estivera acontecendo, eles não tinham de fato tido uma boa chance de conversar sobre isso.

— Era... estranho, de verdade — começou Lynn. — Quando o descobrimos, parecia que o corpo era de um homem completamente moderno. Ele estava em uma depressão no fundo de uma crista, o que queria dizer que o gelo não o havia esmagado, mas o manteve perfeitamente preservado, acreditamos que por cerca de 40 mil anos.

— E ele parecia normal?

— Como se tivesse sido soterrado no ano passado. É isso que o torna único.

— E como você acha que eram os humanos 40 mil anos atrás?

— Bom, isso é outra coisa que venho pesquisando desde que cheguei a Santiago. Aparentemente, em termos de proporções corporais, nós provavelmente parecíamos exatamente iguais ao que somos hoje, e mudamos muito pouco desde que o primeiro *Homo sapiens* entrou em cena há cerca de 200 mil anos.

— E facialmente?

— Nossos crânios eram um pouco diferentes, uma mistura de elementos humanos e neandertais. Um achatamento frontal, uma

mandíbula mais larga, molares superiores muito grandes. Assim, facialmente teríamos uma aparência bem diferente.

— Mas ainda assim o corpo que você achou era como o nosso?

— Exatamente o mesmo. Mas foi mais o que encontramos *com* o corpo do que o corpo em si.

— Lá no hotel você mencionou algumas roupas incomuns.

Lynn assentiu com a cabeça.

— Sim, e Jeff... — ela se interrompeu ao pensar nos colegas, recordando-os. — Bom, ele já tinha trabalhado com a Agência de Segurança Nacional, e nunca tinha visto nada parecido com aquilo antes. E então, quando aquele grupo militar removeu o corpo, havia outras coisas lá com ele.

Adams a olhou de lado, fascinado.

— Como o quê?

— O major Daley não estava gostando muito de ter a gente ali, e ele e seus homens tomaram cuidado para que não víssemos muita coisa. Mas as botas, por exemplo, tinham algum tipo de acessório na lateral, definitivamente mecânico, talvez até mesmo elétrico. E então eles encontraram alguma coisa mais, que Tommy e eu achamos que parecia com um trenó motorizado de algum tipo.

Adams pensou sobre isso por algum tempo, a estrada desértica passando por eles em um borrão longo e branco.

— Se deixarmos de lado a datação, o que você acha que aconteceu? O que estaria o homem fazendo ali?

Lynn pensou por alguns instantes.

— Vestimenta para baixas temperaturas, trenó motorizado, isso sugeriria que ele talvez fosse parte de algum tipo de equipe de pesquisas antárticas. — Ela se interrompeu. — Talvez até como nós mesmos.

— A datação poderia estar equivocada? — perguntou Adams a seguir.

— Possivelmente — Lynn respondeu sem hesitação, o pensamento tendo estado o tempo todo em sua mente. — Mas tínhamos tanta certeza quanto seria possível sem coletar amostras de gelo e analisá-las em laboratório. Que era o que o major Daley e seus homens em teoria fariam.

— Assim... — disse Adams após algum tempo, enquanto limpava o suor frio que escorria para os olhos. — Parece mais provável que o corpo fosse parte de alguma equipe de pesquisas atual, militar ou governamental, que tenha sido soterrado ali recentemente, e que a datação de 40 mil anos fosse incorreta. Se eles estivessem lá testando algum tipo de equipamento para baixas temperaturas, isso explicaria também por que houve uma operação para encobrir tudo.

— Assassinando toda uma equipe de pesquisadores da NASA só para encobrir testes com equipamento e roupas para baixas temperaturas? — disse Lynn, incrédula.

— Se você dissesse que a datação era cem por cento precisa, eu não teria considerado essa possibilidade — disse Adams. — Mas como não é, e mesmo se for de 99 por cento, eu ainda acharia que aquele um por cento de chance de que o corpo foi soterrado mais recentemente seria a mais provável.

Lynn quis responder mas não conseguiu. O fato era que ele estava certo. Em meio a toda a tragédia e medo dos últimos dias, e a emoção da descoberta, uma explicação mais plausível, mais mundana, tinha sido empurrada para o fundo de sua mente. Mas o lado lógico dela entendia que as explicações mais mundanas eram, na maioria das vezes, as corretas.

Mas será que tal explicação fazia sentido à luz da reação subsequente? O assassinato de uma equipe de cientistas, o corpo roubado, e-mails interceptados, seu ex-marido na mira de interrogadores, grupos de extermínio vasculhando a América do Sul, tudo isso parecia coisa demais para ocultar alguma nova tecnologia do governo. De algum modo, uma descoberta que redefiniria a existência humana parecia uma justificativa muito melhor para aquilo pelo qual ela havia passado e as vidas que tinham sido perdidas.

— Bem, imagino que teremos uma ideia melhor quando tivermos os dados analisados nos Estados Unidos — disse Adams.

Lynn concordou com a cabeça, imersa em pensamentos.

— Você está certo. Vamos só nos assegurar de que cheguemos lá inteiros.

Eldridge encontrou o restante de seus homens no aeroporto SCL de Santiago, onde o jato Lear aterrissou em uma pista particular, perto dos fundos do complexo.

Ele embarcou sozinho no avião, seus outros nove companheiros ainda trabalhando com a polícia e agências governamentais, na cidade, tentando traçar um perfil de movimento dos dois fugitivos.

Dos 24 homens a bordo, Eldridge reteve um grupo de quatro, enviando os outros 20 para se encontrarem com os que já estavam em Santiago. Ele então determinou que o jato Lear seria seu novo centro de operações, e ordenou que o avião fosse reabastecido e ficasse pronto para decolagem imediata. Sob as ordens de Stephen Jacobs, o jato particular tinha sido especialmente modificado para receber abastecimento em voo, e houve a promessa, por parte da

Força Aérea Chilena, de que isto estaria disponível de imediato, permitindo a Eldridge permanecer no ar indefinidamente.

Ele sentiu que precisaria ser capaz de reagir instantaneamente às informações recebidas. A partir do ar, poderia ir a qualquer lugar do continente com relativa rapidez. Se estivesse preso ao solo, isso dobraria ou triplicaria seu tempo de resposta. E com cada hora que passava, com cada hora que Adams e Edwards estivessem por aí, o risco para a organização aumentava.

As gravações das câmeras de trânsito estavam sendo fornecida aos poucos, e Jacobs as estava enviando direto para os supercomputadores da NSA, de onde eram enviadas para seus próprios técnicos em Nevada.

Até agora não havia nada, mas Eldridge sabia que não podiam ter ido longe demais. Havia um alerta vermelho para os passaportes de ambos os fugitivos, e se fossem usados, a prisão seria feita de imediato. A vigilância por fotos em todos os aeroportos, portos e estações de trem e ônibus transnacionais estava sendo constantemente analisada, e até agora não haviam encontrado nada. Isso indicava duas coisas a Eldridge. A primeira era que os fugitivos ainda estavam no Chile, em algum lugar dentro de suas fronteiras. A segunda era que estavam usando as estradas, provavelmente dirigindo veículos roubados ou pegando caronas.

Eldridge emitiu pedidos para a polícia nacional e os *carabineros*, para que veículos suspeitos fossem parados para a checagem de identidade, e também que relatos de caronistas fossem checados. Ele também pediu que todas as informações sobre veículos roubados fossem encaminhadas diretamente a ele.

Enquanto estudava os mapas com o sistema viário do Chile, ele percebeu que de novo havia duas opções: ou seguiriam lentamente

por estradas secundárias e vazias, acreditando que seria menos provável serem vistos, ou tomariam as pistas principais, esperando irem o mais rápido possível, usando a velocidade como aliada, colocando a maior distância possível entre eles e seus perseguidores.

Eldridge ordenou uma análise detalhada por satélite dos veículos viajando pelas estradas secundárias, os sistemas da NSA sendo programados para reportar qualquer comportamento anômalo de condução, e então fez outra chamada, direto para o Chefe da Polícia Nacional.

— *Señor Vasquez* — começou, sem necessidade de informar seu próprio nome. — Lamento, mas tenho outro pedido a fazer-lhe. — Com o aparente respaldo total do governo dos Estados Unidos, era mais uma ordem do que um pedido, mas a gentileza precisava ser respeitada.

— O que você quer, meu amigo? — respondeu Vasquez, solícito.

— Quero barreiras nas estradas — respondeu Eldridge. — Em cada interestadual, a intervalos de cem quilômetros.

Não poderia haver escapatória, Eldridge prometeu a si mesmo. *Sem escapatória.*

14

Adams não viu a barreira policial quase até ser tarde demais. Estava tão cansado que seus olhos se fechavam involuntariamente de vez em quando, prosseguindo às cegas por distâncias perigosas antes que a visão retornasse.

Era difícil julgar a distância contra o pano de fundo do deserto, mas ele calculou que a barreira estivesse montada cerca de um quilômetro e meio à frente, na estrada longa e reta. Àquela distância, ele conseguia distinguir o que pareciam ser três carros de polícia de atravessado na interestadual, parando os veículos para checar seus documentos.

— Temos um problema — disse Adams a Lynn, cutucando-a para despertá-la.

Abrindo os olhos, ela de imediato percebeu a cena à frente.

— Ah, não — gemeu.

Ela sentiu o carro reduzir a marcha quando Adams tirou o pé do acelerador.

Adams não estava usando os freios, não querendo chamar a atenção para o carro ao reduzir subitamente, mas queria ir devagar o suficiente para imaginar um plano de ação.

— Que vamos fazer? — perguntou Lynn, e Adams lutou para conseguir uma resposta.

Se parassem, instantaneamente suspeitariam, e a polícia viria de imediato até eles. Se chegassem ao bloqueio, era quase certo que seriam identificados e presos na mesma hora. E Adams não tinha certeza de que o pequeno Fiat fosse capaz de furar a barreira.

— Acho que vamos ter que ir inventando à medida que for acontecendo — ele disse, por fim.

O sargento de polícia Manuel Vega estava sentado no capô da viatura da frente, conversando com seus homens. Ficar sentado no meio do Atacama, esperando que os veículos aparecessem, não era nada divertido. A temperatura no deserto podia cair bem abaixo de zero, e embora fosse o meio do dia, todos os homens estavam começando a sentir os efeitos do frio.

Batendo os pés no chão para manterem-se aquecidos, um dos oficiais de repente apontou para o carrinho que vinha na direção deles.

Vega deslizou do capô e bateu uma mão com a outra.

— Ah, que alegria — disse, não sentindo nada disso. — Mais um. Pelo menos... — ele brincou com seus homens — ... pelo menos conseguimos horas extras, hein?

Quando Adams parou o carro na frente da viatura da frente, abriu seu vidro e o ar frio invadiu a cabine. O suor começou a congelar sobre seu corpo.

Ele observou com interesse a reação do chefe de polícia e de seus homens. Primeiro houve total desinteresse; então, quando perceberam que o veículo trazia uma mulher caucasiana e um homem ameríndio, houve uma onda de preocupação, os olhos se

estreitaram e em seguida houve uma rápida movimentação enquanto eram dadas ordens.

Adams viu o chefe de polícia checar uma folha de papel A4, presumivelmente com suas fotos, e então gritar ordens a seus homens, que cercaram o veículo, empunhando as armas.

— Saiam do carro, as mãos na cabeça! — gritou o sargento. — Agora!

— Espere um momento — disse Adams, com calma, ainda na direção. — Vocês sabem quem somos?

— Terroristas, maldição! — gritou o sargento de polícia. — Saiam do carro, agora!

Ótimo, pensou Adams. Rotular as pessoas como terroristas era o movimento típico quando se queria que as coisas acontecessem rápido. Diga às pessoas que há um criminoso à solta, e as engrenagens vão girar bem devagar, se girarem. Diga-lhes que é um terrorista, e a reação não poderia ser mais diferente.

Vega observava com olhos de águia o casal no carro. Não podia acreditar que tinha sido seu grupo que os capturara! Terroristas, em seu país! E *ele* os havia capturado! Receberia uma recompensa por isso, sem dúvida. Uma promoção era certa, quem sabe seguida de uma citação presidencial.

Mas por que o homem estava tão calmo? E por que ele fazia perguntas?

As palavras seguintes do homem causaram ainda mais confusão.

— Então vocês sabem o que estamos carregando — ele disse, com um sorriso satisfeito no rosto.

O que ele queria dizer? O que quer que fosse, não tinha importância.

— Saiam do carro! Este é o último aviso! Saiam, ou vamos abrir fogo.

E então a mulher se mexeu, as mãos erguendo algo para o para-brisa para que eles vissem. O que era aquilo?

Ele se inclinou para a frente, tentando ver o que era.

Era... um tubo de ensaio?

Lynn segurou uma das amostras de DNA do corpo congelado por trás do para-brisa. Ela estivera relutante em mostrá-la, mas Adams tinha argumentado que, se fossem presos, as amostras se perderiam de qualquer forma, e então ela havia concordado em seguir com o plano dele, tirado da cartola.

— *Bacillus anthracis* — ela ouviu Adams dizer ao nervoso sargento de polícia através da janela aberta. — Antraz.

Antraz? A cabeça de Vega começou a rodopiar. Não tinham lhe falado nada sobre *isso!* Mas ali estava, alguma coisa em um tubo de ensaio armazenado a frio, bem do jeito que se usa em laboratórios.

Seria antraz? Vega simplesmente não sabia. Que mais podia ser? Por que terroristas carregariam tubos de ensaio com qualquer coisa que não fosse algum tipo de arma?

— Se eu o abrir, e os senhores respirarem os esporos, começarão a sentir os efeitos hoje à tarde — ele ouviu o homem continuar a dizer. — No começo vai parecer com uma gripe, e então vai piorar rápido, com as funções do organismo entrando em colapso até chegar... em talvez uma semana, com sorte... a uma mediastinite hemorrágica. — O homem deu um sorriso. — Fatal em 90 por cento dos casos.

Levou menos de 30 segundos para Vega tomar uma decisão.

— **B**aixem as armas — o sargento ordenou aos homens.

Tanto Adams quanto Lynn suspiraram aliviados. Eles tinham engolido, com anzol, linha e chumbada.

Enquanto os policiais baixavam as armas, Adams passava para a fase dois do plano.

— Agora ponham suas armas no chão e recuem dois passos.

O sargento traduziu a ordem a seus homens, e todos fizeram o que ele dizia. Por mais devotados que fossem a seu trabalho, a ameaça de infecção com uma arma biológica letal era mais do que suficiente para garantir a colaboração deles.

Adams e Lynn saíram devagar do carro, Lynn mantendo erguido o temível tubo de ensaio, onde todos pudessem vê-lo. Depois de avaliar os homens reunidos, Adams escolheu dois dos candidatos mais promissores.

— Vocês dois — disse, gesticulando para eles —, algemem o resto dos homens.

O sargento traduziu de novo, e as algemas foram colocadas rapidamente, o medo evidente no rosto dos policiais. Os homens algemados receberam ordens para deitarem-se no chão de barriga para baixo, e Adams virou-se para os dois policiais que haviam colocado as algemas nos demais.

— Agora tirem todas as suas roupas — disse a eles.

Como muitas coisas na vida, a descoberta dos policiais algemados se deveu a pura má sorte. Adams e Lynn estavam a apenas cem quilômetros da fronteira. Se pelo menos uma hora tivesse se

passado antes de sua descoberta, então os dois teriam conseguido escapar no carro de polícia roubado, os uniformes emprestados permitindo-lhes que cruzassem para o Peru sem serem interpelados. Nas estradas desertas do Atacama, sem dúvida aquilo seria possível. O tráfego ali era escasso, e com certeza não era incomum que horas se passassem sem que qualquer veículo aparecesse.

Adams havia levado os policiais 50 metros para longe da estrada, escondendo-os atrás de um pequeno capão de árvores. Havia pensado em tirar os veículos da estrada também, mas decidira não fazê-lo por não ter certeza de que a área estivesse sendo monitorada por satélite. Era improvável que tais unidades fossem objeto de vigilância, mas a ausência dos veículos, em um ponto onde fora pedida uma barreira, sem dúvida seria notada. Ele apenas rezara para que nenhum motorista passasse pelos carros vazios na hora seguinte.

Mas não foi assim. Não mais do que 20 minutos depois que Adams e Lynn haviam acelerado e se afastado no carro do sargento, um pequeno caminhão de gado veio se arrastando devagar pela estrada. O motorista tinha reduzido ainda mais, e então parado. Depois de esperar em seu veículo por alguns instantes, havia descido e caminhado até o primeiro carro. Não vendo ninguém, tinha então checado o segundo carro, e em seguida o Fiat. Nada. Não havia ninguém.

O motorista ficou ali parado, imaginando o que fazer, quando percebeu movimento com o canto do olho. Sua cabeça se virou, e antes de mais nada ele viu o maciço de árvores a alguma distância da estrada. E então ele viu movimento de novo — uma perna, se agitando por trás das árvores.

Nervoso, ele apanhou no caminhão a espingarda que estava no piso do lado do passageiro e cruzou devagar a macega poeirenta em direção às árvores. Em menos de um minuto estava no capão, dando a volta à primeira árvore, a arma preparada.

Seus olhos se arregalaram de incredulidade quando viu os seis policiais no chão, presos costas contra costas, berrando em silêncio para ele através das mordanças.

Uma vez livre, Vega descobriu que os rádios dos carros tinham sido quebrados. Da mesma forma, seus celulares pessoais tinham sido despedaçados pelos terroristas malucos.

Ao interrogar o motorista do caminhão, descobriu que ele tinha um celular, e Vega depressa o requisitou, finalmente conseguindo chamar seu quartel-general.

— Temos uma grande emergência — relatou a seu comandante, mal conseguindo respirar. Terroristas com antraz estavam à solta.

* * *

Eldridge ouviu a conversa entre o sargento Vega e seu capitão em tempo real virtual, e maldisse seu próprio azar. Estavam com pouco combustível, e mantendo posição enquanto esperavam pelo reabastecimento em voo. O avião de reabastecimento estaria ali em dez minutos, mas a entrega de combustível demoraria uma hora mais. Nesse tempo, continuariam seguindo na direção dos fugitivos, a partir de sua posição atual, a leste de Santiago, mas a uma velocidade muito reduzida.

Dada a atual velocidade do carro de polícia roubado, Eldridge sabia que era improvável que ele e os homens que estavam a bordo com ele conseguissem chegar a tempo à fronteira. Os outros homens, no momento espalhados por vários locais na região central do Chile,

também não teriam condição de chegar lá a tempo, o que significava que teriam que confiar nas autoridades locais para pegar os dois.

Mas o que era essa história de antraz? O sargento de polícia dissera que o casal Ihes mostrara um tubo de ensaio de vidro, mantido a baixa temperatura, que eles afirmavam ser antraz, para uso como arma.

Seria verdade? Eldridge achava muito duvidoso. Onde diabos teriam conseguido algo assim? Teriam contatos no Chile? Ou teria Adams usado seus antigos contatos no governo e conseguido aquilo antes de vir para o país? Mas se fosse esse o caso, como teriam passado pela imigração?

O fato de estar em um tubo de ensaio também era estranho, uma vez que o antraz com finalidade de arma fora concebido para uso na forma de aerossol. Mas eles de qualquer forma tinham um tubo de ensaio, o que levou Eldridge a pensar se...

Maldição!

E se Edwards tivesse tirado amostras do corpo? Ela parecia ter sempre uma mochila consigo, e quando Eldridge voltou a mente para o Antártico, percebeu que era a mesma com a qual havia embarcado no helicóptero. Por que diabos ele não havia percebido isso antes?

Recuando ainda mais nas lembranças, recordou a conversa que tinham tido na sala de refeições da base Matrix.

— Então, desde que falou com Atkinson na noite passada, vocês não voltaram ao local onde o corpo está, até a manhã de hoje? — ele havia perguntado a ela, naquele momento fingindo ser o major Daley, do Corpo de Engenheiros do Exército dos Estados Unidos.

Edwards havia olhado para ele e sacudido a cabeça.

— Não — ela havia respondido. — Samuel nos ordenou que voltássemos para cá e esperássemos até a chegada de vocês.

Eldridge tentou examinar a lembrança daquele dia, extrair a imagem de Edwards dos recessos de sua mente, examiná-la em busca da evidência de uma mentira. Era uma tarefa impossível, ele sabia, mas ainda assim tentou, vasculhando a imagem do rosto dela em busca de alguma hesitação, qualquer coisa que sugerisse desonestidade.

Mas ele já sabia a resposta. É claro que eles haviam voltado. Que cientista não o teria feito? Não parecera um problema na hora, já que Eldridge sabia que mataria a todos de qualquer modo, mas agora ficava evidente que na hora ele não tinha dado àquilo a devida importância. Mais um equívoco.

Ele não ia incomodar Jacobs com aquilo. Se os dois fossem detidos na fronteira, ele estaria lá daí a uma hora, e todo aquele lamentável incidente seria encerrado.

Mas primeiro eles tinham que ser pegos, e assim Eldridge de imediato contactou Nevada, que por sua vez ordenou à NSA que redirecionasse o satélite necessário para fornecer imagens diretas da viatura policial fugitiva. Em seguida, ele se assegurou de que as patrulhas de fronteiras do posto de Arica estivessem em alerta máximo, e que reforços do exército do Chile estivessem a caminho, por precaução.

Falando com a patrulha de fronteiras, foi mencionado que tinham um helicóptero Lynx emprestado pelo Corpo Aéreo do Exército Britânico, e Eldridge de imediato deu ordens para que ele voasse para o sul ao longo da Interestadual 5 para, se possível, interceptar os fugitivos, ou pelo menos vigiá-los de perto.

Parte dele estava tentada a deixar que chegassem à fronteira, onde mais forças poderiam ser reunidas contra eles, mas outra parte dizia que já os haviam perdido várias vezes, e esperar já não era mais uma opção. Os fugitivos tinham sido localizados, Eldridge sabia onde estavam naquele *exato* momento, e as forças fronteiriças tinham a capacidade de pegá-los nos próximos dez minutos.

Sim, definitivamente, era uma boa ideia mandar o helicóptero, e mandá-lo com tudo. Eldridge entrou em contato de novo para certificar-se de que os homens a bordo estariam bem armados.

E então chamou as autoridades no Peru, para alertá-los do que estava acontecendo do outro lado da fronteira. E para mobilizá-las.

Por via das dúvidas.

15

Muito antes de ver o helicóptero, eles ouviram o *uump, uump, uump* constante dos rotores, bem alto no céu sobre eles.

Lynn virou-se para Adams.

— A que distância estamos?

Adams relanceou os olhos pelo odômetro.

— Só 30 quilômetros — ele respondeu. — Droga.

Alguém devia ter descoberto os policiais da barreira e denunciado, ou talvez eles tivessem conseguido escapar, de algum modo. De qualquer forma, a fronteira tinha sido alertada, o que significava que teriam que elaborar um novo plano, e depressa.

Ele se virou para Lynn.

— Alguma ideia? — perguntou, esperançoso.

— Depende do que eles pretendem — respondeu ela, virando o pescoço para olhar para cima pelo para-brisa, tendo só um vislumbre do Lynx acima deles. — Se estão só nos monitorando, vão nos seguir até a fronteira, onde a polícia vai nos prender. Podemos usar de novo o truque do antraz, mas não sei se vai funcionar uma segunda vez. Mas se a tripulação do helicóptero tem ordens de nos prender, em algum momento ele vai ter que pousar...

Adams fez que sim com a cabeça, seguindo de imediato o raciocínio dela. Tendo em vista a última experiência de Lynn em um

helicóptero, ele torcia para que ela não entrasse em pânico. Virou-se para ela.

— Você tem certeza? — perguntou-lhe calmamente.

Ela fez que sim.

— É nossa única chance.

Adams voltou a olhar a estrada, determinado.

— Então temos que fazer aquele helicóptero aterrissar.

O que era aquilo? O capitão Marco Delongis viu o carro de polícia na estrada abaixo breicar de repente, e então observou enquanto os dois fugitivos saltavam do veículo.

O que o homem estava segurando? Delongis estreitou os olhos.

Pistola!

Ele resistiu ao impulso natural de ordenar ao piloto que subisse, sabendo que um disparo de uma arma de 9 mm não faria absolutamente mal algum ao helicóptero. Em vez disso ele continuou a observar com um fascínio horrorizado enquanto o homem dava todos os 15 tiros da arma, até esvaziá-la. Então viu o homem olhar desgostoso para a pistola, e jogá-la no chão.

O sujeito obviamente tinha tomado a pistola de um dos policiais na barreira, mas não tivera o bom-senso de pegar a munição extra. Ele viu a mulher berrando alguma coisa para o parceiro, apontando para o helicóptero, e então os dois saíram correndo direto para fora da estrada, para a vegetação baixa que a margeava.

Estavam obviamente em pânico, a visão do helicóptero fazendo-os fugir a pé, com medo cego. Delongis sempre se surpreendia quando isso acontecia, o efeito que aquela pequena aeronave podia causar nas pessoas, e sempre ficava feliz. Tornava as coisas muito mais fáceis.

O fato de que o casal tivesse parado o carro e fugido a pé também tornava as coisas mais fáceis. As ordens dele tinham sido deter o veículo e prender os fuggitivos. Teria sido necessário manobrar o helicóptero em frente ao carro em alta velocidade, planando acima da estrada, para conseguir detê-lo, e ele ficava feliz por não precisar fazer aquilo. Quem podia saber o grau de loucura daqueles dois? Podiam até vir para cima do helicóptero.

Mas agora, ele só teria que pousar perto deles, desembarcar pela traseira seus quatro homens e esperar pela prisão. Fácil, sobretudo agora que o casal estava desarmado.

Mas havia, lembrou-se Delongis, o problema do antraz. A informação era de que os fuggitivos tinham um tubo de ensaio, o que indicava que não tinha sido transformado em arma, mas a presença daquilo era suficiente para deixar inquietos seus homens. As ordens eram para capturar os dois com vida, mas Delongis lhes dera suas próprias ordens: se percebessem que ou o homem ou a mulher iria usar o antraz, deveriam ser abatidos a tiros imediatamente. Não havia sentido em correr riscos desnecessários.

Adams e Lynn corriam o mais depressa que podiam, por sobre o terreno irregular, fazendo o possível para dar a impressão de fuggitivos assustados, em pânico.

Ouviram o helicóptero se aproximando, pressentiram que estava perto deles, mas não se viraram para vê-lo. Só continuaram correndo, olhando para a frente.

A visão periférica de Lynn o captou primeiro, a fuselagem cinzenta adiantando-se pelo flanco deles, arremessando para todo lado a areia do deserto, enquanto ele desceu, ergueu-se e pousou a apenas 20 metros de distância.

O casal se virou, entreolhando-se. Era agora.

Lynn ergueu a mochila na defensiva, enquanto os quatro homens vestidos de preto desembarcavam em meio à areia rodopiante, prontos para capturá-los, os rifles de assalto erguidos e apontados para eles.

— Para o chão! Para o chão! — o líder gritou, enquanto o grupo avançava correndo.

— Parem! — gritou Lynn, erguendo mais alto a mochila. — Antraz!

O líder ergueu um punho enluvado, e os outros membros do grupo se detiveram.

— Ponha a mochila no chão! — ele anunciou, cheio de autoridade.
— Estamos autorizados a atirar se não obedecerem.

Quando não houve uma reação imediata da parte dela, ele acenou para ela com o cano de sua arma, ameaçador.

— Ponha no chão! — gritou de novo. — Agora.

Lynn trocou um olhar com Adams, que assentiu com a cabeça, relutante.

Derrotada, Lynn colocou a mochila a seus pés e esperou, impotente, enquanto os homens avançavam.

16

Enquanto Delongis observava junto com seu copiloto a partir da cabine de comando, estava satisfeito em ver que isto ia ser ainda mais fácil do que havia pensado. Era óbvio que a visão da equipe da SWAT, vestida de preto, tinha minado toda a resistência dos terroristas, e eles haviam capitulado sem lutar. Houvera a ameaça do antraz, claro, mas tinham lidado com ela rapidamente.

E agora seus homens avançavam para efetuar a prisão, tirando as algemas de seus cintos e...

Delongis ficou olhando, horrorizado, enquanto o homem e a mulher sacavam pistolas e cada um deles agarrava um de seus homens, passando o braço por suas gargantas e apontando as armas para a cabeça deles.

Isto era impossível. Dois de seus homens mantidos sob a mira de armas! Eles deviam ter tomado mais de uma arma dos policiais, e Delongis maldisse sua própria estupidez irresponsável. Ele segurou com força os braços do assento, os nós de seus dedos ficando brancos, enquanto os dois outros membros do grupo jogavam para o lado os rifles de assalto e então se deitavam no solo arenoso, forçados a algemar-se a si mesmos.

E então ele viu os fugitivos tomarem seus reféns, a mulher tendo o cuidado de pegar a mochila, e começarem a avançar decididos rumo

ao helicóptero.

Daí a segundos Adams e Lynn estavam de ambos os lados do helicóptero, junto às portas da cabine.

— Abram as portas! — gritou Adams, ferozmente. — Ou vamos estourar os miolos deles!

Não havendo uma resposta imediata, Adams empurrou o cano de sua arma com mais força na cabeça do homem, apertando a cara dele na janela de acrílico da cabine, para que os pilotos pudessem ver de perto o medo do sujeito.

Segundos depois, o homem a seu lado acenou com a cabeça e abriu a porta, e o parceiro dele fez o mesmo do outro lado.

— Deixem os rotores funcionando e saiam — Adams ordenou, e de novo os dois homens obedeceram.

Adams olhou para Lynn, do outro lado, e notou o olhar perplexo que ela lhe lançou, mas ignorou-o.

— Agora corram até seus colegas — instruiu-os, e ficou satisfeito ao ver os homens fazerem o que ele mandava, juntando-se aos companheiros no chão.

Adams olhou para Lynn e fez que sim com a cabeça, e ambos, simultaneamente, golpearam com as pistolas a cabeça de seus reféns, que caíram inconscientes.

Segundos depois, estavam entrincheirados a salvo na cabine, Adams assumindo os controles com gestos rápidos e confiantes.

Lynn olhou para ele, confusa.

— Você sabe pilotar esta coisa? — perguntou, surpresa. — Quando foi que você aprendeu?

Adams terminou as checagens e olhou para ela.

— Tem muita coisa que você não sabe a meu respeito — disse, e puxou a alavanca de controle.

O capitão Delongis, encolhido entre os arbustos, olhou para cima e, com uma mistura lamentável de fúria e humilhação, viu o Lynx subir decidido e acelerar em direção à fronteira.

* * *

Eldridge esforçou-se para disfarçar sua ira, mas era difícil.

O jato Lear estava a caminho da fronteira agora, com um tempo estimado de chegada de não mais de 20 minutos. Ele deveria estar chegando ao posto fronteiro para recolher seus prisioneiros, mas e agora? Seus alvos haviam sequestrado um helicóptero e estavam a ponto de simplesmente voar através da fronteira, e ele não tinha nenhum modo de detê-los.

Bom, isso não era bem verdade, Eldridge devia admitir a si mesmo; ele não tinha nenhum modo *não letal* de detê-los. E tudo apontava para aquela decisão. Será que valia a pena tentar capturá-los vivos, por medo do que eles soubessem, diante do preço crescente e da atenção que toda aquela confusão estava gerando? Eldridge estava começando a achar isso duvidoso.

Seria provável que o casal tivesse contado algo a alguma outra pessoa, ou tivesse tido oportunidade de entregar alguma evidência a alguém que a levaria a sério? Com certeza a organização poderia lidar com a mídia mesmo que as coisas acabassem chegando à atenção pública. Eldridge sabia que o programa especial estava operando dentro do cronograma, e que logo nada mais importaria, de qualquer modo.

Tendo tomado sua decisão, ele pegou o telefone por satélite e digitou o número de Stephen Jacobs. Ele apresentaria seu caso e pediria autorização para explodir o helicóptero no ar, matando os fugitivos e varrendo-os da face da Terra de uma vez por todas.

Dez minutos depois, Eldridge era transferido para o coronel Carlos Santé, comandante da Primeira Brigada de Cavalaria Mecanizada do Chile. Jacobs tinha finalmente capitulado, e concordado em matar os fugitivos. Embora relutante em autorizar suas mortes sem antes interrogá-los, Jacobs compreendera a infeliz realidade da situação e rendera-se a ela. Melhor que morressem agora, havia dito, do que escaparem de novo.

A brigada dotava a fronteira do Chile de defesa antiaérea e estava sediada em Arica, bem junto à fronteira. O coronel Santé estava no comando de uma bateria de veículos Gepard 1A de artilharia antiaérea, comprados poucos anos antes de um fornecedor alemão e recentemente modernizados para lançar os mortíferos mísseis Mistral antiaéreos.

A conversa foi breve, pois Eldridge reiterou a premência do tempo; o helicóptero devia estar chegando agora à fronteira, se já não estivesse no espaço aéreo peruano. Santé prometeu que abateria a aeronave de imediato.

A próxima chamada que Eldridge fez foi para o lado peruano, pedindo permissão para que o helicóptero fosse abatido pela Primeira Brigada de Cavalaria Mecanizada, mesmo já tendo cruzado para o Peru. A simples menção de terrorismo e antraz fez com que a permissão fosse dada na hora.

Enquanto continuava seu próprio voo rumo à fronteira, Eldridge sorriu.

Não havia modo de os fugitivos escaparem de 20 quilos de explosivo potente voando de encontro a eles à velocidade de quase dois mil quilômetros por hora.

Não havia modo algum.

17

O helicóptero Lynx roubado sobrevoou a fronteira apenas dez minutos depois de ser sequestrado, e Adams e Lynn puderam ver as massas de veículos reunidos em torno dos postos de fronteira lá embaixo.

— Pelo menos estamos a salvo aqui em cima — disse Lynn, enquanto olhava para o deserto lá embaixo. Ao entrarem no espaço aéreo peruano, ela o agarrou, apertando-o com força, e exclamou: — Conseguimos!

Adams apenas concordou com a cabeça, sua atenção ocupada com... O quê? O que foi que ele tinha notado? Ele examinou o deserto de novo, as massas de veículos, caminhões e vans ao redor do posto de fronteira da Interestadual 5, mas não tinha sido aquilo.

Sua visão vagueou mais adiante, e então ele viu. Cerca de três quilômetros para o oeste, algum tipo de instalação militar. Seus olhos se estreitaram quando tentou vê-la com mais detalhe. Tinha sido o movimento que lhe chamara a atenção.

— Lynn, dê uma olhada naquela base militar a oeste. Consegue distinguir alguma coisa?

Lynn olhou pela janela lateral, esforçando-se para ver. Havia movimento. Mas o quê? Ela se esforçou mais para ver. Poderia ser... Com certeza não.

— Matt, parecem armas — disse, por fim. — Peças grandes de artilharia móvel. E estão se movendo, se alinhando. — Olhou com ainda mais atenção, de repente compreendeu e gritou: — Estão se virando para nós! Vão atirar e nos derrubar!

O coronel Santé assistiu enquanto a primeira bateria de suas peças de artilharia disparou um míssil Mistral, as chamas jorrando da parte de trás enquanto ele era mandado para o céu, fendendo a ar na direção do helicóptero fugitivo a mais de 1.600 quilômetros por hora.

O helicóptero roubado estava agora a cerca de 15 quilômetros do território do Peru; o impacto ocorreria em aproximadamente 30 segundos.

O coronel Santé usou esse tempo para acender um charuto.

Adams estava forçando ao limite o helicóptero, chegando a 320 quilômetros por hora enquanto percorriam o interior do Peru.

Mas ele sabia muito bem que não havia esperança de voar mais depressa do que um míssil antiaéreo. O radar mostrava que um desses projéteis já tinha sido lançado e estava vindo na direção da assinatura infravermelha do helicóptero.

Fazia muitos anos desde que Adams estivera em um Lynx, mas o instinto lhe dizia onde encontrar o que estava procurando.

Ele estendeu a mão para um interruptor na interface à sua frente, baixando-o com força.

— O que foi isso? — perguntou Lynn, tentando controlar o pânico que surgia. Ela havia dito a Matt que ficaria bem, mas a verdade era que estava assustada; e não apenas assustada superficialmente, mas assustada até o fundo da alma. Subir em um helicóptero depois

do que havia acontecido na Antártida era uma luta, mas com um míssil agora ameaçando uma vez mais destruí-la, ela sentiu sua pulsação acelerar, as palmas das mãos transpirando.

Não de novo, a voz ficava repetindo em sua cabeça. *Por favor, não de novo.*

Sua voz interior foi interrompida pela resposta de Adams.

— Contramedidas — ele anunciou. — Infravermelho, para confundir o sistema de orientação por infravermelho do míssil. Faz o míssil voar até *ele*, e não até *nós*.

— E funciona?

Adams fez uma careta.

— Vamos saber em cerca de dez segundos.

O coronel Santé já não conseguia ver nem o helicóptero nem o míssil a olho nu, e então observou o radar com seus bombardeiros, enquanto dava baforadas no charuto.

A assinatura do míssil logo alcançou a do helicóptero. Houve um borrão de luz — o impacto — e então os homens observaram com atenção enquanto a luz se atenuava.

Mas o que era aquilo? A imagem do helicóptero ainda estava lá!

Maldição! As contramedidas deviam ter sido utilizadas. Santé fumou seu charuto com raiva ao perceber que o piloto devia saber mais sobre o helicóptero do que dera a entender.

— Outra salva! — ele anunciou, brusco. — Lançar mísseis de dois a cinco!

Se um míssil não tinha conseguido acertar o alvo, quatro com certeza cumpririam a tarefa. Afinal de contas, o custo não importava. O homem que ligara tinha prometido reembolso total por

qualquer munição usada, bem como um pequeno agrado para o próprio Santé se ele conseguisse derrubar o helicóptero.

Com ou sem contramedidas, quatro mísseis eram uma garantia de destruição.

* * *

Adams sabia que tinham conseguido escapar por sorte, e que não era provável que tivessem essa sorte de novo. O comandante da artilharia sem dúvida ordenaria agora um ataque múltiplo, e se vários mísseis fossem lançados, algum deles com certeza teria êxito.

Precisariam fazer outra abordagem, e Adams sabia qual devia ser. O único problema seria convencer Lynn.

Ele aguardou um momento, esperando até que ela realmente não tivesse outra escolha. E logo viu os sinais eletrônicos aparecerem no radar. Quatro deles.

Calculou rapidamente a velocidade com que se aproximavam, sua própria velocidade atual e estimou o tempo de impacto em cerca de um minuto e meio. Ele checkou o mapa de superfície uma vez mais e reduziu sua velocidade. Queria chegar ao cânion quase ao mesmo tempo que os mísseis.

— Estamos indo mais devagar? — perguntou Lynn, incrédula.

Adams se virou para ela, acenando a cabeça. E então contou-lhe seu plano.

Na base da Primeira Brigada de Cavalaria Mecanizada, Santé observou, fascinado, enquanto suas quatro aves majestosas seguiam rumo ao desafortunado helicóptero. Ele admirou o piloto do helicóptero enquanto fazia manobras evasivas — para cima, para

baixo, para a esquerda, para a direita — e ao mesmo tempo sentia pena dele por seus esforços fúteis.

Não faltava muito, e embora o helicóptero já tivesse penetrado 80 quilômetros no Peru, ele não estava muito preocupado com o choque de autoridades, pois tinha recebido a promessa de cooperação peruana.

Ele notou que o piloto estava usando mais contramedidas, e que um de seus mísseis havia ido atrás da isca infravermelha, explodindo abaixo do helicóptero.

E então deu um sorriso largo quando os três mísseis remanescentes tiveram impacto direto, vendo o grande clarão na tela do radar.

Ele piscou, e o radar ficou vazio.

Os mísseis tinham feito seu trabalho. O helicóptero, e as pessoas que estavam dentro dele, já não existiam mais.

18

Eldridge recebeu a notícia menos de um minuto depois do impacto destruidor.

Então havia terminado. Ou não? Ele sabia que tinha cometido esse erro antes, dando-os como mortos cedo demais. Bem, mas não desta vez. Ele mesmo iria verificar. O jato Lear estaria sobre o local do impacto em dez minutos, e também havia grupos militares e policiais do Chile e do Peru a caminho de lá.

Ele sobrevoaria o local. Verificaria se o helicóptero estava *mesmo* destruído, e se não era só mais um maldito truque, e então iria aterrissar e conduzir as investigações no local da queda.

Depois de atingidos por três mísseis diferentes, os escombros estariam um inferno, não mais do que uma massa fumegante; mas Eldridge não ficaria feliz até encontrar alguma evidência dos corpos em seu interior.

Então ele conseguiria relaxar.

O jato Lear chegou ao local dentro dos dez minutos estimados, e Eldridge ficou satisfeito por ver os destroços ardentes do helicóptero, enterrados no fundo de um profundo cânion, as chamas lambendo ambos os lados, quase atingindo sua própria aeronave.

Era duvidoso que alguém pudesse ter sobrevivido a semelhante explosão, mas se a presente missão havia ensinado algo a Eldridge,

era que qualquer coisa era possível.

Ele foi até a cabine e disse ao piloto que encontrasse um lugar para pousar.

Foi doze horas mais tarde, depois que a escuridão da noite tinha se instalado por completo, e a temperatura havia caído quase até zero, que os investigadores encontraram algo no local da queda.

Tinha havido algumas discussões de baixo escalão mais cedo, quanto a qual jurisdição deveria ser responsável pela investigação, mas Eldridge e seus homens assumiram o controle do local, usando os investigadores de ambos os países para acelerar a operação.

Mas não havia de fato muito o que analisar. O impacto havia superaquecido a fuselagem, destruindo em um instante tudo em seu interior. No momento em que o Lynx caiu dentro do profundo cânion, já não havia muita coisa a ser investigada.

O que havia foi extraído, separado, examinado e identificado peça por peça. Os investigadores contaram a Eldridge que o calor tinha sido tão intenso que era duvidoso que algo restasse dos dois fugitivos que haviam roubado a aeronave. O melhor que podiam esperar encontrar seriam pedaços de ossos calcinados, ou talvez um ou outro dente.

Eldridge não ia ficar satisfeito até saber com certeza que Adams e Edwards estavam mortos, e foi por isso que a primeira sensação de alívio não veio até quase a meia-noite.

— Aqui, senhor! — anunciou o técnico, excitado, carregando algo em um envelope de plástico transparente.

— O que é? — perguntou Eldridge.

— É um dente — o homem respondeu, animado. — Está bem queimado — prosseguiu, erguendo-o para que Eldridge o visse com

seus próprios olhos. — Mas é o dente do homem que estava no helicóptero quando ele caiu.

— Tem certeza? — Eldridge perguntou, somente nesse ponto deixando que sua empolgação aumentasse um pouco.

— Cem por cento, senhor — o técnico respondeu.

Eldridge assentiu com a cabeça.

— Ótimo — tomou do homem o envelope com o dente dentro. — Preciso que seja analisado de imediato.

Stephen Jacobs estava excitado. Havia acabado de voar para a Suíça para ver a máquina com seus próprios olhos, e estava deliciado com o progresso da equipe do CERN. Ia acontecer, de verdade.

Estava voando para casa agora, a 11.500 metros de altitude sobre o Atlântico, em seu jato particular, quando o telefone tocou.

— Jacobs — disse, ao atender a chamada.

— Senhor, é Eldridge — ele ouviu a voz profunda do outro lado anunciar. — A situação aqui foi contida.

— Tem certeza? — perguntou Jacobs.

— Sim, senhor. O helicóptero foi quase totalmente destruído, mas conseguimos encontrar três dentes queimados. Os testes de DNA mostraram que dois deles pertencem a Matthew Adams, e outro a Evelyn Edwards. Não há nenhuma possibilidade de terem sobrevivido. Terminou.

Jacobs recostou-se mais em sua cadeira de couro. Tinha terminado, sim. E por outro lado tudo estava a ponto de começar — a morte dos dois fugitivos anunciava o nascimento da nova ordem do mundo.

— Ótimo — disse Jacobs, finalmente. — Pode voltar para casa, e tomar seu lugar entre nós. Está quase na hora.

Jacobs podia quase sentir a excitação do homem irradiando-se através do telefone por satélite.

— Sim, senhor — disse o comandante da Brigada Alfa, e Jacobs pousou o fone no gancho, terminando a chamada.

Sim, Jacobs pensou consigo mesmo enquanto se esticava na poltrona, feliz com as notícias vindas do Peru, *está quase na hora*.

19

Adams observou a vegetação rala do deserto, em busca de sinais de vida, quando se instalaram em seu abrigo temporário, mas não viu nada. Satisfeito por estarem a salvo, puxou a coberta sobre eles e passou o braço ao redor de Lynn para mantê-la aquecida.

Depois que o helicóptero tinha sido explodido no ar na noite anterior, os dois haviam usado as horas de escuridão para caminhar através do deserto. O sistema de navegação do helicóptero havia fornecido sua localização exata, e Adams havia então calculado a direção da cidade grande mais próxima, que era Arequipa. Usando as estrelas para se orientar, quando o dia clareou haviam percorrido 50 quilômetros e estavam ambos à beira da exaustão.

Normalmente Adams teria sido capaz de continuar caminhando por muito mais tempo, mas a recente falta de sono o afetava demais, transformando-o em uma ruína trêmula e descontrolada. Decidiram que iam descansar durante o dia, pois deslocar-se de noite era melhor para combater as temperaturas gélidas do deserto, e também para manterem-se ocultos das vistas. Adams passou a meia hora seguinte preparando um esconderijo, uma pequena fenda natural bem escondida entre rochas esparsas descoradas pelo sol.

Adams torcia para que não houvesse uma busca por eles, mas sabia que teriam que ser cautelosos. Um filete de sangue escorreu

do canto da boca por seu queixo, e ele o limpou.

— Como estão suas gengivas? — ele perguntou a Lynn, o sangue recordando-lhe o que tinham feito para escapar.

— Nada mal, considerando tudo — ela respondeu, com um sorriso que revelava a falha nos dentes superiores.

Na noite anterior, Adams havia começado a executar manobras evasivas, para que quem quer que os estivesse observando se acostumassem com os movimentos erráticos do helicóptero. Então, quando os mísseis estavam bem atrás deles e a borda do cânion bem na frente, ele havia diminuído a velocidade do helicóptero, levando-o para baixo até o chão, e aí eles tinham saltado.

Caíram três metros no solo duro e poeirento do deserto, ambos rolando através da areia grossa na direção da borda. Viram os mísseis atingirem o helicóptero, que explodiu com um rugido tremendo, cataclísmico, sua fuselagem destruída caindo no fundo do cânion abaixo deles.

Pararam a um braço de distância da queda tremenda, e Adams aninhou Lynn em seus braços, apertando-a com força, protegendo-a do calor intenso da explosão. Quando o calor começou a arrefecer, Adams a soltou. Sua camisa estava manchada com o sangue que saía da boca de Lynn.

Sabendo que a perseguição prosseguiria se não houvesse alguma prova de que eles estavam no helicóptero quando ele caiu, Adams usara os preciosos segundos que tinham antes do impacto dos mísseis para dar ao inimigo a evidência física que seria necessária.

Ele havia sacado sua faca utilitária, dobrando suas partes até ficarem na posição de alicate. Então tinha rapidamente arrancado dois de seus próprios dentes, o sangue espirrando de suas gengivas

através da cabine. A dor fez sua cabeça girar, mas ele manteve o controle da aeronave.

Enquanto as contramedidas faziam explodir mais um míssil, ele ficara espantado ao ver que Lynn havia tirado o alicate dele e arrancado um de seus próprios dentes, jogando-o no chão da cabine. O sangue escorria-lhe da boca enquanto ela olhava para ele, e Adams viu a determinação nos olhos dela. Ele não quisera que Lynn o imitasse, mas sabia que fazia sentido. Se os perseguidores tivessem apenas dentes de um deles podiam muito bem prosseguir com as buscas. Com a evidência definitiva de dois corpos, eles provavelmente não se dariam ao trabalho.

E então Adams baixara o helicóptero, e eles tinham trocado um olhar de encorajamento mútuo antes de abrirem as portas e saltarem.

Uma hora depois, Lynn viu-se embalando Adams em seus braços, os papéis invertidos. Ele tremia incontrolavelmente, incapaz de controlar-se, os dentes batendo, todo o corpo convulsionando-se com violência.

Haviam trazido roupa extra do helicóptero, bem como alguns cobertores de emergência que tinham encontrado, e Lynn enrolara as roupas ao redor dele, cobrindo-o com o cobertor. Mas ele ainda tremia tanto que Lynn temia que fosse sucumbir.

Ela lhe deu água, e algumas das rações que haviam encontrado a bordo, forçando-o a comer um par de barrinhas de chocolate. Ela então tirou a roupa, despiu-o também e acomodou-se sob o mesmo cobertor, braços e pernas entrelaçados com os dele, compartilhando o calor corporal.

Ela o apertou junto a si, e a sensação do corpo dele colado ao seu trouxe-lhe lembranças de volta, recordações poderosas de seu passado em comum, deitados durante horas na cama, fazendo amor, descansando nos braços um do outro, e então fazendo amor uma vez mais.

Tinham sido felizes naquela época, ela hoje sabia disso. Por que não soubera então? Tinha sido o trabalho dela que a impedira de viver de verdade no momento com ele, que a impedira de ser feliz de verdade com ele; mesmo quando estavam deitados, juntos, em abençoada harmonia, ela não podia evitar começar a pensar sobre seu próximo projeto de pesquisa. Quem iria recrutar para o projeto, como conseguiriam o dinheiro, que resultados esperavam encontrar? A lista seguia e seguia, e no fim começou a afastá-los um do outro.

Adams era um homem que desfrutava a vida, aqui, no momento, e Lynn estava obcecada com seu trabalho. Quando seu marido mencionou ter filhos, ela fizera pouco da sugestão. Ele não tinha ideia das demandas do trabalho dela, como consumia tempo e energia? Os filhos definitivamente teriam de esperar. Adams tinha querido saber por quanto tempo, e Lynn não tinha sido capaz de dar-lhe uma resposta. Tinham continuado juntos por algum tempo depois disso, mas estava claro que suas vidas tinham prioridades diferentes, e no fim eles tinham se separado tanto que o divórcio se tornou a única opção.

E agora? Enquanto Lynn segurava Adams nos braços, o calor de sua pele fluindo para o corpo dele, ela entendeu como estivera equivocada. Aonde seu trabalho a tinha levado? Ela vivia sozinha, e as pessoas estavam tentando matá-la, e a única pessoa com quem ela podia contar era o homem com quem ela já fora casada. Ela

estava no topo de seu campo de atuação, com certeza, mas o que isso importava agora?

Ela sentiu Adams se mexer a seu lado, os olhos dele se abrindo, zozzo e desorientado.

— Lynn? — ele disse, debilmente.

— Está tudo bem — ela respondeu, abraçando-o com mais força.
— Está tudo bem. É só uma febre.

Ela o viu fechar os olhos de novo, sentiu-o respirar fundo. Então ele reabriu os olhos, olhando bem nos dela.

— Não — ele disse, com tristeza. — Não é.

Ele ainda ansiava por sono, apenas algumas horas de sono *real* e decente. Ele podia continuar a fingir que tinha febre, mas devia a Lynn a verdade.

— Eu não tenho dormido — ele disse, simplesmente, vendo a surpresa no rosto dela enquanto falava. — Tenho sonhos ruins.

— Mas... Você? Por quê? — Lynn não podia entender. O Matt Adams que ela conhecia nunca tivera nenhum problema para dormir. Ele era cheio de vida, cheio de otimismo e esperança, e quando chegava a hora de dormir, adormecia rapidamente.

— Depois que nos separamos... — ele começou, feliz por finalmente tirar aquilo do peito, dividir seus problemas com alguém, especialmente *este* alguém — ... fui recrutado pelo governo.

— O quê? — Lynn ficou surpresa mais uma vez.

Ele não tinha demonstrado nenhum interesse em trabalhar para o governo quando estavam juntos, isso com certeza. Ele tinha sido o melhor rastreador da reserva, isso ela sabia, e com frequência tinha ajudado a polícia local com casos complicados, mas trabalho com o governo era algo muito diferente.

— Fiscalização de Imigração e Alfândega dos Estados Unidos — esclareceu Adams. — Eles tinham um grupo chamado Shadow Wolves, responsável por rastrear contrabandistas através dos territórios da fronteira entre México e Estados Unidos. Eram todos rastreadores como eu, de nove tribos diferentes. Tinham ouvido falar de mim, e quiseram que eu me juntasse à unidade.

— E você concordou? — perguntou Lynn, novamente tendo dificuldade em imaginar o Matt Adams que ela conhecera tendo tal atitude.

— Que mais eu podia fazer? — ele devolveu a pergunta. — Tínhamos acabado de nos divorciar, e você tinha dito que eu precisava de um rumo na vida, como você tinha em seu próprio trabalho. A oportunidade apareceu, e eu aceitei.

Lynn assentiu com a cabeça, lamentando ter sido em parte responsável pela decisão dele.

— Continue — encorajou-o, com suavidade.

— Bom, eu trabalhei com os Shadow Wolves por anos e me tornei o homem mais importante na unidade. Meu índice de sucesso era imbatível. E então, um dia, tudo mudou.

Lynn viu o olhar dele — atormentado, culpado, torturado. Não disse nada, sabendo que ele prosseguiria quando estivesse pronto.

— Recebemos uma chamada sobre um caminhão conduzido por uma quadrilha de traficantes de crianças. Já tínhamos ouvido sobre aquele grupo antes, eles vinham trazendo menores através da fronteira já fazia alguns meses, mas nunca tínhamos conseguido uma pista sobre eles. Desta vez tínhamos a marca e o modelo do caminhão que estavam usando, e sabíamos que íamos pegá-los.

Os olhos dele vaguearam, perdidos no passado. Ele continuou.

— Rastreamos o caminhão por cem quilômetros através do território Tohono O’odham, e finalmente o encontramos, a apenas 15 quilômetros da fronteira. Estava abandonado, deixado sob o sol do deserto. Chegamos perto com cuidado, prontos para o caso dos contrabandistas correrem, mas, ao chegarmos à cabine, não havia ninguém lá. Marcas na areia indicavam que tinham partido na noite anterior, ou talvez até um dia antes. O caminhão estava lá fazia 24, talvez 36 horas.

Adams fez uma pausa, respirando fundo antes de prosseguir.

— Fomos até a traseira para abrir as portas e checar o interior, mas pelo cheiro já sabíamos o que havia lá. Cadáveres.

Ele fechou os olhos, tentando evitar as lembranças.

— Abrimos as portas de um pesadelo. Sessenta e sete crianças, algumas com apenas 3 anos, amontoadas na traseira do caminhão, incapazes de se moverem, e então deixadas para morrer no meio do deserto. Era o auge do verão, as temperaturas lá dentro deviam ter ultrapassado os 65° C. E não havia ventilação no caminhão. Elas não tiveram nenhuma chance.

As lágrimas começaram a rolar pelas faces de Adams, enquanto ele relembrava o horror do que havia visto quando as portas do caminhão se abriram.

— Estavam todas mortas. Todas elas. Mortas pelo calor, e por asfixia. Pode imaginar o que aquelas crianças devem ter sentido, presas naquele forno? Havia vômito e fezes por toda parte, arranhões do lado de dentro do caminhão, denunciando o desespero para escaparem.

Adams secou as lágrimas e olhou para Lynn.

— E sabe por que os contrabandistas os deixaram lá, por que fugiram? — Lynn fez que não com a cabeça. — Foi porque tinham

ouvido dizer que os Shadow Wolves estavam atrás deles. Acharam que não tinham nenhuma chance, e então fugiram, escaparam a pé, deixando o caminhão para trás. Por causa de nós.

Ele baixou o olhar, transtornado demais para continuar.

Lynn abraçou-o com mais força, seus corpos cálidos, reconfortantes.

— Não havia nada que você pudesse ter feito — ela disse baixinho, sabendo que não faria nenhuma diferença, mas dizendo-o mesmo assim.

— Eu podia ter encontrado o caminhão mais depressa — respondeu Adams, de imediato. — Eu era considerado o melhor, e eu falhei. Foi uma falha horrível, e todos eles morreram porque não fui rápido o suficiente, não fui bom o suficiente.

— Tentei continuar trabalhando depois, mas logo em seguida comecei a ter pesadelos sobre aquilo. Começaram a ficar piores e piores, mais como terrores noturnos, na verdade, e, por fim, fiquei com medo de dormir. Depois de algum tempo, eu estava completamente incapacitado para o trabalho. Estava acabado. Eles finalmente me liberaram, e eu voltei para a reserva, onde desde então tenho lutado simplesmente para sobreviver.

Adams segurou as mãos de Lynn, olhando em seus olhos profundos, brilhantes, opalinos.

— Você pode não achar, mas você me deu algo pelo que viver — ele disse, por fim. — Obrigado.

O coração de Lynn batia forte em seu peito. Ela havia colocado a vida dele em perigo, e ele estava lhe *agradecendo*? As lágrimas começaram a escorrer por seu próprio rosto, quando percebeu algo que não estivera disposta a admitir. Ela ainda o amava, e ao mesmo tempo estava certa de que ele ainda a amava.

Juntos, seus corpos ainda nus, entrelaçados, Adams limpou as lágrimas dela e então aproximou o rosto ainda mais, seus lábios roçando os dela. A princípio, o beijo foi como uma exploração, testando a reação dela, e então ela correspondeu, apertando-o mais contra si, beijando-o com inesperada paixão.

Aliviado porque o desejo era mútuo, Adams e Lynn se entregaram completamente, movendo-se em perfeita sincronia, enquanto o acúmulo de estresse e adrenalina que os dominara nos últimos dias transformava-se em uma paixão frenética, alucinada, seus corpos acomodando-se a um ritmo que achavam estar esquecido havia muito, até que Lynn enterrou a face no pescoço de Adams e ambos sentiram a tensão sair deles em um fluxo de doce e maravilhoso alívio.

20

Dois dias depois, Adams e Lynn finalmente chegaram à pequena cidade de Nazca.

Haviam percorrido a pé a maior parte do caminho até Arequipa durante a segunda noite, e então se esconderam de novo durante o dia, finalmente chegando lá na noite seguinte. Não demorou muito para organizarem o transporte até Nazca. Eles simplesmente contornaram a cidade, caminhando, até chegarem à Rodovia 1 no sentido norte, e então pegaram uma carona.

O motorista do enorme caminhão, a caminho para Lima, deixara-os na cidadezinha poeirenta quando o dia estava nascendo. A cidade era pouco atraente, consistindo em uma formação quadriculada de casas e lojas térreas sobre uma porção de *pampa* desértica, à sombra das imponentes montanhas mais além.

Embora a cidade em si não fosse nada memorável, Lynn apertou a mão de Adams com força, enquanto olhavam o sol subindo devagar, majestosamente, acima dos picos nevados na distância, seu tênue brilho rosado despejando calidez pelo vale.

Eles apenas ficaram olhando, de mãos dadas e em silêncio, por longos e maravilhosos minutos, todas as preocupações esquecidas temporariamente enquanto admiravam a beleza imperial do mundo natural.

Quando por fim o sol se ergueu acima dos topos das montanhas, Adams virou-se para Lynn.

— E então, onde encontramos Baranelli? — perguntou.

— Não tenho cem por cento de certeza — ela respondeu, meio tímida. — Mas acho que tenho um bom palpite.

O Hotel Nazca Lines, em Jiron Bolognesi, estava a apenas cinco minutos das famosas linhas de Nazca, o que explicava sua popularidade entre turistas, astrônomos, exploradores e teóricos da conspiração.

As linhas foram notificadas pela primeira vez em 1939, quando um cientista norte-americano chamado Paul Kosok sobrevoou a árida linha costeira em um avião pequeno. Até então, pensava-se que as linhas seriam parte de algum tipo de sistema de irrigação, mas Kosok, um especialista em irrigação, de cara descartou tal explicação.

Seu voo por acaso coincidiu com o solstício de verão, e ele logo descobriu que as linhas do sol poente corriam paralelas àquelas de um gigantesco desenho de uma ave nas areias do deserto, o que o fez chamar a área de “o maior livro de astronomia do mundo”.

Depois de Kosok, uma jovem matemática alemã, chamada Maria Reiche, iniciou um estudo da área, que se estenderia por cinco décadas, concluindo que os desenhos colossais eram parte de um calendário astronômico feito pelo povo da cultura Nazca, possivelmente também com o objetivo de enviar mensagens aos deuses.

Reiche havia vivido por muitos anos no Hotel Nazca Lines, então conhecido como *Hotel Turistas*, dando todas as noites palestras de uma hora de duração sobre o fenômeno arqueológico.

Lynn tinha ouvido Baranelli falar sobre Reiche em Harvard, e tinha certeza de que ele não ficaria em outro lugar durante sua estada em Nazca. Não que *houvesse* muitos outros lugares, de qualquer modo.

Adams e Lynn passaram por entre gramados bem aparados e palmeiras anãs, e entraram no saguão do hotel colonial pintado de branco. Foram direto para o balcão de recepção.

Lynn, tentando não parecer constrangida demais por conta do dente que faltava, e por sua aparência geral maltrapilha, adiantou-se até o balcão, com um sorriso no rosto.

— Bom dia — saudou, toda agradável. — Você fala inglês?

A jovem atendente fez que sim com a cabeça.

— Um pouco, sim.

— Ótimo. Nós somos de Harvard e ficamos de encontrar com o professor Baranelli aqui para o café da manhã, mas acho que chegamos um pouco cedo demais. Poderíamos esperar por ele aqui?

A atendente pareceu em dúvida.

— Você está querendo encontrar o professor para o café da manhã?

Lynn fez que sim com a cabeça.

— Isso mesmo.

— Me desculpe, mas o professor Baranelli não está aqui.

— Ele não está hospedado aqui? — perguntou Lynn, bastante preocupada.

— Ah, não, ele está hospedado aqui, é que já saiu.

— Saiu? Para onde ele foi?

A atendente apontou para fora, através do gramado aparado.

— O campo de pouso do outro lado da rua. Se você correr, pode chegar lá antes de o avião decolar.

Menos de dois minutos depois, Adams e Lynn estavam cruzando de novo a Jiron Bolognesi, correndo através de um portal de metal e atravessando o asfalto frio da pista rumo ao pequeno centro de voo.

Olhando para cima, podiam ver dois pequenos aviões a hélice subindo pelos céus. Será que Baranelli estava em um deles?

Havia mais ou menos uma dúzia de outros aviões espalhados por hangares abertos, três dos quais pareciam estar se preparando para o voo. Para um lugar tão pequeno, o aeródromo parecia anormalmente movimentado.

Adams já estava estendendo a mão para abrir a porta do centro de voo quando Lynn puxou-lhe a manga.

— Matt, lá está ele! — ela disse, agitada, apontando para um dos três aviões que estavam taxiando rumo à pista.

Adams seguiu o dedo esticado de Lynn, vendo um homem levemente acima do peso, já meio calvo, bem bronzeado, com óculos de armação de aço e camisa e *shorts* cáqui, antiquados, que estava a ponto de embarcar no avião.

— Professor! — gritou Lynn através da pista.

O homem olhou na direção dela, com expressão contrariada, embora misturada com uma ponta de curiosidade.

Quando Lynn acenou com a mão e gritou para ele de novo, ele a reconheceu e um amplo sorriso abriu-se em suas feições pesadas. Ele fez um gesto para que o piloto detivesse o avião e praticamente correu até Lynn pela pista.

— Lynn! Mas o que você está fazendo aqui? — ele exclamou com um esfuziante sotaque do sul da Itália.

— Preciso da sua ajuda — disse Lynn, sem rodeios.

Depois de um instante de reflexão, Baranelli sorriu.

— É claro, o que você precisar. Mas teremos que conversar no avião — ele disse, indo de volta para a aeronave. — Temos só uma hora durante a qual as condições vão estar perfeitas.

Lynn olhou para Adams e gemeu. *Outra aeronave?* Era tudo de que ela precisava.

Mas ainda assim ela seguiu Baranelli e embarcou no pequeno avião, rezando para que ao menos uma vez, pelo menos *uma vez*, ela fosse capaz de pousar normalmente.

— **N**a maior parte do ano, é preciso decolar no meio da manhã ou no começo da tarde por causa da névoa que há em outros horários — explicou Baranelli enquanto o Cessna levantava voo, subindo alto no rarefeito ar da montanha. — Mas descobri recentemente que o melhor é o começo da manhã. Já voei 50 vezes, e ainda estou fascinado, devo-lhe dizer.

Lynn e Adams assentiram com a cabeça. Lynn sabia que seu velho amigo era o mais entusiasmado dos homens, sobretudo quando estava falando sobre seu trabalho. Ela teria que esforçar-se para desviar a conversa para o que queria. Mas quando ela estava a ponto de falar, Baranelli interrompeu.

— Vocês já viram do alto essas linhas? — perguntou a seus convidados.

Adams e Lynn fizeram que não com a cabeça.

— Não? Bom, vocês vão adorar — disse Baranelli, encantado. — E quem melhor para lhes oferecer uma visita guiada do que eu? Se estiverem com sorte... — ele disse, piscando um olho — ... posso até lhes contar algumas de minhas próprias teorias sobre o lugar.

Pelos 30 minutos seguintes, o avião descreveu amplos arcos no céu, enquanto seguia as imensas linhas da planície de Nazca.

Baranelli era como uma máquina, sempre tomando notas em uma caderneta cheia de orelhas, tirando fotos de alta definição e fazendo cálculos complexos enquanto ao mesmo tempo narrava a história das linhas, de maneira contínua e entusiástica, melhor do que qualquer guia turístico poderia ter feito.

— Não é incrível? — disse Baranelli, e não pela primeira vez. — Vistos daqui, as linhas e geoglifos parecem não ter nenhum propósito, cruzando-se sem sentido através da *pampa*, algumas com execução exímia, outras mais toscas, só uma grande confusão. Mas quando olhamos mais de perto... — ele prosseguiu, acenando com a cabeça para o piloto, que começou a descer, para mais perto da planície desértica — ... podemos ver a beleza do desenho. Podemos ver as cunhas... — ele disse, indicando grandes formas trapezoidais, estendendo-se por até 750 metros — ... e como elas são seccionadas pelas próprias linhas, perfeitamente retas por até 14 *quilômetros*! E também há espirais, triângulos, círculos, e a lista continua. Essas formas geométricas, sabe quantas delas existem?

Lynn sacudiu a cabeça.

— Não, receio que não.

— Algo em torno de novecentas. *Novecentas*! Pode acreditar nisso? É realmente incrível. E também há as formas! — prosseguiu Baranelli, em seu próprio mundo. — Existem por volta de *setenta* biomorfos, figuras de animais e plantas, incluindo alguns exemplos bem conhecidos. O beija-flor, a garça, o condor, o cão, as mãos, a aranha, o pelicano, o macaco... — disse, a cada palavra apontando com o dedo na direção do geoglifo, e Adams e Lynn viram-se olhando assombrados para os desenhos, aglomerados em uma área

da vasta planície, que Baranelli lhes informara ter mais de 500 quilômetros quadrados de extensão. O tamanho das formas era assombroso. Do ponto onde estavam, Adams estimou que a figura do pelicano devia ter quase 300 metros de comprimento.

— E ali está meu favorito — prosseguiu Baranelli, sorrindo. — O astronauta.

Olhando para fora pelas janelas do avião, Adams e Lynn baixaram os olhos para a silhueta entalhada na encosta de uma pequena colina. A luz delineava perfeitamente a imagem, e eles podiam ver o desenho de um homem, que parecia estar usando algum tipo de capacete, a mão direita erguida em saudação. Mas quem ele saudava? O quê?

— Bem, o que vocês acham? — Baranelli perguntou a seus convidados, claramente empolgado.

— Com certeza é interessante — respondeu Lynn. — Qual o propósito disso?

Baranelli desviou a atenção da janela e ergueu as sobrancelhas.

— Ah! Esta é a questão! — ele exclamou. — Para que serve tudo isso? O que vocês acham? — perguntou ele, um professor testando seus alunos.

— Houve várias teorias ao longo dos anos — disse Lynn. — Começando com a crença de Kosok de que tudo isso representava algum tipo de calendário astronômico, mas a modelagem por computador mostrou que os alinhamentos não passavam de acasos aleatórios.

— De fato — concordou Baranelli com um gesto de cabeça. — E o que mais?

— Bom, acho que a teoria hoje mais aceita é de que seriam caminhos religiosos, relacionados com cultos à água ou à fertilidade.

— Sim, muita gente é dessa opinião — corroborou o professor. — Dados etnográficos e históricos parecem indicar que o culto às montanhas e fontes de água dominaram a religião e a cultura de Nazca desde tempos remotos. As linhas poderiam assim ser trilhas sagradas, levando os fiéis a áreas onde as divindades pudessem ser veneradas.

— Muita gente... mas não você? — sondou Lynn.

Baranelli riu com aquela ideia.

— Com certeza não eu.

— E então no que você acredita? — perguntou Adams.

— Já vamos aterrissar — disse Baranelli em resposta. — Continuamos nossa conversa durante o almoço, talvez?

21

Uma hora depois, Baranelli estava acomodado com seus dois convidados em uma mesa particular, no Hotel Nazca Lines, com uma grande taça de Chianti na mão, enquanto prosseguia sua palestra.

— Já ouviram falar da teoria dos “astronautas antigos”? — perguntou a eles.

Lynn assentiu com a cabeça, tomando um gole de um copo de água.

— Na década de 1960, Erich von Däniken propôs que as linhas retas fossem pistas de pouso para naves extraterrestres, e ele na verdade enxergava toda a planície de Nazca como uma espécie de aeroporto gigantesco.

— Correto — disse Baranelli. — Mas não sabemos se a superfície teria sido resistente o bastante para aguentar o peso de aterrissagens sucessivas. Mas ele também tinha outras teorias interessantes quanto ao resto dos geoglifos, afirmando que os nazcanos os traçaram depois que os extraterrestres partiram, supostamente de volta para seu planeta natal.

— Por que fariam isso? — perguntou Adams.

— Coisas parecidas têm sido documentadas ao redor do mundo — explicou Baranelli. — Os assim chamados “cultos à carga” emergem quando uma população indígena é visitada por uma cultura mais

avançada, atribuindo a esta, e a sua "carga" mais avançada, significado sobrenatural, vendo-as como divindades e deuses. Houve uma prevalência de tais cultos no sudoeste do oceano Pacífico logo após a Segunda Guerra Mundial, quando as ilhas foram usadas pelos norte-americanos e pelos japoneses como postos de abastecimento para o esforço de guerra, levando para lá quantidades imensas de material. Quando as bases foram fechadas depois da guerra, e esses bens terminaram, as populações das ilhas tentaram encorajar novas entregas, construindo toscas imitações de pistas de pouso, aeronaves e equipamentos de rádio, e então venerando-as.

— E era isso que von Däniken acreditava que tinha acontecido aqui? — perguntou Adams.

— Sim, e ele não parou por aí, ele acreditava que a religião como um todo, por todo o mundo, foi criada para cultuar extraterrestres que haviam descido à Terra, assombrando o homem primitivo com sua tecnologia avançada e deixando que criassem explicações sobrenaturais para o que tinham visto.

— Você deve estar brincando — disse Adams, cético. — Então Deus era um alienígena?

— Um dos títulos dos capítulos de Däniken, inclusive talvez o que o tornou famoso, era "Era Deus um astronauta?" — explicou Baranelli, um sorriso no rosto.

— Mas que evidências ele apresentava para apoiar essa afirmação? — perguntou Adams, ainda sem acreditar.

— Entenda que não foi apenas Däniken quem afirmou isso ao longo dos anos, mas muitas pessoas, entre elas astrônomos, astrofísicos, historiadores, filósofos, quem você puder imaginar. Existe uma grande massa do que eles chamariam de *evidência*, para

apoiar a teoria, embora outros pudessem dizer que era uma massa de anomalias curiosas, e não evidência concreta.

— Que tipo de anomalias? — perguntou Lynn, ainda tentando achar uma ligação entre sua própria descoberta e esta conversa de alienígenas do passado.

— As linhas de Nazca são uma dessas anomalias. De onde vieram, quem as traçou, e para quê? Será que o fato de apenas poderem ser vistas de cima indica que tinham sido planejadas para serem vistas por pessoas que de alguma maneira se elevassem no ar? E de onde teria vindo essa tecnologia de voo, tanto tempo atrás? Assim, temos uma anomalia, algo que parece não se encaixar no conhecimento regular de arqueologia ou de história.

Antes que Adams ou Lynn tivessem a chance de responder, Baranelli prosseguiu.

— E que mais nós temos? Um mapa do século XVI descoberto nas ruínas do palácio de Topkapi, em Istambul, exibe a Antártida na parte inferior, mostrando a massa de terra mais ou menos como ela pareceria se estivesse livre de gelo, coisa que não acontece faz 15 milhões de anos. Assim, seria essa uma cópia de mapas feitos milhões de anos atrás? Ou teria este almirante do século XVI acesso a radares de penetração no solo e análises de satélites? E se ele tivesse, de onde poderia ter vindo essa tecnologia?

— Também há as várias peças de arte antigas que mostram o que parecem ser visitantes alienígenas, ou astronautas com capacetes. Na verdade, bem parecidas com o geoglifo que acabamos de ver. Elas podem ser desde desenhos antigos em cavernas no Saara africano a templos maias no México, e tudo o que estiver no meio, Zimbábue, África do Sul, Rússia, Val Camonica no norte da Itália, Uzbequistão, a lista não tem fim. Sempre as mesmas imagens, o que

parecem ser figuras de forma humana com roupas e capacetes estranhos. Os relevos do Templo das Inscrições, em Palenque, México, por exemplo, mostram claramente um homem como se fosse um astronauta, sentado em frente aos controles de um foguete em miniatura. Pode isso ser explicado de forma convencional?

Baranelli tomou um grande trago de seu vinho antes de prosseguir.

— E quanto a mistérios como o do calendário maia, predizendo eclipses por incontáveis milênios? Onde conseguiram a tecnologia para calcular tais coisas? Antigas baterias elétricas foram encontradas no Iraque, lentes de cristal de nove mil anos na Assíria, um poste de ferro em um pátio em Délhi que não enferrujou em quatro mil anos, um bloco de granito de 20 *mil* toneladas virado de cabeça para baixo no Peru... Quem pode explicar coisas assim?

— E não vamos nos esquecer da grande pirâmide de Quéops, e todos os templos que a circundam, a Grande Esfinge, e assim por diante. Sabemos nós, mesmo nos dias de hoje, como tais coisas eram construídas? Ou por quê? A Grande Pirâmide foi construída com mais de dois milhões de blocos de pedra, alguns dos quais chegavam a pesar 70 toneladas. É a estrutura de alinhamento mais preciso que se conhece, voltada para o norte verdadeiro com um erro de apenas um vigésimo de um grau, e também está situada precisamente no centro da massa de terra do planeta. As pedras do revestimento externo eram altamente polidas e lisas, com uma precisão de um quarto de milímetro, e a estrutura podia ser vista de Israel, e talvez até da Lua. Por quê? A resposta é, nós simplesmente não sabemos. Sabemos apenas que essas anomalias estão aí, clamando por uma explicação.

— E os alienígenas podem fornecer tal explicação? — perguntou Adams.

— Por que não? As pessoas afirmam que eles nos visitam agora, por que não teriam vindo milhares de anos atrás? — Baranelli podia ver a descrença nos olhos tanto de Adams quanto de Lynn, e embora ele não necessariamente aceitasse a teoria, ele sabia que ela não poderia ser descartada sem mais nem menos. Ele prosseguiu. — Algumas pessoas veem informações contidas em textos religiosos como evidências diretas da visitação de alienígenas.

— Continue — disse Adams, hesitante mas agora curioso.

— Nunca lhe ocorreu que a maioria das religiões tem histórias muito parecidas em seus escritos? Os antigos sumérios, os egípcios, romanos, gregos, o Antigo e o Novo Testamentos... Todos são quase idênticos, uma vez que você analisa bem. E onde a cultura... ciência, matemática, agricultura, escrita... se originou?

— Na antiga Suméria — respondeu Lynn.

Baranelli estalou os dedos.

— Exatamente! — exclamou. — Então depois de milhões de anos de evolução lenta e difícil, temos um surto repentino de desenvolvimento. Num piscar de olhos, em termos evolutivos, estávamos irrigando a terra, construindo templos, fazendo cálculos matemáticos complexos, lendo e escrevendo. O que aconteceu na antiga Suméria?

Ele mesmo respondeu.

— Algumas pessoas afirmam que foi ali que os primeiros visitantes alienígenas nos visitaram, fornecendo-nos as sementes de nossa moderna civilização. Em troca, nós lhes atribuímos um significado sobrenatural, e a religião organizada nasceu. Assim, “deuses” descendo dos céus em carruagens de fogo não são apenas sonhos,

visões ou metáforas, isso foi o que de fato aconteceu, alienígenas vindo à Terra em suas espaçonaves. Mas de que outra forma poderia o homem antigo explicar aquilo? E assim, a religião começou na Suméria, e depois se espalhou através da região, primeiro no Egito, e então para Israel, finalmente abrangendo o mundo e incluindo Índia, Roma e Grécia entre suas presas. Por onde quer que fosse, era modificada por povos nativos, mas era essencialmente a mesma que os relatos factuais de aterrissagens e tecnologia alienígenas, que tinham sido vividas em primeira mão pelos sumérios.

— Então Deus *era* um astronauta? — Adams perguntou, ainda sem se convencer.

— Quem pode saber? É uma teoria, sabe? Uma história. Nem mais e nem menos convincente do que qualquer outra, na minha opinião.

— Bem, Fabricio, nós temos a nossa própria anomaliazinha.

— **Q**uarenta mil anos de idade? — Baranelli perguntou, entusiasmado.

— Bom, parece que sim. Obviamente, a maior parte da evidência agora foi destruída.

— Quando foi que a civilização apareceu na Suméria? — Adams perguntou a Baranelli.

— Por volta de 3800 a.C. — o professor respondeu de imediato. — Quase seis mil anos atrás, um pouco mais, um pouco menos.

— E você tem alguma teoria sobre algum povo avançado que pode ter existido *40 mil* anos atrás? — insistiu Adams.

— Talvez o ciclo que vimos começar na Suméria não tenha sido o primeiro em que tal coisa aconteceu — Baranelli respondeu, sem muita certeza.

— O que você quer dizer? — perguntou Lynn.

— Quero dizer que, se seres extraterrestres pudessem ter vindo para a Terra e dado a civilização ao homem em 3800 a.C., talvez eles, fossem os mesmos seres ou fossem outros de uma outra região do universo totalmente diferente, pudessem ter estado aqui 40, 50, talvez até 100 mil anos atrás. Não podemos descartar essa hipótese. Ou quem sabe a humanidade desenvolveu tal tecnologia por conta própria durante aquele período, sem qualquer ajuda externa.

— E então, o que aconteceu? — perguntou Adams.

— Então foi destruída, como a Atlântida, por alguma catástrofe local que varreu completamente a humanidade. Talvez alguns bolsões tenham sobrevivido, mas devido às condições no planeta ela teve que reverter à natureza, tornando-se mais primitiva para poder sobreviver.

— Como a Atlântida? — perguntou Adams. — Você está dizendo que a Atlântida existiu?

— Não — Baranelli falou devagar, escolhendo bem as palavras —, o que estou dizendo é que quase todas as culturas dos dias de hoje têm algum tipo de mito atlante, de culturas pré-históricas avançadas. É só uma coincidência, ou esses mitos têm uma base na verdade? O corpo que Lynn encontrou com certeza parece indicar que esse é o caso, não? — ele perguntou, as sobrancelhas erguidas. — E então temos que considerar a universalidade dos antigos mitos do dilúvio. Em nossa cultura cristã, conhecemos principalmente a história de Noé e o Dilúvio, mas também esta pode ser traçada até suas origens no folclore da antiga Suméria. Na verdade, muitos cientistas respeitados acreditam que o mundo de fato sofreu tais inundações catastróficas, no período entre 12 mil e 10 mil a.C.

— Mas esse é só um exemplo, para mostrar que bem poderia ter sido real. Outras calamidades poderiam ter se abatido sobre o homem antigo, como a queda de um meteoro, erupções vulcânicas, a lista é grande. A conclusão é que certamente é possível que uma civilização avançada, talvez mais avançada que a nossa própria, tenha no passado habitado a Terra, e subsequentemente tenha praticamente sido varrida. Vocês não analisaram o DNA ainda? — ele perguntou, de repente.

— Não, ainda não. Temos a esperança de fazer isso nos Estados Unidos, se conseguirmos voltar.

Baranelli concordou com um gesto de cabeça, imerso em pensamentos.

— Então o corpo pode nem mesmo ser de *Homo sapiens* — disse. — Talvez seja de algum outro ramo do gênero *Homo*, que por algum motivo progrediu mais depressa do que nós. Talvez tivessem tanta dependência da tecnologia que a catástrofe atingiu-os com muito mais força do que a nós, e eles desapareceram por completo, permitindo que avançássemos até o topo.

Lynn e Adams se entreolharam. Outro ramo da família da humanidade? Era algo que Lynn não havia sequer considerado, e a Adams certamente parecia mais convincente do que o corpo encontrado ser de um alienígena ou de um viajante no tempo, duas outras possibilidades que poderiam ter explicado um cadáver tão antigo.

— Parece-me que vocês precisam testar esse DNA imediatamente — anunciou Baranelli. — Dessa maneira poderemos saber com o que estamos lidando.

— É por isso que precisamos voltar aos Estados Unidos — concordou Adams. — Para analisar a evidência e descobrir que

diabos está acontecendo.

Baranelli assentiu com a cabeça.

— Vai ser perigoso, meus amigos. Está claro que o corpo é importante para alguém, que vai fazer de tudo para manter qualquer que seja o segredo que estão mantendo.

— Você tem razão — disse Adams. — Acho que estamos lidando com algum interesse governamental de nível máximo, que tem poder suficiente para conseguir fazer as coisas acontecerem também muito ao sul da fronteira do país.

— Qualquer um que tenha um segredo assim, deve ser um segredo que vale a pena conhecer, não é? — Baranelli perguntou, com um sorriso maroto e uma piscadinha. Tomou outro gole de seu vinho e olhou direto para Adams e Lynn. — E essa é a ajuda de que precisam, certo? Vocês querem saber se posso fazer vocês voltarem aos Estados Unidos sem serem percebidos?

Os dois assentiram com a cabeça e então ficaram olhando enquanto o professor enchia de novo sua taça e dava cabo de metade dela com um trago longo e calmo.

— Mas só se você achar que consegue fazer isso sem se colocar em perigo — Lynn acrescentou, séria.

Baranelli acenou com a mão.

— Não se preocupe com isso — disse. — Acho que posso ajudar vocês, e tenho certeza de que não vai me trazer qualquer risco. Além do mais, o que é a vida sem um pouco de emoção? — Ele terminou o vinho. — Vocês estarão de volta aos Estados Unidos amanhã, garanto. Só me prometam que vão me contar o que descobrirem.

— Nós lhe contaremos, Fabricio — concordou Lynn, e disse, de mãos dadas com Adams: — E também vamos descobrir quem está

por trás disso. Estou cansada de ser a vítima.

Adams ficou chocado com a feroz determinação nos olhos dela.

— Eles acham que estamos mortos, e acham que venceram — ela continuou. — Bom, vamos descobrir *quem* eles são, e vamos levar essa luta até *eles*.

PARTE TRÊS

1

A DNA Analytics localizava-se no centro de Phoenix, um entre milhares de laboratórios semelhantes espalhados pelos Estados Unidos. O principal serviço prestado por empresas assim é o teste de paternidade, embora muitas trabalhem em cooperação com o FBI e outras agências legais na análise de DNA como evidência em casos policiais.

Lynn havia escolhido aquele lugar em especial porque eles não desenvolviam nenhum trabalho governamental ou policial, e assim estavam um pouco mais fora do radar do que muitos outros estabelecimentos. Ademais, eles tinham um laboratório-irmão em Los Angeles que poderia lidar com a análise dos fragmentos de roupa que Lynn tinha coletado do corpo. Isso lhes permitiria cuidar de tudo em uma só visita, minimizando assim sua exposição.

Quando entraram no saguão, ficaram surpresos com a movimentação. De jovens mães com bebês que berravam até professores universitários já de idade e técnicos de laboratório de jaleco branco, o lugar era uma colmeia de atividade efervescente.

Adams tinha raspado a cabeça e estava deixando a barba crescer, enquanto Lynn havia tingido o cabelo de loiro, mudado consideravelmente seu estilo de maquiagem e de roupas e colocado lentes de contato azuis. Os dois tinham também usado maquiagem

para tentar clarear seu tom de pele, e agora usavam óculos para mudar o contorno das faces. Ainda assim, evitavam olhar direto para as câmeras de segurança que apontavam do teto para o saguão agitado. Estavam oficialmente mortos, claro — Lynn duas vezes, agora — mas se os últimos dias lhes haviam ensinado algo, era que a cautela nunca era demais.

Lynn aproximou-se do balcão, com a mochila na mão. Depois de uma breve conversa com a recepcionista, durante a qual Lynn solicitou um teste de DNA completo para três das amostras que trouxera, foram informados que, devido ao acúmulo de análises, os resultados não ficariam prontos em menos de um mês. O pagamento de quinhentos dólares em dinheiro, cortesia de Fabricio Baranelli, imediatamente transformou o prazo em pouco mais de uma semana.

Lynn virou-se para Adams.

— Uma semana — disse, desanimada, mesmo que já tivesse imaginando algo assim. — Podemos esperar tanto?

— Bom, sem acesso aos laboratórios do governo, não sei que escolha temos. Quero dizer, o único jeito de termos acesso a laboratórios melhores seria usando sua posição, mas teríamos que usar seu nome, e definitivamente não podemos fazer isso.

Lynn concordou e virou-se de novo para a recepcionista.

— Tudo bem — concordou, e então lhe deu o número de um celular de um aparelho pré-pago, que não poderia ser rastreado. — Ligue-me assim que tiver algo. E você vai ter mais quinhentos se me conseguir os resultados em menos de uma semana.

Saindo do laboratório, Lynn virou-se para Adams mais uma vez.

— Tudo bem. E agora? — disse.

— Fizemos a parte da ciência, agora precisamos fazer o trabalho de verdade — ele respondeu. — Vamos lá, encontrar meus amigos.

* * *

Baranelli tinha honrado sua palavra. No dia seguinte ao de seu encontro com ele, Lynn e Adams estavam de volta aos Estados Unidos.

O professor tinha um contrato de longa duração com um avião, para sua pesquisa aérea, e simplesmente preencheria um plano de voo para o México, dando como justificativa uma pesquisa relacionada. A pequena nave precisou ser reabastecida uma vez na Colômbia, e então voou para o México, onde ninguém no pequeno aeródromo manifestou qualquer interesse pelos dois passageiros que desembarcaram e foram embora.

A dor pelos dentes extraídos às pressas, encoberta durante tanto tempo pela adrenalina, estava agora ficando insuportável, e assim Adams usou seus velhos contatos para fazer uma visita, tarde da noite, a um dentista amigável, em uma cidadezinha próxima.

Também Oglala Lakota, como Adams, o dentista aceitou o pagamento em dinheiro e não fez perguntas. Ele disse a Adams, porém, que tinha sido muito bom que tivessem vindo. Se deixassem passar mais tempo, haveria a possibilidade de infecção, que poderia levar a uma septicemia.

O velho homem os tratara rapidamente, se bem que não exatamente sem dor, e então recomendou que descansassem um pouco. Adams e Lynn apenas sorriram, compartilhando o mesmo pensamento — *sem chance*.

A cidade ficava perto da fronteira, e depois de seu breve mas necessário desvio, Adams conduziu Lynn pelas mesmas trilhas sem

vigilância que usara para entrar no México vários dias antes.

Enquanto cruzavam o Arizona rumo a Phoenix, de carona em uma picape velha, Adams usou o celular novo deles e ligou para um de seus colegas dos Shadow Wolves, tendo o cuidado de usar códigos que havia anos não usava, ciente de que a linguagem direta poderia ser captada por vigilância eletrônica. Mas seu amigo havia entendido, e tinham combinado um encontro para a manhã seguinte.

A tenda do suor Tohono O'odham estava localizada em uma parte da reserva completamente fora dos limites para quem não estivesse associado com a tribo ou não fosse convidado por ela.

A tenda do suor é um antigo costume dos índios americanos, uma cerimônia tribal tradicional que ainda é conduzida por muitas tribos por todo o país. Lembra uma sauna, por ter calor e umidade; as pessoas sentam-se ao redor de uma fogueira cheia de pedras, sobre as quais derramam água, enquanto são acomodadas dentro de uma tenda pesada coberta por mantas. Mas a tenda do suor é algo mais espiritual, o calor sendo usado para criar a atmosfera de estar no útero da "grande mãe Terra". A intenção é ajudar a purificar não apenas o corpo mas também a mente, as emoções e o espírito.

Adams e Lynn chegaram à tenda de manhã bem cedo. Adams saudou seus velhos colegas com abraços calorosos, e foi apresentado aos novos membros da equipe. Lynn também foi apresentada, e compreendeu que era uma grande honra para ela estar ali, pois gente de fora raramente é bem-vinda.

Adams ficou feliz por encontrar seus velhos amigos, mas sentiu-se perturbado por Mark "Espírito de Cima" Takanawee não estar no encontro. O fato de aquele ter sido o homem que lhe dera o

passaporte e algum dinheiro para a viagem à América do Sul e a expressão preocupada no rosto dos outros homens, não era um bom sinal.

Mas suas perguntas teriam que esperar, pois a tradição exigia que primeiro se purificassem ritualmente, depois acendessem o fogo para a cerimônia, e só então poderiam começar a conversar.

2

Adams olhou para Lynn. Não era a primeira vez que ela vinha a uma tenda do suor — ele a tinha levado à tenda lakota, em sua reserva natal, quando estavam casados — mas ele percebeu que o calor intenso a estava afetando, o suor correndo-lhe abundante pela face e pescoço. Como era o costume, estava totalmente vestida. Adams perguntou-se se ela iria desmaiar. Fazia muito tempo, afinal de contas.

Mas ela aguentou firme, até mesmo participando dos cânticos e hinos rituais, no compasso da batida constante e rítmica dos tambores. Para Adams, ela nunca parecera tão bela.

— Matt, é hora de falar — disse John “Primeiro a Dançar” Ayita, o cherokee que era o chefe da unidade, tendo sido promovido depois da saída de Adams.

E, com aquilo, o clima dentro da tenda mudou de imediato.

Adams assentiu com a cabeça.

— O que aconteceu com Mark?

Ayita pareceu angustiado, olhando para cima pelo teto da tenda, para o céu além.

— Ele foi levado de nós, não faz muito tempo. Está com os espíritos agora.

— Como? — perguntou Adams, temendo já saber a resposta.

— Ataque do coração.

Adams sabia que a coincidência era grande demais. Não poderia ter sido um ataque do coração de verdade, e uma onda de tristeza o invadiu. A culpa tinha sido toda sua. O inimigo devia finalmente ter encontrado a imagem dele no aeroporto, na chegada ao Chile, descoberto com qual passaporte viajava e assim rastreado Mark Takanawee. E então o teriam torturado para conseguir informação, finalmente encenando um ataque cardíaco.

— Vocês tiveram alguma chance de ver o corpo?

A face de Ayita estava sombria.

— Bodaway conseguiu examinar o corpo no necrotério antes que o enterrassem.

Bodaway “Fazedor de Fogo” Arawan era o médico-chefe dos Shadow Wolves, uma lenda entre as tribos por sua fusão de medicina tradicional com as mais recentes práticas médicas.

— Acho que foi um gatilho eletrônico — disse Arawan, a voz abatida. — Especula-se que tal aparelho esteja sendo usado em testes militares, mas ainda não está disponível comercialmente. Um pulso de estática é transmitido pelo aparelho direto ao coração, onde interfere com o sinal elétrico normal, regular, produzindo os sinais e sintomas de um infarto do miocárdio. Teria passado totalmente despercebido se eu não estivesse procurando por algo fora do comum. Mas ele tinha duas queimaduras minúsculas sob os pelos do peito, que indicavam o uso de algum tipo de aparelho eletrônico.

— Isso também corrobora com outras descobertas que fiz, que incluíam vários hematomas e contusões pelo corpo, indicando que tinha sido subjugado e tido seus movimentos restritos. E temos também marcas de agulha do lado de dentro do cotovelo direito, e amostras sanguíneas fora do comum.

— Fora do comum como? — Adams perguntou, a culpa corroendo-o de forma dolorosa.

— Encontrei traços de barbitúricos de curta ação, mais notavelmente tiopental, um ingrediente ativo do assim chamado soro da verdade, tiopentato de sódio. Isso indica que ele foi sequestrado e interrogado, antes de ser morto com um aparelho eletrônico, desconhecido fora dos círculos militares.

— Então ele foi executado? — perguntou Adams.

— Sem sombra de dúvida — Arawan confirmou.

John Ayita olhou para Adams com olhos duros como aço.

— E eu acho que já está na hora de você nos contar o porquê.

Adams não confirmou com Lynn antes de começar seu relato. Ele sabia que ela iria entender. Outro homem tinha perdido a vida por conta da descoberta de Lynn, e ele devia aos amigos a verdade.

Adams começou do início, com a missão de Lynn na Antártida, e descreveu todas as suas provações, na íntegra. Não incomodava a Adams que os homens com quem compartilhava essa informação trabalhassem para o mesmo governo dos Estados Unidos que poderia estar por trás da situação; os laços tribais sempre seriam mais fortes que a lealdade ao governo.

Quando chegou ao fim do relato, Ayita sacudiu a cabeça lentamente, assombrado.

— Incrível, simplesmente incrível — disse, por fim. — Então Mark agora está morto por causa dessa descoberta?

Adams assentiu com a cabeça, sentindo-se culpado.

— Sim. Ele está morto porque pedi a ajuda dele.

— E agora você vem até nós, pedir a nossa ajuda?

Adams ficou em silêncio. A ideia de que agora podia estar colocando em perigo seus outros amigos nunca lhe ocorrera, e outra

vez sentiu a culpa invadi-lo, quente e violenta. O que tinha feito?

— Por favor me perdoe — balbuciou. — Eu...

Ayita ergueu a mão para que silenciasse.

— Não se preocupe, irmão — disse. — Mark Takanawee foi tirado de nós por um inimigo poderoso, e não vamos descansar até termos nossa vingança.

O coração de Adams aqueceu-se, a esperança brotando dentro dele.

— Mas vocês podem dispor de tempo? — perguntou.

— Acredito que sim — respondeu Ayita, acenando com a cabeça.

— Depois que examinamos o corpo de Mark, o Departamento de Segurança Interna anunciou a dissolução da unidade Shadow Wolves. Temos que debandar e retornar a nossas tribos. Eles nem ofereceram empregos alternativos. Os Wolves não existem mais.

— Você está brincando! — Adams exclamou.

— Infelizmente não. Seria difícil matar-nos a todos, especialmente enquanto trabalhávamos para o governo, e assim fizeram o melhor que podiam, dissolvendo o grupo e mandando-nos de volta para nossas tribos, espalhados pelo país. Não me espantaria se outros de nós sofressem “acidentes” inesperados nos próximos meses.

— Mas quem é essa gente, capaz de acabar com um grupo como os Shadow Wolves? É uma divisão do maldito Departamento de Segurança Interna! — Lynn falou pela primeira vez, e todos na tenda olharam para ela.

Ayita virou-se para um homem sentado do lado oposto da fogueira, olhando através da névoa quente.

— Samuel?

Samuel “Dois Cavalos” Stephenfield era o oficial de inteligência da unidade.

— Já iniciamos uma investigação preliminar, claro — ele começou, e viu o olhar de súbito interesse de Adams e de Lynn. — Já ouviram falar do Grupo Bilderberg?

Lynn respondeu primeiro, esforçando-se por ignorar o calor e a umidade sufocante da fogueira.

— Não é só um punhado de políticos e figuras da mídia que se encontram uma vez por ano para trocarem ideias e números de telefone? Meio que uma rede informal de figurões globais? — Ela limpou o suor da testa, que voltou a brotar daí a instantes. — Acho até que Sam Atkinson foi a um encontro deles alguns anos atrás e...

Ela emudeceu quando compreendeu as implicações. Atkinson era o chefe da NASA, e ele foi a primeira pessoa a quem ela contou sobre o corpo descoberto.

— Talvez você deva nos contar o que sabe — disse Adams a Stephenfield.

O oficial de inteligência acenou com a cabeça e começou.

— Lynn tem razão até certo ponto. O primeiro encontro do grupo ocorreu em maio de 1954, no Hotel Bilderberg, na Holanda. Vem daí o nome do grupo. Supostamente ele aconteceu devido a problemas de cooperação entre a Europa e os Estados Unidos, e deveria tratar de algumas questões realmente importantes. Sentia-se que um novo tipo de encontro era necessário, algo um pouco mais discreto, sem a preocupação com o que jornalistas e assessores políticos relatariam ou comentariam quanto ao que tinha sido dito, sobretudo frente à ameaça crescente da União Soviética.

— Com o fim da Guerra Fria, os encontros continuaram a acontecer. Mesmo sem a ameaça do comunismo, os líderes do Ocidente ainda tinham temas importantes com que se preocuparem: comércio, empregos, política monetária, problemas ecológicos,

investimentos, terrorismo e segurança internacional, para citar apenas alguns.

— Em geral há cerca de 120 participantes, e a lista muda todos os anos. A maioria é da Europa, com o resto dos Estados Unidos, embora outras nações ao redor do mundo estejam cada vez mais representadas. A lista é composta por cerca de um terço de governos e políticos, e dois terços de gente das finanças, indústria, trabalho, educação e comunicações.

— Nesses encontros não são preparadas resoluções, não há votações e não são emitidas declarações políticas. São simplesmente “debates”, onde os maiores e melhores do mundo podem se encontrar longe do brilho dos refletores da mídia.

— E qual a ligação deles com o que está acontecendo aqui? — perguntou Adams.

— A conexão surgiu quando começamos a investigar quem andou pressionando a Segurança Interna para acabar com o nosso grupo. Depois de algumas buscas, descobrimos que a pressão vinha diretamente da Casa Branca, especialmente do gabinete do assessor especial do presidente, Tony Kern. Descobrimos a seguir que Kern é membro do Grupo Bilderberg.

— Membro? — perguntou Lynn. — Mas você acabou de dizer que é uma rede informal, e que um grupo novo de pessoas comparece a cada ano.

— Sim, é verdade — concordou Stephenfield. — Mas também há um comitê diretivo de doze membros semipermanentes, e Kern é um deles.

— Mas com certeza fazer parte de um comitê diretivo de um grupo internacional não é algo incomum para um assessor da Casa Branca, não é? — rebateu Lynn.

— Normalmente isso seria correto, é claro — reconheceu Stephenfield. — Mas o Grupo Bilderberg não é normal de forma alguma. Ele é objeto de muito ceticismo internacional, e abundam teorias da conspiração sobre o que esses líderes globais fazem em seus encontros secretos. Há quem sinta que estão decidindo políticas internacionais de uma forma muito pouco democrática, gente que não foi eleita discutindo assuntos de importância global sem nenhum mecanismo informativo ou de supervisão. Há quem acredite que estão aos poucos tentando impor uma nova ordem mundial, com grandes interesses financeiros por trás de tudo.

— Mas ainda não vejo como isso está ligado ao corpo, ou às pessoas que foram mortas — insistiu Lynn.

— Talvez não esteja ligado — admitiu Stephenfield. — Mas o fato de Kern ser membro desse grupo é a única anomalia que encontramos até agora, e portanto vale a pena investigar. Ainda mais agora que a participação de Samuel Atkinson de um encontro Bilderberg, como chefe da NASA, nos dá uma conexão clara. Sua equipe da NASA encontra um corpo, vocês comunicam a Atkinson, que está ligado ao grupo, e logo o corpo desaparece e todos seus colegas são mortos. Matt vai ajudar você, pede ajuda a um amigo, e então esse amigo é morto, e uma unidade policial que vem operando desde a década de 1970 é desativada sem qualquer motivo, e de novo por alguém ligado ao Grupo Bilderberg.

— Certo, então temos uma conexão possível — disse Adams. — O que mais sabemos sobre eles?

— Nós simplesmente não tivemos tempo de fazer uma checagem completa do grupo — admitiu Stephenfield. — Mas o que encontramos é no mínimo interessante.

— E o que foi? — Adams perguntou.

— Por nossas investigações iniciais, usando vários recursos do governo aos quais por sorte ainda temos acesso não oficial, parece que longe de serem só eventos de debates, os encontros anuais são usados como uma espécie de balcão de recrutamento.

— Recrutamento para quê? — quis saber Lynn.

— Ah, essa é a pergunta de 64 mil dólares, não é? — respondeu Stephenfield. — Relatos de alguns participantes que falaram sobre o evento indicam que, em algum momento do final de semana durante o qual ocorre a conferência, cada delegado tem uma “conversa” informal com o comitê diretivo. Essa conversa ocorre em uma sala privada, e parece que é como uma entrevista. Mas não há sequer menção sobre para quê seria esse recrutamento. E parece que ao longo dos anos uma proporção anormalmente alta de convidados dos encontros acaba tendo “acidentes” infelizes... Desastres de automóvel, paradas cardíacas, escorregar no chuveiro e quebrar o pescoço, e por aí vai.

— E o que vocês acham que está acontecendo? — perguntou Lynn.

— Creio que uma possível explicação seria que às vezes um deles recusa o oferecimento — aventou Adams. — E, agora que a pessoa sabe o que o grupo é, este a silencia para garantir que seu propósito real nunca se torne de conhecimento público.

Ayita acenou devagar com a cabeça.

— Exatamente o que pensamos, Matt. Assim, a questão permanece, para o quê eles estão recrutando? Algo pelo qual estão dispostos a matar, certamente. E, dessa forma, só posso imaginar que existe alguma ligação com nossos problemas.

— Mas como? — perguntou Adams, confuso.

— Continuamos investigando, mas nossos recursos são agora necessariamente limitados. Graças a Kern.

Adams e Lynn se entreolharam, esforçando-se por pensar. Havia alguma coisa? Qualquer coisa que pudessem estar esquecendo?

— O helicóptero — exclamou Lynn de repente, olhando para cima.
— Tentei encontrar alguma informação sobre os voos, mas não consegui ter acesso a nada sobre eles. Na Antártida, havia dois helicópteros militares, creio que Chinooks. Tinham números de série no suporte do rotor de cauda. — Ela pensou por um instante, e então recitou os números, feliz por sua mente científica e sua memória para detalhes ainda estarem funcionando.

— Podiam ser identificações falsas, mas como eles planejavam que todos a bordo de seu helicóptero morressem, é possível que fossem genuínas. Vamos averiguar isso.

Adams olhou para Stephenfield, e então para todos os seus colegas, novos e velhos, até que seus olhos pousaram em John Ayita.

— Obrigado — disse, com profunda sinceridade.

Ayita acenou com a mão.

— É nosso dever vingar a morte do irmão Takanawee — disse, com gravidade. — E se isso envolve um corpo de 40 mil anos e a sociedade secreta mais poderosa do mundo, então essa é uma aventura que nenhum de nós recusaria.

3

Santa Rosa é um pequeno distrito em Pima, Arizona. Menos de 450 pessoas vivem ali, em uma área de cerca de 15 quilômetros quadrados, com mais de 50 por cento da população vivendo abaixo da linha de pobreza. Está situada bem no meio do território Tohono O'odham, e portanto era segura. Gente de fora não era bem-vinda, e era muito fácil de detectar.

O minúsculo casebre de madeira que Adams e Lynn estavam usando era uma das poucas unidades desocupadas no local, e Ayita havia providenciado para que ficassem ali durante algum tempo. Receberam uma picape para o caso de precisarem ir a Phoenix pegar os resultados do laboratório, ou se por acaso precisassem partir às pressas por qualquer razão, e foram informados que Stephenfield viria visitá-los em 24 horas, com novidades acerca da investigação. Como não podiam mais confiar em telefones e outras formas de comunicação eletrônica, ficou decidido que encontros em pessoa eram a única solução.

Enquanto Adams olhava pela janela imunda da sala, por trás das persianas fechadas, sentiu que as lembranças retornavam. Ele havia passado muitos dias em Santa Rosa, conhecida como *Kaij Mek* pelos O'odham, durante os anos em que trabalhara para os Shadow Wolves, seguindo pistas, falando com os moradores do local e

seguindo rastros ao redor da principal rodovia da área, a Rota Indígena 29.

Tinha sido ali perto, bem ao lado da Rota 15, que ele havia descoberto o caminhão tantos anos antes. E os corpos.

Ele se virou depressa e se dirigiu para a cozinha, e viu Lynn deitada no sofá, dormindo. Ela vinha reclamando de enjoo, e Adams a fez deitar-se ali, onde ela apagou na mesma hora.

Mesmo adormecida, ele admirou a beleza dela, a linha firme mas suave de sua face, as sobrancelhas arqueadas, a forma como o cabelo lhe caía na testa, os braços apertados ao redor do corpo e os joelhos erguidos até o queixo.

Ele cruzou a sala, pegou sua jaqueta de uma poltrona e cobriu Lynn com ela. Inclinou-se mais e a beijou no rosto, com suavidade.

Perguntou-se o que ela sentiria por ele. Sabia que o que acontecera no Peru fora provavelmente resultado de uma profunda necessidade emocional, que requeria algum tipo de alívio frenético depois da fuga através do Chile e a subsequente queda do helicóptero. Mas para ele tinha sido mais do que isso, algo que ele desejava em um nível muito mais fundamental que acontecesse, e torcia para que Lynn se sentisse da mesma forma.

Eles de fato não tinham tido uma chance de parar e conversar sobre o assunto desde então, com tudo acontecendo tão rápido, mas quando ele baixava os olhos para olhá-la, o coração falhando uma batida e seu estômago se contraindo, ele sabia uma coisa. Ele a amava.

Deitou-se ao lado dela, aninhando-a entre seus braços, acomodando a cabeça de encontro à dela. Fechou os olhos, saboreando o aroma dos seus cabelos, feliz pela primeira vez em muitos anos.

E então, abençoadamente, ele deslizou para um sono profundo. Pela primeira vez em muito tempo, um sono *de verdade*.

* * *

Doze horas depois, Adams sentiu a presença do homem que estava prestes a bater na porta. Já estava parado junto a ela. O som dos passos vindo pelo caminho o despertara de seu sono, e ele havia pulado do sofá, revitalizado e repleto de nova vida, graças ao prolongado e muito necessário descanso.

Pelo ritmo do caminhar, inferiu que era Stephenfield, embora lhe parecesse que o chefe de inteligência havia alterado o comprimento das passadas, talvez para testar sua percepção.

— Entre, Sam — disse, abrindo a porta antes que a batida soasse. Stephenfield ergueu o olhar e sorriu.

— Então você não caiu, não é?

— Você quase me pegou — brincou Adams enquanto deixava entrar o velho amigo. — Mas acho que só tem que se esforçar um pouco mais da próxima vez.

— Bom, você sempre foi o melhor — admitiu o outro enquanto entrava na sala. Viu Lynn sentada no sofá, descansada depois do longo sono, e saudou-a com um aceno de cabeça. — Olá, Lynn.

— Olá, Sam. Não tenho certeza do que temos na cozinha, mas posso servir-lhe alguma coisa?

— Não, obrigado — respondeu ele, sacudindo a cabeça. — Acho que vocês vão querer ouvir isso agora mesmo. Temos algumas novidades.

Adams foi se sentar ao lado de Lynn no sofá e eles entrelaçaram as mãos, sem nem mesmo pensar. Stephenfield sentou-se na poltrona de frente para eles.

— Certo, em primeiro lugar — começou — checamos na DNA Analytics, e ainda não têm nenhum resultado.

— É, devem demorar pelo menos mais um ou dois dias, calculamos — disse Adams. — Mas, com sorte, o dinheiro vai acelerar um pouco as coisas.

— E o helicóptero? — perguntou Lynn, ansiosa.

— Bom, parece que estávamos certos sobre o Grupo Bilderberg. Pesquisamos os números que você nos deu e rastreamos os helicópteros, através de atalhos e caminhos tortuosos, até a pessoa que os alugou.

Stephenfield notou a ansiedade nos rostos de Lynn e Adams.

— Wesley Jones — disse, e viu a expressão deles mudar para confusão, percebendo que nunca deviam ter ouvido falar do homem. E por que deveriam? — Tem 56 anos de idade, é ex-integrante da Agência de Inteligência da Defesa, patente de coronel. Agora assistente particular de Stephen Jacobs.

Adams e Lynn tinham recebido dossiês sobre o que Stephenfield já havia descoberto sobre o Grupo Bilderberg, e souberam de imediato quem Stephen Jacobs era.

— O presidente do grupo? — Adams quis confirmar.

— Ele mesmo. Deixem-me ser bem explícito — prosseguiu Stephenfield. — O assistente do presidente do Grupo Bilderberg é a pessoa que alugou os helicópteros que levaram o grupo de engenheiros para a Antártida, e que partiram com o corpo. Agora temos uma conexão clara e definitiva entre o grupo e o que está acontecendo com vocês dois.

— Ok — disse Adams, em um tom controlado. — O que mais sabemos?

— John quer falar com vocês pessoalmente sobre isso — respondeu Stephenfield, levantando-se da cadeira. — Então, vamos lá.

O Centro de Negócios Hi Kdan é parte da Autoridade de Desenvolvimento de San Xavier, situada em Tucson, a pouca distância da rodovia Nogales. Situado dentro do território Tohono O'odham, era considerado como um porto seguro por John Ayita, que alugava uma das pequenas unidades industriais a longo prazo.

A situação com Matt Adams e sua ex-mulher o perturbava muito. Não apenas um de seus velhos companheiros estava morto, mas toda a unidade deles havia sido extinta por um inimigo que parecia tremendamente poderoso. E quanto ao corpo que Lynn e sua equipe — agora todos mortos — tinham encontrado na Antártida? Qual era a história por trás daquilo? O que Ayita tinha descoberto recentemente com certeza sugeria que aquele corpo podia ser realmente muito especial, e era por isso que estava atraindo uma atenção tão especial. Mas era o local onde pousara o helicóptero remanescente, aquele que levava o corpo, o que mais preocupava Ayita. Aquilo significava que os poderes reunidos contra eles, e que seriam forçados a confrontar, eram maiores do que tinham imaginado a princípio.

Eles teriam que entrar na toca do lobo, e ele não podia deixar de se perguntar se Adams ainda tinha o espírito de luta dentro de si.

4

O sol estava começando a se pôr, uma imensa bola de fogo vermelha descendo devagar por trás das montanhas Tucson, bem ao longe no oeste, quando o maltratado Ford sedã de Stephenfield entrou no condomínio industrial.

Uma grande porta estava aberta na lateral da unidade de Ayita, e Stephenfield conduziu o carro devagar através dela, estacionando o veículo dentro do próprio edifício, a salvo de olhos curiosos. Ele saiu do carro, seguido de perto por Adams e Lynn.

O interior da edificação parecia ser um pequeno depósito de armazenagem, e até continha material estocado, embora Adams não fizesse ideia do que podia ser. Havia engradados sobre *pallets* ao longo das paredes de cada espaço disponível e uma escada vazada levava a uma passarela no segundo andar e um escritório com frente de vidro, que dava vista para o resto do armazém. Quando olhou para cima, Adams viu Ayita na grande janela, gesticulando para que subissem.

— Muito bem, Sam já deve ter-lhes contado sobre a conexão com Jacobs, não? — disse Ayita quando todos já estavam sentados em cadeiras de metal dobráveis, em seu escritório espartano. Ele esperou que confirmassem antes de continuar, andando pelo escritório como um grande gato. — Certo, então agora vou lhes

contar onde o helicóptero aterrissou com o corpo. Rastreamos a rota até o Aeroporto Internacional McCarran, em Las Vegas. Especificamente, até o Terminal Janet.

— O Terminal Janet? — repetiu Adams, as implicações atingindo-o como uma marreta.

Ayita apenas concordou com a cabeça.

— Muito bem, alguém poderia me dizer o que tem de tão especial sobre o Terminal Janet? — disse Lynn, sabendo que havia algo que ela não tinha captado.

— Você quer lhe contar, Matt? — perguntou Ayita.

Adams assentiu lentamente com a cabeça, virando-se para Lynn.

— Quando eu vinha trabalhar aqui, às vezes chegávamos até Nevada. Conversávamos com as tribos locais ao redor da área, e eles sabem exatamente tudo que acontece por lá. Sempre houve muitos rumores sobre o Terminal Janet no Aeroporto McCarran, mas os caras que conhecíamos nos mantinham informados. Nós checávamos e era tudo verdade.

— *O que* era verdade? — Lynn perguntou.

Adams e Ayita se entreolharam, até que por fim Adams falou.

— Os assim chamados “voos Janet” que saem de McCarran em geral vão para um lugar, e só para lá. As instalações da Força Aérea dos Estados Unidos em Groom Lake. Mais conhecida no mundo todo como Área 51.

— Área 51? — Lynn perguntou, incrédula. — Você tem certeza?

Adams acenou com a cabeça, percebendo que não teria que explicar a Lynn o que era a Área 51.

A base recebe esse nome por ter sido indicada, nos mapas das décadas de 1950 e 1960, como “área 51” do Campo de Teste e Treinamento de Nevada, uma instalação militar realmente colossal,

de quase 12 mil quilômetros quadrados — maior do que alguns países.

A própria existência da área foi negada durante décadas pelo governo dos Estados Unidos, que afirmava não existir tal instalação, mas na realidade o conhecimento da existência da base — embora não do que ocorre lá dentro atualmente — é generalizado.

A base é uma instalação militar ultrassecreta de teste e desenvolvimento, atualmente administrada pelo 3º Destacamento do Centro de Testes de Voo da Força Aérea dos Estados Unidos, mas fundada em 1955 pela Lockheed e pela CIA para testar o recém-inventado avião-espião U2. A base tem sido constantemente ampliada desde então, e tem sido responsável por muitos outros projetos “negros”, incluindo o “Blackbird” A-12, o “Caça *Stealth*” F-117 e o “Bombardeiro *Stealth*” B-2. Também desempenhou um papel crucial no desenvolvimento dos últimos avanços para os campos de batalha, como aeronaves não tripuladas de reconhecimento e combate.

Mais notoriamente, a Área 51 é mais conhecida como sendo o repositório de suposta tecnologia alienígena de OVNI, que muita gente acredita estar escondida nas instalações de Groom Lake. Dizem que está sendo estudada por engenharia reversa, e que é a única forma de explicar a permanente posição dos Estados Unidos na vanguarda da tecnologia militar.

Uma das crenças primárias de tais teóricos da conspiração é que a Força Aérea e a CIA se apossaram de um OVNI que supostamente teria feito um pouso forçado em Roswell, Novo México, em 1947. Eles acreditam que a nave foi guardada, junto com seus pilotos alienígenas, na Base Aérea de Edwards enquanto a Área 51 era construída, e então foi despachada para estudo nas novas

instalações. Muita gente afirma que o único propósito da base é a análise, engenharia reversa e uso da tecnologia alienígena.

Sem qualquer prova, porém, os rumores sobre a base permanecem apenas isso — rumores. E embora Adams e Lynn soubessem que era esse o caso, a coincidência parecia simplesmente grande demais, e a troca de olhares que compartilharam dizia que ambos estavam pensando ao longo das mesmas linhas.

— Então o corpo que encontramos está hoje no único lugar do mundo que se suspeita estar utilizando ou ter acesso a tecnologia alienígena? — disse Lynn, pelos dois.

Stephenfield assentiu com a cabeça.

— Dá o que pensar, não é?

Adams olhou para ele.

— Podemos ir até a base?

— Já consideramos a opção, mas não parece viável. Podíamos tentar entrar a bordo de um dos voos Janet e ser entregues diretamente na base, mas a chance de sermos descobertos é muito grande, especialmente no que se refere a sair da aeronave depois do pouso.

— O único outro modo seria acessar a base a pé. Ela não está protegida da forma tradicional, pois é grande demais para ser totalmente cercada. Mas há patrulhas armadas, os chamados *camo dudes*, devido a seus uniformes camuflados. Eles na verdade são parte de uma empresa particular de segurança, e estão autorizados a usar força letal em qualquer um doido o suficiente para invadir a propriedade. E toda a área está repleta de sensores de calor corporal, e seria muito difícil deslocar-se sem ser detectado.

— E mesmo que um de nós conseguisse penetrar a segurança e entrar na base, não fazemos ideia da planta interna do lugar. Alguns *sites* da Internet publicaram fotos de satélite da disposição geral das construções, e outros tiraram fotos com teleobjetivas de montanhas próximas, mas o que há lá *dentro* é simplesmente desconhecido. Quero dizer, há uma razão pela qual é a instalação militar mais secreta do mundo. Assim, tudo que temos em que nos basear são rumores. Um desses rumores é de que a base teria até dez níveis *abaixo* do solo. Se existe apenas uma possibilidade de que isso seja verdade, por onde começaríamos? Encontrar qualquer coisa em um lugar tão enorme seria praticamente impossível. Outro rumor é de que há sete hangares, com portas camufladas escondidas na encosta de uma montanha em Papoose Lake, 15 quilômetros ao sul da Área 51. Assim, as chances de encontrar alguma coisa útil, mesmo que consigamos entrar lá, estariam próximas de zero, e as chances de sermos pegos, presos e provavelmente mortos seriam altíssimas.

Adams concordou.

— O que mais podemos fazer? — perguntou Lynn.

— Stephen Jacobs — respondeu Adams, lendo os pensamentos de Ayita. — Vocês o investigaram?

Ayita fez que sim.

— Investigamos. Sam?

— Ele mora em uma mansão colonial perto de Washington — explicou Stephenfield. — Na beira do Potomac, vizinho ao Parque Estadual Mason Neck, perto de Colchester, cerca de 30 quilômetros a sudoeste da cidade. Vocês leram o dossiê sobre ele?

Adams e Lynn responderam que sim. No tempo limitado de que Stephenfield e seus contatos dispuseram, ele tinha não apenas

escrito um documento explicativo sobre o Grupo Bilderberg mas também adicionado detalhes biográficos sobre o comitê diretivo da organização.

— Então vocês sabem que ele é um figurão em Washington, e obviamente tem ainda muita influência na cidade. Não dá para encontrar muita coisa sobre ele antes da idade de 30 anos, mas desde então parece ter disparado como um foguete através dos cargos da inteligência tanto militar quanto civil. Ele gosta de estar onde a ação está, e embora esteja aposentado, manteve-se perto da capital. Faz sentido. Como presidente do Grupo Bilderberg, ele quer estar antenado em tudo.

— E sabemos algo sobre a casa dele? — perguntou Adams.

Stephenfield sorriu.

— Quase tudo. Conseguimos das autoridades civis as plantas originais da construção, bem como os diagramas internos que incluem as várias adições de segurança, e checamos com as empresas de segurança que as instalaram e conseguimos mais detalhes. O local não é uma instalação militar, e assim também temos as últimas imagens de satélite do lugar, em alta definição.

Stephenfield tirou um calhamaço de papéis, plantas, mapas e fotografias, espalhando tudo sobre uma velha mesa de jogo colocada no meio do escritório.

Ele apontou primeiro para uma das fotos de satélite, que mostrava a casa de Jacobs e todo o terreno.

— Aqui está a casa — disse, apontando uma enorme mansão de duas alas. — Está perto de um penhasco que desce 60 metros até o rio Potomac, separada dele por um gramado com cerca de 30 metros de comprimento. Do outro lado da mansão, o caminho de acesso tem cerca de um quilômetro e meio desde o portão, na

estrada, até a porta de entrada. E essas florestas que a estrada atravessa e que se espalham por cerca de um quilômetro e meio de cada lado são todas de propriedade dele, dando-lhe cerca de cinco quilômetros quadrados de terra ou cerca de 485 hectares.

— Isso é muita coisa, assim tão perto da capital — observou Lynn.

— Você viu o quanto ele vale — comentou Adams. — Quanto era, dois bilhões de dólares? Ele pode se dar ao luxo.

Stephenfield assentiu com a cabeça.

— Sim, e essa é uma estimativa conservadora.

Adams olhou para Stephenfield e Ayita.

— Então qual é o plano?

Ayita foi direto.

— Nossos recursos são limitados, obviamente. Somos doze — ele disse, referindo-se à unidade de ex-Shadow Wolves. — E também estamos usando outros colegas das tribos. Alguns dos nossos já estão rastreando Tony Kern, e colocamos dois homens em posição perto da casa de Jacobs. São membros da tribo Mattaponi, de Virginia, irmãos de Grande Espírito.

Thomas “Grande Espírito” Najana era relativamente novo na equipe, mas Adams confiava no julgamento de Ayita, e não via problema em terceirizar as funções para a família do homem. Os laços de sangue eram a forma mais poderosa de garantia.

— Também estamos enviando outros membros da equipe para colocar sob vigilância o outro norte-americano do comitê, Harold Weissmuller — prosseguiu Ayita. — Ele está em São Francisco, mas devemos tê-lo ao nascer do sol.

Weissmuller era outro bilionário, um homem de negócios que tinha feito fortuna com o petróleo, mas que então havia se ramificado por

todo e qualquer campo que pudesse, desde venda de armas até órgãos da mídia.

— E os outros? — perguntou Adams.

— Os outros membros estão além do nosso alcance por ora — admitiu Stephenfield. — Eles estão por todo o mundo, e é difícil para nós termos acesso a eles. Mas estamos tentando conseguir algum tipo de vigilância eletrônica remota. Logo, devemos ter uma boa ideia de quais são os planos deles.

Adams olhou diretamente para Ayita.

— Quero me encontrar com Thomas em Washington.

Lynn olhou primeiro para Adams e depois de novo para Ayita.

— Eu também — disse, sabendo que seu ex-marido não ficaria nada feliz com a sugestão.

— Não estou certo de que seja uma boa ideia — Adams interveio de imediato. — Você não está acostumada a operações de vigilância, e alguém precisa ficar aqui e esperar pelos resultados do laboratório, e...

Lynn ergueu a mão para silenciá-lo.

— Stephen Jacobs enviou os homens que mataram oito de meus amigos. Eu quero estar lá.

Adams estava a ponto de continuar protestando quando o próprio Ayita ergueu a mão.

— Thomas já está esperando — disse, virando-se para Lynn e sorrindo. — Vocês *dois*.

Adams olhou para cima e revirou os olhos, ignorando ostensivamente o sorriso triunfante de Lynn.

5

A ampla mesa de mogno estava forrada de papéis, e Stephen Jacobs sentava-se por trás dela com uma grande taça de conhaque. Havia 23 nomes em sua lista, e ele tinha que decidir por um deles em breve.

Normalmente tais seleções eram feitas nos encontros anuais do Grupo Bilderberg, e inclusive até a noite anterior eles tinham completos seus quadros, com cem pessoas, como estabelecido tantos anos antes. Mas na noite anterior um dos “Cem de Bilderberg” tinha sido atropelado por um carro, com morte instantânea, o que deixou um pequeno vazio que precisava ser preenchido.

Ele esperava que, quando feita, a proposta fosse aceita. Nove em cada dez vezes isso acontecia; as pessoas abordadas tinham sido selecionadas com cuidado, e sua aceitação era praticamente garantida. A promessa de quase imortalidade e de um poder jamais sonhado era o tipo de coisa que não estava na natureza de tais pessoas recusar.

Mas ao longo dos anos, alguns tinham recusado, e tinham demonstrado, diante dos verdadeiros planos do grupo, o que apenas podia ser chamado de *horror*, como se o sacrifício da vida humana

fosse algo abominável. No todo era, claro, um horror, mas no caso de algo tão incrível, tal sacrifício não era nada.

Permanecia o fato, porém, de que uma ou outra pessoa recusava, e posteriormente tinha que ser eliminada por Eldridge e sua Brigada Alfa. Não que Jacobs lamentasse que tais pessoas fossem mortas; mas quando um candidato selecionado recusava o convite, tinham de perder tempo selecionando outro em seu lugar. E com o aparelho prestes a ficar pronto, tempo era algo que estava se tornando escasso depressa.

Jacobs imaginava que não seria o fim do mundo se não tivessem cem pessoas; afinal de contas, isso dificilmente afetaria a *e/e*. Mas fazia parte de sua natureza negociar e barganhar, e quando estivera nos estágios iniciais da negociação com o grupo — que se referiam a si mesmos como os *Anunnaki* —, tinham-lhe oferecido a sobrevivência somente do comitê diretivo.

Jacobs baixou o dossiê que estava lendo e riu sozinho. A primeira oferta havia sido a sobrevivência básica, e para apenas doze pessoas. Depois de finda a negociação, Jacobs havia obtido a sobrevivência de cem pessoas e a concessão de *status* e poder iguais aos dos próprios Anunnaki.

Ele exigira as pessoas extras não apenas para deixar claro aos Anunnaki que eles não poderiam impor-lhe condições, mas também porque, quanto mais gente de ideias semelhantes ele tivesse por trás de si, mais segura seria sua própria posição. Não que ele não confiasse em seus parceiros, embora fosse certo que sua confiança não era total. Mas suas longas décadas de experiência prática lhe haviam ensinado que, quanto mais gente você tiver de seu lado, melhor. Se os Anunnaki quisessem tentar algo, ele preferia ter 99 pessoas capazes do que onze.

A coisa toda era uma aposta, claro; os Anunnaki podiam muito bem ignorar toda a negociação, e ele e toda sua gente bem que podiam acabar mortos junto com o resto da população mundial. Mas se não tivesse dito sim tantos anos atrás, alguém mais o teria feito, e no fim ele seria morto, de qualquer modo. Pelo menos dessa forma, à frente da missão, havia a possibilidade muito real de uma grande recompensa, e de fato não poderia haver recompensa maior do que aquela que por fim havia sido negociada.

Jacobs tomou um gole do conhaque e pegou de novo o dossiê de cima da mesa, quando a voz surgiu em sua cabeça, nítida como sempre.

Ele olhou através do aposento para a caixa de metal junto à porta, uma das máquinas construídas na Área 51 seguindo as especificações dos Anunnaki.

— Como estão os preparativos? — ele ouviu a “voz” dizer em sua cabeça, e ficou pensando sobre ela, como sempre. Não era uma voz no sentido normal de timbre, tom e inflexão; em vez disso, as palavras apareciam direto em seu cérebro, inteiramente formadas, quase como seus próprios pensamentos.

— Bem — respondeu em voz alta. — O aparelho está quase completo.

— Quando podemos esperar que esteja operacional?

— Uma semana a partir de hoje — Jacobs disse, com segurança.
— E então iremos nos encontrar da forma devida, pela primeira vez.

A viagem a Washington DC levou menos tempo do que o esperado. Adams imaginara que iriam ter que ir por estradas em vez de voar, devido à necessidade de evitar a segurança de aeroportos ou de qualquer outro tipo. Teria demorado cerca de dois dias, porém, e ele

ficou aliviado ao descobrir que Ayita tinha seu próprio helicóptero, mantido nos fundos de seu armazém. Lynn, porém, estava menos entusiasmada por embarcar em outro helicóptero. Adams havia visto o medo nos olhos dela, mas a determinação logo sobrepujou o receio, e o tempo que economizariam valeria muito a pena ter que voar de novo. Ao menos este helicóptero não seria roubado, nem voaria por controle remoto.

O próprio Ayita pilotou o helicóptero, parando para abastecer apenas uma vez, em uma amigável pista de pouso na nação Choctaw, em Oklahoma. Por fim pousou fora de Fredericksville, longe do espaço aéreo de Washington. Lá, um sedã Toyota esperava por eles, e Adam e Lynn embarcaram rapidamente no carro, enquanto Ayita reabastecia mais uma vez e fazia os preparativos para voltar à base, para monitorar as atividades de todos a partir de um ponto central.

Uma hora depois, o casal havia chegado ao *shopping center* Potomac Plaza, em Woodbridge, onde um dos três irmãos de Najana os esperava. Deixaram o sedan no estacionamento e juntaram-se a Ben Najana em seu grande SUV.

Depois das apresentações, Adams foi direto ao ponto, antes mesmo que o veículo 4x4 chegasse à avenida principal.

— Então, o que descobriram até agora? — perguntou.

— A segurança é boa, cara — respondeu Ben, muito sério. — Melhor que os diagramas que tínhamos. Fizemos um reconhecimento rápido, mas não quisemos ir muito longe. As florestas se conectam com o Parque Estadual Mason Neck e parecem ter algum tipo de sensores de calor corporal suspensos entre as árvores. O acesso pelo penhasco parece impossível devido à arrebentação nas rochas da base. Não daria nem para chegar perto

da base do penhasco, mesmo que não houvesse vigilância, e há. O caminho de acesso é patrulhado por seguranças e cães da mesma forma que o gramado que vai até o penhasco.

— Algo mais? — perguntou Adams.

— Os seguranças são bons. Estimamos haver cerca de uma dúzia deles, mais um par de guarda-costas pessoais. Todos excelentes profissionais, do tipo que você nunca vai encontrar dormindo em serviço.

— Os cães, de que tipo são?

— Dobermanns, bem treinados. Há quatro equipes caninas, um segurança com dois cães em cada uma. Percorrem rotas alternadas, alternando equipes tanto para o caminho quanto para o gramado.

— Certo. Onde é a base de vocês agora?

— Estamos acampando no parque. Tentamos nos aproximar da cerca da propriedade dele algumas vezes durante a noite, mas é jogo duro passar por ela.

Adams assentiu com a cabeça.

— Ok, vamos para o acampamento ver se conseguimos bolar um plano.

6

Ao anoitecer, o plano já havia sido traçado e ensaiado, e todos estavam prontos.

Lynn olhou para Adams, seus olhos exibindo todo tipo de emoção — medo, preocupação, fé, amor — e Adams desejou que ela confiasse nele. Ele estava indo sozinho, e sabia que seria mais seguro daquele jeito. A verdade é que ele era o melhor que havia para desempenhar aquele tipo de missão. Era o melhor antes mesmo de ele se juntar aos Shadow Wolves, e era agora de novo, tendo finalmente recuperado por completo todos seus sentidos.

Não havia necessidade de palavras, apenas a troca de olhares entre duas pessoas que haviam passado juntas por tanta coisa, e percebiam que ainda queriam passar por mais. Uma lágrima escorreu pela face de Lynn, e então Adams girou nos calcanhares e se foi, através da linha das árvores, penetrando nas densas florestas do parque Mason Neck.

A propriedade de Jacobs era cercada por um muro de pedra de dois metros e meio de altura com lâminas e arame farpado, e câmeras de segurança colocadas ao longo de seu comprimento, a cada seis metros. Enquanto olhava para ele, Adams considerou que talvez os penhascos não tivessem sido uma má escolha.

Era uma noite nublada, e a princípio a escuridão na floresta parecia total. Adams poderia ter usado óculos de visão noturna — Ayita com certeza poderia tê-los conseguido — mas nunca gostara deles, pois cortavam a visão periférica, deixando a pessoa vulnerável pelos lados. Ele preferia confiar nas habilidades que a natureza lhe dera, e tinha passado a primeira meia hora na floresta agachado no chão frio, deixando os olhos se acostumarem com a escuridão.

O fato era que não existia na verdade escuridão total; essa era só a impressão antes que você deixasse os olhos se ajustarem. Mesmo com as nuvens cobrindo qualquer fonte de luz natural disponível, como a lua e as estrelas, as fontes de luz criadas pelo homem estavam sempre presentes, sobretudo tão perto de uma cidade grande como Washington DC. Mesmo estando em um parque estadual, rodeado por árvores imensas em uma área onde muita gente se sentiria no meio do nada, a verdade era que a capital do país estava a 30 quilômetros de distância, e o próprio Mason Creek estava separado de várias grandes cidades apenas por um corpo d'água relativamente pequeno. O resultado era que, dando o tempo necessário para os olhos se ajustarem, havia luz suficiente para ver claramente sem qualquer aparelho tecnológico. Só era preciso ser paciente, qualidade que Adams possuía.

Ele também sabia *como* ver coisas no escuro, olhando exatamente pelo ângulo certo qualquer objeto que precisasse ver, nunca direto para ele, para maximizar o efeito da luz disponível na retina. Era uma das técnicas que havia aprendido muito tempo atrás, nas planícies das Badlands.

O recobrimento que aplicara a todo seu corpo era outra delas. Algumas das criaturas da noite nas Badlands, incluindo a mortífera cascavel-da-pradaria, faziam uso de uma espécie de visão sensível

ao calor, e ele e seus amigos costumavam cobrir o corpo com lama fria durante as caçadas noturnas, para evitar acidentes infelizes com tais predadores. Ele havia feito isso agora, cada milímetro de seu corpo coberto com lama fria, tirada das poças nos fundos do acampamento. Aquilo não necessariamente enganaria os sensores de calor do corpo que se supunha estarem localizados por toda a propriedade, mas era um bom reforço a seu plano principal, e com uma segurança daquelas, qualquer ajudinha era bem-vinda.

Os olhos agora totalmente ajustados às condições, ele estudou o muro, o arame farpado, as câmeras e as árvores ao redor. Era como Najana havia descrito: as árvores do parque chegavam até junto do muro, enquanto a borda da mata do lado particular tinha sido recuada três metros, por medida de segurança. Ele tinha certeza de que Jacobs teria querido que o lado do parque fosse cortado também, mas Adams gostou de ver que a influência do homem não era suficiente para cortar vários acres de mata em um parque estadual. Adams imaginou que os protestos públicos teriam pesado mais do que os efeitos positivos em termos de segurança. O mecanismo primário de segurança de Jacobs provavelmente era que ninguém sabia onde ele estava, e um escândalo público destruiria aquilo num instante.

Os responsáveis pela segurança na propriedade de Jacobs deviam ter ficado preocupados com a possibilidade de alguém simplesmente cruzar de árvore em árvore, passando por cima do muro, e talvez por isso tenham cortado a vegetação até uma certa distância do lado deles. Isso não deteria Adams, porém, e ele examinou as árvores com atenção caminhando ao longo do muro, com cuidado para ficar fora do alcance das câmeras, até chegar a uma que lhe

pareceu ideal. Um grande carvalho, os ramos grossos chegando a 25 centímetros da propriedade, 1,20 metro acima do muro.

Sem perder tempo, Adams subiu por ele, escalando o tronco grosso em segundos e rastejando ao longo do galho escolhido até estar suspenso a centímetros de distância do muro. As pernas rodeando com firmeza o galho, deitado de comprido por cima dele, olhou para além do arame farpado para ter a primeira visão de fato da propriedade do outro lado.

Como suspeitava, tanto câmeras de segurança quanto sensores de calor corporal estavam espalhados ao longo do espaço aberto entre o muro e a linha das árvores, prontos para pegar qualquer tolo que saltasse a partir do parque estadual. Mas os sensores estavam planejados para detectar quem aterrissasse no solo, e essa não era de forma alguma a intenção de Adams.

Os três metros entre as árvores eram uma distância grande demais para saltar, ao menos em uma linha reta, mas de uma certa altura, pulando para *baixo*, Adams sabia que seria capaz de cobrir mais de três metros.

Assim, retrocedeu de volta ao grande tronco e continuou subindo — seis metros, nove metros, até estar doze metros acima do solo, os ramos mais finos agora, sua posição precária enquanto ele manobrava para fora, rumo à ponta da plataforma que escolhera.

Ele olhou para baixo, para as árvores do outro lado, que pareciam tão distantes, procurando por um ponto de aterrissagem. Ele sabia qual árvore queria, agora era só uma questão de decidir o ponto naquela árvore.

Tendo escolhido o lugar, ele se agachou no ramo, encolheu o corpo como uma mola, e então soltou a si mesmo, lançando-se através do vazio como um gato do mato.

Seu corpo estendido passou bem acima do arame no alto do muro e ele sentiu-se despencando rumo ao solo numa velocidade alarmante. Mas a árvore também estava chegando mais perto, mais, *mais...*

Adams caiu nove metros enquanto percorreu três por cima da clareira, e então chegou à árvore do outro lado, as mãos estendendo-se frenéticas, agarrando galhos, ramos, o que pudessem, e ele se segurou pela perna a um galho grosso, a queda interrompida. Então ficou balançando, as mãos agarrando outros ramos, até conseguir se segurar com firmeza, pendendo de cabeça para baixo entre dois galhos, ainda três metros acima do solo, mas agora três metros para dentro da propriedade de Jacobs.

Enquanto estava lá balançando, olhando para trás através da clareira monitorada, ele se permitiu um breve sorriso. Tinha conseguido.

Se estivesse correndo em uma pista, teria levado mais ou menos dois minutos para cobrir os 800 metros entre o muro e a casa de Jacobs. Com o método de locomoção que escolhera, porém, levaria muito mais.

Pela mesma lógica que empregava ao entrar na propriedade, que as câmeras e monitores de calor corporal eram usados no nível do solo, pois era onde a segurança esperaria que uma ameaça se movesse, Adams decidiu que o melhor caminho para chegar à casa sem ser detectado seria usando as árvores. E assim, devagar, com cuidado e às vezes de *forma dolorosa*, usou suas habilidades superiores para se manter no alto das árvores, percorrendo seu caminho pelo alto das copas.

Teve o cuidado em manter a respiração, os batimentos cardíacos e os movimentos físicos o mais lentos e tranquilos quanto possível, não querendo perturbar os animais que usavam as árvores para dormir. Sabia que um bando de aves fugindo em massa a essa hora da noite seria tão eficiente quanto um alarme para atrair os guardas. E assim, o que poderia ter levado dois ou três minutos estendeu-se por mais de três horas, enquanto ele percorria cada árvore galho a galho, às vezes passando com facilidade de uma a outra, ocasionalmente tendo que saltar, e em certas ocasiões tendo de circundar pequenas clareiras, o que tornava ainda mais demorada sua jornada.

Duas vezes, patrulhas de cães passaram por entre a floresta, embora não diretamente sob ele; Adams ouvia-os a distância, estimava sua rota provável e ficava quieto no alto das árvores até que passassem. O revestimento de lama também reduzia seus odores naturais, não dando nenhum motivo de alerta para os sentidos acurados dos cães.

Foi um processo longo e arrastado, mas quando por fim se aproximou da borda da mata do lado da casa — as luzes da ala leste brilhando por entre a ramagem — tinha certeza de ter passado completamente despercebido.

Havia considerado a ideia de que os irmãos Najana criassem algum tipo de distração para chamar a atenção das forças de segurança para outra parte da propriedade, mas no fim a desconsiderou. Seria melhor que as forças de segurança não fossem alertadas de forma alguma, concluiu.

Ele demorou ainda mais tempo para manobrar e mover-se pelas últimas árvores, sabendo que as luzes da casa agora poderiam iluminá-lo. Tinha um instinto natural, calibrado por anos de prática,

que lhe permitia permanecer nas áreas mais escuras, entendendo como seria a aparência das árvores para qualquer um que estivesse olhando direto para elas. Agora tinha conseguido chegar a um excelente ponto de observação, oculto pelas copas das árvores numa linha de mirada direta com a ala leste da mansão.

Os irmãos haviam lhe oferecido um pequeno microfone parabólico dobrável, com o qual ele teria conseguido, do ponto onde estava, ouvir as vozes dentro da casa. Mas ele se preocupara com a carga elétrica que o aparelho liberaria, sabendo muito bem da capacidade de contravigilância eletrônica do grupo de segurança. Assim, decidira ir sem nenhum equipamento eletrônico ou tecnológico. Não que não confiasse em tais equipamentos, ou que os achasse inúteis; ao contrário, enquanto esteve nos Shadow Wolves, havia usado muitos desses dispositivos, e muitas vezes os considerara indispensáveis. Naquela situação em particular, porém, decidiu que depender de seus recursos naturais seria a melhor opção. O que significava que teria que chegar mais perto.

Ele havia memorizado a planta da casa — as salas de estar, as cozinhas, sala de jantar, escritório e biblioteca, os banheiros e quartos — e sabia que estava olhando direto para o quarto de hóspedes do primeiro andar, com a cozinha no andar de baixo. O quarto do próprio Jacobs ficava na parte traseira da ala leste, com vista para o gramado e a baía. Seu escritório particular também ficava nos fundos, com portas francesas dando para o terraço do gramado. A fachada de trás da casa estava iluminada por luzes de jardim apontadas direto para o revestimento de estuque branco. Já a face leste do edifício, para a qual Adams olhava, estava escura, sem iluminação e sombreada pelas árvores.

A questão era: como cruzar os doze metros de gramado aberto e aparado entre a borda da floresta e a parede leste da casa? Com certeza haveria sensores de movimento, além dos sensores de calor, sem falar dos guardas e seus cães. Mas, de novo, era provável que todos os sensores estivessem dirigidos ao nível do solo.

Ainda envolto em escuridão, Adams começou a desenrolar a corda longa e fina que trazia enrolada ao redor do corpo.

— Você acha que ele já está lá? — perguntou Lynn a Thomas, com mais ansiedade do que queria demonstrar.

— Bom, ele deve estar na borda neste momento, olhando para a casa, provavelmente tentando avaliar se vai conseguir atravessar com a corda — respondeu Thomas. Ao perceber que aquilo não a tranquilizava de imediato, acrescentou. — Mas tudo deve estar saindo bem, nós não ouvimos nenhum alarme, e não há gritos nem latidos, então acho que ele está indo bem.

— Pelo que ouvi a respeito dele, não deve haver nenhum problema, de qualquer modo — interpôs Jacob Najana, o mais novo dos irmãos. — Quer dizer, ele é uma lenda, certo? Ele...

Jacob foi interrompido por um *bip* do rádio digital por satélite seguro, que estava entre eles.

— Rapazes, há um problema — ouviram a voz de Ben saindo alta e clara. Ele estava estacionado na Cemetery Road, observando a rota principal de acesso à casa. — Oito SUVs grandes acabaram de passar pelos portões principais e estão descendo pelo caminho de acesso. Vão estar na casa em dois minutos.

Lynn ficou branca. Matt não tinha sequer um rádio. Não havia modo de avisá-lo.

7

Adams ouviu-os antes mesmo que tivessem entrado na propriedade, captando o som dos motores potentes de grandes veículos — oito ou nove deles — rodando em comboio na estrada principal ao norte de sua posição. Ouviu a desaceleração, o som dos pneus virando, e soube que estavam no caminho de acesso, vindo em direção à casa.

Considerou suas opções, enquanto estava pendurado em sua corda negra de náilon, dez metros acima do gramado lateral. Ele precisara lançar a corda na direção do telhado distante, torcendo para que a pontaria tivesse sido certa. Ficava observando, ansioso, enquanto a corda percorria o ar noturno, o peso na ponta mirando uma das bordas do telhado, circundadas por uma grade ornamental. Sabia muito bem que, se errasse o ponto certo, a corda despencaria, inútil, no gramado lá embaixo, sendo impossível recolher seus doze metros de extensão antes que tocasse o chão e ativasse cada sensor e detector na área.

Mas ela havia caído bem, e se ancorado no ponto certo. Depois de suspirar de alívio, Adams havia começado a escalar pela corda, pendurado de cabeça para baixo e mão ante mão, seguro pelas pernas dobradas por cima da corda, para ter estabilidade.

Agora estava no meio do caminho, com cerca de oito veículos, carregando talvez cinco pessoas cada — mais 40 pessoas desconhecidas — a ponto de chegar. Deveria retroceder ou seguir adiante?

A decisão teve de ser instantânea, pois em dois minutos os faróis dos veículos que chegavam iriam atingir a casa e iluminá-lo, transformando-o em um alvo fácil.

Nunca disposto a recuar, não havia de fato uma decisão a ser tomada, e ele continuou impassível em seu caminho, um punho adiante do outro.

Jacobs ergueu os olhos do documento que lia quando Wesley Jones entrou em seu escritório.

— Temos um problema, senhor — ele anunciou, com um eufemismo militar.

Jacobs encarou Jones através de seus óculos bifocais.

— O que você quer dizer? — perguntou.

— O Serviço Secreto acaba de entrar na propriedade — Jones informou, hesitante.

— O quê? — Jacobs quase derrubou conhaque nos papéis. — Mas para quê? Onde está Tony?

— Ainda está na Casa Branca, acabo de ligar para ele. Não sabe nada sobre isso.

A mente de Jacobs estava a mil por hora. O que estava acontecendo? Por que o Serviço Secreto decidira vir visitá-lo, tão perto do final?

— Quem são? Quantos?

— A segurança do portão reportou oito carros, quatro pessoas em cada um. E um deles é Lowell em pessoa.

Jacobs gemeu por dentro. Harvey Lowell era o diretor do Serviço Secreto. Tinha sido um dos convidados do encontro Bilderberg no ano anterior e, sem saber, estivera sob consideração para tornar-se um dos escolhidos. Não tinha passado no teste, porém, e a oferta nunca se concretizara. Seu perfil psicológico, bem como suas respostas durante a entrevista privada, informal, indicaram que ele teria restrições morais aos sacrifícios que seriam feitos.

Mas suspeitaria ele de algo? Teria imaginado o que estava acontecendo? E por que chegava com tantos agentes? Por que a exibição de força?

Jacobs tirou lentamente os óculos da ponta do nariz e pousou-os sobre a mesa, empurrou a cadeira para trás e levantou-se.

— Bem, suponho que é melhor que eu vá e o atenda, não é? — disse, resignado.

Adams ouviu os veículos se aproximando mais e mais, e quase conseguia sentir o calor da luz dos faróis dianteiros, tão apurados estavam seus sentidos.

Por fim ele alcançou a casa, as pontas dos dedos tocando a grade, as botas de escalada de solado fino apoiando-se com cuidado em cima da moldura de tijolos da janela logo abaixo. Ele teria rolado diretamente para o telhado, mas as informações reunidas por Stephenfield sugeriam que haveria sensores infravermelhos por toda sua superfície. Assim, ele se pendurou na lateral do edifício, fundindo-se às sombras enquanto soltava a corda da grade. Ele teria gostado muito de poder usar a corda para voltar às árvores, mas sabia que uma corda de doze metros de comprimento, atravessando o espaço entre a floresta e a casa não passaria despercebida por muito tempo. Então pegou a ponta com o peso e lançou-a com toda

a força de volta às árvores de onde viera, observando novamente enquanto ela cortava o ar, por sorte vindo a ficar oculta nos ramos mais altos. Na mesma hora, as luzes brilhantes dos faróis chegaram ao círculo que o caminho fazia diante da casa.

Ele recuou depressa mais de encontro à parede, achatando o corpo o máximo que podia, imóvel, ciente de que qualquer movimento agora poderia denunciá-lo. As luzes ficaram mais fortes enquanto os veículos faziam a curva, seguindo pelo caminho em círculo, e por breves segundos Adams teve certeza de que seria localizado, convencido de que sua silhueta escura, coberta de lama, seria totalmente visível, recortada contra o estuque branco da parede da mansão.

E aí tudo escureceu de novo, quando os veículos, que Adams notou serem grandes SUVs negros com placas oficiais, terminaram a volta e pararam na entrada da frente.

Adams começou lentamente a descer pela lateral do edifício.

— Lowell, a que devemos a honra? — perguntou Jacobs, caloroso, ao abrir a grande porta de entrada de sua casa.

Diante dele estava Harvey Lowell, alto, anguloso e magro, a linha do cabelo recuando e um ar de inteligência viva. Estava flanqueado por seis homens, todos vestidos com ternos escuros idênticos.

— Precisamos conversar — disse Lowell, sem entonação.

— Bem, então por que não entra? — convidou Jacobs, amável, embora não se sentisse assim. — Onde está o resto de seus agentes? — perguntou, apontando para os oito SUVs estacionados do lado de fora.

— Garantindo a segurança — Lowell respondeu simplesmente, a implicação clara: a visita não era amigável.

Jacobs deu um sorriso tenso.

— Tenho certeza de que não há necessidade. Mas de qualquer modo, entre.

No escritório, Lowell sentou-se e acenou para os papéis ainda espalhados sobre a mesa de Jacobs.

— Fazendo uma pesquisa? — perguntou, as sobrancelhas erguidas.

— Sabe como é — disse Jacobs, de forma neutra.

Lowell respondeu com um resmungo.

— Quer beber algo? — ofereceu Jacobs a seguir, tentando manter a conversa em tom cordial.

— Não, obrigado. Esta não é o que se poderia chamar de uma visita social.

Os olhos de Jacobs se estreitaram, e por um instante Lowell ficou chocado com a intensidade do olhar dele.

— Bem, nesse caso é melhor me dizer que diabos você quer — disse Jacobs com uma ponta de ameaça velada.

Adams entrou na casa pela janela do quarto de hóspedes. Como suspeitava, os alarmes da casa não ficavam ligados o tempo todo. O movimento de pessoas entrando e saindo dos cômodos tornaria incômoda tal medida. Assim, as medidas de segurança visavam mais detectar ameaças antes que elas chegassem à casa e menos os pontos de entrada e saída da edificação em si, sobretudo nos andares superiores.

A casa datava de 1815, e embora algumas modificações de monta tivessem sido feitas para melhorar a segurança, ainda era um imóvel antigo, relativamente fácil de invadir para quem soubesse como.

Afinal de contas, com doze seguranças armados no local, quem em seu perfeito juízo sequer pensaria em arrombá-la?

Adams reconheceu a linha de luz infravermelha correndo do lado de dentro do caixilho da janela. Depois de abrir a fechadura, um simples espelho de mão colocado no meio do raio de luz enquanto ele entrava serviu para impedir que o alarme disparasse.

Uma vez lá dentro, ele foi imediatamente até a parede oposta e abriu um armário. E viu-se olhando para baixo pelo duto de queda de roupa suja, ainda em operação, e exatamente onde Adams esperava encontrá-lo.

Perfeito, pensou Adams, já começando a entrar nele.

Enquanto chegava ao fundo do duto, ele reduziu o ritmo da descida, até estar se movendo em completo silêncio, os ouvidos se esforçando para ouvir qualquer som. Confiante em que a lavanderia, situada no porão, estava vazia, Adams deixou-se cair pelo duto no enorme cesto de roupa suja lá embaixo. Espiou por sobre a borda para confirmar que não havia seguranças. Não sabia o que estava acontecendo no térreo, mas a presença de agentes do governo significava que agora havia na casa ainda mais gente que podia encontrá-lo, e teria que ser ainda mais cuidadoso.

De dentro do cesto, Adams confirmou a posição das câmeras de segurança e planejou a rota para evitá-las. Então começou de novo a se movimentar, cruzando o aposento até uma porta do outro lado. Abriu-a assim que a atingiu, deslizou rápido por dela e a fechou de novo atrás de si, não mais do que três segundos depois de deixar o cesto.

O novo aposento era na verdade um grande armário, cheio de prateleiras contendo produtos de limpeza e roupas de cama. E, de acordo com as plantas da casa, o armário estava situado

diretamente abaixo do escritório de Stephen Jacobs, no primeiro andar.

8

— Quero conversar sobre as mortes de Ryan Yordale, Frank Croaker, Yves Desault, Vitor Dzerzewski, Patek Guillaume, Stephanie Ortmeyer, Gustav Schliesser, Helen Holmes, Anthony DeSilva, Jacek Ostrawski e Nicolas St. Vincent — disse Lowell, em tom grave.

Jacobs suspirou por dentro. Então Lowell de fato tinha algo; só não era a coisa mais importante que ele podia ter encontrado, e Jacobs na verdade relaxou levemente.

— O que você quer dizer? — disse, por fim.

— O que quero dizer? — disse Lowell, contendo uma risada. — Quero dizer que essas onze mortes... essas onze mortes *misteriosas*... foram todas de pessoas que haviam recentemente comparecido a um encontro do Grupo Bilderberg.

— E? — Jacobs perguntou, certo de que Lowell teria mais do que aquilo a dizer.

— *E*, todas são mortes que ocorreram durante sua gestão como presidente do grupo.

Foi a vez de Jacobs rir.

— Onze pessoas morreram depois de encontros que eu presidi? Harvey, tenho sido presidente do grupo por doze anos, e com uma média de comparecimento de 120 pessoas por ano, isso totaliza... quanto?... entre 1.400 e 1.500. Onze pessoas são...

— 0,76 por cento — interrompeu Lowell. — Ou uma taxa de mortalidade de 7,6 por mil, mas como todos morreram menos de 22 dias depois dos encontros, isso equivale a uma taxa de mortalidade de 126,1 por mil por ano, o que é *doze vezes* maior que a média nacional. Como você explica isso?

— Não estou certo de que eu tenha que explicar, tenho? — Jacobs perguntou, com suavidade.

As narinas de Lowell se dilataram.

— Você sabe qual a taxa de mortalidade das pessoas que compareceram aos encontros Bilderberg antes de você assumir? Era *mais baixa* do que a média nacional, que é o esperado dada a boa condição econômica dos participantes e sua facilidade de acesso a equipamentos médicos avançados. Assim, tivemos um aumento de *vinte vezes* na taxa de mortalidade dos participantes desde que você assumiu, uma taxa que tem se mantido bem constante durante os doze anos de seu mandato.

Ainda estou esperando pela parte em que você me diz o que está fazendo aqui — disse Jacobs, ríspido.

Lowell bateu com o punho na mesa.

— Maldição, você sabe exatamente do que estou falando! Você está administrando o Grupo Bilderberg como um centro de recrutamento, todos sabemos disso. Aqueles encontros privados, todos sabemos que são entrevistas para alguma coisa. E talvez algumas das pessoas que vocês escolhem, quando percebem o que é que você está oferecendo, apenas ergam a mão e respondam, “Diabos, não!” e então o que vocês fazem? — Lowell bateu o punho de novo na mesa. — Vocês as eliminam! — Ele estalou os dedos. — Simples assim!

Jacobs ficou em silêncio por um tempo, e depois começou a rir baixinho.

— Ainda estou esperando pela evidência que você tem, além de algumas anomalias estatísticas dúbias. Croaker morreu de ataque cardíaco. Schliesser foi atropelado por um carro, Ostrawski teve um aneurisma cerebral, e assim por diante, todos atestados por médicos, nada de suspeito jamais sugerido ou implícito. Suspeito? Devo concordar. Sólido, como em evidência sólida para um tribunal? — Ele sorriu de novo. — Duvido muito.

Lowell recostou-se em sua cadeira e ele mesmo deu um sorriso largo, malicioso.

— Stephen, acho que você me entendeu errado — disse. — Não quero prendê-lo.

Os olhos de Jacobs estreitaram-se, desconfiando do que o homem de fato queria.

— O que você quer, Harvey? — ele perguntou baixinho.

— Quero entrar nessa — Lowell disse, com segurança. — Qualquer que seja seu esqueminha, quero uma parte. E se você não me deixar entrar, vou fazer o possível para que tudo desabe à sua volta.

Que diabos? No armário sob o escritório, Adams havia se posicionado na prateleira mais alta, o ouvido grudado no teto, os sentidos se esforçando ao máximo enquanto a conversa se infiltrava para baixo através do madeiramento da casa centenária.

O diretor do Serviço Secreto, Harvey Lowell, estava pedindo para entrar no círculo interno de Jacobs, e tornar-se parte do projeto.

Estava falando sério? Adams não podia acreditar. Não haveria nada perante o que pessoas como aquela se detivessem, quando se tratava de aumentar seu poder, fortuna e *status*? Adams suspirou; é

claro que não havia, ele sabia disso tão bem quanto sabia de qualquer outra coisa.

Escutou com mais atenção; se Lowell estava pedindo para ser aceito, e Jacobs capitulasse, então ele talvez conseguisse saber o que diabos era aquilo tudo.

— **O** que o faz pensar que vou lhe dizer algo? — disse Jacobs, enquanto bebericava pensativo sua taça de conhaque. — Talvez você só esteja jogando verde, na esperança de que eu diga algo que me incrimine.

— Talvez eu esteja — disse Lowell. — Mas então seria apenas minha palavra contra a sua, não é? Você pode me revistar para procurar algum microfone se quiser.

Jacobs olhou para sua taça por vários momentos, e então apertou o intercomunicador em sua mesa.

— Sim, senhor? — a voz de Jones soou alta e clara.

— Wesley, mande Eldridge aqui — ordenou Jacobs.

Então ambos os homens se recostaram em suas poltronas, olhando um para o outro, cada um tentando avaliar o outro, pesar seu caráter, sua força de vontade, seus recursos internos.

O transe foi quebrado momentos depois por uma batida na porta.

— Entre — disse Jacobs, e olhou por cima do ombro de Lowell quando Flynn Eldridge entrou na sala, e pediu-lhe. — Por favor, veja se o sr. Lowell tem algum microfone, sim?

Eldridge concordou com um gesto de cabeça, e pediu a Lowell que se erguesse de sua cadeira. Então passou um sensor eletrônico sobre o corpo do homem, antes de submetê-lo a uma detalhada revista física.

No meio da revista, Jacobs conseguiu cruzar o olhar com Eldridge, enquanto Lowell estava de costas. Piscou duas vezes, visivelmente, e então fez um sinal em código com os dedos de uma das mãos.

Eldridge reconheceu a ordem de imediato, e piscou de volta uma vez, confirmando. Terminou a revista, agradeceu a Lowell e virou-se para Jacobs.

— Está limpo — disse, antes de ser dispensado por Jacobs.

Assim que a porta se fechou atrás de Eldridge com um *clic* audível, Lowell virou-se para Jacobs, todo profissional.

— Satisfeito? — perguntou.

— Acho que sim — Jacobs deu de ombros. — E agora?

— Agora — disse Lowell, alegremente —, conte-me tudo.

— **O** Serviço Secreto? — perguntou Lynn, imaginando o que aquilo poderia significar.

— John verificou as placas dos veículos — respondeu Thomas. — Parece que o próprio diretor veio fazer uma visita a Jacobs. Nossos homens que estão vigiando Kern também disseram que o telefone dele não parou de tocar pela última meia hora, de modo que podemos supor que seja uma visita surpresa, e Jacobs ou seu pessoal têm tentado contatar Kern para descobrir que diabos está acontecendo. E, de acordo com nossos homens, Kern também está nervoso, e não sabe de nada.

— Você acha que o Serviço Secreto está investigando o mesmo que nós? Você acha que eles descobriram o que está acontecendo?

— Quem pode saber? — respondeu Thomas. — Mas se for esse o caso, talvez eles façam o serviço por nós.

9

Jacobs terminou uma taça de conhaque, serviu-se de outra e tomou metade dela antes de acomodar-se de novo em sua poltrona e sorrir para Lowell.

— Quer saber o que está acontecendo? — perguntou.

Lowell inclinou-se para a frente, seu olhar intenso.

— Eu *exijo* saber.

Jacobs deu um suspiro resignado, fez que sim com a cabeça e acenou para o cubo de metal no canto do escritório.

— Costumávamos ter que usar todo tipo de aparelho complexo para manter contato com eles. Nossas perguntas levavam semanas para chegar até eles, e as respostas tardavam o mesmo para voltar. E agora podemos nos comunicar simplesmente usando aquela caixa ali.

— “Eles”? — Lowell perguntou, uma expressão de ceticismo estampada em suas feições aquilinas. — E quem diabos são “eles”?

Jacobs deu um sorriso cativante.

— Você já deve ter ouvido falar de Roswell, claro.

— Roswell? — Lowell perguntou, sem poder acreditar. — O que aquilo lá tem a ver com qualquer coisa?

— Oito de julho de 1947 — começou Jacobs, quase como se Lowell não estivesse ali. — Roswell, Novo México. Walter Haut,

Oficial de Informação Pública do Aeródromo Militar de Roswell, fez um comunicado anunciando que o 509º Grupo de Bombardeiros havia resgatado os destroços de um “disco voador”, em uma fazenda próxima. Mais tarde, foi alegado que os restos recolhidos no local do acidente eram de fato de um projeto supersecreto conhecido como *Mogul*, um balão de vigilância de altas altitudes, destinado a espionar os testes de armas nucleares soviéticos. Mas a história original era de fato verdadeira. Os restos eram realmente de um disco voador, de origem desconhecida. Infelizmente os pilotos morreram na queda, mas com o tempo nós estabelecemos contato, ajudados pela tecnologia que resgatamos.

Lowell parecia atordoado, ainda sem saber se acreditava em uma única palavra do que estava ouvindo.

— Mas contato com *quem?* — insistiu.

Jacobs fez um gesto para a caixa atrás de Lowell.

— Por que você mesmo não pergunta?

Abaixo do escritório, Adams tentou ignorar os outros sons que ouvia em outros locais da casa, por mais importantes que fossem, e o fez para se concentrar melhor nos sons acima.

Parecia que Jacobs estava para abrir as comunicações com as pessoas com quem trabalhava — ou talvez *para* quem trabalhava — e Adams esperava finalmente descobrir o que estava acontecendo. Ele pressionou a orelha ao fino compensado do teto e se esforçou ao máximo.

— Quem... o que é você? — Adams ouviu Harvey Lowell, o diretor do Serviço Secreto dos Estados Unidos, perguntar, hesitante.

Adams esperou pela resposta, mas foi recompensado com o silêncio. Estava se concentrando tanto em escutar que conseguia até

captar o que parecia ser a respiração de ambos os homens — a de Jacobs profunda e ritmada, a de Lowell excitada e nervosa. Mas ainda não havia resposta.

— O que é isso? — disse Lowell em seguida, com voz chocada.

— É assim que a caixa funciona — respondeu Jacobs. — Apenas deixe acontecer.

A caixa? perguntou-se Adams. *Do que diabos ele está falando?*

— Certo, pode me dizer o que está acontecendo? — disse Lowell a seguir, a determinação em sua voz.

De novo Adams tentou escutar a resposta, mas não conseguiu ouvir nada, apenas a respiração. E a respiração de Lowell estava ficando cada vez mais rápida. Adams perguntou-se o que ele estaria ouvindo.

— Não... não pode ser verdade! — balbuciou Lowell.

— Ah, mas é, meu amigo. E você ainda nem ouviu a melhor parte — garantiu Jacobs. Seu tom mudou, como se agora ele falasse com outra pessoa. — Por que não conta a ele o que vai acontecer?

De novo houve silêncio, e de novo Adams ficou pensando não apenas o que os dois homens estavam ouvindo na sala acima dele, mas como estavam ouvindo. O que era a caixa que tinham? Com certeza não era tão simples como algum tipo de aparelho de telecomunicação... Lowell com certeza não teria ficado impressionado com nada tão comum. Seria algum tipo de tecnologia alienígena? O discurso de Jacobs sobre Roswell e o resgate dos destroços de um disco voador certamente sugeriam tal possibilidade, e a essa altura Adams estava disposto a acreditar em qualquer coisa.

— Vocês estão... vocês estão malucos! — gritou Lowell, e o medo e o horror estavam claros em sua voz. — Não podem fazer isso! Não podem!

— Harvey, foi por isso que você não foi selecionado no último encontro. Nós decidimos que você nunca aprovaria o plano. Você simplesmente não é forte o suficiente.

— Forte? Isso não é força, Stephen. É genocídio — disse Lowell, sua voz recuperando um pouco de sua compostura anterior.

— E isso não requer força? — retrucou Jacobs. — Algo como isso requer mais força do que você acreditaria ser possível.

Genocídio? A cabeça de Adams estava rodando.

— Já não importa mais, de qualquer modo — disse Lowell. — Vou acabar com você. Vou acabar com tudo, e não me importa quem são seus amigos ou de onde eles vêm. Vou direto ao presidente, seu projetinho secreto na Europa *não* vai estar operacional na semana que vem, e esses seus amigos nunca vão colocar os pés aqui. E você e todos esses seus asseclas do Grupo Bilderberg vão ficar na cadeia por *muito* tempo.

Houve uma pausa, e então Adams ouviu Jacobs dar uma risadinha.

— Ah, você acha que isso é engraçado? — perguntou Lowell. — Meus homens estão espalhados por todo este lugar, e você está preso a partir de agora.

Jacobs riu de novo, e Lowell mudou de tom, soando agora como se estivesse falando em um microfone.

— Jenkins, comece a reuni-los — disse, com renovado vigor. — Vamos acabar com este lugar. — Houve uma pausa. — Jenkins? — ele perguntou, nervoso.

Jacobs ainda estava rindo, e os ruídos de outros pontos da casa que Adams tentara abafar começaram a fazer sentido.

— Fredriks? Fielding? — Lowell perguntou em seguida. Sua voz voltou-se contra Jacobs. — Maldito, o que aconteceu com eles?

— Estão mortos, Harvey. O destino deles estava selado no momento em que você os trouxe para cá. *Você* tinha uma chance, porém. Se tivesse aceitado a visão, poderia ter-se juntado a nós. Poderia ter sido um de nós.

— Ei, não vamos tirar conclusões precipitadas, Stephen — Lowell disse, em tom conciliador. — Podemos negociar, certo? Quer dizer, isso foi naquele momento, e agora é diferente, certo? Ainda não é tarde demais. Ainda posso me juntar a vocês. Você sabe que posso ser útil. Você sabe disso, certo?

— Não, Harvey, não sei. Mas por que não pergunta a meu amigo? — ele disse, ponderado. — O que você acha? — perguntou, e Adams pôde imaginá-lo dirigindo a pergunta à caixa misteriosa.

— Bem, parece bem claro, não é? — disse instantes depois.

— Não! — rugiu Lowell, e Adams ouviu-o empurrar sua poltrona para trás, movendo-se depressa, assustado. — Não!

E então Adams ouviu os estampidos fortes, violentos, de três projéteis 9 mm disparados de uma pistola semiautomática, e o baque pesado quando o corpo de Lowell atingiu o piso acima dele.

10

Jacobs ficou olhando para o corpo morto de Lowell, que jazia sangrando no assoalho de seu escritório. Tinha sido um infortúnio, mas necessário.

— Por que você nos contatou? — a voz entrou na mente de Jacobs de forma quase dolorosa. — Você podia ter lidado com isso sozinho. Não era necessário dar-lhe detalhes.

— Pelo contrário. No passado sentimos que poderíamos usá-lo em nosso grupo. Ele era um bom homem, mas nos pareceu que não concordaria com o plano. Mas então ele veio até aqui, *exigindo* fazer parte dele, e valia a pena descobrir. — *Sobretudo porque ainda preciso encontrar mais uma pessoa, de qualquer modo*, Jacobs não disse.

— Desde que isso não interfira com o nosso cronograma.

— Não vai interferir — prometeu Jacobs. Ele já tinha decidido o que fazer com os corpos de Lowell e seus homens. — Vamos nos encontrar pessoalmente daqui a uma semana, prometo.

— **Q**ue diabos está acontecendo lá? — perguntou Lynn, assustada pelos tiros abafados que vinham do outro lado da floresta.

Thomas de imediato fez uma chamada com o rádio seguro para Benjamin, na estrada principal.

— Ben, o que você pode ver?

— Ainda não tenho certeza — a voz de Benjamin retornou, nítida.

— Mas tenho certeza de que foi fogo de nove milímetros, e o Serviço Secreto usa calibre .40.

— Você acha que os homens de Jacobs abriram fogo contra os agentes? — perguntou Lynn, incrédula.

— É possível — respondeu Thomas. — Não sei que diabos está acontecendo, mas neste momento estou pronto para acreditar em qualquer coisa.

Adams desceu com cuidado da prateleira superior, tocando o chão com suavidade.

Ele havia se demorado muito mais do que seria prudente, e tinha que partir. Se entendera corretamente a situação, todos os agentes secretos de Lowell estavam mortos. Agora o procedimento-padrão da equipe de segurança de Jacobs seria vasculhar o edifício e garantir que estivesse seguro.

O que, afinal, havia descoberto? Adams começou a pensar, mas um ruído na porta externa da lavanderia de imediato o deixou alerta.

Maldição! Ele se repreendeu; haveria muito tempo para reflexões quando e se conseguisse escapar daquele lugar. Por agora, tinha que concentrar seus recursos em sobreviver.

Reagindo por instinto, subiu de novo para a prateleira mais alta, deitando-se de comprido logo abaixo do teto. Era apertado e escuro no armário, mas se alguém olhasse direto para cima, não poderia deixar de vê-lo.

Adams concentrou-se em sua respiração, conscientemente tornando-a mais lenta, colocando-se em um estado de metabolismo reduzido, diminuindo as chances de fazer algum movimento

desnecessário que alertasse qualquer um que entrasse no armário. Ao mesmo tempo, removeu a faca enegrecida da bainha no cinto, segurando a lâmina afiada junto ao antebraço.

Do lado de fora, podia ouvir dois homens examinando a lavanderia. Ouviu o duto de queda de roupa suja, que ele fechara antes, sendo aberto, os homens obviamente olhando para cima por ele. Ouviu-o sendo fechado e então, logo a seguir, a porta do armário foi escancarada e um segurança musculoso e de cabelo curto, armado com uma submetralhadora de cano curto, entrou no espaço diminuto.

Adams observava, em um estado de ansiedade exacerbada, enquanto o homem olhava as prateleiras inferiores, sabendo que, se o agente olhasse para cima, ele não teria alternativa senão mergulhar direto sobre ele e matá-lo com a faca.

Mas o homem apenas empurrou para um lado dois recipientes de água sanitária, num gesto meio desanimado, e então resmungou para si mesmo, virou nos calcanhares e saiu, fechando a porta do armário atrás de si.

Adams esperou por alguns instantes mais até os homens saírem do recinto maior da lavanderia e então expirou devagar. Estava a ponto de deslizar de novo para o chão quando vozes vindas de cima chamaram sua atenção.

— O que vamos fazer com os corpos? — ouviu reconhecendo a voz como sendo de Eldridge, o segurança que revistara Lowell pouco antes.

— Junte-os, coloque-os em seus próprios carros e leve-os até Pahosa Point — respondeu Jacobs. — Acabei de falar com GT, ele vai encontrar você com um caminhão-tanque de gasolina. Encene um acidente, e certifique-se de que todos os veículos estejam envolvidos

e sejam incinerados pela explosão do caminhão. Vai parecer que morreram vindo para cá.

— Senhor, aqueles corpos estão cheios de perfurações a bala — Adams ouviu Eldridge protestar. — Cada corpo tem mais de 30 projéteis. Não vai parecer um acidente por muito tempo.

— Não precisamos que pareça por muito tempo, apenas por alguns dias, e podemos usar nossos recursos para retardar qualquer investigação. Depois disso, não vai fazer diferença alguma.

— Sim, senhor — Adams ouviu Eldridge responder, mas nem sequer se perguntou *por que* daí a alguns dias não faria diferença alguma que todo um batalhão de agentes do Serviço Secreto tivesse acabado de ser massacrado; em vez disso, ele se fixou em outra coisa que Jacobs acabava de dizer.

Os carros. Eles iam mover os carros.

E, em um instante, Adams percebeu que tinha uma forma de sair.

— Certo, coloque-os para dentro — Eldridge ordenou aos guardas, apontando para os SUVs do governo.

Os homens concordaram, sombrios, com um gesto de cabeça e começaram a carregar os corpos nos enormes 4x4.

Os corpos dos agentes do Serviço Secreto já tinham sido trazidos e colocados diante do caminho de entrada, uma grossa trilha de sangue e entranhas vindo desde a casa.

Os agentes haviam se espalhado pela casa, reunindo os seguranças com base em sua autoridade presidencial. Tinham forçado os homens a largarem as armas, mas não os haviam algemado nem verificado se tinham armas de reserva, que todos carregavam.

Quando Eldridge enviou uma mensagem para que reagissem, os homens tinham simplesmente sacado as armas e abatido a tiros os agentes. Tão confiantes tinham sido os homens do Serviço Secreto em sua autoridade inviolável que foram pegos de completa surpresa, e só um agente havia conseguido disparar um tiro.

Matar mais de 30 membros do corpo de elite de guarda-costas presidenciais teria assustado a maioria dos homens, mas Eldridge se manteve impassível, assim como os seguranças. Afinal de contas, eles sabiam que o maior poder do mundo não estava nas mãos de nenhum governo. Sendo um dos cem "escolhidos", o próprio Eldridge sabia ainda mais. Ele sabia exatamente por que a morte de todos aqueles homens não importava nem um pouco.

Todos teriam morrido em um futuro próximo, de qualquer modo.

Adams movimentou-se através da casa o mais rápido que pode, ciente de que mesmo que os homens de Jacobs estivessem ocupados com outra coisa, ele ainda podia ser descoberto a qualquer momento. Viu os corpos sendo arrastados através da casa, o sangue escorrendo sobre os pisos ladrilhados a partir dos buracos de balas, mas conseguiu não ser detectado. E logo ele estava à janela da cozinha escura, olhando para o pátio bem iluminado lá fora. Os oito SUVs estavam estacionados em arco, na área circular de manobra que o caminho formava na frente da entrada principal da casa, os corpos alinhados diante dos veículos.

Do seu ponto de vista, Adams estava impressionado; os agentes do Serviço Secreto superavam em número os homens de Jacobs, na proporção de mais de dois para um, o que significava que cada um dos seguranças tivera que matar ao menos dois agentes antes que estes pudessem reagir. E embora talvez confiantes demais, os

agentes do Serviço Secreto não eram moleirões, eram profissionais bem treinados.

Os homens de Jacobs lutaram para colocar os corpos pesados e encharcados de sangue dentro dos veículos, sob o olhar vigilante de um homem grande, intenso, que Adams supôs ser Eldridge. Ele imaginou que Jacobs ainda estaria acomodado em seu escritório, provavelmente com Jones, tentando efetivar algum tipo de controle de danos. Uma equipe profissional de limpeza teria de vir o mais rápido possível, para começar. Todos os vestígios de que o Serviço Secreto tivesse estado ali teriam de ser erradicados.

Adams checkou a disposição dos veículos, e viu que teria que fazer logo sua escolha; embora carregar os corpos fosse um processo lento, não duraria para sempre. Havia uma longa sombra que se estendia de um arbusto logo do lado de fora da despensa, chegando até o SUV da extrema esquerda. Era possível que ele pudesse sair pela janela sem ser visto e rastejar até o carro por aquela sombra.

Adams estava para se mover quando pressentiu movimento atrás de si. Talvez tivesse sido o cheiro, ou a respiração ou talvez até a energia selvagem. Não sabia qual havia percebido antes, mas sabia que dois *dobermanns* acabavam de entrar na cozinha.

Com todos os seguranças envolvidos na operação de limpeza, deviam apenas ter deixado os cães sem guia no interior da casa. Ele se perguntou onde estavam os outros dois, e torceu para que ainda estivessem lá fora.

Ele se virou devagar, cauteloso, até vê-los, olhando para ele com expectativa, as caudas imóveis, orelhas erguidas, alertas e prontos para agir. Os dentes não estavam sequer à mostra em um alerta, e Adams sabia que aqueles cães não queriam assustá-lo, mas estavam treinados para matar se necessário.

Adams manteve sua posição, os olhos não olhando direto nos dos cães, mas levemente baixos, sem confrontá-los. Sem o menor movimento do corpo, ele começou a emitir um *hum* baixo, quase inaudível. O cão da esquerda entortou a cabeça, curioso com o som, e o da direita recuou meio passo.

Adams interpretou o sinal e avançou meio-passo, aumentando o tom de sua voz, erguendo um pouco os olhos e lentamente erguendo a palma da mão esquerda diante de si.

Os dois cães pareciam estar tentando resistir a alguma força invisível, mas então renderam-se ao mesmo tempo, sentando-se como cães de espetáculo, as caudas começando a se mover, ambos agora de boca aberta e língua de fora, enquanto avaliavam seu novo mestre.

Adams sorriu ao olhar para seus novos amigos, calculando com rapidez como poderiam ajudá-lo.

11

Eldridge virou a cabeça bruscamente ao som de respirações arfantes e pés ligeiros, e ficou surpreso ao ver os dois cães de guarda que haviam sido deixados dentro da casa descerem aos saltos os degraus de pedra e saírem correndo para a escuridão das árvores que margeavam o longo caminho de acesso. Os seguranças também notaram, pondo as cabeças para fora dos carros para observarem os animais penetrando na mata.

— Thompson, Greer, Jenkins, Marquez, vão atrás deles e vejam o que eles estão perseguindo — ordenou Eldridge instantes depois.

Ele ficou olhando enquanto os homens sacavam as armas e corriam atrás dos cães, entrando na floresta. Os *dobermanns* eram cães bem treinados, não teriam saído correndo através da propriedade por simples diversão. Devia haver algo lá.

— Ellison, Carter, vocês também — disse, depois de mais alguma reflexão.

Os outros dois seguiram atrás dos cães.

Eldridge se voltou para os demais, que estavam parados, olhando os colegas.

— De volta ao trabalho! — ordenou, seco.

Ainda tinham um cronograma a manter, e o caminhão-tanque estaria em Pahosa Point dali a 15 minutos.

* * *

Adams estava bem seguro sob o chassi do grande SUV quando os seguranças retornaram ofegantes a seus veículos. Ele usara a distração dos cães para sair da despensa pela janela e seguir a sombra até o carro. Ele podia ter tentado usar a preocupação dos seguranças com o embarque dos corpos para tentar escapar de volta para a mata, mas sem a segurança da altura, ele temia que os sensores da propriedade o detectassem. Ele queria sair do local sem deixar qualquer vestígio de que tivesse estado ali, e assim decidira que sairia com os próprios seguranças, escondido sob um dos veículos, sabendo que não teriam motivos para checar ali embaixo.

— E então? — ouviu Eldridge gritar.

— Nada, senhor — um dos homens respondeu. — Eles simplesmente ficaram malucos, latindo para qualquer coisa. Não havia nada lá, exceto nós e os cães.

Houve uma pausa, e Adams podia imaginar Eldridge remoendo aquilo.

— Provavelmente ficaram assustados com o tiroteio — disse, por fim. — Às vezes acontece, mesmo com animais treinados. Certo, vamos nos mexer.

— Sim, senhor — Adams ouviu os homens responderem, observando os pés calçados com botas marchando em direção aos SUVs.

Logo, os motores foram ligados, e os veículos oficiais partiram, fazendo o cascalho do caminho ranger enquanto viravam rumo ao caminho de acesso.

Rumo à liberdade.

— Os carros estão retornando ao caminho — Lynn e os dois irmãos Najana ouviram Benjamin anunciar pelo rádio.

— Consegue ver quem está nos carros? — Thomas perguntou de imediato.

— Negativo — anunciou seu irmão mais novo. — Estão com os faróis altos e os vidros laterais são escuros.

Houve uma pausa, e a descrição de Benjamin prosseguiu.

— Estão agora no portão principal, vão virar... Foram para a direita, devem estar indo para Pahosa Point. — Seguiu-se um instante de silêncio. — Eles passaram, na direção da estrada principal, os oito carros. Não consegui ver quem estava dentro. Eu...

A mão de Thomas apertou com força o rádio quando a ligação foi cortada.

— Ben? — Thomas sussurrou nervoso pela linha muda. — Ben? — perguntou de novo, impotente, antes de baixar o rádio, seus olhos encontrando os de Lynn e de Jacob.

Lynn tocou o braço de cada um dos irmãos.

— Eu fico aqui — disse-lhes. — Vocês vão.

— Filho da mãe! — riu Benjamin, socando o braço de Adams.

Adams havia se deixado cair do fundo do SUV assim que ele saiu para a estrada principal, rolando sem ser visto para a grama do acostamento do lado oposto ao da propriedade. Ele então havia ido pela escuridão até o ponto de observação de Benjamin, esgueirando-se por trás dele e tapando-lhe a boca com a mão.

Benjamin ficara tenso de imediato, deixando cair o rádio e virando-se para atacar, quando viu Adams parado lá, sorrindo para ele. O próprio Benjamin era um rastreador e guia respeitado, e pensava em

si mesmo como intocável quando em operação de campo, mas Adams era de fato excepcional.

— É melhor eu chamar meus irmãos antes que eles voltem atirando com todas as armas — disse, em tom de brincadeira.

Adams acenou com a cabeça, ansioso por relaxar nos assentos macios do veículo de Thomas Najana.

E ainda mais do que isso, ele estava ansioso para ver Lynn.

12

Só depois de estarem todos a salvo dentro do armazém alugado em Tucson que Adams colocou-os a par dos eventos que ocorreram dentro da mansão.

Quando ele chegara ao acampamento, Lynn o havia abraçado com lágrimas nos olhos, e ele a apertou com força, até que o calor compartilhado de ambos começou a derreter a lama que ainda lhe cobria o corpo. Beijaram-se ao se separarem, e logo todo o grupo estava guardando as coisas e indo para o carro.

Houve mais uma troca de veículos, dessa vez em Dale City, antes que Ayita os apanhasse com seu helicóptero na pista de pouso particular de um amigo, perto de Manassas. Durante esse tempo, o grupo aproveitara para dormir, e quando chegaram de volta a Tucson, praticamente não se falara sobre as aventuras de Adams. Mas agora, com todos bem descansados, ele fez um relato detalhado, instante a instante, do que havia acontecido.

— Então estávamos certos quanto a Jacobs utilizar o Grupo Bilderberg como centro de recrutamento — disse Stephenfield.

— De fato parece que sim — concordou Adams. — Mas ainda não sabemos exatamente para quê.

— Mas com certeza podemos arriscar um palpite, pelo que você nos contou — respondeu Stephenfield.

Lynn concordou com um gesto de cabeça, a cientista nela processando a informação com rapidez, e disse:

— Ao que parece, houve algum tipo de contato alienígena na década de 1940, que possibilitou que se estabelecesse a comunicação conosco. Também está claro que Jacobs e ao menos algum elemento do Grupo Bilderberg estão criando uma máquina que vai permitir que esses alienígenas venham para a Terra, presumivelmente em massa. A referência a genocídio é perturbadora, para dizer o mínimo, e deve ter sido fechado um acordo em que Jacobs e seus cúmplices serão poupados por ajudá-los. E talvez seja para isto que Jacobs esteja recrutando gente, o grupo de pessoas cuja sobrevivência será permitida. Isso explicaria por que algumas pessoas acharam isso moralmente intolerável e se recusaram a tomar parte, e por que essas pessoas depois tiveram mortes misteriosas, antes de poderem contar a alguém.

— Isso faria sentido, com certeza — concordou Ayita, acenando com a cabeça.

— Estou preocupado com os prazos — disse Stephenfield. — Você disse que Lowell mencionou que o “projeto secreto na Europa” estaria operacional na semana que vem, e pode-se presumir que isso tenha alguma relação com a forma como esse grupo desconhecido de alienígenas virá para a Terra. Outro fator nessa equação é como o diretor do Serviço Secreto e 31 outros agentes foram massacrados pelos homens de Jacobs, e ele não parece nem um pouco preocupado.

— O choque com o caminhão-tanque foi noticiado como um acidente, e a bola de fogo resultante não deve ter deixado escapar muitas evidências — respondeu Ayita, que estivera monitorando os eventos a partir de Tucson.

— Mas vai haver evidência, sem sombra de dúvidas. Só deve levar um tempo para ser encontrada. E a atitude de Jacobs indica sua crença em que, por essa altura, a investigação não tenha qualquer consequência. O que significa, por extensão, que todo o poder do presidente e do governo dos Estados Unidos não lhe causará a menor preocupação daqui a cerca de uma semana.

Ayita assentiu, ponderando o assunto.

— Sim, parece mesmo que estamos ficando sem tempo. Parece que o momento decisivo será mesmo na semana que vem.

— Mas o que eu ainda não entendo é onde o corpo que a equipe de Lynn descobriu entra nessa história — interrompeu Adams. — Quer dizer, parece que o contato alienígena não foi feito até 1947, mas o corpo pelo qual Jacobs e o Grupo Bilderberg parecem dispostos a matar, e que pode até mesmo ter origem alienígena, tem 40 *mil* anos de idade. Então, qual a ligação?

O olhar fixo à frente, Lynn estava imersa em pensamentos.

— Eu não sei. Ainda não faz sentido — admitiu.

— Bom, pode ser que eu tenha boas notícias para vocês — disse Ayita, sorrindo pela primeira vez desde que Adams começara seu relato. — A DNA Analytics vai ter o resultado pronto para ser entregue hoje à tarde. — Ele viu os olhos de Adams e de Lynn arregalarem-se de expectativa ansiosa. — Disseram para estar lá depois das três.

A DNA Analytics exibia sua agitação costumeira quando Adams e Lynn atravessaram as portas duplas eletrônicas.

Mesmo que estivessem sendo dados como mortos, ainda assim usavam óculos escuros, os cabelos tingidos e roupas volumosas para

disfarçarem os contornos físicos. Àquela altura do jogo, não havia por que correr riscos.

Adams ficou para trás para manter as coisas sob observação, enquanto Lynn ia até o balcão da recepção.

A recepcionista loira, que o crachá identificava como *Angela*, deu um sorriso cálido, mas não exatamente genuíno.

— Boa tarde, bem-vindos a DNA Analytics Phoenix; em que posso ajudá-la?

— Vim buscar o resultado de um exame — disse Lynn. — Está em nome de Gower, Lucy Gower.

Angela voltou-se para o computador, as unhas falsas fazendo barulho enquanto ela teclava.

— Ah, sim, aqui está. O dr. Connor vai lhe explicar os resultados. Ele está na sala 16, segundo andar. — Ela apontou um longo corredor a leste da recepção. — Siga pelo corredor, vire à esquerda e vai chegar aos elevadores. Quando sair, vire à direita e é a segunda porta à esquerda. Certo?

Lynn perguntou-se se o lugar seria assim tão grande, e quantas pessoas se perderiam ali.

— Obrigada — respondeu apenas, e virou-se, indicando a Adams com a cabeça que a seguisse.

Cinco minutos depois, estavam do lado de fora da sala do dr. Connor.

O segundo andar fazia um contraste enorme com o primeiro. Enquanto todo o primeiro piso parecia ser uma confusão de pessoas indo de um lado a outro, o segundo estava quase deserto.

O instinto de sobrevivência de Adams foi alertado de imediato pela mudança de ritmo, imaginando por que teria sido necessário que fossem a uma área tão diferente para buscar seu resultado. Se ir

conversar com o médico fosse procedimento-padrão, então com certeza este corredor também deveria estar cheio de gente.

Ele tateou a Glock 17 semiautomática que trazia à cintura, sentindo seu peso reconfortante. Olhou para um lado e para outro do corredor, e viu dois homens virando o corredor, mergulhados numa discussão. Havia três câmeras de circuito fechado, mas nenhuma delas parecia ter interesse nele ou em Lynn.

Adams ouviu o *bing* do elevador que trazia outras pessoas para aquele andar, e deixou a mão pousar sobre o cabo da pistola, enquanto esperava as portas se abrirem.

Elas se abriram, e outro casal saiu para o corredor. Adams observou enquanto eles viraram para a esquerda, confirmaram o nome que estava em uma porta mais além no corredor e então bateram. Um médico jovem e elegante abriu a porta e os convidou a entrar.

— Você já terminou? — perguntou Lynn, franzindo o cenho. — Acho que está tudo bem.

Adams sorriu, meio envergonhado.

— Terminei — disse, e estendeu a mão para bater à porta.

Ela se abriu daí a um instante, um médico mais velho e igualmente elegante postando-se ali com um sorriso cordial.

— Você deve ser a srta. Gower — disse, estendendo a mão.

— É um prazer, dr. Connor — respondeu Lynn, cumprimentando-o. — Este é meu amigo James Davies.

— Sr. Davies — disse o médico, apertando a mão de Adams. — Por favor, entrem.

Ele os fez entrar em uma sala pequena mas luxuosa, com mobília cara e extremamente limpa. Indicou-lhes duas poltronas de couro

em frente à sua mesa de grife, com tampo de vidro, e então sentou-se por trás dela, baixando os olhos para os papéis à sua frente.

De repente ergueu o olhar, através de seus óculos bifocais.

— Perdão, não lhes ofereci nada para tomar — disse. — Querem alguma coisa? Chá, café?

— Não, obrigada. Estamos ansiosos pelos resultados dos testes — Lynn respondeu pelos dois.

— É claro. — Connor sorriu para eles e bateu de leve nos papéis sobre a mesa. — Os resultados. Interessante. *Muito* interessante.

Lynn e Adams olharam ansiosos para Connor, que começou a falar, olhando para ambos de novo através dos óculos.

— Srta. Gower, sr. Davies, sou o consultor sênior aqui em Phoenix. Depois do exame inicial, suas amostras foram enviadas a mim para validação. Importam-se se eu perguntar a procedência delas?

— Preferimos não dizer; desculpe, dr. Connor.

Ele concordou, e olhou novamente para os resultados.

— Está — ele disse. — Então vamos prosseguir.

13

Tony Kern saiu da sala do presidente e ligou imediatamente para Jacobs.

Quando Jacobs atendeu no primeiro toque, Kern foi direto ao ponto.

— Ele está maluco. Literalmente maluco. O caminhão-tanque? Ele não acredita em uma palavra disso. Já ordenou uma investigação completa, que vai ter prioridade sobre absolutamente tudo o mais.

— Mas ele sabia de antemão da visita de Lowell? Sabia que Lowell estava vindo falar comigo?

Kern sacudiu a cabeça enquanto caminhava rumo à Sala de Crise na Ala Oeste da Casa Branca, mesmo que Jacobs não pudesse vê-lo.

— Não sabia de nada, e é isso que o deixa ainda mais irritado. Quer dizer, o diretor do Serviço Secreto e um pelotão inteiro de agentes, saindo todos em uma operação sem registro? Ele quer uma investigação completa, até saber exatamente o que tem acontecido.

— Assim, neste momento ele não sabe de nada — disse Jacobs. — E quanto a alguém no Serviço Secreto?

— Não que eu saiba — Kern respondeu. — Os homens que estavam com o diretor eram todos leais a ele, e conheciam-no pessoalmente. Alguns estavam até de folga. Assim, dá a impressão

de algum tipo de assunto particular, o que preocupa demais o presidente.

— E o meu envolvimento?

— Bem, o choque obviamente ocorreu perto da sua casa, de modo que se supõe que estavam a caminho daí, mas não há nenhuma evidência real disso. Mas eu esperaria que um bando de investigadores batessem em sua porta a qualquer minuto. Eldridge está aí?

— Ele está cuidando de uma outra coisinha em outro lugar, neste exato momento.

— Talvez seja bom, ele não tem boa reputação por aqui. A casa foi limpa?

— A propriedade inteira — confirmou Jacobs. — Chamei uma equipe de Nevada. São especializados em fazer limpeza profunda. O lugar está impecável, como se eles nunca tivessem estado aqui.

— Ótimo — disse Kern, sorrindo para dois assessores com quem cruzou no estreito corredor subterrâneo. Manteve o celular ainda mais perto, sussurrando agora. — Sei que estamos perto, mas mesmo assim não podemos nos dar ao luxo de correr riscos. Já temos o dia?

— Ainda não. Philippe acha que estará pronto no meio da semana.

— Ok — disse Kern, sussurrando enquanto esperava do lado de fora da porta fechada da Sala de Crise. — Vou tentar retardar as coisas aqui o máximo que puder. Mais uma semana não deve ser um problema.

— Certifique-se de que não seja — respondeu Jacobs.

— **P**rimero, começemos com o fragmento de material que me pediu para enviar a nosso laboratório em Pasadena — disse o dr. Connor.

— Embora não tenhamos conseguido determinar a natureza exata do material, pensou-se que seja algum tipo de derivado da seda, muito semelhante à seda de uma teia de aranha em termos da razão entre força e peso. Exibiu notáveis propriedades térmicas, também, embora o pedaço fosse pequeno demais para testes tão minuciosos quanto meus colegas teriam gostado de fazer.

— Eles já tinham visto algo parecido antes? — Adams perguntou.

— Não, nunca — respondeu Connor, de imediato. — Eles acharam que poderia estar relacionado com algum tipo de tecnologia militar avançada... Sabemos que há estudos com o uso de materiais sintéticos para imitar coisas como teias de aranha. Mas então fizeram outros testes e foram forçados a reconsiderar.

— Datação por radiocarbono? — Lynn perguntou.

— Exatamente.

— E? — apressou Adams.

Connor limpou a garganta.

— O consenso, depois que *três* testes separados foram feitos, é de uma datação de 40.500 a.C. Em outras palavras, o pedaço de pano que você nos deu tem mais de 42 mil anos.

Lynn e Adams se entreolharam. Então a estimativa de idade feita por Devane a partir das camadas de gelo tinha sido bastante precisa, e a teoria de Adams de que a explicação mais provável seria uma datação inicial incorreta podia ser abandonada. O corpo, e os artefatos que os cientistas haviam encontrado com ele, eram de fato extremamente antigos.

— E os testes de DNA? — Lynn perguntou, nervosa.

— Bom, fizemos os testes diagnósticos usuais — começou Connor, obviamente desconcertado pelas descobertas com radiocarbono —, incluindo repetições em tandem de número variado, em particular

repetições em tandem curto, e então usamos tanto a análise de reação em cadeia da polimerase quanto a análise do polimorfismo de comprimento de fragmentos amplificados.

Lynn concordou, e Adams apenas olhou para a frente, sem expressão. Os métodos não importavam para ele tanto quanto os resultados.

— O sujeito era do sexo masculino, com cerca de 40 anos de idade, cabelo loiro e olhos azuis. Sem indicação de patologias internas, parece ter sido robusto e saudável.

Lynn fitou Connor com um olhar penetrante.

— Vamos direto ao ponto, doutor. O sujeito era humano?

O nervosismo de Lynn e Adams, sentados na ponta de suas poltronas, esperando que Connor desse a resposta, foi subitamente interrompido pelo som da porta sendo aberta com violência atrás deles.

— Não responda, doutor!

Todos se viraram em seus assentos e viram um homenzarrão feroz à porta, flanqueado por três homens armados a cada lado, que depressa se espalharam pela sala. Adams reconheceu-o imediatamente como Eldridge, o chefe de segurança da propriedade de Jacobs em Washington DC. Ele empunhava uma pistola com silenciador, que apontava direto para a cabeça de Connor.

Adams e Lynn não tiveram tempo de reagir antes de terem três submetralhadoras com silenciadores apontadas para eles.

— Você! — Lynn exclamou ao encarar Eldridge, reconhecendo-o como o major Daley, que estivera na Antártida. — Seu miserável, vou...

Antes que ela pudesse concluir a ameaça, houve um pequeno estouro e a nuca de Connor de repente explodiu pela parede de trás

da sala, o projétil subsônico da pistola de Eldridge deixando apenas um diminuto ferimento de entrada na testa do homem. Por vários instantes o corpo do doutor se manteve em pé, como um boneco suspenso, seus olhos incrédulos ainda cobertos pelos óculos, e então ele se dobrou pela cintura, a cabeça ensanguentada desabando sobre o tampo de vidro da mesa.

Os olhos de Lynn estavam arregalados de choque e incredulidade, mas Adams reagiu logo. Usando o som da pancada da cabeça do médico na mesa como distração, ele se moveu para a frente, tentando sacar a arma que tinha oculta. Mas os homens de Eldridge estavam atentos, e o mais próximo rapidamente acertou a coronha de sua arma na base do crânio de Adams.

Ele literalmente viu estrelas, a cabeça explodindo com a dor do pesado golpe enquanto ele caía no piso acarpetado, sentindo mais do que vendo quando outro homem se adiantou e removeu a arma de sua cintura. Ele gemeu, lutando para ficar consciente.

Lynn também reagiu, saindo de sua cadeira para ajudar Adams, mas foi forçada a recuar, um dos homens esbofeteando-a no rosto com um *crac* seco.

Adams retornou de imediato à realidade, erguendo-se para defender Lynn, apenas para ser forçado de novo a ficar no chão, a face pressionada contra o carpete enquanto suas mãos eram puxadas com violência para cima e para trás das costas, e presas com algemas de plástico.

Ele virou a cabeça para o lado, o carpete esfolando seu rosto, e viu Lynn também ser algemada e erguida de sua cadeira.

Tanto Adams quanto Lynn foram colocados de pé e empurrados contra a mesa, os canos das armas apontados direto para seus rostos.

— Dra. Edwards, ainda viva — Eldridge disse, apreciativamente. Ele bateu as mãos, com ar de deboche. — Dou-lhe os parabéns, de verdade. Você é de fato excepcional.

— Vá se ferrar, seu maldito assassino! — ela gritou em resposta, recebendo dele apenas um sorriso cruel.

A seguir, Eldridge virou-se para Adams.

— E você deve ser Matthew “Urso Livre” Adams. Um homem excepcional, também, para nos dar a canseira que nos deu.

Ele de repente aproximou-se dois passos de Adams e acertou-lhe o rosto com a arma.

As pernas de Adams cederam e ele desabou no chão. Eldridge olhou-o de cima, com uma expressão sem qualquer emoção.

— Isso foi por meus homens. — Ele olhou para Lynn. — Não sou o único maldito assassino nesta sala, dra. Edwards. Você faria bem em se lembrar disso.

— Aquilo foi em autodefesa! — Lynn exclamou, indignada.

Eldridge apenas bufou com desdém, enquanto Adams se punha de pé de novo, um hematoma colorido já começando a aparecer em sua pele escura.

— O erro de vocês foi terem mandado a amostra de tecido — disse Eldridge. — Se tivessem ficado só no DNA, podíamos nunca ter descoberto. Mas quando interceptamos os e-mails e os telefonemas sobre um pedaço de tecido de 40 mil anos de idade, e descobrimos o interesse e o envolvimento de uma agência de DNA, isso disparou nossos alarmes. Vão gostar de saber que já cuidamos dos colegas do dr. Connor. Viram o que conseguiram com suas brincadeiras? Seis outras pessoas agora estão mortas; talvez mais, se nossas investigações mostrarem que contaram a mais alguém.

— Seu filho da mãe — Lynn sussurrou com um ódio verdadeiro e irrestrito contra Eldridge, mas ela era sensata o suficiente para não tentar nada físico contra os sete homens armados alinhados diante de dela. — Por que não nos mata de uma vez e acaba logo com isso? — perguntou, com amargura.

— Ah, não quero estragar a brincadeira — disse Eldridge, um sorriso verdadeiro espalhando-se por seu rosto. — Temos algumas surpresinhas boas reservadas para vocês.

Ele fez um gesto a seus homens, e Lynn viu quando um deles veio em sua direção e outro na direção de Adams. Lynn abriu a boca para protestar, e então viu os *tasers* nas mãos deles. Ela deu um safanão para trás, tentando sair do caminho, mas era tarde demais.

Ela sentiu o pulso repentino e feroz de eletricidade entrar em seu corpo, e então tudo ficou preto.

14

Adams acordou de seu sono profundo, uma dor aguda penetrando em sua cabeça, parecendo perfurar o cérebro.

Nos primeiros momentos, não conseguiu se lembrar de nada, mas então as coisas começaram a voltar; os dois golpes de pistola ao menos explicavam a dor de cabeça.

Mas onde estava ele agora? E onde estava Lynn?

De imediato notou que, onde quer que estivesse, estava escuro, quase por completo. Talvez em um aposento fechado, dentro de algum edifício, onde luz alguma chegava. Mas estava escuro demais, e ele percebeu que usava uma venda espessa. Então percebeu também que estava atado, sua cabeça, torso, mãos e pés presos a uma cadeira rígida de espaldar alto.

Abriu a boca para falar, para tentar descobrir se Lynn estava com ele neste lugar desconhecido, mas tinha sido amordaçado, e sua boca se moveu, inútil, em torno de um pano grosso trançado, incapaz de fazer qualquer som que não fosse um resmungo abafado.

Mas então ouviu um resmungo parecido por perto, talvez a dois metros, talvez um pouco mais, e soube que Lynn estava ali. Estava viva.

Tentou mover o corpo para se aproximar dela, mas a cadeira parecia estar presa ao piso, e o que quer que tivesse sido usado

para atá-lo estava apertado demais para ser rompido. Mais tarde ele poderia tentar afrouxar as amarras, talvez mover a boca ao redor da mordaca e removê-la, ou tentar deslocar a venda. Mas, por agora, ele relaxou e usou seus outros sentidos para se orientar no lugar onde estavam. Assim que ficou menos preocupado com o que o prendia, de imediato captou um murmúrio pulsante baixo que parecia vir de debaixo dele, ou talvez dos lados; de fato, parecia envolvê-lo, de todos os ângulos, como se estivesse sendo canalizado para a sala onde estavam. E então ele sentiu uma vibração sutil através de seu corpo, indicando que estavam em movimento.

Adams percebeu, num instante, que estavam num avião, numa cabine pressurizada. Para onde diabos estariam sendo levados? E por quê?

Presumivelmente seria era para interrogá-los, para descobrirem exatamente o que havia acontecido nos últimos dias, e a quem mais poderiam ter contado. Adams estremeceu ao pensar em Baranelli, percebendo que o haviam colocado em perigo.

Apesar de toda sua dureza, seu treinamento, seu espírito guerreiro, Adams não tinha a ilusão de que seria capaz de resistir ao interrogatório. Não que estivesse aterrorizado com a tortura, pois a dor física era algo a que estava acostumado; ele estava aterrorizado com o que ele poderia fazer se fosse forçado a testemunhar a tortura de *Lynn*. E se os interrogadores usassem as drogas mais recentes, em vez de métodos mais brutais, então a questão de sua capacidade de resistir era irrelevante de qualquer modo, pois os novos soros sintéticos tinham sua eficácia praticamente garantida.

Mas para onde estavam indo ainda o intrigava. Ele sabia, a partir das pesquisas de Stephenfield, que além da residência principal em Mason Neck, Jacobs também tinha casa em Nova York e São

Francisco, e Adams imaginou se estavam indo para alguma delas. A sede não oficial do Grupo Bilderberg ficava na Universidade de Leiden, na Holanda, onde os encontros anuais eram organizados, e Adams sabia que Jacobs também passava bastante tempo lá, e também que ele mantinha um apartamento na cidade.

Enquanto repassava as várias localidades, sentia que nenhuma estava certa. Ele não sabia por que, mas simplesmente não conseguia ver por que seriam despachados para qualquer um desses lugares.

Mas havia um outro lugar com o qual Jacobs e o Grupo Bilderberg tinham uma clara ligação, um lugar com o *know-how* tecnológico para fazê-los falar, e onde o desaparecimento deles jamais seria denunciado.

Adams sabia, visceralmente, que estavam indo para a Área 51.

15

Depois de um tempo interminável, Adams sentiu uma sensação de queda no estômago e nos intestinos, quando o avião começou a baixar de altitude, e ele soube que por fim iriam pousar.

Àquela altura, ele só queria que aquilo terminasse. Estava cansado de estar amarrado no avião, incapaz de se mover, ver ou falar; queria chegar aonde quer que estivessem indo, para ver se tinha alguma chance de escapar de lá. Sem qualquer informação, a não ser o fato de que estavam em um avião, suas opções até então tinham sido limitadas. Sabia que só tenderiam a aumentar após o pouso.

Sentiu a altitude diminuindo depressa agora, e então ouviu um tênue rangido eletrônico, em algum lugar distante, e percebeu que eram os trens de aterrissagem se abrindo em preparação para o pouso.

Três minutos depois, a aeronave estava taxiando, e então parou por completo.

O som das portas abrindo-se saudou-o um momento depois que a aeronave breiou e se imobilizou, junto com os passos pesados de vários pares de pés calçados com botas. Adams podia ouvir as respirações e estimou em meia dúzia de pessoas subindo a bordo do avião.

Não houve ordens sendo dadas, nenhuma palavra sendo dita, mas quem quer que tivesse subido começou a trabalhar de imediato, e Adams pôde sentir as pessoas à sua volta, pôde ouvir que destravavam vários fechos, sentiu seu assento se soltando do lugar onde estivera fixo, e percebeu que estava em uma cadeira de rodas que fora fixada ao piso do avião.

Foi inclinado para trás, erguido mas ainda preso com firmeza à cadeira, e então esta foi impulsionada, rodando ao longo da aeronave. A cadeira atingiu uma saliência, foi empurrada com força para ultrapassá-la e então ele foi levado devagar para baixo.

Pelo comprimento da fuselagem até a saída, e o fato de estar descendo por uma rampa na parte traseira do avião, Adams logo compreendeu que ele e Lynn tinham voado até ali em um avião de transporte Hércules C-130. Era um avião de uso primariamente militar, o que reforçava o palpite de Adams quanto a seu destino.

Ainda nenhuma palavra tinha sido trocada entre as pessoas que tinham ido a bordo, mas Adams identificou um leve resmungo como sendo de Lynn, e pôde ouvir a cadeira dela também sendo movida, descendo a rampa atrás dele.

Pelo cheiro corporal, forma de caminhar e padrão de respiração, Adams sabia que sua cadeira estava sendo empurrada por um homem, embora ele não soubesse quanto à de Lynn. As pessoas que os empurravam pareciam estar tomando uma rota longa e tortuosa até seu destino, a Adams só podia pensar que era parte do mesmo procedimento de desorientação que as vendas e mordças, destinados a fazê-los entrar em pânico, e enfraquecer sua determinação. De qualquer modo ele tentou memorizar a rota. Se conseguissem escapar, ele talvez pudesse invertê-la e encontrar o caminho de volta. Embora que utilidade isso pudesse ter, ele ainda

não soubesse. Mas a concentração necessária era boa para evitar a desorientação e a sensação de impotência que ela podia acarretar.

Primeiro, eles tinham sido empurrados por um trecho liso e reto de asfalto, que Adams supôs ser a pista de pouso. Ele podia ouvir, ainda, outros veículos: mais dois aviões taxiando em diferentes direções, o motor de um dos quais tinha um som estranho, que ele nunca tinha ouvido antes, quase como um aspirador de pó eletrônico; um pequeno veículo utilitário, 4x4, talvez algum tipo de jipe militar; um caminhão maior, mais distante; e então outro caminhão, passando a poucos metros, o ronco profundo de seu motor a diesel encobrendo todos os outros ruídos durante sua passagem.

Então de repente eles estavam dentro de um edifício, e Adams tentou ouvir qualquer coisa que não fosse o rolar monótono, invariável, das cadeiras de rodas, e as passadas duras das botas de sua escolta, ecoando no que parecia ser um piso de concreto em um corredor longo e vazio.

E então viraram à direita, e de imediato foram assaltados por um bombardeio de ruídos selvagens, como o de um complexo industrial em plena produção — serras elétricas abrindo caminho entre lâminas de metal, maçaricos de acetileno fazendo trabalho de soldagem, o ranger de maquinário pesado, e vozes, todas com o mesmo tom científico, profissional.

Quatro curvas depois, detiveram-se de repente, esperaram por 20 segundos e então moveram-se para a frente, apenas dois metros. Adams ouviu portas fechando-se por trás deles, e sentiu que estavam em um espaço bem confinado. Imaginou que fosse um elevador, e isso se confirmou segundos depois quando sentiu uma vez mais a sensação em seu estômago e intestinos, mas muito mais

intensa do que no avião. Este elevador era terrivelmente rápido, e Adams receou ficar enjoado, e que a mordalha o fizesse afogar-se com seu próprio vômito.

Mas ele se controlou, e então ficou espantado com o tempo que estava demorando aquela descida veloz — 5 segundos, 10, 15, 20 — e só pôde tentar imaginar a profundidade a que haviam descido nas entranhas da terra. Ele sabia que demorava 45 segundos para chegar do saguão do Empire State Building até o octogésimo andar, e de novo quase engasgou ao perceber a extensão das instalações da base secreta.

Antes que conseguisse pensar mais naquilo, estavam sendo empurrados para fora do elevador, por outro corredor de concreto longo e vazio, até que ele ouviu a abertura de uma porta de metal. Entraram em uma sala, e o som das rodas indicou que o piso também era de metal.

Então sentiu as mãos nas costas de sua cadeira de rodas relaxarem, e se afastarem; ouviu as botas recuarem, de volta para o corredor de concreto lá fora.

A porta se fechou, prendendo os dois no misterioso quarto de metal, centenas de metros abaixo da superfície.

Adams podia sentir que Lynn estava ali com ele, e se reconfortou com o fato de que ela ainda estava perto, apesar de ao mesmo tempo estar aterrorizado pela segurança dela. Mas pelo menos ele sabia que ela estava ali; ele mal podia imaginar como se sentiria se tivesse sido levada para outro ponto do complexo.

Foram deixados sozinhos por um longo tempo, e Adams imaginou que fosse uma tentativa de desgastá-los, fazer com que perdessem todo senso de tempo e lugar. O rastreamento mental da rota que tinham percorrido e sua atual contagem dos segundos da espera

ajudaram-no a reter suas faculdades, porém, e ele podia apenas torcer para que Lynn estivesse fazendo o mesmo.

Sua contagem de tempo levou-o a pouco menos de 15 mil segundos, ou pouco mais de quatro horas, antes que a porta se abrisse de novo.

Ele ouviu dois pares de pés entrando no quarto, um de botas, o outro com solas de couro. As luzes foram acesas, e Adams pôde sentir seu brilho intenso mesmo através da venda. Ele sabia o que viria a seguir.

Segundos depois, uma forte mão arrancou a venda de seus olhos, e Adams soube que o plano era deixá-los momentaneamente cegos, para enfraquecê-los ainda mais. Mas Adams havia fechado os olhos com força no instante em que sentiu a mão estender-se para a venda, e embora o brilho dos refletores de halogênio no teto acima deles ameaçasse queimar através de suas pálpebras, ao menos o choque nas retinas fora um pouco atenuado.

Ele abriu os olhos gradualmente, e foi saudado pela desagradável visão de Flynn Eldridge dirigindo-lhe um sorriso sádico.

— Imagino que tenham feito uma boa viagem — Eldridge disse, indiferente.

Adams ignorou-o, em vez disso olhando para Lynn, feliz em ver que ela também tinha fechado os olhos quando a venda fora removida. Quando ela os abriu, ele lhe deu um sorriso reconfortante, tentando oferecer-lhe consolo e esperança com os olhos.

Virando-se de novo para Eldridge, Adams pôde ver, por trás de seus ombros musculosos, um homem afável de terno, já de certa idade, que ele de imediato reconheceu como Stephen Jacobs. Adams estava impressionado. Então o figurão em pessoa tinha vindo para o interrogatório.

Adams observou Jacobs enquanto este se aproximava deles, avaliando-os como um biólogo examinaria uma forma de vida recém-descoberta.

— Então, aqui estamos nós, meus amigos — ele disse, finalmente, sua voz profunda e suave. — Vocês e eu sabemos que não sairão vivos destas instalações. Vocês vão morrer, não se enganem. — Ele sorriu. — *Como* vão morrer, no entanto, pode fazer uma grande diferença para vocês.

Jacobs fez um gesto para Eldridge, que se adiantou e removeu primeiro a mordança de Adams, depois a de Lynn. De imediato Lynn cuspiu na cara do homem, uma expressão de ódio puro no rosto dela.

— Ora, vamos, dra. Edwards, a culpa não é dele — disse Jacobs para Lynn, enquanto Eldridge limpava a saliva de sua face. — Não de fato. Afinal de contas ele estava apenas cumprindo ordens.

— Suas ordens? — devolveu Lynn, cheia de rancor.

— Para dizer a verdade, sim — respondeu Jacobs, sua segurança inabalável. — E agora dei ordens a nossos especialistas para interrogarem vocês usando todo e qualquer meio de que disponham, até descobirmos exatamente o que vocês sabem e a quem mais contaram.

— Já descobrimos Baranelli — disse-lhes Eldridge, com uma ponta de satisfação. — Não demorou muito para ele guinchar como um porquinho. Por sorte, não tinha tido tempo de contar a mais ninguém. Está morto agora, claro.

Tanto Lynn quanto Adams tentaram lançar-se para fora de suas cadeiras, para chegar a Eldridge; ambos teriam adorado esganá-lo até a morte com suas próprias mãos. Mas as amarras estavam

apertadas demais, e os movimentos violentos mal fizeram as cadeiras balançarem de leve.

— Provavelmente já não importa mais, de qualquer modo — disse Jacobs, ignorando a tentativa de ataque dos dois prisioneiros. — As coisas já estão adiantadas o suficiente para nos preocuparmos com o que poderia acontecer se as notícias se espalhassem. Mas não é bom deixar coisas pendentes, por assim dizer. Vocês dois são pontas soltas, que devem ser atadas. Há coisa demais em jogo para permitir que ocorra qualquer equívoco agora.

— Se vamos morrer de qualquer modo, por que não nos conta do que se trata tudo isso? — disse Adams. Se ele ia morrer, queria pelo menos saber por quê.

Jacobs olhou para Eldridge, que sacudiu a cabeça, e então olhou de volta para Adams e Lynn.

— Não creio que faça mal algum vocês saberem agora, não é?

Ignorando o olhar desaprovador de Eldridge, ele puxou um banquinho com tampo de plástico e se sentou, sorrindo para Lynn e Adams, obviamente satisfeito consigo mesmo e com o que havia conseguido. Se não pudesse se vangloriar ao menos um pouquinho, qual o sentido de tudo?

— Vamos começar do começo, está bem? — disse, com um sorriso.

16

Para Jacobs, era agradável finalmente estar contando a história inteira, ou ao menos a parte da qual tinha conhecimento direto e de primeira mão.

Ele havia passado a maior parte da vida sob uma identidade dupla, uma delas existindo apenas em sua mente, lidando com um conhecimento íntimo sobre coisas com que a maioria das pessoas jamais poderia sequer sonhar. Isso havia provocado alterações em sua personalidade, a ponto de ele às vezes pensar quem de fato era. E agora sua vida estava para mudar de novo, e uma vez mais ele se perguntava qual seria seu lugar em tudo isso.

— O acidente em Roswell aconteceu em 8 de julho de 1947. Depois do comunicado inicial, todo o incidente foi em seguida negado, claro. E então o Ato de Segurança Nacional foi assinado, e a Agência Central de Inteligência, a CIA, foi criada em setembro do mesmo ano. Coincidência? — Ele sorriu para os dois prisioneiros. — Claro que não. O Ato foi assinado pelo presidente Franklin D. Roosevelt quando ele recebeu as evidências do acidente de Roswell.

Jacobs viu a expressão de interesse nos rostos de Lynn e Adams, que pareciam por ora terem esquecido sua morte iminente.

— Sim, encontramos uma grande quantidade de evidências no local da queda — prosseguiu ele. — Havia os destroços de uma

espaçonave, espalhados por quase oito quilômetros quadrados de deserto do Novo México. Recolhemos tudo e enviamos em segredo para o Aeródromo Militar de Roswell, para uma avaliação inicial, e de lá o material foi posteriormente levado para o Aeródromo Militar de Muroc, hoje conhecido como Base Aérea de Edwards. — Ele parou, e sustentou o olhar do homem e da mulher sentados à sua frente. — Também encontramos um corpo.

— O quê? — perguntou Lynn, sem poder se conter.

— Sim, nós resgatamos um corpo do local. Na verdade, estava em boa condição, apesar de infelizmente morto. Mas ele provava que *havia algo lá fora*. O que todos precisávamos nos perguntar então era: seriam amigáveis? Do que seriam capazes? Assim, a CIA foi criada para proteger a nação contra todas as ameaças externas, em especial aquelas que eram excepcionalmente externas, até mesmo extraterrestres.

— Em Muroc, começamos a engenharia reversa da tecnologia que havíamos encontrado, e fizemos a autópsia do corpo. O que descobrimos era no mínimo interessante. Fomos capazes de estabelecer comunicação com eles, o que a princípio foi difícil dado nosso nível de sofisticação à época.

— Estava claro que o objetivo daquela gente era vir para cá e dominar o planeta. Haviam sido forçados a sair para o espaço por um cataclismo que destruiu seu planeta, e têm estado lá desde então, procurando um planeta adequado para habitar. Foram muito francos sobre isso, e queriam nossa ajuda.

— E vocês concordaram? — perguntou Lynn, incrédula.

— Eles souberam pedir — Jacobs respondeu com um sorriso. — Eles pareciam ter uma compreensão incrível da natureza humana. Apelaram para nossa cobiça e vaidade, pura e simplesmente.

Disseram-nos que, se cooperássemos, seríamos recompensados com igualdade de *status* no novo mundo que criariam, e imortalidade.

— E vocês acreditaram neles? — Adams perguntou, cético.

— Tivemos certas garantias e provas — respondeu Jacobs. — Mas estamos nos afastando da história. Conseguimos negociar que eles permitissem a sobrevivência de cem pessoas, e estabelecemos o Grupo Bilderberg como forma de recrutar os melhores que o mundo tinha a oferecer. Nosso primeiro encontro foi em maio de 1954, e foi decidido no encontro ratificar o tratado que levaria à formação do CERN, em 29 de setembro daquele mesmo ano. O CERN, ou Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear, foi criado para desenvolver a tecnologia necessária para trazeremos à Terra nossos visitantes.

— Mas a espaçonave já havia estado aqui — exclamou Lynn. — Então por que eles precisavam de ajuda?

— Você está certa, claro — Jacobs concordou. — Eles de fato tinham a capacidade de cruzar distâncias imensas, mas apenas em naves muito pequenas, individuais, e isso envolvia colocar o piloto em um estado de animação suspensa, o que sempre era perigoso. Isso ficou claro no próprio acidente em Roswell, que acreditamos ter acontecido porque o piloto não despertou de seu sono profundo. Eles queriam mais, que toda a sua população fosse transportada para cá em massa, com seus veículos e equipamentos, prontos para a invasão.

Jacobs ignorou o olhar de horror nas faces de Adams e Lynn.

— Foi decidido sediar a pesquisa na Europa, e não nos Estados Unidos, para camuflar a conexão entre nosso trabalho aqui e a engenharia reversa da tecnologia obtida no lugar da queda, que por aquela altura estava sendo mantida aqui na Área 51.

— Não muito depois de estabelecermos canais de comunicação, considerou-se que Muroc era público demais, e assim a CIA subvencionou a construção de uma nova base em Groom Lake, no deserto de Nevada, um lugar onde nosso anonimato seria garantido. Os projetos que todo mundo sabe que foram desenvolvidos aqui, como o avião-espião U2, o bombardeiro *stealth* e o caça *stealth*, e todos os drones aéreos não tripulados, são resultado do que descobrimos com aquela espaçonave.

— Nosso trabalho no CERN vai um passo além disso. Enquanto na Área 51 desenvolvemos a tecnologia que garantiu ao Ocidente uma consistente superioridade sobre nossos inimigos, no CERN nos preocupamos puramente com a construção de um gerador de *wormhole* — a máquina pela qual nossos visitantes chegarão aqui.

— Uma máquina para criar um “buraco de minhoca”, um atalho entre dois pontos distantes do universo? — Lynn perguntou, incrédula. — Não achei que uma coisa dessas fosse possível.

— E não é. Ao menos não com a tecnologia que você acredita que existe hoje em dia. Mas estamos trabalhando com um povo que está *milhares* de anos mais avançado que nós, e a ciência deles pode parecer mágica para nós, filisteus. Mesmo com a ajuda deles, temos lutado para conseguir que a máquina funcione perfeitamente. Claro, a nossa é apenas uma de um par. A outra está na nave-mãe deles, a milhões de anos luz-daqui. Pense nisso como um processo acoplado de enviar e receber. A máquina deles dobra o espaço-tempo, fazendo com que se curve; nossa própria máquina, a “receptora”, vai garantir que o ponto deles e o nosso se encontrem, permitindo que eles cruzem para cá. Sem as duas máquinas perfeitamente alinhadas, eles poderiam ir parar em qualquer ponto do universo.

— E a máquina está pronta? — perguntou Adams, recordando a conversa de Jacobs que ouvira na casa em Mason Neck.

— Estará pronta nos próximos dias. — Jacobs deu um grande sorriso. — Estamos quase lá.

— E o que vai acontecer quando chegarem? — quis saber Lynn.

— Uma pandemia global vai eclodir, guerra biológica em uma escala colossal. Vai dizimar a população global em estimados 98 por cento. O resto será caçado e escravizado para nosso próprio benefício, deixando a maioria do vasto espaço vital da Terra apenas para os visitantes. E os cem sobreviventes, claro.

— O que o faz pensar que vão deixá-lo viver? — perguntou Adams, amargurado.

— Nós já recebemos as fórmulas tanto para as bioarmas quanto para os antídotos — respondeu Jacobs. — E a recompensa vale o risco.

— Seu lixo — exclamou Lynn com veemência. — Você está disposto a matar seis *bilhões* de pessoas para receber sua recompensa? Eu quero que você arda no inferno!

— Bem improvável. Imortalidade, lembra? — respondeu Jacobs, com um sorriso presunçoso.

Adams desdenhou a ideia.

— Você está vivendo num mundo de sonhos se acha que eles vão cumprir a parte deles na barganha.

A confiança que irradiava das feições de Jacobs fez Lynn parar. Ela pensou na história do homem, e uma coisa lhe ocorreu.

— Por que você fala em “nós” o tempo todo quando se refere a Roswell? — perguntou. — Aquilo foi em 1947. Você devia ser só um garoto.

Jacobs sacudiu a cabeça suavemente.

— Ah, finalmente você percebeu. Não, eu não era um garoto. Eu era parte do Grupo Central de Inteligência na época, o antecessor imediato da CIA. Eles me mandaram para investigar o incidente em Roswell, e fui eu quem recomendou a formação da CIA, com o intuito de nos proteger da provável ameaça alienígena. Fui nomeado responsável por uma divisão particular, a assim chamada Unidade ET, logo depois da criação da agência. Fui o primeiro a falar com eles, uma vez que o contato foi estabelecido, e fui eu quem sugeriu e orquestrou a formação do Grupo Bilderberg e do CERN. Lutei na guerra como major, servindo na OSS, e tinha 49 anos de idade quando a espaçonave caiu no deserto.

Jacobs viu o choque nos olhos de seus prisioneiros, saboreando-o.

— Meu nome real é Charles Whitworth, e nasci em Dallas, Texas, em 3 de outubro de 1898. Tenho 114 anos de idade.

Ele deu um sorriso largo ao se pôr de pé. A postura curvada de antes, típica de um homem em seus 70 anos, aprumou-se na postura militar rígida de um homem muito mais jovem. Ele removeu as dentaduras, mostrando dentes perfeitos, e tirou os óculos do rosto para exibir seus olhos azuis muito claros. Puxou uma aba de pele enrugada no pescoço, e ela esticou e rasgou em sua mão, evidentemente algum tipo de maquiagem profissional.

— Tenho o corpo de um homem de 30 anos desde 1969, quando finalizei as negociações para trazê-los para cá. “Whitworth” morreu, e criei Stephen Jacobs como seu sucessor, e tenho vivido como Jacobs desde então, tendo que usar próteses e maquiagem quando em público, para parecer a idade correspondente a meu novo nascimento, em 1949. Eu queria uma prova, e eles a deram. Manipulação genética que vocês simplesmente não entenderiam.

— Olhem para mim — exigiu Jacobs, o brilho do fanatismo em seus olhos. — *Eu* sou a prova da promessa que eles fizeram. Eu já sou imortal! — Ele fixou neles seus penetrantes olhos azuis. — E a Terra está condenada.

* * *

Lynn recobrou-se primeiro do choque da declaração de Jacobs, a cientista nela superando a resposta emocional.

— Você ainda não respondeu à pergunta cuja resposta eu realmente quero saber — disse, sustentando o olhar dele. — Como se encaixa em tudo isso o corpo que encontramos na Antártida? Ele era parte do mesmo grupo que agora quer vir para cá? Em caso positivo, o que estavam fazendo aqui 40 mil anos atrás?

Mesmo que estivesse prestes a morrer, Lynn *precisava* saber a resposta. Não apenas a descoberta do corpo tinha dado início a seu envolvimento nisso, mas todos seus colegas tinham sido mortos por causa dele. Ela devia isso a eles, pelo menos.

— O corpo? — Jacobs disse, pensativo, antes de olhar seu relógio. — Creio que já falei mais do que devia, dra. Edwards. Agora precisamos ir embora. Assim, imagino que você vai ter que ir para o túmulo sem saber.

Ele se virou para Eldridge e acenou com a cabeça na direção da porta, e o homenzarrão adiantou-se e a abriu, Jacobs seguindo atrás. Ao chegar à porta, ele se voltou para Lynn e Adams.

— Vocês devem ser gratos, na verdade. O que quer que lhes aconteça aqui com certeza será melhor do que o que vai acontecer com a maioria da população da Terra nas semanas e meses que virão. O vírus que será introduzido não é muito complacente. É

horrendo, na verdade. Ele come sua carne de dentro para fora. Sério, vocês deviam ficar felizes por morrerem bem antes deles.

— Miserável — Adams rosnou por entre os dentes cerrados.

— Talvez — admitiu Jacobs. — Adeus.

E com isso ele girou nos calcanhares e saiu com Eldridge pela porta de aço, que se fechou eletronicamente por trás deles.

Três outros homens entraram na sala momentos depois. Pareciam ser algum tipo de cientistas, todos homens de meia-idade, de aparência séria e trajando aventais brancos de laboratório.

Um deles, um homenzinho de aparência benévola, calvo e com óculos grossos, aproximou-se dos dois prisioneiros, avaliando-os.

— Meu nome é dr. Steinberg — disse, em tom amigável. — Vou supervisionar seu tratamento. Meu objetivo é minimizar sua dor, se possível. Se cooperarem, creio que vão achar nossos procedimentos levemente desconfortáveis, nada mais.

— E se não cooperarmos? — perguntou Lynn.

— Vamos apenas dizer que é melhor que cooperem, e deixemos a coisa assim por enquanto — ele respondeu, diplomaticamente. — Primeiro, vamos fazer alguns testes básicos, para avaliar seu estado físico e psicológico para podermos calibrar corretamente nosso equipamento.

— Quer dizer, para poderem ir o mais longe que puderem, sem nos matar? — perguntou Adams.

— Sim, sr. Adams, essa é exatamente a razão, lamento — respondeu Steinberg, com um sorriso. Fez um gesto para os outros dois médicos, que começaram a empurrar grandes *trolleys* com inúmeros instrumentos médicos em cima. — Então, vamos começar?

17

Os testes físicos envolveram um exame médico minucioso, as mãos enluvadas dos médicos explorando cada milímetro deles, além de coleta de amostras de pele, sangue, cabelo e urina, e até uma biópsia muscular. As correias ao redor de seus corpos tinham sido removidas, mas pulsos e tornozelos ficaram presos às cadeiras o tempo todo.

Foram submetidos a testes psicológicos básicos, questões padronizadas que ambos já tinham visto antes; assim, deram respostas que sabiam que iriam distorcer os resultados. Os médicos apenas sorriram e assentiram com a cabeça, e então trouxeram um escâner de ressonância magnética portátil e examinaram seus cérebros diretamente.

Depois do que pareceram horas, os médicos finalmente saíram da sala para analisar os resultados, deixando Adams e Lynn sozinhos.

Lynn virou-se para Adams, aflita.

— Temos que descobrir um jeito de sair daqui — sussurrou para ele. — Não podemos deixar que coloquem em funcionamento aquele gerador de *wormhole*.

Adams piscou para ela, indicando com a cabeça na direção de um grande espelho na parede oposta. A mensagem era clara; ele tinha certeza de que ainda estavam sendo observados.

Ele já tinha decidido que tentariam escapar. Seriam mortos, de qualquer forma, junto com outros seis bilhões de pessoas se aquela maldita máquina no CERN entrasse em operação. Então, o que tinham a perder? A única questão na mente de Adams era como diabos fariam aquilo. Estavam presos a cadeiras em uma sala de metal centenas de metros abaixo da superfície da base militar mais segura do mundo. Seria a fuga apenas uma possibilidade distante?

Ele olhou para Lynn com um aceno tranquilizador de cabeça, uma determinação de aço em seus olhos. O que estava em jogo era simplesmente grande demais para não tentar. E se ele acreditava em algo na vida, era que onde havia a vontade, havia uma saída.

Na sala de observação, os três cientistas sentavam-se a seus monitores de computador, analisando os resultados dos testes.

Steinberg olhou através do espelho falso para os prisioneiros, que olhavam um nos olhos do outro, com um destemor notável e parecendo cheios de um fogo insaciável, que ameaças de morte e de tortura não extinguiriam facilmente.

— Filhos da mãe durões — murmurou, mais para si mesmo.

Como Chefe da Seção 8, a divisão de interrogatórios médicos da Área 51, Steinberg havia visto dúzias de pessoas passarem por ali ao longo dos anos, e sabia que centenas já tinham passado, antes de seu tempo. Mas nunca havia visto a confiança tranquila das duas pessoas sentadas agora na sala.

— Interessante — disse baixinho um dos homens, interrompendo o devaneio de Steinberg.

Ele se virou e olhou para o homem.

— O que foi?

— *Muito* interessante — o homem disse de novo, enquanto olhava com atenção um conjunto muito específico de resultados exibidos na tela de computador diante de si.

* * *

Quatro horas mais se passaram antes que os cientistas voltassem a entrar na sala, flanqueados por dois seguranças, duas macas de hospital entre eles.

— Olá, mais uma vez — disse Steinberg, ainda amigável. — Perdão por fazê-los esperar, mas tínhamos que ter certeza de ter examinado todos os resultados.

— Aposto que sim — murmurou Lynn. — Não dá para deixar a gente morrer cedo demais, não é?

Steinberg deu uma risadinha.

— Como você é direta — disse, quase com admiração. — E está certa, claro.

Ele fez um sinal para os seguranças, e eles foram para o lado dos prisioneiros, cada guarda com uma maca. Os médicos removeram seringas hipodérmicas, e começaram a enchê-las a partir de dois frascos diferentes.

— Precisamos remover vocês agora — disse, como se pedisse desculpas. — Vão receber tratamento individual, em salas separadas. Infelizmente nunca mais verão um ao outro.

Ele observou Lynn e Adams se entreolhando, o desespero espalhando-se pela primeira vez por seus rostos.

As feições dele se suavizaram.

— Você sabia de sua condição, dra. Edwards? — perguntou.

Lynn franziu as sobrancelhas.

— Que condição? — perguntou, inquieta.

Steinberg a olhou compadecido.

— Lamento que tenha que ouvir isso de mim, e ainda por cima neste lugar, mas... Você está grávida, dra. Edwards.

18

O choque estava estampado no rosto de Lynn. Ela olhou para Adams, igualmente chocada.

— O... o quê? — ela gaguejou, enquanto os médicos se moviam na direção deles, o líquido pingando da ponta de suas agulhas.

— Você está grávida — ele disse, de modo tranquilo. — Oito dias.

Lynn não tinha que fazer cálculo algum; ela sabia que tinha sido quando fizeram amor no deserto depois de escaparem do Chile.

— Lamento muito, mas não podemos alterar o resultado final de nossos procedimentos — Steinberg desculpou-se. — Mas tentaremos tornar o processo o mais confortável possível. E se vale de algo, eu sinto muito.

Lynn apenas olhou para a frente, sem expressão, o cérebro paralisado. Estava grávida. Ela iria ser mãe. E Matt era o pai, exatamente o que ele tinha desejado tantos anos antes, o grande problema que no fim havia levado à separação deles.

E agora ali estavam eles, juntos e com um filho, finalmente, e a única perspectiva que tinham era a morte.

Adams olhou fixo para Lynn, sem acreditar no que acabava de ouvir, ainda tentando processar aquilo. Lynn estava grávida?

E ficar sabendo que ela ainda ia ser interrogada e morta, junto com seu filho ainda não nascido?

Ele sabia que os médicos iam injetar-lhes algum tipo de anestésico para que pudessem ser transferidos pacificamente e sem resistência para as macas posicionadas ao lado deles. Então seriam levados para outras salas, onde a "diversão" por fim começaria.

As correias de couro que prendiam seus braços e pernas à cadeira estavam apertadas; ele já havia tentado soltar-se no avião, durante o voo. Mas ele sabia disso apenas em sua mente consciente. Quando viu o médico se aproximar de Lynn e de seu bebê por nascer, a agulha hipodérmica estendendo-se para o braço nu, enquanto o segurança se posicionava ao lado dela, a parte consciente da mente dele colapsou por completo, deixando apenas seu eu selvagem, animal, uma fera visceral que agia por instinto, puro e desenfreado.

Ele rugiu, seu corpo se convulsionando contra as correias, os músculos se avolumando enquanto se contraíam contra o couro tensionado, suas costas se arqueando para longe do encosto da cadeira. Seus olhos estavam saltados, uma expressão selvagem no rosto, e pareceu que todo seu corpo iria se partir em dois.

— Contenha-o! — berrou Steinberg ao segurança ao seu lado, que ficara paralisado, surpreendido pela convulsão repentina e violenta de Adams. — Enfie a agulha nele! — gritou ao médico, enquanto o corpo de Adams se contraía de novo e de novo e de novo, as correias sendo mais e mais retesadas a cada vez.

O outro segurança correu do lado de Lynn até ele, e ambos os homens tentaram forçar Adams a voltar para a cadeira, empurrando-lhe os braços para baixo enquanto prosseguiam as convulsões violentas e imprevisíveis de seu corpo.

O médico tentou mirar a seringa no ponto certo, mas o movimento do corpo de Adams não o deixava ver seu alvo bem o suficiente para cravá-la com precisão. Um dos guardas levou a mão ao *taser* em sua cintura, tirando-o do coldre e pressionando-o contra Adams.

Mas então Adams se convulsionou de novo, com ainda mais força, e urrou a plenos pulmões, um uivo animal, impressionante, que penetrou fundo nos homens a seu redor, fazendo com que recuassem por uma fração de segundo.

Naquele breve espaço de tempo, a correia de couro que estivera prendendo seu pulso direito finalmente rompeu-se. No instante seguinte, a mão livre de Adams estendeu-se e agarrou o pulso do segurança que empunhava o *taser*, empurrando-o com violência contra o médico.

Os contatos foram pressionados no homem, enviando 50 mil volts de eletricidade em seu corpo, causando um curto-circuito total em seu sistema. Ele caiu ao chão, a seringa hipodérmica rolando pelo piso metálico.

No mesmo movimento, Adams continuou a torcer o braço do segurança, seu corpo ainda se agitando numa fúria violenta. E então a segunda correia cedeu e sua mão esquerda também se libertou, agarrando o cinto do segundo segurança e puxando-o mais para perto, direto no *taser*.

O segurança caiu ao chão, inconsciente, e Adams, ainda preso pelos tornozelos, ergueu-se ligeiramente da cadeira, atingindo o segurança diante dele com um murro no queixo. Desorientado, o guarda foi incapaz de impedir que Adams lhe torcesse o braço em direção a si mesmo, o *taser* eletrocutando seu portador.

Com três homens inconscientes no chão, Adams de imediato se virou para os outros dois — o homem com a seringa ainda

perigosamente perto de Lynn e Steinberg, que parecia paralisado, o queixo caído, incrédulo.

O homem com a seringa saltou para perto de Lynn, e Adams arremessou o *taser* na direção dele. Sem esperar para ver se havia atingido o alvo, abaixou-se e rapidamente desatou as correias ao redor das pernas. Ao fazê-lo, ouviu o impacto do pequeno objeto de metal e um grunhido do médico.

Ergueu o olhar e lançou-se sobre o homem com a seringa, que de novo avançava para Lynn, depois da distração momentânea com o *taser* arremessado. Adams chocou-se com ele, empurrando-o com força para trás contra a parede, deixando-o sem fôlego. Ele caiu no chão, e Adams enfiou-lhe um joelho na cara, batendo a parte de trás da cabeça dele com violência na parede de metal.

Adams virou-se e viu Steinberg ainda de olhar fixo, ainda sem reagir. E então, quando Steinberg viu a intenção assassina nos olhos de Adams, finalmente se mexeu, tentando alcançar o intercomunicador eletrônico embutido na parede.

Adams apanhou o *taser* do chão e correu para ele, empurrando a arma com força no pescoço do médico, bem quando a mão dele tocou o botão. O corpo de Steinberg ficou rígido, e ele colapsou no piso.

Adams chutou-o com violência na barriga, uma, duas, três vezes, a violência emanando de seu corpo, ele ergueu alto o pé, preparando-se para desferir o *coup de grâce*.

— Não! — Lynn gritou, e o transe foi rompido. Adams baixou o pé e olhou em volta.

— Vamos precisar dele se quisermos sair vivos deste lugar — ela disse.

Levou menos de cinco minutos para imobilizar os dois guardas e os cientistas, que estavam começando a voltar a si. Adams amarrou seus pés e mãos e os amordaçou, antes de atingi-los com mais 50 mil volts, por precaução. Ele não tinha desejo algum de matá-los, mas não queria correr qualquer risco, e imaginou que o quanto mais pudesse mantê-los inconscientes, melhor.

Com Lynn, colocou o dr. Steinberg em uma das cadeiras de rodas, atando-o da mesma forma como ele próprio estivera atado até minutos antes. Apanharam as pistolas Sig Sauer dos seguranças, junto com seus rádios, e foram na direção da porta do laboratório.

Adams tinha reparado que, fora o espelho falso, não havia câmeras na sala. Talvez achassem que seria desnecessário monitorar de perto as coisas ali, tendo em vista a localização; a segurança normalmente tomaria conta de si mesma. Mas ele também estava ciente de que agora haveria dois guardas desaparecidos.

— Onde fica a sala dos seguranças? — perguntou a Steinberg, que olhou para ele com olhos pesados.

— Um andar para cima — murmurou o médico, ainda lutando para se recuperar por completo.

— Quantos são?

— Naquele andar? Uns 30, mas eles cobrem três andares. — Como um interrogador profissional, ele percebia que a resistência era inútil, e que seria melhor que contasse a verdade desde o começo. Eles provavelmente o matariam de qualquer modo, mas ao menos ele se pouparia de muita dor.

Adams tentou fazer algum cálculo mental rápido, mas falhou.

— Quantos são na base, no total?

— Cerca de 300.

Adams e Lynn se entreolharam, e Adams se virou de novo para Steinberg.

— Quando estão esperando que esses dois voltem? — perguntou, indicando os dois seguranças desacordados.

— Eles estavam destacados para ficar durante todo o interrogatório, e ao final do turno normal seriam substituídos por outros dois.

Adams examinou o rosto de Steinberg por algum sinal de desonestidade, mas não encontrou nenhum.

— E quanto falta até o fim do turno?

— Eles tinham acabado de começar, então são mais ou menos oito horas.

Lynn inclinou-se para o homem que estivera a ponto de supervisionar a tortura e morte deles.

— Há algum modo de sair daqui? — perguntou. — Você pode nos tirar deste lugar?

— E por que eu faria isso? — zombou Steinberg.

Adams olhou para Lynn e depois de novo para ele.

— O que exatamente você sabe sobre os planos de Jacobs?

Não foram necessários mais do que alguns minutos para delinear o que Jacobs lhes contara, e o efeito em Steinberg foi fulminante.

— O miserável! — ele resmungou. — Como pode achar que vai conseguir?

— Ele já *está* conseguindo — recordou-lhe Adams. — Já deve estar a meio caminho de Genebra, agora.

De certa forma, Adams ficara surpreso com a reação de Steinberg. Afinal de contas, o homem ganhava a vida torturando gente inocente. Mas genocídio global era algo totalmente diferente,

especialmente se você descobrisse que seria uma das vítimas infelizes.

Steinberg simplesmente ficou ali, sacudindo a cabeça sem poder acreditar.

— Eu sabia sobre a pesquisa com os alienígenas, claro, mas não fazia ideia de que havia sido estabelecido qualquer tipo de contato com eles. Não posso acreditar, eu...

— Doutor, precisamos sair daqui e ir para o CERN — interrompeu Adams com firmeza, tentando trazer a atenção de Steinberg de volta ao ponto. — Pode nos ajudar?

Por fim, Steinberg ergueu os olhos e seu olhar se encontrou com o de Adams.

— Pode haver um meio — disse, com franqueza.

Dez minutos depois, Steinberg estava fora da cadeira de rodas, e estavam caminhando com o médico por outro corredor de concreto, o som de seus passos ecoando no espaço fechado.

— Por que está tudo tão deserto aqui? — perguntou Lynn.

— Este andar tem um nível de segurança A1 Ultra — respondeu Steinberg. — Não há muita gente autorizada para estar aqui, e muitos dos que têm autorização foram recentemente enviados para outro lugar. Creio que para o CERN, pelo que vocês me contaram. Só restou uma equipe mínima agora.

— Que tipo de atividade acontece aqui embaixo? — Adams perguntou a seguir.

— O que provavelmente seria chamado de pesquisas “alienígenas” — admitiu Steinberg. — É aqui que desenvolvemos projetos diretamente conectados com a tecnologia descoberta no local da queda em Roswell. Todo este andar é desconhecido da maioria das

peças que trabalham aqui na Área 51. Eu mesmo não sei muitos detalhes, pois só realizo os interrogatórios. Temos nossa base aqui porque é o nível mais seguro. Os elevadores em geral param no andar de cima, a menos que se tenha uma chave de acesso especial.

Lynn fez que sim, e caminharam em silêncio mais alguns instantes, seguindo as indicações de Steinberg. Ele tinha em mente um destino final, mas o guardava para si, por medo de ser executado se o revelasse cedo demais, pois seus captores já não teriam necessidade dele.

— Cuidado aqui — Steinberg disse quando viraram em outro corredor de concreto. — Há um laboratório ali. Deveria estar vazio agora, mas nunca se sabe.

Ficaram em silêncio até chegarem à porta do laboratório, mas a curiosidade de Lynn havia sido despertada.

— O que fazem aí dentro?

Steinberg sorriu para ela.

— É onde mantêm os corpos — sussurrou.

— Corpos? Que corpos? — ela perguntou por ambos.

— O piloto original da nave que caiu em 1947 — ele respondeu, orgulhoso. — Perfeitamente preservado, embora autópsias completas tenham sido realizadas várias vezes ao longo dos anos.

— E quem mais? — perguntou Adams.

— Ah, vários outros corpos de origem questionável foram encontrados ao longo dos anos.

— Como o que minha equipe encontrou na Antártida? — Lynn perguntou, e Steinberg respondeu com um aceno de cabeça. — Quer dizer que houve outros?

— Claro que sim — Steinberg disse, sorrindo, como se falasse com uma criancinha. — Gostaria de ver?

Adams sabia que não era uma atitude inteligente. As coisas estavam acontecendo depressa demais em Genebra, a máquina no CERN estava perto demais de entrar em funcionamento, e não podiam perder tempo com o que no fundo não era mais do que curiosidade científica. E ainda assim ele sabia que, para Lynn, era mais do que isso. O corpo descoberto no gelo tinha levado à execução de sua equipe, e ela sentia que tinha a obrigação, para com eles, de seguir até o fim a descoberta. Ela lhes devia isso.

E o próprio Adams tinha que admitir que também estava bem interessado em dar uma olhada na sala. E qualquer coisa que descobrissem ali poderia ser útil quando chegasse a hora de confrontar Jacobs e seus homens em Genebra.

Mas era um risco. Será que a sala continha mesmo o que Steinberg disse que continha? Talvez o médico os tivesse enganado e levado direto para a sala dos guardas. Adams não podia ter certeza de que Steinberg tivesse de fato acreditado na história sobre Jacobs, ou se apenas fingia, para poder levá-los para uma armadilha.

Mas havia examinado os sinais físicos de Steinberg enquanto este falava, sua palidez, os batimentos cardíacos, a respiração, o suor. E, salvo pela já esperada exibição de nervosismo que era decorrência natural de ser escoltado na mira de uma arma, parecia estar falando a verdade, até onde Adams podia saber. Ele tinha confiança em sua habilidade em ler esse tipo de coisa, e finalmente concordou que o pequeno grupo entrasse na sala.

— Bem, não sei se vai haver alguém lá dentro — disse-lhes Steinberg, com franqueza. — E assim precisamos ser cautelosos.

Adams fez que sim, sacando sua pistola enquanto se punha em posição, ao lado da porta. Steinberg inclinou-se para a frente, pressionando a palma da mão em um painel de segurança, que então emitiu um lampejo em sua retina. A porta foi destrancada, e se abriu.

Adams acenou com a cabeça para Lynn, que entrou na sala um passo atrás de Steinberg.

— Andrew! — ele ouviu Steinberg dizer, em tom amigável. — Achei que você tinha ido junto com os outros.

— Willie! — a voz de um homem mais velho exclamou. — O que você está fazendo aqui?

Em um instante, Adams entrou pela porta, a arma apontada para o cientista à sua frente, a não mais que 20 passos de distância. A expressão no rosto do homem indicava que ele não ia gritar ou mover-se, pois estava mais ou menos paralisado pelo choque.

Adams correu até ele, forçando-o a se deitar no chão, e então algemou-o com as algemas de plástico que havia tirado dos seguranças na área de interrogatório. Ao mesmo tempo, ele examinou o resto da sala em busca de mais gente, mas não encontrou ninguém. O que ele viu, porém, era mais interessante, e quando colocou Andrew de pé novamente, prosseguiu sua inspeção do laboratório.

Mas era mais um necrotério do que um laboratório, ele logo percebeu. A sala era um grande cilindro metálico, com dúzias de gavetas mortuárias encaixadas nas paredes. À frente da sala, em lugar de honra, estava um tanque cheio com fluido, um corpo suspenso dentro.

Adams e Lynn o viram ao mesmo tempo, e ficaram perplexos.

Steinberg viu a expressão deles e sorriu.

— Sr. Adams, dra. Edwards — disse, formalmente. — Por favor, deixem-me apresentar-lhes a Peça de Exibição 1A, o piloto da espaçonave de Roswell.

Lynn foi com Steinberg até o tanque, enquanto Adams empurrava o outro homem, cujo crachá dizia “Professor A. Travers”, levando-o junto com eles.

Pararam diante da unidade de acrílico, os olhos arregalados. Lynn ficou surpresa ao ver que o corpo não guardava semelhança nenhuma com o que haviam encontrado no gelo, exceto por ter braços e pernas em número normal.

O corpo de 40 mil anos da Antártida poderia ter sido soterrado na semana anterior, tal a semelhança com os humanos dos dias de hoje, mas o cadáver para o qual olhava agora parecia gritar “alienígena”.

O corpo era pequeno, com membros curtos e esguios, o estômago ligeiramente distendido de forma que ele lembrava uma criança faminta. Mas o crânio era grande, muito maior do que o de um humano, e os olhos também eram grandes demais, acomodados em órbitas profundas sob o crânio aumentado. A face em si era pequena, como o corpo, a boca ainda menor, quase como se a evolução estivesse no processo de eliminá-la por completo. Mas a circunferência da caixa craniana devia ter o dobro da circunferência de um crânio humano, indicando grande inteligência.

Adams ficou impressionado com a semelhança do corpo com as imagens populares de tais criaturas — cabeça e olhos grandes, corpo pequeno, quase infantil. A pele tinha uma palidez estranha, cinzenta, como se a espécie não tivesse visto o sol em milênios, o

que talvez explicasse o porquê de evidências de “testemunhas oculares” terem resultado em que tais seres fossem batizados de *Greys* pelos ufólogos.

— De que planeta ele vem? — Lynn perguntou, com um entusiasmo incontido, virando-se primeiro para Steinberg e depois para Travers. — Veio do mesmo lugar que o corpo que encontramos?

Steinberg e Travers se entreolharam, e então Travers virou-se para Lynn, assentindo com a cabeça.

— É claro que veio — ele disse, um pouco confuso.

— Por que “é claro”? — ela perguntou, de imediato.

— Porque tanto este corpo quanto o que vocês descobriram na Antártida são da mesma espécie. *Homo sapiens*. — Ele viu a expressão de completo choque no rosto deles, e decidiu confirmar sua afirmação. — Ambos são humanos.

19

— **H**umanos? — Adams perguntou, quebrando o silêncio que pairara no ar por vários segundos. — Como diabos essa coisa pode ser humana?

— Ah, mas é humana, sim — disse Travers. — Ela só sofreu uma forma de evolução muito específica pelos últimos 14 mil anos ou algo assim.

Adams sabia que tinham pouco tempo, mas sentiu que precisava saber mais, e sabia que Lynn também.

— Acho melhor você explicar isso.

Travers pensou por um ou dois segundos, então olhou para a pistola de Adams, ainda apontada para ele, e concordou com um breve aceno de cabeça.

— Muito bem, sigam-me.

Seguiram o professor até uma das gavetas mortuárias, que ele puxou e abriu. Lynn soltou uma exclamação abafada ao ver, sobre a superfície de metal, o corpo que Tommy Devane encontrara por acaso na Antártida.

— Vou tentar explicar da forma mais simples que puder — disse Travers. Ele apontou para o corpo. — Esse corpo que vocês encontraram era parte do grupo de *Homo sapiens* que habitava a

Terra desde 200 mil anos atrás, um povo altamente avançado, exímio em ciências e matemática.

— Duzentos mil anos atrás? — perguntou Lynn. — Altamente avançado?

— Sim, e não me pergunte como eles evoluíram, pois eles mesmos não sabem. Em um momento, a Terra tinha outras espécies de *Homo*, incluindo *ergastor*, *heidelbergensis*, *rudolfensis*, *habilis*, *neanderthalensis*, entre outras, e no outro tínhamos *Homo sapiens sapiens*, com pleno desenvolvimento não apenas físico, mas mental. Já faz algum tempo que sabemos que humanos anatomicamente modernos existem há cerca de 200 mil anos. Mas não tínhamos ideia de que humanos mentalmente avançados habitavam a Terra há tanto tempo. Parece que houve toda uma era de elevado avanço humano, num passado remoto da pré-história.

— Assim, se aceitarmos isso, então o que aconteceu a essa antiga civilização? — perguntou Lynn.

— Foi destruída. Ou, pelo menos, quase destruída. Pessoas, edifícios, veículos, cidades inteiras, perdidas para sempre.

— Mas como? — Adams perguntou.

Travers ergueu uma das mãos.

— Antes de falar sobre isso, precisamos ter uma ideia de como a sociedade humana era antes da destruição. Isso vai ajudar a entender o que aconteceu.

Tanto Adams quanto Lynn, e também Steinberg, que parecia fascinado, olharam para ele com expectativa, incentivando-o a prosseguir.

— À medida que a tecnologia progredia, e os humanos se tornavam mais e mais avançados, o mundo ficou mais ou menos como é hoje, com inúmeros Estados-nação cuidando de seus

próprios cidadãos enquanto lutavam por poder uns com os outros. Guerra se seguia a guerra, se seguia a guerra, até que a democracia começou a se espalhar e blocos federais de nações de pensamento semelhante uniram forças. Depois de várias tentativas frustradas, e lembrem-se de que esse processo durou *milhares* de anos, um verdadeiro governo mundial emergiu, trazendo paz à Terra.

— Mas o que aconteceu então foi que a sociedade começou a se rachar ao meio, os ricos ficando mais ricos, e os pobres mais pobres, até existirem essencialmente dois níveis. O nível “superior”, se quiser chamar assim, era conhecido como os *Anunnaki*, que se traduz como “aqueles que vieram do céu para a Terra”, enquanto o “inferior”, muito mais numeroso, era conhecido como os *Arkashianos*, ou os *Outros*, e eles eram basicamente escravos dos Anunnaki. Os Arkashianos se espalhavam pelos cantos mais distantes do mundo, levando vidas pouco sofisticadas, enquanto os Anunnaki criaram uma cidade-estado suprema, localizada ao largo da costa, no que hoje é o oceano Atlântico.

— Atlântida? — perguntou Adams, incrédulo.

— Sim, sr. Adams — confirmou Travers. — Houve de fato tal lugar e ele foi o centro mais avançado de civilização já visto no planeta, até os dias de hoje.

— Então, se esses eventos foram relatados para as gerações futuras, supõe-se que tenham existido sobreviventes de qualquer desastre que tenha lhes acontecido — disse Lynn.

Travers resmungou.

— *Sempre* há sobreviventes — disse. — E, nesse caso, houve dois grupos, o que nos leva para a parte seguinte de nossa história. Há 14 mil anos, o mundo viu o dilúvio que aparece nos mitos de todas as civilizações e religiões desde então. Mas ele de fato ocorreu, e

estima-se que tenha exterminado 95 por cento das formas de vida existentes à época.

— Um meteoro? — exclamou Lynn.

Ela sabia que a NASA havia investigado as várias formas pelas quais um dilúvio poderia ocorrer, e ela havia lido a pesquisa. Uma das explicações mais prováveis era que, se um meteoro grande atingisse a Terra em uma área oceânica, o impacto criaria um megatsunami, que mudaria completamente a face do planeta.

— Não, embora o efeito fosse mais ou menos o mesmo — explicou Travers. — À época, havia uma grande ilha rochosa, perto da costa africana. Mais ou menos como as Canárias, mas bem maior. Tinha um penhasco de um lado, com quinhentos metros de altura, basicamente uma montanha à beira-mar, que acabou desabando. Uma atividade sísmica poderia ter sido a causa, mas de qualquer modo um imenso pedaço desse penhasco desprendeu-se e despencou no mar. Estamos falando de *milhões* de toneladas de rocha caindo direto para o fundo do oceano. A força resultante criou uma onda de três quilômetros de altura, que se espalhou pelo Atlântico e destruiu completamente a porção leste do que é hoje os Estados Unidos.

— E a Atlântida — acrescentou Adams.

— De certo modo — Travers disse, de modo vago. — Mas a coisa não parou por ali, pois a força tremenda do impacto lançou para a atmosfera bilhões de toneladas de detritos, que então se inflamaram e caíram por todo o planeta, causando imensa devastação por meio de incêndios florestais, que por sua vez fizeram com que o dióxido de carbono saturasse a atmosfera, até instalar-se um inverno nuclear que ajudou a exterminar boa parte da vida remanescente.

— Como você sabe de tudo isso? — perguntou Lynn.

— Sou a maior autoridade nos Anunnaki — respondeu Travers. — Venho trabalhando com eles há anos. Sou especialista em sua história.

— Trabalhando com eles? — Steinberg perguntou, desconfiado. Travers sorriu.

— Estou em comunicação com eles. Há um aparelho que utilizo, que me permite conectar-me telepaticamente com os Anunnaki, e venho aos poucos reconstituindo toda a história deles. Como relatada por eles, de qualquer modo.

Adams não estava surpreso por haver mais de uma caixa de comunicação. Ele tinha certeza de que seria um aparelho idêntico ao que Jacobs devia estar utilizando em sua casa em Mason Neck.

Um pensamento súbito surgiu em sua cabeça.

— Onde está a caixa? — perguntou.

Se estivesse ali na sala, poderiam os Anunnaki estar lendo seus pensamentos naquele exato momento?

— Relaxe, ela está em outro local — disse Travers, com tranquilidade. — Temos uma biblioteca de pesquisa dedicada a conhecer e preservar a história e a cultura deles, e a caixa fica lá. Nós a usamos regularmente, e eles respondem de muito bom grado a todas as nossas perguntas. Um povo notável, de fato — ele disse, com considerável respeito.

— Voltando ao dilúvio — disse Lynn a Travers, e trazendo a conversa de volta ao tema. — Quem sobreviveu?

— Os Anunnaki, claro — Travers informou-lhe. — Eles já sabiam da possibilidade da montanha desabar no mar, muito antes que acontecesse, mas a despeito de seu conhecimento técnico, não encontraram um modo de evitar a catástrofe. Em vez disso,

empregaram seus recursos fazendo da cidade-Estado de Atlântida uma espaçonave.

— Eles o quê? — exclamou Adams, surpreso. — Transformaram uma cidade em uma espaçonave?

— Eles já estavam bem avançados em termos de viagens espaciais — explicou Travers. — Tinham explorado todos os planetas do Sistema Solar, e estavam a caminho de desenvolver tecnologias que permitiriam a viagem intergaláctica. E pense na descrição que Platão fez da cidade de Atlântida: a ilha central cercada por anéis concêntricos, unidos por pontes. É uma espaçonave, pura e simples. A ilha central é a nave em si, e os anéis, girando uma vez que a nave estivesse no ar, ajudavam a criar gravidade artificial durante a longa viagem. E então o conjunto todo simplesmente ergueu-se e lançou-se para o espaço.

Lynn pensou sobre aquilo.

— Isso ao menos explica por que a Atlântida nunca foi encontrada — disse. — Porque não está mais na Terra.

— Exatamente isso — confirmou Travers, sorrindo. — Os Anunnaki escaparam do dilúvio devastador aventurando-se no espaço na própria Atlântida.

Adams olhou para o relógio digital embutido na parede do laboratório e virou-se para os demais.

— Falando em escapar, creio que é hora de começarmos a nos mexer.

Steinberg também olhou para o relógio e acenou a cabeça em concordância.

— Sim, acho que você tem razão. — Ele se virou para Travers e lhe fez um breve resumo do que estava acontecendo, e dos planos de

Jacobs para a população da Terra. — Vou levá-los para a saída Roosevelt — explicou. — Você deveria vir conosco.

Travers ficou olhando por um longo momento para o tanque contendo o corpo do Anunnaki, antes de responder.

— Sim, é claro que vou. Ainda há coisas que preciso explicar.

Steinberg sorriu e virou-se para Adams e Lynn.

— Muito bem, vamos. Ainda estamos a cerca de um quilômetro e meio da saída.

Instantes depois estavam uma vez mais caminhando pelos corredores desertos do Nível 36, os passos de novo ecoando no concreto enquanto passavam por imensos depósitos e laboratórios de alta tecnologia.

— Então o que aconteceu depois do dilúvio? — perguntou Adams, ainda curioso quanto à história que Travers vinha lhes contando.

— Bem, a maioria dos Arkashianos foi exterminada — continuou Travers, parecendo satisfeito por retornar ao papel de professor; Adams imaginou que isso afastava sua mente da situação precária em que estavam. — Mas pequenos bolsões sobreviveram ao redor do mundo, e somos seus descendentes diretos. Os sobreviventes mais bem-sucedidos foram os que convergiram para uma estreita área do Oriente Médio, onde as condições permitiram que desenvolvessem as culturas agrárias da Suméria, Babilônia e Egito.

— Mas o que aconteceu com toda a evidência que deveria ter restado da civilização anterior? — perguntou Lynn.

— A maior parte está debaixo d'água, como seria de esperar depois de semelhante inundação. Mas a maior parte da alta tecnologia estava centralizada em Atlântida, que já não está no planeta. A tecnologia anterior dos Anunnaki por todo o mundo já tinha sido destruída fazia tempo pelos Arkashianos. Alguns artefatos

ainda estão sendo descobertos aqui e ali, junto com corpos como o que você encontrou, mas quase tudo isso vem parar aqui. — Ele indicou com um gesto o caminho por onde tinham vindo. — Só a sala de onde saímos contém várias centenas de exemplos de corpos daqueles humanos antigos, incluindo vários espécimes bem preservados como o que vocês encontraram. Há outros depósitos aqui embaixo contendo milhares de outras amostras da tecnologia deles.

— E o que acontece com as pessoas que fazem essas descobertas? — perguntou Lynn, amargurada.

— A maioria delas é interrogada aqui, antes de terem a memória apagada ou serem mortas — admitiu Steinberg. — Outras pessoas, que por qualquer razão não podemos trazer para cá, sofrem “acidentes” infelizes ou são apenas expostas ao ridículo na imprensa, suas “evidências” sendo sistematicamente desacreditadas e objeto de deboche. É por isso que você às vezes vê descobertas na mídia popular, sendo sempre refutadas depois pela comunidade científica.

Lynn fez uma careta de desagrado.

— Vocês realmente controlam tudo, não é?

— Nós com certeza tentamos — disse Travers.

— E então o que aconteceu com os Anunnaki? — Adams perguntou.

— Bem, eles passaram os milhares de anos seguintes viajando através do espaço, tentando encontrar um novo planeta para colonizar. Boa parte da viagem foi feita em animação suspensa, devido às imensas distâncias envolvidas. Por fim, descobriram que *não* havia outros planetas realmente habitáveis dentro do alcance de sua espaçonave, e decidiram fazer dela seu lar permanente. Sem as pressões físicas de uma existência sediada em um planeta, ocorreu a

evolução que você viu no piloto de Roswell. Eles não tinham utilidade para corpos fortes ou membros musculosos, e assim por diante, e foi por isso que seu físico encolheu para o equivalente de uma criança dos dias de hoje. Mas o cérebro, assim como a inteligência, continuou a crescer, levando aos crânios anormalmente grandes que você vê. Seus outros sentidos físicos — tato, visão, olfato e audição — também foram diminuindo com o tempo, e quando eles desenvolveram habilidades de comunicação telepática, suas bocas começaram a ficar menores e mais inúteis a cada geração.

— Isso é ótimo — disse Adams. — Mas se eles estão tão perfeitos em seu próprio mundinho espaçonave, então por que querem voltar e controlar o mundo?

— Simples matemática — Travers explicou. — No momento, eles são praticamente imortais. Devido a avanços na medicina, não têm um limite superior de idade, pois suas células são impedidas artificialmente de morrer. Mas eles entendem que, para continuar evoluindo, precisam continuar a se reproduzir. Mas como conseguir lugar para novas pessoas? Não em sua pequena espaçonave. Eles querem continuar evoluindo, e para isso precisam de mais espaço. É simples assim.

— Mas por que agora? — perguntou Lynn. — Por que eles voltaram agora?

— Segunda Guerra Mundial — disse Travers. — A bomba atômica. Mesmo nas profundezas do espaço, os sensores deles captaram as detonações, e ficou claro que eram de origem humana. Isso lhes sugeriu que não apenas o planeta Terra ainda era habitável, mas que tínhamos a tecnologia para tornar o retorno deles para cá uma

possibilidade real, embora nós fôssemos precisar, claro, da orientação deles para criarmos os meios.

— Estou surpreso por eles não terem deixado sensores aqui desde o começo, alguma forma de monitorar o que aconteceu depois do supertsunami — disse Lynn.

— Eles o fizeram. Eles deixaram uma equipe de retaguarda, orbitando a Terra em uma nave menor, para enviar relatórios sobre o que acontecesse.

— Sério? E o que aconteceu com eles? — perguntou Lynn.

— Você já leu a Bíblia? — Travers perguntou com um sorriso. — Está tudo lá.

20

— O que você quer dizer? — perguntou Adams, enquanto dobravam mais uma esquina no labirinto subterrâneo.

— Praticamente tudo na Torá, os livros originais da lei da mais antiga Bíblia, tem relação com a tripulação da nave que ficou para trás — explicou Travers. — E pelo fato de a Bíblia ter sido baseada em mitos e lendas anteriores, também é possível ler a história desse povo nas escrituras dos antigos sumérios, babilônios e egípcios. E pelo fato de essas mesmas histórias serem contadas também por hindus, gregos, romanos e até vikings, pode-se lê-las, mais uma vez, em suas várias religiões e mitologias.

— Parece com o que Baranelli estava nos contando — Adams disse a Lynn.

— Sim. Nós estudamos religiões comparadas em Harvard — ela disse. — E é verdade que há algumas semelhanças incríveis em religiões que de outro modo são muito diferentes, por todo o mundo. O Dilúvio Universal, por exemplo.

— Exatamente — concordou Travers. — E fica claro que quase todas as fés descrevem “deuses” ou “anjos” descendo dos céus, muitas vezes em máquinas complexas.

— E você está dizendo que esses “deuses” eram na verdade homens deixados para trás depois do dilúvio, que agora estavam

vivendo em espaçonaves orbitais?

— Sim. Eles monitoravam a distância, sem terem certeza de que os Arkashianos sobreviveriam, ou de que a atmosfera da Terra estivesse comprometida demais. E assim eles ficaram observando enquanto gerações surgiam e desapareciam, até que comunidades se estabeleceram no “berço da civilização”, como o conhecemos, e começaram a cultivar a terra.

— Eles enviavam relatórios para a nave-mãe? Para Atlântida? — perguntou Adams.

— Esse parecia ser o objetivo, mas logo ficou claro que por algum motivo suas comunicações não estavam chegando até os companheiros que estavam agora no espaço profundo. Assim, esse pessoal tinha agora que se virar sozinho.

— E o que aconteceu com eles? — perguntou Adams.

— Cientes de que tinham perdido todo contato com o resto da população Anunnaki, e ainda sem saberem se a Terra estava de fato segura para ser habitada de novo, eles começaram a nos visitar. Desceram em espaçonaves pequenas, e foram de imediato considerados como deuses pelos antigos sumérios. De fato, o nome *Anunnaki* para esses deuses está claramente preservado na literatura suméria.

— É claro, tendo estado sozinhos por tantas gerações, os visitantes se encantaram com a glória e a atenção que receberam aqui. Para aumentar ainda mais seus *status*, eles começaram a ensinar àquelas civilizações primitivas os rudimentos da leitura, da escrita e da matemática, para garantir a continuidade da veneração das pessoas, pela qual agora ansiavam.

— Apesar de seu avanço, eles eram ainda humanos, e estavam sujeitos às mesmas emoções humanas que nós. Assim, acabaram

procriando conosco, o que *prova* que esses visitantes eram humanos, pois membros de espécies diferentes não podem cruzar com sucesso, e finalmente acabaram incorporados a nossas próprias populações, embora com seus descendentes tenham criado dinastias “reais” que duraram centenas, se não milhares de anos. A linha real de Davi, por exemplo, pode ser traçada até esses visitantes.

— Seus relacionamentos pareciam uma telenovela de hoje em dia, como se pode ver nas histórias dos deuses gregos, a maioria delas baseada em histórias muito mais antigas, que originalmente em sua maior parte eram verdadeiras. Há histórias que realmente é preciso ler para acreditar. E há também todos os relatos de tecnologia e armamento avançados. O relâmpago de Zeus? Uma arma *laser* trazida da espaçonave.

— Histórias parecidas são encontradas por toda parte. As naves em si são descritas nos Vedas hindus como *vimyana*, e vieram de uma “estrela” no céu que podia ser identificada de imediato. Era, claro, a estação espacial em órbita, que de fato podia ser vista a olho nu, mais ou menos da forma como acontece com nossa própria estação internacional.

— Na Bíblia, a destruição de Sodoma e Gomorra foi baseada em um evento real que aconteceu muito antes que o livro fosse escrito, quando toda uma cidade foi destruída por uma arma nuclear. E há muito mais, por toda a literatura religiosa.

Travers limpou a garganta e citou:

— *Quando a humanidade havia se espalhado por todo o mundo, e as meninas estavam nascendo, alguns dos seres celestiais viram que essas meninas eram bonitas, e então tomaram aquelas de quem gostavam... Naqueles dias, e mesmo depois, os Nefilins estavam sobre a Terra, e descendiam de mulheres humanas e seres*

celestiais. Eram grandes heróis e homens famosos de um passado distante. Parece uma história virtual de visitação extraterrestre e miscigenação? E é. Gênese, capítulo seis, versículos de um a quatro.

— Você está brincando — disse Adams.

— Não está — interferiu Lynn, sua mente a mil por hora. — Os Nefilins eram às vezes chamados de “os gigantes” em outras traduções, mas nunca se soube o significado exato. — Ela se virou para Travers. — Então você está dizendo que os Nefilins eram os Anunnaki sobreviventes?

— Sem dúvida. *Nefilim* é, de fato, uma transliteração direta de *Anunnaki* para o hebreu antigo, a partir de seu próprio idioma. Está tudo lá, escrito claramente em preto no branco, na nossa frente. Toda a história de nosso mundo. Todos leem mas ninguém entende de fato. Há quem acredite que os deuses descritos são na verdade seres sobrenaturais, enquanto outros creem que são o resultado de alucinações induzidas por drogas ou visões, ou que são meramente simbólicos. Ninguém de fato interpreta a história como sendo a verdade *literal*. Os que chegam mais perto são os que defendem a teoria dos astronautas antigos, que diz que os deuses do passado eram na verdade alienígenas.

— Mas a verdade é ainda mais incrível. Esses deuses antigos, toda a base de todas as religiões e todas as fés, eram homens e mulheres. Estávamos, e ainda estamos, venerando humanos.

21

— Chegamos — disse Steinberg ao virarem outra esquina, de repente dando de frente com o que parecia ser uma porta de elevador. — Esta é a Saída Roosevelt, construída algum tempo depois da construção original, sob ordens presidenciais. Roosevelt, que nos visitava aqui de tempos em tempos, era claustrofóbico, e um tanto paranoico. Ele odiava a ideia de que um só elevador fosse a única forma de escape caso algo acontecesse aqui embaixo, e então ordenou que um túnel secreto fosse construído. — Steinberg inclinou-se para a frente e apertou um botão ao lado da porta do elevador. Ela se abriu com suavidade, exibindo o interior de um elevador-padrão. — Era disfarçada como um elevador normal, que estava sempre em manutenção, e por fim sendo interditado como sendo inseguro. Mas... — ele prosseguiu, digitando um código no painel de controle de dentro do elevador — ... ele nunca foi planejado para ser um elevador. Não no sentido normal.

Enquanto ele terminava de falar, a parede do fundo do elevador deslizou para um lado, mostrando um túnel anormalmente longo, estendendo-se com uma leve inclinação até onde a vista alcançava.

Adams olhou lá dentro.

— Se estamos 36 andares abaixo da superfície, então a esse ângulo o túnel tem que se estender por...

— Oito quilômetros — Steinberg concluiu por ele. — Ele sai ao lado da “Estrada Extraterrestre”, a Rota 375, que percorre o perímetro da base. A saída do túnel está logo do lado de fora da cerca. Ainda está na área da Força Aérea dos Estados Unidos... toda a área, por centenas de quilômetros, é propriedade da Força Aérea... mas pode estar distante o suficiente para vocês conseguirem escapar daqui.

Adams apontou com um gesto um carrinho de metal do lado direito do túnel, sobre o que pareciam ser trilhos.

— O que é isso?

— Eu o ignoraria se fosse vocês. Estava planejado para uma fuga rápida, mas ficou aí sem ser usado por mais de 40 anos, e mesmo se funcionasse, as forças G provavelmente não fariam nada bem a vocês.

Adams assentiu com a cabeça.

— Vamos, então — disse, entrando no túnel, Lynn a seu lado.

Ele se virou ao perceber que os dois cientistas não o seguiam.

E então Lynn deu um grito espantado e os olhos de Adams se arregalaram quando ele viu o professor Travers parado ali, com uma pistola apontada direto para a cabeça de Steinberg.

22

— Vocês achavam mesmo que eu ia simplesmente deixar vocês saírem daqui? Achavam que eu não sabia dos planos? — perguntou Travers, e riu deles. — Fui convidado para o encontro do Grupo Bilderberg em 2002, e escolhido de imediato para os Cem. — Fez um gesto apontando para o corredor pelo qual haviam vindo. — Ouvem esse som?

Adams podia ouvir, e se xingou por não tê-lo captado antes. Tinha permitido a Travers que o distraísse com suas histórias. Pelo som dos ecos, Adams estimava que chegariam ali nos próximos 60 segundos.

— Vinte agentes da segurança — Travers disse, um sorriso perverso se abrindo em suas feições. — E não são conhecidos por sua tolerância com fugitivos.

Adams viu muito antes que Travers o olhar de fúria indignada na face de Steinberg, e já estava agarrando a mão de Lynn, e indo para o túnel quando Steinberg soltou um grito furioso e jogou-se contra o colega.

Steinberg segurou com as duas mãos a pistola de Travers e empurrou o braço para cima. Um estampido forte soou, e um único projétil supersônico ricocheteou pelo corredor enquanto os dois homens lutavam pela posse da arma.

Adams pôde ouvir os passos que estavam a ponto de virar a última esquina, e empurrou Lynn para o carro de metal, procurando sem sucesso pelos controles.

Steinberg viu o que estavam tentando fazer e gritou-lhes.

— Do lado esquerdo. O botão vermelho!

Adams virou-se e viu os guardas armados invadindo o corredor, as submetralhadoras erguidas até o ombro.

Ele estremeceu quando puxaram os gatilhos, ouviu Lynn dar um grito exultante, viu Steinberg reduzido a pedaços sangrentos por centenas de balas 9 mm de ponta oca e então sentiu seu próprio corpo sendo empurrado para trás contra o carro de metal, com uma força tremenda, quando ele se soltou de seu atracadouro e acelerou a uma velocidade aterrorizante pelo túnel, deixando Travers e os guardas como pontinhos insignificantes a uma distância muito, muito grande.

Steinberg não estava brincando quanto às forças G, percebeu Lynn.

A princípio, o choque da velocidade do carro quase afetou o funcionamento de seu cérebro, a força incrível prendendo-a contra a traseira do carro, seu rosto formando ondas sob a intensa pressão. Mas suas faculdades começaram a voltar, e ela estimou a força G como sendo da ordem de 4 ou 5.

Durante o tempo que passara na NASA, ela havia enfrentado forças de até 12 G em mergulhos invertidos, quando fora convidada para assistir ao treinamento de pilotos, mas aquilo tinha sido usando um traje G especial, que mitigava boa parte do choque. E embora 4 a 5 G fosse o mesmo que uma descida em uma montanha-russa alta, esses números só se aplicavam a curtos trajetos nas partes

mais altas do percurso. Aqui, não havia trajes protetores e a aceleração era constante, por um longo período de tempo.

Ela logo começou a sentir os efeitos. A primeira coisa que notou, depois de apenas 30 segundos de aceleração forte, foi sua visão ficando cada vez mais borrada e cinza, e o longo túnel adiante de si perdendo toda cor e nitidez. Fechou os olhos e tentou se controlar, mas logo começou a sentir náusea.

Abrindo os olhos de novo, sentiu sua visão afunilada, com perda da visão periférica. O fato de estar em um túnel já não ajudava em nada, mas seu campo visual estava ficando cada vez mais reduzido, e isso ia acontecendo rápido. Ela não fazia ideia de sua velocidade, mas sabia que o túnel tinha oito quilômetros de extensão. Mesmo a uma velocidade de 320 quilômetros por hora, a viagem levaria mais de um minuto e meio, e ela não tinha certeza de quanto tempo havia se passado. Quanto tempo mais aguentaria? Sentiu a visão começar a falhar por completo, a cegueira chegando rápido agora, e sabia que a inconsciência viria logo a seguir, com a morte sendo uma possibilidade significativa.

A escuridão começou a tomar conta das laterais de sua visão, e ela soube que logo tudo estaria perdido, mas então o carro reduziu a velocidade; era gradual, mas dava para sentir a desaceleração e, à medida que a velocidade diminuía, seus sentidos começaram a voltar gradualmente. Primeiro a escuridão recuou, então o túnel se alargou à sua frente e então, por fim, as cores voltaram e a percepção clareou por completo, enquanto o carro ia cada vez mais devagar até parar totalmente.

Ela estendeu a mão até a lateral do carro, para apoiar-se, quando foi atingida por outra onda de náusea, a cabeça rodando, mas então

sentiu um toque no braço, e virou-se para ver Adams fitando-a com olhos desfocados.

— Venha — ele disse, debilmente, puxando-a pelo braço. — Vamos lá.

* * *

O Coronel Briscoe Caines estava diante do conjunto principal de monitores, no Prédio Principal da Segurança, uma grande estrutura de tijolos situada junto à nova sede da Base, bem no centro da infinidade de edificações que coalhavam a Área 51.

Caines estava no comando-geral da segurança física da base, uma tarefa que desempenhava com uma dedicação impiedosa. Havia sido major nas Forças Especiais dos Estados Unidos antes de ser transferido para a Agência de Inteligência da Defesa, onde ascendera à patente de coronel pleno antes de ir para a Área 51.

Embora sua indicação tivesse sido feita pelo exército dos Estados Unidos, em cooperação com a CIA, ele na verdade tinha sido cooptado por seu velho amigo Stephen Jacobs e não tinha ilusões quanto a quem de fato comandava a segurança na base: o comandante Eldridge e os homens da Brigada Alfa. No entanto, Eldridge e seus capangas tinham sido transferidos recentemente para Genebra, deixando Caines sozinho para arrumar toda aquela bagunça.

Ele tinha sido acordado ao receber o chamado de emergência, dez minutos antes, pelo oficial de turno que parecia estar em uma espécie de pânico cego. Ele saiu da cama em seu aposento particular no alojamento nos fundos do PPS, e começou a se vestir enquanto ouvia o relatório.

Um sinal de emergência de perigo tinha sido enviado para a sala da guarda do Nível 34 pelo professor Travers, a partir do Laboratório 8, dois níveis abaixo. Parecia que os dois prisioneiros trazidos recentemente para a base haviam dominado os dois guardas designados para eles, junto com dois dos interrogadores, e tinham conseguido convencer o dr. Steinberg a tentar tirá-los dali. Caines fizera uma careta de desdém ao ouvir aquilo. Que chances podiam ter?

Mas então ficou claro que estavam indo para a Saída Roosevelt, e de repente a possibilidade se tornou bem mais real. Ordenando que um grupo de homens procurassem os fugitivos pelos amplos corredores do Nível 36, e que todo o resto do pessoal de segurança da base ficasse imediatamente de alerta, ele saiu correndo do alojamento dos oficiais, chegando ao PPS em tempo recorde.

À altura em que chegou lá, porém, as coisas tinham ficado ainda piores. Embora Steinberg tivesse sido morto, Adams e Edwards tinham chegado ao túnel de escape e haviam desaparecido rumo à saída no carro eletromagnético.

— Rumem para a estrada de Groom Lake! — ele gritou no microfone de rádio, o pânico agora se instalando em sua própria voz. — Todas as unidades!

23

Adams ergueu Lynn para fora do carro e apontou para cima. Os trilhos terminavam vários metros antes do fim do túnel, que virava abruptamente para cima, tornando-se uma curta chaminé vertical. Havia uma escada presa à parede, que subia pelo cilindro escuro até o que parecia ser uma escotilha de submarino.

Ele começou a subir pela escada e Lynn o seguiu de perto, virando-se para olhar para trás para o longo túnel por um breve instante, só para se certificar de que ainda estavam sozinhos.

A cabeça dela havia se recobrado do choque da aceleração do carro, e a náusea agora se fora por completo, embora seu estômago ainda estivesse um tanto revolto. Ainda tinham que completar sua fuga da base militar mais segura do mundo; e não apenas havia um grupo de assassinos treinados, logo no encalço deles, como não tinham a menor ideia do que haveria do outro lado da escotilha acima deles. Ainda assim, ela se manteve perto de Adams, e viu quando ele alcançou o alto e entrelaçou os pés nos degraus, para ter apoio para abrir a escotilha de metal.

Ele tentou girar o volante de abertura mas o ferrolho estava preso.

Olhou para baixo, para Lynn.

— Essa droga está enferrujada e não abre — disse, azedo. — Deve estar fechado há 50 anos.

Embora lhe parecesse inútil, voltou a tentar, até seu rosto ficar vermelho e a pele das mãos começar a formar bolhas. Mas o volante não se mexia, e a escotilha inútil zombava deles, com a possibilidade de fuga logo ali.

Caines observava os monitores. Embora os corredores do Nível 36 estivessem notavelmente desprovidos de câmeras de segurança, e quase por completo fora do alcance do monitoramento, o grupo liderado pelo capitão Aldo Barnes estava enviando-lhe imagens pelas câmeras instaladas em seus próprios capacetes.

Ele estava satisfeito em ver que Barnes tivera a precaução de levar da sala dos guardas do andar de cima alguns "Ramcarts" L-84. Esses veículos eram basicamente carrinhos de golfe modificados, e embora nem de perto fossem tão rápidos quanto o artefato que carregara os fugitivos para longe a uma tremenda velocidade, eram bem mais ligeiros do que seguir a pé pelo túnel.

Caines observou enquanto metade dos homens conseguia se espremer nos dois veículos pequenos e partir pelo túnel a uma velocidade de 50 quilômetros por hora, enquanto o resto dos homens seguia atrás, correndo. Então voltou-se para checar o avanço das outras unidades, que iam na direção da saída do túnel na superfície.

Barnes tomou a dianteira no carrinho, o ruído dos motores a diesel ensurdecedores dentro do túnel estreito, e um sorriso selvagem estampou-lhe o rosto enquanto ele checava o magazine de seu rifle de assalto Steyr AUG. O casal que estava poucos quilômetros à frente havia deixado dois de seus homens inconscientes no chão das

salas de interrogatório, um insulto profissional a Barnes, que logo seria vingado.

Adams ouviu primeiro o som dos motores, mesmo com o sangue pulsando nos ouvidos, devido à pressão interna na cabeça enquanto ele continuava a lutar contra a escotilha.

Os malditos guardas deviam ter trazido algum tipo de veículo para o túnel, e estariam ali muito mais cedo do que Adams tinha calculado. Um grupo de homens armados a pé provavelmente teria demorado cerca de uma hora para alcançá-los. Mas com um transporte motorizado? Dependeria da velocidade exata, claro, mas seria com certeza muito menos que uma hora. Poderiam ser apenas alguns minutos.

Adams olhou para Lynn, e viu que ela também tinha ouvido o ronco dos motores; viu a preocupação em seus olhos, não só por eles, mas pela criança que agora sabia estar crescendo em seu útero.

Ele se virou para a maldita escotilha enferrujada e atacou-a com renovada ferocidade. Aquela coisa ia abrir de um jeito ou de outro, ele não podia permitir que fosse diferente.

Momentos depois, ele sentiu Lynn subir para o lado dele, os pés entrelaçados aos seus, as costas apoiadas na parede do lado oposto do túnel.

Ela lhe sorriu de modo reconfortante, erguendo a mão para segurar o outro lado do volante. Olhou para ele, transmitindo-lhe mais do que simples amor; era compreensão, confiança, reconhecimento mútuo pelos sentimentos mais profundos que um tinha pelo outro.

— Vamos fazer isso juntos, está bem? — ela disse a ele, e Adams sabia que não se referia só a abrir a escotilha.

Ele lhe devolveu um olhar que esperava que transmitisse o mesmo sentimento a ela, e assentiu com a cabeça.

— Na contagem de três, vamos girar juntos — disse ele, enquanto o som dos motores a diesel ficava cada vez mais forte.

— Um — ele disse, enquanto ambos seguravam mais firme o volante de aço inoxidável da escotilha. — Dois — continuou, respirando fundo. — Três! — gritou, e ambos fizeram a maior força que podiam, os músculos se contraindo tanto que as veias começaram a pulsar, azuis, na testa deles, ameaçando estourar.

A princípio não houve nada, nem um esboço de movimento, mas ambos continuaram a aplicar um nível quase sobre-humano de força, e houve o primeiro deslizar de metal sobre metal, um som rascante e um leve tremor que ambos sentiram através das mãos.

Adams olhou para Lynn, incapaz de falar devido ao esforço, mas seus olhos disseram tudo. *Estamos quase lá! Mais força!*

24

Os carrinhos Ramcart aceleraram até sua velocidade máxima de 80 quilômetros por hora depois de terem percorrido cerca de um quilômetro e meio dentro do longo túnel, e Barnes calculou que chegariam ao final sete minutos depois de deixarem a entrada disfarçada no elevador.

Checou o relógio quando haviam transcorrido seis minutos, gesticulando para que os homens estivessem prontos. Fariam o assalto assim que chegassem, abatendo os fugitivos com firmeza e rapidez.

E então viu o fim do túnel se aproximando, o carro abandonado. O homem e a mulher não estavam à vista, o que significava que provavelmente estavam presos na chaminé de acesso, lutando para abrir a escotilha.

Barnes sorriu para si mesmo; a escotilha, negligenciada por anos, devia estar tão fechada como se tivesse sido soldada. Sua manutenção estava na lista de tarefas a fazer, mas era uma daquelas coisas que nunca eram feitas.

Os carrinhos pararam e Barnes e seus homens desceram, distribuindo-se pelo túnel, armas erguidas, correndo rumo à chaminé vertical. Seria como atirar em peixes dentro de um barril.

Dois dos homens chegaram antes, os rifles de assalto apontados para cima. Barnes ficou confuso por não soar tiro algum, mas então ele estava lá, olhando para cima ele mesmo, e compreendeu num instante.

Pois não havia nada em que atirar; a chaminé estava vazia, a escotilha de aço aberta para o céu noturno lá em cima.

Adams e Lynn haviam finalmente conseguido virar o suficiente o volante de aço para romper o selo de ferrugem, o som do metal rangendo dando lugar a um movimento mais livre e fácil, até a escotilha abrir-se por completo.

Poeira e terra tinham caído sobre suas cabeças enquanto Adams empurrava a escotilha com cuidado, abrindo-a poucos centímetros enquanto ele e Lynn se afastavam para o lado e deixavam que a terra caísse ao piso do túnel.

Adams empurrou de novo, e embora encontrasse alguma resistência, continuou a fazer força até abrir a escotilha pela metade. Por razões de segurança, ele não quis abri-la por completo, pois não queria atrair muita atenção se houvesse guardas nas vizinhanças. Ele supôs que os guardas do Nível 36 tivessem emitido um alerta geral, e que portanto poderiam já ter chegado à saída do túnel, se conseguissem achá-la.

Mantendo-a aberta apenas o suficiente para permitir a passagem, ele acenou para que Lynn viesse até ele. Ela se instalou na lateral da escada, firmando-se ao sustentar todo o peso da escotilha. Adams sacou sua pistola, deu um beijo rápido nos lábios de Lynn e esgueirou-se devagar para a noite enluarada lá fora.

Manteve-se rente ao chão, deslizando para fora da escotilha semiaberta devagar e em silêncio. Assim que a parte de cima de seu

torso estava fora, ele parou e monitorou a área ao redor, mantendo a cabeça baixa enquanto os olhos se moviam.

Não havia movimento, disse ele tinha certeza. Era especialista em rastrear animais à noite, e estava acostumado a buscar movimento mesmo na noite mais escura; mas aqui não havia nenhum dos sinais indicativos. Só que isso não significava que não houvesse ninguém em algum lugar monitorando-os eletronicamente, ou escondido atrás da escotilha, sem que ele pudesse ver.

Assim, ele lentamente saiu por completo da escotilha, permitindo que seu corpo se virasse para checar também a área por trás. Varreu o horizonte inteiro, 360 graus, até ter certeza de que não havia ninguém ali.

Mas, agora livre do som dos motores no túnel lá embaixo, ele começou a ouvir outros motores, sobre a terra, convergindo para eles, e percebeu que os seguranças deviam saber onde estavam, e já estavam a caminho.

Ele se agachou, estendeu a mão para a escotilha e abriu-a por completo, a terra que antes estava no topo agora lançada para um lado. Debruçou-se para dentro e pegou Lynn pelos braços, puxando-a para fora do túnel em um único movimento suave, até que os pés dela tocaram terra firme ao lado dele.

Ele fez um gesto para o ruído de motores que vinha da direita, e Lynn seguiu seu olhar. Havia uma cerca alta de tela de arame a apenas seis metros deles, e podiam ver que uma pista de pouso bem iluminada passava logo atrás dela. O ruído vinha da pista, e depressa eles perceberam que os veículos armados estavam se aproximando velozmente, usando a pista como estrada. À esquerda deles, uma estreita estrada vazia sumia na distância. Fora isso, a

área lembrava a vegetação arbustiva inóspita dos desertos do Chile e do Peru, de onde haviam escapado tão recentemente.

— Eles estão vindo — Adams lhe disse. — Precisamos partir. Agora!

25

Barnes emergiu pela escotilha quando os faróis de quatro grandes veículos *off-road* vieram através do terreno irregular na direção dele, suas metralhadoras calibre .50 apontadas direto para ele.

— Não atirem! — ele gritou em seu microfone tático, sintonizado no mesmo comprimento de onda usado por todos os diferentes elementos da segurança da Área 51. Ele ergueu os braços enquanto o holofote do veículo da frente o atingia em cheio, iluminando-o perfeitamente.

O resto dos homens emergiu do túnel atrás dele, enquanto os quatro 4x4 detinham-se ao redor.

— Eles estão por aqui em algum lugar, apenas alguns minutos à nossa frente — anunciou Barnes.

— Temos monitores aqui? — alguém perguntou de dentro do segundo veículo.

— Afirmativo — respondeu o coronel Caines de seu posto dentro do PPS. — Temos sensores por todo o caminho até o portão principal.

Por ser tão vasto, o perímetro real da base de Groom Lake não era cercado; em vez disso, a única estrada de acesso — a Groom Lake Road, a apenas 22 quilômetros da Rota 375, conhecida afetuosamente pela população local como Estrada Extraterrestre —

estava assinalada com inúmeras placas chamativas alertando as pessoas para não seguirem adiante. Quem quer que o fizesse era pego de imediato pelas seguranças particulares — os *camo dudes* — que então os entregavam para a delegacia do Condado. O terreno entre o perímetro externo e a base em si era monitorado por sensores de calor e câmeras de movimento, bem como pelos homens que mantinham uma vigilância visual a partir das colinas elevadas que rodeavam a estrada de acesso.

— Barnes, você e seus homens continuem a busca a pé — prosseguiu o coronel. — Quero que os jipes ampliem a área de busca até o perímetro principal. Temos mais 200 homens vindo para a zona de busca nos próximos dez minutos, junto com cães e termovisores. Helicópteros estão sendo preparados e logo vão decolar, ampliando ainda mais a área. Agora vamos!

— Sim, senhor! — respondeu Barnes, e então virou-se para sua equipe: — Vocês ouviram o homem! Vamos lá!

Quatro longas e terríveis horas depois, que lhe resultaram em uma enxaqueca, o coronel Briscoe Caines continuava grudado aos monitores. Todo o aparato de segurança da instalação militar mais segura do mundo tinha sido mobilizado para encontrar dois fugitivos portando apenas armas leves e em um deserto aberto, sem sucesso. Trezentos homens, duas dúzias de veículos *off-road* e 14 helicópteros tinham vasculhado 1.300 quilômetros quadrados de deserto e não tinham encontrado nada.

Mas que diabos estava acontecendo? Mesmo com boa parte do pessoal da base tendo sido transferida recentemente para a Europa sob as ordens de Stephen Jacobs, Caines nem de longe ficara sem recursos. Mas traço algum foi encontrado em local nenhum, salvo

por um par de rastros que iam da saída do túnel através da areia do deserto rumo à Estrada de Groom Lake.

Para onde poderiam ter ido, uma vez na estrada? Não houvera sinal de qualquer veículo. Talvez alguém tivesse aparecido em um carro e levado os dois embora. Ou talvez motocicletas tivessem sido deixadas junto ao túnel para eles. Mas como teriam planejado aquilo? E os helicópteros com certeza os teriam encontrado, caso os sensores não o fizessem.

Caines não tinha como explicar aquilo.

Lynn acomodou o peso do corpo, esforçando-se por ficar confortável, mas era impossível.

Depois de deixarem o túnel, Adams a puxara para a esquerda, na direção da estrada pavimentada, onde ele havia rolado ao longo do asfalto, encorajando-a a fazer o mesmo.

— Para confundir os cães — ele lhe dissera, antes de pegá-la pela mão e puxá-la de volta, refazendo seus passos até a saída do túnel. Adams certificou-se de que pisassem nas pegadas deixadas antes, camuflando o fato de terem retornado.

Então começou a trabalhar, cavando a terra perto da escotilha, com a ajuda de Lynn, até terem uma pequena cavidade. Então ele a fez deitar dentro da cova rasa e começou a cobrir seus corpos com a terra solta.

— Como vamos respirar? — ela sussurrou sem fôlego, pouco antes de ambos estarem completamente cobertos.

Adams tirou sua pistola, ejetou o magazine e colocou-o no bolso antes de puxar o ferrolho para ejetar a bala na câmara. Ele a recolheu e também colocou no bolso, enquanto Lynn começava a fazer o mesmo com sua própria arma.

Colocando na boca a coroa oca das armas, continuaram a cobrir-se até estarem inteiramente enterrados, os canos de suas pistolas projetando-se apenas levemente da terra, permitindo que o ar frio da noite chegasse até eles.

E tinham estado ali desde então, deitados e imóveis, mal ousando respirar quando os homens emergiram do túnel e os 4x4 apareceram no local, ambos aterrorizados com a possibilidade de os canos das pistolas serem encontrados ou que o calor de seus corpos fosse registrado pelos monitores sofisticados dos guardas.

Mas os canos haviam passado despercebidos em toda a agitação. Com dois fugitivos à solta, um monte de terra remexida junto à escotilha que fora aberta não era nenhuma prioridade; e o calor de seus corpos não foi captado pelos sensores, graças à terra fria que os cobria.

Ainda estavam no mesmo lugar quando os cães vieram e os sons de dezenas, talvez centenas de mais pés haviam descido sobre a área; mas de novo, os sons vieram e se foram, e o monte de terra permaneceu intacto.

Mas eles haviam estado na mesma posição por tempo demais, agora, e Lynn estava começando a sofrer de uma intensa claustrofobia como nunca antes sentira. Mesmo havendo apenas alguns centímetros de terra separando-a do mundo exterior, pareciam ser milhares. Ela sentia como se de fato tivesse sido enterrada viva, como uma daquelas pessoas que eram dadas como mortas cedo demais e então acordavam enterradas em um caixão sob toneladas de terra. Algumas tinham conseguido escavar seu caminho para fora, Lynn sabia, e agora ela sentia o mesmo desejo, a intensa necessidade de começar a escavar.

Sentiu um movimento ao seu lado, e percebeu que Adams estava fazendo exatamente aquilo; ele estava escapando de sua prisão de terra. Teria sido demais para ele?

Na mesma hora Lynn também começou a cavar para sair, e estava quase conseguindo quando Adams estendeu a mão e a puxou para fora, a terra pesada escorrendo-lhe do cabelo e da pele enquanto ela removia da boca, as mandíbulas doloridas, a larga coronha da pistola, ansiosa para encher o pulmão com ar *de verdade*. Enquanto inspirava os primeiros e maravilhosos bocados de ar limpo, Adams olhou ao redor.

— Eles não estão aqui, ao menos por enquanto — disse, com alguma satisfação. — provavelmente estão vasculhando cada centímetro de terra ao redor da base.

— Então o que fazemos agora? — ela lhe perguntou, seu controle retornando devagar.

— Agora nós fugimos — ele respondeu, confiante.

— Para que lado?

Adams sorriu-lhe e apontou por cima do ombro dela, para a cerca de tela de arame que cercava a Área 51.

Lynn virou-se e olhou, e então gemeu, sem poder acreditar.

— Ah, não — disse, desalentada. — Você só pode estar brincando.

26

A cerca não era, de fato, o obstáculo colossal que parecia a princípio. Era na verdade mais uma linha de demarcação do que qualquer outra coisa, um meio para que o pessoal da base soubesse onde podiam ou não podiam ir. No que dizia respeito à segurança, supunha-se que seria impossível passar pelos sensores de calor corporal e detectores de movimento espalhados no deserto circundante, e pelas patrulhas móveis dos guardas.

Chegando mais perto, porém, Adams pôde ver que embora a cerca não fosse fisicamente impressionante — apenas uma camada de tela, com três metros de altura — todo seu comprimento estava conectado a sensores tanto de movimento quanto de calor corporal. Talvez não fosse assim tão fácil.

Adams agachou-se nas sombras, sua visão noturna percebendo a alguma distância o que parecia ser um portão, e depois de um instante de observação ele viu que era por onde os veículos de segurança deviam ter passado.

— Venha — ele sussurrou para Lynn, apontando para o portão.

— O portão principal? — ela perguntou, incrédula.

— Não é o portão principal — ele sussurrou de volta. — É só um portão lateral secundário. E acho que ainda está aberto.

Ele a pegou pela mão, mantendo-se abaixado enquanto se moviam ao longo da cerca em direção ao portão. A 50 metros dele, ambos se agacharam de novo, esforçando-se para ver detalhes do portão. À volta deles, ao longe no deserto, ouviam o som dos veículos *off-road* percorrendo o terreno acidentado, helicópteros circulando no céu e vozes gritando ordens. Ali, porém, parecia haver uma completa ausência de atividade; Adams só podia presumir que o portão tivesse ficado temporariamente aberto, para facilitar o acesso aos veículos que sem dúvida estariam entrando e saindo a noite toda.

De repente, o som de motores vindo de trás fez com que ele agarrasse Lynn pelo braço e a puxasse para baixo, para perto do solo arenoso. Olhando por cima do ombro, viram dois 4x4 dirigindo-se de volta à base. Observaram com atenção enquanto os veículos *off-road* cruzavam o terreno irregular antes de atravessar o portão, seus faróis iluminando o que Adams agora via ser uma pequena guarita de sentinela, vazia.

Eles continuaram observando por vários instantes, até que Adams virou-se para Lynn.

— Outros veículos estão ao menos a um quilômetro e meio de distância — ele disse, capaz de captar os sons com facilidade através do deserto inóspito. Indicou com um gesto o portão. — Hora de ir.

— **E** como andam as coisas? — Caines perguntou, através de comunicadores, torcendo por algo, *qualquer coisa*, que ajudasse a resolver aquela situação terrível.

— Até agora nada — ouviu de imediato a resposta de Barnes. — Não há nada aqui a não ser a maldita areia.

Caines podia ouvir a frustração do homem, e ela estava refletida nas respostas que se seguiram, dos motoristas dos veículos de reconhecimento 4x4 e dos pilotos dos helicópteros. Ninguém tinha achado nada.

Ele voltou a observar os monitores, as pessoas atarefadas que iam e vinham pela sala praticamente invisíveis para ele.

Onde diabos estão?

No mesmo momento em que Caines se fazia essa pergunta, sua presa estava a menos de 300 metros do Prédio Principal da Segurança, ambos os lados sem saber da presença um do outro.

Adams sabia o que era o grande edifício de tijolos do outro lado da pista, porém, tendo sido instruído por Stephenfield quanto à disposição das principais edificações na Área 51, e sabia que devia evitá-lo. A edificação estava situada a sudoeste de um prédio semelhante, que ele sabia ser uma espécie de laboratório para algo chamado Equipamento de Medições de Precisão. A norte dali, e agora diretamente à sua frente estava o enorme edifício que abrigava a sede da base. Mas ele ainda não conseguia determinar onde ficava o edifício subterrâneo no qual tinham ficado presos. No entanto, ele imaginava que não precisaria saber isso; o que ele queria estava agora ao alcance, de qualquer modo.

Adams e Lynn estavam espantados com a grandiosidade da base, como ela se estendia, quase como uma cidade pequena. Uma cidade pequena que consumia a mesma quantidade de energia elétrica de uma cidade grande. Dezenas de edifícios, de pequenos alojamentos a grandes depósitos e hangares de veículos, espalhavam-se por uma vasta área, e havia ainda as sete pistas de pouso altamente

iluminadas, cada uma delas com sua própria torre de comando e veículos de apoio.

A base interna, porém, parecia estar quase deserta; a busca por eles fora da base por sorte consumia quase todos os recursos das forças de segurança. Tinham cruzado uma pista depois da outra, movendo-se agachados quando cruzavam o terreno entre elas, e com rapidez através do asfalto liso, sempre mantendo-se em todas as sombras possíveis, até chegarem à pista mais próxima do edifício da sede.

Enquanto estavam agachados ali, Adams apontou para a fileira de seis aviões de passageiros Boeing 737, a fuselagem de todos pintada de branco com uma faixa vermelha ao longo de cada lado.

— Os aviões Janet — Adams sussurrou para Lynn, antes de apontar para o mais distante, que o pessoal de terra estava ocupado abastecendo.

Adams ergueu os olhos para a lua e as estrelas no céu. Os potentes refletores da base tornavam mais difícil lê-las, mas não impossível.

— Passa pouco das cinco — ele disse a Lynn, o nascer do sol ainda distante na manhã de inverno. — O primeiro voo sai às seis, quando o pessoal não residente voa de volta para casa depois do turno da noite.

— E o que isso tem a ver conosco? — Lynn perguntou, embora suspeitasse já saber a resposta.

— Vamos tomá-lo, junto com eles — ele sussurrou para ela.

As portas do avião estavam fechadas e travadas, Adams sabia mesmo vendo de onde estavam, do outro lado da pista, mas não podiam se dar ao luxo de esperar. Daí a pouco os funcionários não residentes estariam saindo da sede e chegando em micro-ônibus

vindos de outros pontos da base, todos prontos para ir para casa, e o avião ficaria rodeado de gente.

Assim, ele e Lynn se aproximaram o máximo que puderam, esperaram até que todo o pessoal de apoio tivesse deixado a área e então correram pela pista até o trem de pouso, tentando manter-se abaixados e dentro de qualquer sombra que pudessem. Então Adams empurrou Lynn para cima pelo enorme pneu dianteiro, antes de içar-se atrás dela, continuando a subir até o compartimento de acomodação do pneu, e pelas profundezas sombrias das entranhas da aeronave. Eles se apertaram, passando pelo maquinário compacto, agora fora de vista de qualquer um do lado de fora, até chegarem ao alto do compartimento.

Agarrando-se ao topo da suspensão do trem de pouso, Adams bateu no escuro até que sua mão encontrou uma alavanca. Puxando-a, um pequeno alçapão de acesso quadrado se abriu para o interior da aeronave propriamente dito, e ele foi na frente, espremendo-se para conseguir passar o corpo. A princípio achou que os ombros não caberiam, mas por fim conseguiu encolhê-los o suficiente para entrar bem apertado. Ele logo puxou Lynn atrás de si, o corpo esguio dela passando com muito mais facilidade.

Adams deixou o alçapão aberto, a luz refletida da pista lá embaixo constituindo sua única fonte de iluminação. Os olhos dele se ajustaram depressa, e ele viu que estavam no compartimento de carga, que estava meio cheio com contêineres metálicos.

Estes estavam presos ao piso, e Adams escolheu o que estava acomodado mais perto da antepara do fundo. Ele fechou o alçapão, a escuridão de imediato envolvendo-os como um cobertor espesso, e pegou a mão de Lynn, levando-a até o esconderijo que havia escolhido, por trás do engradado. Não permaneceriam ocultos se o

compartimento de carga fosse vasculhado, mas Adams imaginava que, com a atenção voltada para o deserto, não era provável que houvesse uma revista.

Então esperaram, e esperaram, pelas seis da manhã, torcendo para que o horário fosse cumprido.

Às seis, a aeronave começou a taxiar, e daí a dez minutos eles sentiram o pequeno Boeing acelerar pela pista e erguer-se no ar.

O alívio invadiu os dois.

27

O voo de Groom Lake para Las Vegas era de curta distância.

Adams segurou Lynn enquanto a aeronave pousava no que ele sabia que era a pista noroeste do Aeroporto Internacional de McCarran, adjacente ao Terminal Janet.

Ficaram escondidos atrás do engradado enquanto o Boeing taxiou pela pista, gradualmente reduzindo a velocidade enquanto circulava, e então deteve-se em seu destino final.

— Venha — disse Adams, abandonando o esconderijo e indo direto para o compartimento do trem de pouso, Lynn bem atrás dele.

Ele abriu o alçapão e desta vez passou por ele com mais facilidade. Deteve-se no alto do amortecedor do pneu para ajudar Lynn a sair, e uma vez fora, ela se virou e fechou o alçapão. Ainda escondidos dentro do compartimento do pneu, estavam fora de vista de qualquer um na pista, e também haviam saído do compartimento de carga sem deixar traços, para o caso de alguém revistá-lo agora que o avião tinha pousado.

A mente de Adam tinha calculado o que fazer a seguir. Os funcionários do turno da noite estariam desembarcando a qualquer minuto, e então o pessoal de serviço do aeroporto viria para o avião, reabastecendo-o e preparando-o para voar de novo. O *timing* seria tudo.

Ele se virou devagar e ficou de cabeça para baixo, as pernas enganchadas em torno do amortecedor de pouso para suportar seu peso. Manteve as mãos a seu lado, de forma que apenas o alto de sua cabeça seria visível se alguém estivesse olhando enquanto ele baixava o corpo para ver o que acontecia ao redor do avião.

A escada já tinha sido trazida para o lado do avião que estava voltado para o grande edifício branco do terminal. Do lado mais distante do terminal havia um enorme estacionamento; para além dele, os super-hotéis e cassinos da Strip, a colossal pirâmide de vidro negro do Luxor logo do outro lado.

Ele ouviu um motor elétrico do outro lado, e ao voltar-se viu um veículo de serviço vindo pela pista na direção deles. Adams não moveu um músculo, percebendo que, com a iluminação que havia, só um movimento denunciaria sua posição, a menos que alguém viesse direto até o trem de pouso e olhasse para ele.

Continuou a olhar enquanto os primeiros pés começaram a descer os degraus, e então uma equipe de serviço saiu do veículo, estendeu uma escada a partir do alto dele e entrou no avião através da porta de serviço traseira.

Percebendo que a atenção de todos agora estava voltada para seus próprios trabalhos, ele virou-se de novo de cabeça para cima, fez que sim para Lynn e desceu pelo amortecedor, deslizando para baixo até chegar ao pneu. Olhando para ver se Lynn o acompanhava, ele então pulou do pneu para o asfalto da pista.

Lynn juntou-se a ele instantes depois, e ele a pegou pela mão e correu com ela para o lado oposto do veículo de serviço, usando-o para bloquear a vista de qualquer um que estivesse no Terminal Janet. Deram a volta ao veículo até chegarem à traseira.

Adams varreu novamente a área com os olhos, fazendo um gesto com a cabeça na direção do estacionamento a apenas 30 metros de distância, do outro lado da pista. Lynn olhou para o outro lado e assentiu com a cabeça.

Adams virou-se para ela e disse-lhe, apenas com a boca, sem emitir som.

— Três... dois... um... já!

Juntos, eles dispararam o mais rápido possível através do pavimento escuro, correndo rumo à sombra espessa do avião, lançada pelos poderosos refletores do aeroporto. Cobriram a distância em cinco segundos, chegando sem fôlego à cerca, a adrenalina correndo por seus corpos. Adams tinha certeza de que não tinham sido detectados, mas cada segundo que passava os transformava mais e mais em alvos.

— Suba e passe para o outro lado — ele disse a Lynn, e ela se voltou para a cerca, dobrando uma perna e colocando o pé nas mãos de Adams em concha, que ele então empurrou para cima, arremessando-a para o alto da cerca. Ela se agarrou no alto, puxou o corpo por cima e deixou-se cair, com graça, do outro lado.

Adams recuou um par de passos e então lançou-se na direção da cerca, erguendo-se e passando por cima dela em um único movimento fluido. Aterrissou agachado e virou-se para olhar através da cerca, para ver se sua fuga tinha sido notada por alguém. Mas ninguém se virara na direção deles. Os funcionários da Área 51 rumavam para o prédio do terminal como carneiros em um cercado, o pessoal de serviço continuava ocupado ao redor do avião, fazendo o que eram pagos para fazer. Os movimentados edifícios do terminal principal ficavam bem para sudeste; o canto noroeste era de uma calma mortal em comparação, quase como um aeródromo particular.

Estava claro que a presença deles não tinha sido notada, e assim Adams e Lynn se afastaram da cerca, aprumaram-se e voltaram-se para olhar o estacionamento, apenas mais um casal retornando a seu carro. E então, de braços dados, foram na direção de uma saída sem funcionários.

Dez minutos depois, tinham cruzado as ruas Haven e Giles e passado através do estacionamento do Motel 8 Las Vegas, até emergirem na parte sul do Las Vegas Boulevard, a famosa "Strip". Cruzaram a larga e movimentada avenida, e foram para o norte até alcançarem a gigantesca pirâmide do Luxor, o famoso hotel e cassino que Adams havia visto a partir do amortecedor do Boeing.

Em qualquer outro lugar da Terra, um casal entrando em um cassino pouco depois das sete da manhã poderia ter feito algumas sobranceiras se erguerem; em Vegas, porém, tal visão era tão natural quanto a noite seguindo o dia. Era de fato uma cultura 24 horas, e alguns dos clientes regulares passavam literalmente cada hora de cada dia de sua estada diante das máquinas caça-níqueis ou nas mesas de roleta, apostando as economias de uma vida em um lançamento de dados.

Ao entrarem no cassino de 11 mil metros quadrados, ficaram surpresos com a agitação ao redor deles, centenas, talvez milhares de pessoas indo e vindo entre as mesas de jogo e os caça-níqueis. Era o caos, puro e simples.

Adams virou-se para Lynn e sorriu.

— É perfeito.

John Ayita era um homem com muitas preocupações, nenhuma delas de pouca importância.

Dez de seus Shadow Wolves estavam mortos, incluindo os homens em São Francisco e os irmãos Najana. De fato, até onde ele sabia, agora só restavam ele e Stephenfield.

Não tivera notícias de Adams desde que ele e Lynn foram pegar os resultados dos testes na DNA Analytics. Ele só podia supor que o Grupo Bilderberg de alguma forma os tivesse encontrado e capturado, forçando-os a falar. Que mais poderia ter acontecido?

E ainda assim ele não podia crer que Matt tivesse falado, não o grande "Urso Livre". Talvez Lynn, então? Ou quem sabe talvez tivessem usado drogas neles; Ayita sabia que era impossível resistir a certos tipos de soros da verdade. De qualquer modo, seus homens haviam sido eliminados pela Brigada Alfa, de Jacobs, e ele estava correndo para salvar a vida.

Ele teve que abandonar seu quartel-general no depósito e se esconder, e sabia que Stephenfield estaria fazendo o mesmo.

Estava em um bar no centro de Salt Lake City, tomando uma cerveja e pensando em seu próximo movimento, quando seu celular tocou. Era um telefone limpo, pois ele havia se livrado de outras unidades por medo de ser rastreado, mas havia redirecionado aqueles números para o novo telefone.

Depois de um instante pensando, ele pressionou a tecla mas não disse nada.

— John? — ele ouviu a voz de Matt Adams, falando na língua lakota, mas ainda assim não respondeu. Estava feliz por Adams ao menos estar vivo, mas não sabia se podia confiar nele. Talvez estivesse fazendo a chamada sob pressão. Ou talvez sua voz tivesse

sido gravada e agora estivesse sendo simulada por computador. Ele não tinha ideia.

— Olha, não posso falar em uma linha aberta, precisamos nos encontrar — a voz continuou em lakota. Ayita pensou no uso do idioma tribal. Se Adams estava sendo forçado a fazer a chamada, por que usar aquela língua? Fazia mais sentido se ele soubesse que as ligações podiam ser monitoradas e estivesse usando o lakota por ser tão difícil de traduzir.

— Onde e quando? — Ayita finalmente perguntou.

De tarde, Ayita estava em um quarto de motel com Adams e Lynn, à margem da Autoestrada 80, na periferia de Carson City. Stephenfield estava com eles também, pois Adams tinha conseguido fazer contato com o único outro Shadow Wolf sobrevivente.

Preparativos de segurança tinham sido feitos com cuidado, nenhuma das partes confiando por completo na outra, mas no fim o encontro foi realizado, e cada um explicou sua parte no que aconteceu.

Adams estava arrasado com a perda dos amigos, mas quando contou o que havia acontecido a Lynn e a ele, o que tinham descoberto e o que estava a ponto de acontecer, a tragédia particular começou a parecer irrelevante em comparação.

— Então precisamos chegar a Genebra o mais rápido possível — concluiu Adams. — Nada pode ser mais importante do que o que está em jogo aqui.

Ayita curvou a cabeça enquanto pensava no assunto. Adams estava certo, claro. Suas próprias vidas não eram nada comparadas com o destino de toda a humanidade; não fazia mais sentido esconder-se agora. Ele se virou para Stephenfield.

— Você ainda pode conseguir passaportes? — perguntou.

Stephenfield pensou no assunto antes de assentir com um gesto cabeça.

— Se a alternativa é não podermos chegar a Genebra, pode ter certeza de que consigo.

Três horas depois, Stephenfield voltou ao quarto de motel. Nunca deixava de impressioná-lo tudo o que podia ser conseguido quando se tinha grana suficiente, e ele não tinha sido mesquinho com seu dinheiro. Se não pudessem chegar a Genebra para deter Jacobs, para que serviria o dinheiro, de qualquer modo?

Ele abriu sua sacola e tirou não apenas passaportes, mas também carteiras de motorista e cartões da previdência social, bem como um punhado de cartões de crédito clonados. Ele colocou tudo isso na mesa entre eles, e Adams ficou surpreso ao ver que havia quatro passaportes.

Stephenfield sorriu para ele.

— Você não estava achando que iria sozinho com Lynn, não é? — perguntou.

— Vejam, não quero arriscar a vida de vocês também, isso... — Adams começou a argumentar.

— Você precisa de nós — disse Ayita, com a voz firme. E para que teríamos que ficar aqui? Se o que vocês dizem é verdadeiro, se falharem então todos vamos estar mortos de qualquer forma.

Adams percebeu que ele estava certo.

— Você tem razão — disse. — Melhor comprarmos as passagens para sairmos daqui. Quais são nossos novos nomes?

— Vou dar todas as informações quando estivermos a caminho — disse Stephenfield. — As passagens já estão compradas, vamos

partir do aeroporto internacional de Reno-Tahoe em duas horas.

Adams sorriu.

— Excelente — disse, feliz por partir de imediato. — Vamos chegar a Genebra e então fazer aqueles filhos da mãe desejarem que o “contato” nunca tivesse sido feito.

PARTE QUATRO

1

Pela primeira vez em todo o tempo que podia lembrar-se, Jacobs estava empolgado.

Ele já vivia como Jacobs fazia várias décadas, e não pensava mais em si mesmo como Charles Whitworth. Mas Whitworth ele fora, primogênito de Benjamin e Mary Whitworth, e havia começado a ganhar experiência ao final da Primeira Guerra Mundial. Tinha feito e visto tudo o que era possível. Mas isto agora ultrapassaria qualquer coisa.

Ele mal podia esperar para encontrar-se com os Anunnaki, e não tinha nenhuma das dúvidas que Adams e Edwards tinham tentado incutir nele. Eles manteriam sua parte da barganha; claro que sim, pois ele já era um imortal. Mas a verdadeira razão pela qual Jacobs confiava neles — ao menos por enquanto, de qualquer forma — era porque os Anunnaki precisavam dele e de seus colegas.

Não obstante todo seu avanço de alta tecnologia, era fato que fazia muitos milhares de anos que os Anunnaki não viviam em um planeta de verdade; suas mentes eram fortes, mas os corpos eram fracos, e precisavam de ajuda se quisessem de fato escravizar o resto da humanidade. Havia um limite para o que o vírus letal podia fazer; os sobreviventes precisariam ser caçados, e era por isso que toda a brigada Alfa seria poupada. A missão dos Bilderbergers seria

usar seus vários talentos para atrair os outros sobreviventes, para que a Brigada Alfa pudesse capturá-los. Essa tarefa física era algo que os Anunnaki simplesmente não podiam mais realizar. Tinham a tecnologia para construir todo tipo de respostas robóticas ou cibernéticas, claro; mas não tinham mais espaço, e era justamente por isso que estavam voltando para a Terra.

E assim Jacobs ficava mais do que feliz em confiar nos Anunnaki depois de seu retorno. Não tinha dúvida de que procurariam uma forma de livrar-se dele e de seus aliados na primeira oportunidade que tivessem, mas ele planejava tornar-se indispensável para eles no curto tempo de que dispunha, e tinha mais do que certeza de que seria capaz de fazê-lo. Ele também acalentava outro plano, ainda mais ambicioso, mas tinha receio de pensar muito nele devido às habilidades telepáticas dos Anunnaki. Ao longo dos anos ele tinha desenvolvido uma técnica para até certo ponto contornar isso. Tinha aprendido que os pensamentos ou palavras tinham que estar inteiramente formados antes que os Anunnaki pudessem interpretá-los, e assim quando estava pensando sobre qualquer coisa que não queria que soubessem, ele nunca deixava que nada se realizasse por completo em sua mente. Era quase como tentar ver algo no escuro; não se olha direto para o objeto, mas de lado, de forma que ele é captado pela visão periférica.

E assim, o plano definitivo de Jacobs estava fora do alcance dos Anunnaki, e embora ele não tivesse garantias de que funcionaria, com certeza era algo que valia a pena tentar quando a hora fosse apropriada.

Por agora, porém, ele estava apenas saboreando a expectativa, enquanto percorria as ruas escuras e cobertas de neve de Genebra. Ele e seus colegas — mais uma vez eram os Cem, depois que seu

convite a Saul Rubino, um vendedor bilionário de diamantes, fora aceito — haviam chegado ao aeroporto na noite anterior e tinham decidido pernoitar no Palais Grande, com vista para o belíssimo lago que tornara tão famosa a cidade.

Wesley Jones havia ficado para trás para gerenciar as coisas em Washington, com o objetivo de retardar a investigação quanto ao acidente perto da casa de Jacobs, mas era esperado em Genebra a tempo da chegada dos Anunnaki. Com o tempo, Jacobs passara a confiar em Jones, e viu-se torcendo para que ele conseguisse.

Os demais integrantes dos Cem de Bilderberg seguiam agora em comboio, saindo da cidade e tomando a autoestrada que cruzava as belas paisagens ao pé das montanhas distantes. Iam rumo às instalações do Grande Colisor de Hádrons, do CERN, a organização que ele mesmo havia ajudado a estabelecer, com o propósito expresso de trazer os Anunnaki de volta para a Terra.

Philippe Messier viera juntar-se a eles para jantar no hotel, na noite anterior, e durante a lagosta e o Dom Perignon, havia informado ao grupo reunido que o aparelho estaria operacional na tarde seguinte. Houve vivas e comemorações, e Messier havia brindado uma vez atrás da outra, até que mal conseguia ficar de pé.

Quando os primeiros raios da manhã surgiram sobre as montanhas, Jacobs estava recostado no confortável assento de couro da imensa limusine Rolls-Royce, e tomou um gole de seu conhaque da manhã.

O telefone tocou assim que ele levou a taça aos lábios, e ele rapidamente o pegou no bolso. Viu quem era e atendeu de imediato, o sangue abandonando seu rosto.

* * *

Não era uma ligação que o coronel Caines quisesse fazer, mas era melhor partir diretamente dele do que Jacobs saber por outra fonte, o que com certeza aconteceria antes que a manhã terminasse.

— Sr. Jacobs — ele começou, hesitante. — Temos más notícias.

Jacobs escutou atento enquanto Caines fazia um relato detalhado do que ocorrera nas últimas horas.

— Você tem qualquer pista que seja? — perguntou Jacobs.

— Não, senhor — admitiu Caines, feliz por Jacobs não estar ali na sala com ele. — Não temos ideia de onde podem estar nesse momento. Mas estamos fazendo tudo ao nosso alcance para localizá-los.

Por um breve instante, Jacobs pensou em gritar com Caines, urrando pelo telefone por sua incompetência e ameaçando-o com tortura e morte por falhar na missão; então ele gostaria de esmigalhar o telefone.

Em vez disso, apenas fechou o celular devagar, cortando a ligação sem uma palavra, tendo êxito em seu esforço de controlar-se. Não havia sentido em gritar com Caines. Para que serviria agora?

Adams e Edwards eram inteligentes, e agora eram mais perigosos do que nunca. Por que lhes contara tudo, quando estavam no laboratório? O orgulho o dominara, eis o porquê. Ele com certeza tinha idade bastante para ter bom-senso, mas assim como era inútil gritar com Caines, também não fazia sentido recriminar-se. Em vez disso, enquanto a limusine deslizava pelas suaves estradas suíças, tentou imaginar como poderiam ter conseguido desaparecer.

Momentos depois, ele se endireitou e pegou o celular para falar de novo com Caines.

Caines viu que era Jacobs ligando e atendeu, relutante.

— Sim, senhor? — disse, sem jeito.

— Caines, você checkou a base interna? — Ele podia ouvir o tom excitado de Jacobs.

— Desculpe, o que o senhor quer dizer?

Jacobs suspirou alto, exasperado.

— Quero dizer, você vasculhou o interior da maldita base? — ele quase berrou.

— Er... não, senhor — respondeu Caines, nunca tendo considerado que os fugitivos poderiam ter invadido a base *de volta*.

— Bem, pois então vasculhe agora! — ordenou Jacobs — Se vocês não conseguiram achá-los do lado de fora, então eles devem ter entrado de novo!

Adams olhou pela janelinha a seu lado, vendo as nuvens grossas que obscureciam a vista do oceano Atlântico lá embaixo, e permitiu-se relaxar um pouco. O voo de Reno-Tahoe para Zurique levava 16 horas, dando-lhe a oportunidade de não fazer nada senão relaxar.

Um voo para Genebra teria sido o ideal, mas voos internacionais iam para Zurique, e de lá teriam que providenciar algum transporte. Uma vez que Jacobs soubesse de sua fuga, ele sem dúvida iria monitorar as chegadas em Genebra, então talvez fosse melhor que o destino deles fosse Zurique. Um trem rápido de lá até Genebra não tardaria muito, e era mais fácil chegar sem chamar a atenção a estações de trem.

Para evitar qualquer atenção indesejável, os quatro estavam sentados bem longe uns dos outros, e assim Adams não tinha com quem conversar. A revista de bordo não o manteve ocupado por

mais do que alguns minutos, e ele não tinha interesse na seleção medíocre de filmes que era oferecida. Assim, só tinha seus pensamentos como companhia. Mas não era uma coisa ruim, ele considerou. Por muitos anos, não havia sido diferente.

Enquanto estava ali sentado, tentou se concentrar no que fariam uma vez em Zurique. Havia sido decidido que Ayita e Stephenfield iriam desembarcar antes, tentar localizar qualquer vigilância e chamar a atenção de qualquer um que pudesse estar esperando por eles. Ele e Lynn seguiriam, quando o caminho estivesse livre. Passariam então separadamente pelo controle de passaportes, e cada um pegaria um táxi para a praça central da cidade. Iriam encontrar-se e ir a pé até a estação de trem, comprando em dinheiro quatro passagens para Genebra.

Uma vez em Genebra, as coisas ficariam um pouco mais problemáticas, Adams sabia; e por mais que tentasse analisar a situação por meio da lógica, sua mente insistia em ficar voltando para Lynn.

Evelyn Edwards, sua ex-mulher e agora a mãe de seu filho ainda não nascido. Tão linda, tão inteligente, tão habilidosa, mesmo passados tantos anos desde que se conheceram. Até certo ponto, ele não conseguia nem acreditar que, para começar, ela tivesse ao menos se interessado por ele.

Ele ainda a amava, isso era certo. Isso tinha sido parte de seu problema por tantos anos, o fato de ainda estar apaixonado por ela. Tinha atrasado todo o resto de sua vida, tornando-o incapaz de seguir adiante de verdade. E agora ela estava grávida, e iam ter um filho juntos. Adams não sabia o que pensar sobre isso. A maior parte dele estava quase indescritivelmente feliz. Ele teria o filho que sempre desejara, com a mulher que desejara. Mas havia um

profundo conflito, também. Com tudo o que estava acontecendo, o que aconteceria com o bebê? Conseguiria nascer, ou a humanidade seria varrida antes desse dia glorioso?

O peso da responsabilidade se abateu sobre ele. Dependia dele que aquilo nunca acontecesse, como dependera dele chegar àquele maldito caminhão no deserto.

Mas diferente do que acontecera então, ele prometeu a si mesmo que agora não falharia, não importava o que custasse.

2

Jacobs estava a apenas dez quilômetros do lendário Grande Colisor de Hádrons quando recebeu a ligação de Caines, e o tom do homem estava agora mais otimista.

— Estava certo, senhor — disse ele, com alguma empolgação.

— Vocês os encontraram? — Jacobs perguntou de imediato.

— Não exatamente, senhor — Caines respondeu, o nervosismo de volta à sua voz. — O que eu quis dizer é que eles *de fato* voltaram para a base, mas saíram já faz várias horas.

— E como diabos conseguiram isso? — Jacobs quase explodiu.

— Checamos todas as gravações das câmeras de segurança da base e, embora o filme esteja um pouco escuro e embaçado, parece que conseguiram se esconder no voo Janet das seis horas da manhã com destino a McCarran.

— Você só pode estar brincando comigo. E onde estão agora?

— Ainda estamos investigando, senhor. As câmeras do terminal captaram-nos deixando o avião e saindo para o estacionamento. Usando as câmeras de tráfego, nós os rastreamos até o Hotel e Cassino Luxor. Parece que fizeram uma ligação de um telefone público perto das máquinas caça-níqueis, e estamos seguindo a partir daí. Mas temos certeza de que poderemos recapturá-los em breve, agora que estamos na pista deles.

— Ótimo. Mantenha-me informado — disse Jacobs.

Adams enfrentava devagar os buracos, ao longo da estrada no deserto, em seu Toyota Landcruiser, fazendo as curvas e voltas a menos de dez quilômetros por hora, o veículo parecendo incapaz de ir mais depressa.

Ele mal podia enxergar, e não queria sair da estrada e sofrer um acidente. Como poderia ajudar alguém se isso acontecesse?

Ele olhou pelo para-brisa para o sol abrasador, e desviou os olhos, sua cabeça doendo, em agonia.

Parou o carro na lateral da estrada. Não tinha jeito. Fazia quatro dias que estava no rastro do caminhão, e não estava nem perto de alcançá-lo. Ele precisava de um descanso, só meia hora para fechar os olhos. Tinha estado ali muitas vezes antes, e sabia quais seriam as consequências se adormecesse, mas era incapaz de resistir. Tinha que continuar, tinha que tentar e chegar lá a tempo, ao menos uma vez, ao menos desta vez. Mas estava tão cansado...

Ele estava no deserto, a pé agora, seguindo as marcas de pneu que haviam saído da estrada apenas meio quilômetro depois de onde tinha estado descansando. O sol estava mais baixo no horizonte, tendo transcorrido várias horas. Ele xingou a si mesmo, sabendo quais as implicações daquilo. Encontraria o caminhão, como acontecera milhares de vezes no passado, e abriria as portas esperando que desta vez fosse diferente.

Mas sabia que não seria; ainda estariam lá os mesmos corpos em decomposição, mortos na traseira do caminhão quase escaldante, mortos porque ele não havia conseguido manter-se acordado.

Ainda assim seguiu em frente, preso na versão de pesadelo do evento que havia destruído sua vida. Ele rastreou as marcas de

pneus por mais um quilômetro e meio através do terreno poeirento, até que encontrou o caminhão lá, parado e abandonado, sob os raios moribundos do sol da tarde. Ele se aproximou devagar e de imediato soube que desta vez havia algo diferente.

O que era? Ele tentou pensar, clarear a névoa em sua cabeça.

O cheiro! Ele não estava ali! Estariam eles ainda vivos? Apressado, ele correu para as portas traseiras, abrindo-as com excitação.

E lá estavam elas, dúzias de crianças, atordoadas e famintas, mas ainda vivas! Olharam para ele espantadas, e então pareciam ser mais, e em vez de dúzias havia centenas, e depois milhares, até serem tantas quanto os grãos de areia em uma praia, até que em sua visão não cabia mais nada.

Ele ouviu um tique-taque e olhou para o lado. Havia um relóginho na parede do caminhão, contando os segundos, e Adams soube, por instinto, que aquele era o tempo que as crianças tinham até morrerem. Ele avançou incontinenti, mas foi detido por uma voz atrás de si.

— Matt! — a voz de Lynn chamou, e ele virou a cabeça de súbito ao ouvir o som.

Pôde ver Lynn com um bebê recém-nascido nos braços, o bebê *dele*, mãe e filho equilibrando-se na beira de um penhasco, a ponto de cair.

Ele olhou para o relógio do caminhão. Dez segundos.

Ele se virou de novo para Lynn e a criança. O pé dela escorregou, pedras e pó caindo no abismo lá embaixo; ela perdeu o equilíbrio.

Adams ficou paralisado, incapaz de se mover, preso na indecisão. No caminhão havia milhares, milhões de pessoas a serem salvas.

No penhasco estava a mulher que ele amava, e seu próprio filho, uma parte de si mesmo que ganhara vida por meio daquele amor.

O que deveria ele fazer? Como poderia salvar tanto uns quanto outros, no tempo que tinha disponível? Ele precisava fazer algo, mas não conseguia mover-se; ele simplesmente não sabia para que lado virar-se.

Um alarme soou, e ele se voltou para o caminhão; e então Lynn gritou, e ele se virou para o penhasco.

A boca dele escancarou-se quando ele viu Lynn e o bebê despencarem no precipício, e foi na direção deles, mas então deteve-se com os gritos atrás de si, os gritos de milhões de pessoas em tormento.

O sol acima dele pareceu ficar maior, aumentando em tamanho à medida que vinha na direção dele, maior e maior, mais e mais quente, até que era tudo que podia ver, tudo que podia *sentir*.

E então Adams fez a única coisa que podia fazer; caiu de joelhos e urrou.

— **O** senhor está bem? — disse o grande texano sentado ao lado de Adams, preocupado, acordando-o com uma sacudida.

Adams despertou de imediato, fazendo o possível para não olhar ao redor e chamar ainda mais atenção para si.

— Sim, estou, obrigado. Foi só um sonho ruim — respondeu ao homem bondoso.

O texano fez que sim com a cabeça, compreensivo.

— Sei como é isso, filho. Não tem nada que se possa fazer sobre os sonhos.

Adams assentiu.

— Acho que não — disse, dando ao homem um sorriso tranquilizador, deixando claro que agora estava bem.

O sonho era novo, mas definitivamente ruim. Será que não havia de fato nada que pudesse fazer sobre ele?

Adams sentiu que perdiam altitude, ouviu a mudança na velocidade do motor e viu as luzes dos cintos de segurança no painel se acenderem. Estavam descendo para a aterrissagem, e ele se recostou na poltrona, compreendendo que provavelmente estava a ponto de descobrir.

3

A visão era gloriosa como sempre, a miríade de edifícios que constituíam as instalações do LHC acima do solo. Não eram belos em si, mas o que representavam é que era glorioso.

O gerador de *wormhole* era tão secreto que não tinha sequer um nome em código; apenas aqueles poucos escolhidos sabiam de sua existência, fora os técnicos especialistas que trabalhavam nele, e que jamais veriam a luz do dia de novo depois que ele entrasse em operação.

A limusine de Jacobs cruzou os portões principais, e ele se perguntou quanto tempo levaria para reunir todo mundo. A maioria dos Cem de Bilderberg haviam estado no jantar na noite anterior, mas alguns membros ainda precisavam chegar à Suíça. Ele esperava que todos estivessem ali antes que o aparelho pudesse entrar em operação; eles não iriam querer ser pegos do lado de fora depois que os Anunnaki retornassem.

O carro prosseguiu por entre os edifícios, seguindo as curvas dos caminhos internos cobertos de neve até deter-se diante do prédio central da administração.

O motorista deu a volta e abriu a porta para Jacobs, que ao sair teve o prazer de ver Philippe Messier vindo apressado para recebê-lo, a mão estendida.

— Philippe, em que pé estamos? — disse Jacobs como saudação, enquanto apertava a mão oferecida.

Messier sorriu em resposta, e conduziu Jacobs rumo à entrada.

— Digamos que espero que os outros cheguem logo.

Dezoito horas depois de embarcar no voo em Reno-Tahoe, Adams viu-se em Das Central, a praça principal da área histórica de Zurique.

Ele estava sobre a barreira à beira do Limmat, um rio de águas geladíssimas que, apesar disso, reluzia sob os raios do sol de inverno. Ele tomou uma posição a partir de onde podia monitorar ambas as margens do rio, observando as idas e vindas de pessoas, sempre atento para a ameaça das câmeras de segurança.

Ele não havia sido parado no aeroporto e, até onde podia ver, tampouco Lynn ou os demais, o que indicava que não estavam sob observação, mas ele sabia que não podia ter certeza.

Sua contravigilância detectou tanto Lynn quanto Ayita muito antes que chegassem ao local onde ele estava na ponte. Ele teve o cuidado de não demonstrar emoção demais quando Lynn se aproximou, embora transbordasse de felicidade ao revê-la. Eram só um grupo de amigos dando uma volta pela cidade. Stephenfield chegou por último, e embora ele tivesse sido o menos fácil de observar, Adams estava satisfeito por ainda ser capaz de localizá-lo antes que ele chegar; se conseguia detectar um agente de inteligência tão bom como Stephenfield, suas habilidades deviam ser suficientes para encontrar qualquer um que estivesse observando-os.

— Alguém foi seguido? — Ayita perguntou quando todos se encontraram. Quando todos disseram que não, virou-se para o

norte. — Então vamos. O trem para Genebra parte em 20 minutos.

Enquanto caminhavam ao longo do Neumühlequai, Ayita prosseguiu:

— Vamos tomar o trem e comprar as passagens com o inspetor, já a caminho. Não teremos tempo de comprá-las na bilheteria, de qualquer modo, e desse jeito a compra não fica registrada.

Viraram para noroeste, pela Museumstrasse, todos eles atentos, constantemente olhando ao redor. Mas enquanto se aproximavam da Hauptbahnhof, a principal estação de trem da cidade, se deram conta de que ninguém os observava, e que talvez chegassem a Genebra sem problemas.

Philippe Messier estava orgulhoso; na verdade, esta semana sem dúvida se revelaria a melhor de sua incrível carreira.

Como diretor-geral do CERN, Messier era responsável direto pelo sucesso do projeto do Grande Colisor de Hádrons, conhecido como LHC. O LHC, como a invenção da Internet antes dele, tinha dado ao CERN sua posição atual como o mais importante centro de pesquisa científica do mundo. A principal linha de trabalho do CERN era agora a pesquisa de física de partículas, e o LHC — bem como os outros aceleradores experimentais de partículas e ainda o desacelerador, também existentes no local — eram merecidamente famosos no mundo todo por sua escala e seu custo.

A física de partículas concentra-se no estudo de partículas subatômicas, e como elas criam a matéria. O problema é que, para entender a fundo tal assunto, as partículas em si devem ser quebradas em partes menores, e a única maneira de conseguir isso é fazer com que se choquem umas contra as outras, a uma velocidade incrível.

E assim surgiram os aceleradores de partículas, planejados para lançar partículas nas velocidades exigidas para tais colisões. O LHC é o maior desses “colisores” no mundo, e consiste em um túnel circular de 27 quilômetros de circunferência, enterrado a cem metros de profundidade. O comprimento extremo dá aos feixes de partículas a distância requerida para que acelerem até a velocidade necessária. Os feixes são disparados em direções opostas na esperança de que colidam ao se encontrarem. No entanto, isso é como, nas palavras do engenheiro-chefe do LHC, “lançar duas agulhas de um lado a outro do Atlântico e conseguir que acertem uma na outra”.

Messier sorriu quando pensou nessa citação, sabendo que na verdade era mais fácil do que o grande público era levado a crer. A tecnologia que os Anunnaki haviam dado aos Bilderbergers basicamente garantia que, cada vez que a máquina era disparada, houvesse uma colisão. Mas mesmo dentro do CERN, apenas um punhado de pessoas de confiança sabia que era esse o caso, porque o propósito de conseguir que os feixes colidissem era conduzir as pesquisas, e não colher a energia que resultava de tais supercolisões. Mas colher a energia era exatamente o que Messier estivera fazendo, e transmitindo-a para o experimento secreto que estava a profundidade ainda maior.

O gerador de *wormhole* requeria energia, e muita. Para controlar a curvatura do espaço-tempo da forma como ele fazia, uma fonte de energia comum simplesmente não era suficiente. Os experimentos que eram conduzidos acima dele com o LHC, no entanto, criavam um fluxo constante de antimatéria, a fonte de energia mais poderosa do universo conhecido. Tinha sido justamente a necessidade de antimatéria como fonte de energia que levara Charles Whitworth a liderar as ações para a criação do CERN, em

1954, e este havia trabalhado desde então — mesmo com ajuda externa — para aperfeiçoar a tecnologia.

Messier olhou através do bar elegante, ultramoderno, para Stephen Jacobs, como Whitworth era conhecido desde os anos sessenta. O homem era a prova viva das capacidades dos Anunnaki, e a comprovação de suas promessas.

Messier ergueu sua taça de champanhe em uma saudação, e viu Jacobs sorrir e erguer a dele.

Logo encontrariam os Anunnaki cara a cara; e ambos os homens sentiam-se prontos.

Jacobs sentiu seu celular vibrando no bolso. Tirou-o e viu que era Eldridge.

Depois do desastre na Área 51, Jacobs havia feito um relutante Eldridge assumir o controle da situação, o que significava que o comandante da Brigada Alfa teria que retardar sua viagem para o CERN. Isso o contrariara enormemente, Jacobs sabia, mas no fim das contas, se Eldridge tivesse feito bem seu trabalho, não estariam agora nessa situação.

Jacobs atendeu ao telefone. A ligação estava vindo de seu jato particular, que uma vez mais estava sendo usado como base móvel, como o fora na América do Sul.

— Qual a situação? — ele perguntou, sem preâmbulos.

— Acho que os pegamos, senhor — ele ouviu Eldridge dizer com confiança. — Vou resolver isso de uma vez por todas e então vou me encontrar com vocês para o grande final.

— Não é o final, meu amigo — corrigiu Jacobs. — Lembre-se, este é só o começo.

4

Lynn estava sentada à janela, observando enquanto a grande estação de trem Genebra-Cornavin surgia em meio ao nevoeiro gelado diante de si.

O nevoeiro baixara depois da primeira hora da viagem de duas horas e meia, e tinha obscurecido o que até então tinham sido as belas paisagens do interior da Suíça.

De qualquer forma, agora estavam ali, e ela tinha que se concentrar no que aconteceria a seguir. Como antes, Ayita e Stephenfield saíam primeiro, checando as plataformas em busca de qualquer sinal do inimigo. Se estivesse tudo bem, ela e Adams saíam do trem e os quatro iriam separadamente até o ponto de táxi do lado de fora da estação.

Os táxis iriam levá-los para quatro pontos ao acaso, de onde todos iriam a pé para o Parque Moilebeau. Iriam encontrar-se ali, e então tomariam dois outros táxis, Stephenfield e Ayita na frente, com Lynn e Adams atrás, e pediriam para ser levados para Maisonnex Dessus, o subúrbio que ficava a noroeste da cidade, pouco antes da base das montanhas Jura. A instalação do CERN estava situada bem perto dessa cidadezinha, e os quatro iriam se encontrar uma vez mais e confirmar seus planos finais antes de entrarem na base em si.

Lynn sabia muito bem que o plano era que ela ficasse em Maisonnex Dessus, monitorando as comunicações e agindo como ponto central de contato. Ela entendia o raciocínio por trás disso, e o fato que, dos quatro, era a única sem treinamento e sem experiência direta em missões.

Se aquela tivesse sido a única consideração, ela ainda teria insistido em acompanhá-los ao CERN. Mas como os outros todos haviam observado — Matt com *extrema* convicção, e era compreensível — ela estava grávida, e não poderia correr o risco de envolver-se diretamente na ação.

Era prudente ter alguém a distância, de olho nas coisas, e levando em conta todos os aspectos, só poderia de fato ser ela. Stephenfield lhe mostrara como operar os vários aparelhos eletrônicos que de algum modo conseguira trazer dos Estados Unidos, e em absoluto ela estaria sem fazer nada; mas uma parte dela ainda desejava ter um papel mais ativo.

Outro lado dela — um lado mais forte? — exigia que ela seguisse as recomendações deles e ficasse fora de perigo. Ela não sabia se era o instinto de mãe que já se fazia sentir, ou se estava só com medo. Mas talvez as duas coisas estivessem conectadas; talvez ela sentisse medo não por si, mas pelo bebê.

E, ela decidiu, podia conviver com isso.

Eldridge e seus homens aterrissaram em uma pista particular no Aeroporto Internacional de Genebra, e de imediato embarcaram em uma frota de veículos Audi 4x4, saindo em velocidade do aeroporto direto para a estação de trem de Cornavin.

O grande avanço tinha sido feito através do monitoramento eletrônico das câmeras locais de segurança. Tinha sido o pessoal de

Caines, na Área 51, que fizera a identificação, encontrando uma imagem de Lynn Edwards no aeroporto de Reno-Tahoe.

Como era um aeroporto de menor importância, a equipe não encontrara logo o registro positivo, e na hora em que o programa de reconhecimento facial encontrou e analisou a imagem, o voo já havia pousado em Zurique. Uma vez Edwards tendo sido identificada, descobriram que Adams estivera no mesmo voo, e uma rápida investigação da lista de passageiros revelou detalhes de seus novos passaportes. Onde haviam conseguido tais identidades em tão pouco tempo, Eldridge só podia especular.

Caines, para seu crédito, tinha então ordenado que um satélite fosse redirecionado para cobrir Zurique, assim como um monitoramento em tempo real do sistema de informações de passagens; havia um alerta vermelho para os passaportes que Edwards e Adams tinham usado para viajar, e as últimas imagens dos fugitivos foram carregadas nos sistemas de vigilância da capital suíça.

Eles então os perderam por um breve instante, antes que uma identificação parcial, de novo de Edwards, foi feita na Hauptbahnhof de Zurique. Parecia que Adams, como esperado por conta de seu histórico, era mais afeito a se esconder das câmeras de segurança.

Não houve compra de passagens nos nomes dos passaportes usados, mas quando Caines fez seu relatório, Eldridge já sabia que havia um só lugar aonde ambos podiam estar indo — Genebra, para tentar impedir a volta dos Anunnaki.

Se Jacobs ao menos tivesse mantido a boca fechada. Por que ele teve que contar-lhes tudo? Que bem aquilo podia ter feito? Mas ele havia contado, e agora eles estavam a caminho.

Eldridge havia acessado os horários de trens e identificado as rotas mais prováveis, e então ordenara que Caines e seus homens analisassem imagens de satélite das plataformas durante os embarques dos trens.

Os resultados não tinham sido cem por cento, mas eram bons o suficiente para uma identificação parcial, desta vez tanto de Edwards quanto de Adams. E assim Eldridge e seus homens estavam agora correndo pelas ruas de Genebra para um encontro mortal com seus alvos.

Adams ficou olhando através da janela enquanto Ayita descia do trem já parado na plataforma. Embora não fosse evidente, Adams percebia que ele estava fazendo um reconhecimento de contravigilância.

Menos de um minuto depois, Stephenfield também desceu, checando com sutileza a plataforma do outro lado. Depois de outro minuto, ambos os homens estenderam o dedo indicador direito, indicando que era seguro que ele e Lynn deixassem o trem.

Ter Ayita e Stephenfield junto com eles estava se mostrando valioso, reconheceu Adams. Ele sabia que a busca seria acima de tudo por ele mesmo e por Lynn, e assim era muito útil ter dois profissionais experientes como eles capazes de checar o caminho de antemão. Também se sentia muito melhor sabendo que o acompanhariam ao laboratório CERN em vez de Lynn. Ele ficava inquieto por Lynn ter vindo também, mas sabia que ela nunca teria ficado nos Estados Unidos. Ao menos desse modo ela poderia ajudar e ainda ficar relativamente a salvo.

Adams ergueu-se de seu assento, a ponto de sair para o corredor, mas de repente ficou imóvel, seus olhos captando um movimento da

mão direita de Ayita. Quatro dedos estendidos, o sinal de que havia alguém ali. O caminho *não* estava limpo.

Adams ficou onde estava enquanto os outros passageiros continuaram a sair. Logo ele seria a única pessoa no vagão, e se Lynn também tivesse visto o sinal — e ele esperava que sim —, ela também estaria sozinha no dela, o que faria com que os dois se destacassem.

Ayita devia ter tido suas razões, e Adams sabia que não podia ser nada bom. Ele começou a se mover, caminhando tão calmamente quanto podia na direção do vagão de Lynn, que era a porta logo ao lado.

Ele viu Lynn através da janelinha da porta do vagão e colocou a mão na maçaneta, torcendo-a para baixo.

E então se abriram as portas do inferno.

5

Eldridge estava cansado de jogar limpo. Já tinha tentado muitas vezes capturar Adams e Edwards, ou esperá-los de tocaia, ou tentar capturá-los em algum tipo de armadilha elaborada. Mas não mais. Desta vez eles morreriam.

Ele e uma dúzia de homens, todos comandos de alto nível da Brigada Alfa, haviam deixado os carros ligados do lado de fora da estação de trem e entraram correndo pelas portas, engatilhando os rifles de assalto enquanto isso. Eldridge havia liberado sua presença junto à guarda municipal de transportes, mas se tivessem tentado detê-lo, ele não teria problema algum em adicionar alguns deles a sua contagem de corpos.

Ele liderou a invasão à Plataforma 5, uma linha interna com um trem que acabara de chegar de Zurique, e ordenou aos homens que se espalhassem ao longo do trem parado, as armas apontadas para as portas. Ele e os homens ignoraram os gritos da multidão de passageiros que deixava o trem, concentrando-se, em vez disso, em seus rostos. Adams e Edwards não estavam entre eles. E então Eldridge examinou as janelas, e um sorriso se espalhou por sua face quando viu os dois alvos, em dois vagões diferentes. Perfeito.

O sorriso foi varrido de seu rosto um instante depois. O impacto da bala atingindo-o no ombro fez girar a parte de cima de seu corpo

enquanto os pés permaneciam grudados no chão. A dor inundou-lhe os quadris e o peito.

Ele caiu ao chão, ofegando por ar, e viu seus homens virarem-se e abrir fogo contra um homem parado na plataforma, empunhando uma pistola. O homem jogou-se atrás de um banco de metal para se proteger.

Enquanto Eldridge checava se o colete à prova de balas havia detido com sucesso a bala que o atingira, dois de seus homens foram atingidos, por tiros vindos de direções opostas. Eldridge virou-se e viu um segundo homem apontando uma pistola e atirando contra seu grupo, esvaziando um magazine inteiro antes de pular nos trilhos e proteger-se atrás da própria plataforma de concreto.

De dentro do trem, Adams e Lynn, agora no mesmo vagão, viram com horror quando 13 homens armados invadiam a plataforma e então quando Ayita e Stephenfield abriam fogo e por sua vez foram alvejados.

Adams tinha visto o suficiente. Sacou sua própria pistola e atirou contra o vidro da janela do lado oposto. Então virou-se para pegar Lynn e puxou-a para o outro lado do trem.

— Mas e os outros? — ela gritou. — Não podemos deixá-los!

— Precisamos — ele retrucou com violência, enojado por ter de tomar a decisão. — Se ficarmos, estamos mortos. E o que acontece se o *wormhole* se abrir?

Lynn hesitou por um instante, e então concordou e seguiu Adams para a janela despedaçada, seus pensamentos ainda com Stephenfield e Ayita.

John Ayita viu, por trás do banco, quando Matt e Lynn escaparam pelo outro lado do trem.

Viu que Stephenfield estava bem, abaixado atrás da borda da plataforma. Seu amigo ergueu-se, disparou três tiros — dois dos quais atingiram seus alvos — e então se abaixou de novo. Ayita disparou sua própria arma duas vezes mais, e então parou para trocar de magazines. Enquanto fazia isso, Stephenfield ergueu-se de novo, levantou a arma e então... e então...

Ayita não pôde acreditar em seus olhos quando viu o alto da cabeça de seu amigo explodir, um projétil de 9 mm arrancando a calota craniana de uma só vez, a massa cinza-avermelhada do cérebro estremecendo quando Stephenfield cambaleou para trás, antes de levar mais 20 tiros, todo o corpo sacudindo sob o impacto maciço das balas.

E então Ayita sentiu sua própria dor, o tornozelo explodindo em agonia. Olhou para baixo, viu o ferimento imenso na parte inferior da perna, o sangue tingindo o chão à sua volta.

Ayita cuspiu na plataforma. Estava ferido, seu amigo estava morto, mas ele não seria derrotado sem lutar.

Eldridge viu, satisfeito, seus homens abaterem o primeiro homem, e percebeu que o homem atrás do banco de metal deveria estar distraído.

De sua posição no solo, Eldridge só podia ver os pés e tornozelos do homem, por baixo do banco, e então mirou sua submetralhadora e disparou um único tiro. Acertou o tornozelo do homem mas não o fez cair ao chão como esperara que caísse. Quem quer que fosse, o sujeito era durão.

E então o homem apareceu por detrás do banco, um olhar alucinado no rosto, parecendo ignorar o ferimento na perna. Foi quando Eldridge percebeu que era John Ayita, chefe dos Shadow Wolves que ele havia falhado em encontrar, quando, recentemente, recebera ordens de executá-los. Isso significava que o outro homem era provavelmente Samuel "Dois Cavalos" Stephenfield, o chefe de inteligência da unidade, e o único outro membro a ter conseguido escapar do esquadrão da morte de Eldridge. Até agora.

Ayita atirava com precisão absoluta, abatendo um homem após o outro, mas o resultado era inevitável; como Stephenfield antes dele, Ayita também acabou sendo executado pela equipe exímia de Eldridge. Os primeiros tiros entraram no abdome de Ayita; ele baixou a cabeça e deixou cair a arma; os quatro tiros seguintes acertaram seu peito, estraçalhando seus órgãos internos. Mas ele avançava, o guerreiro nele ainda vivo, e Eldridge ficou assombrado quando Ayita estendeu a mão para o cinto e tirou uma faca de caça, erguendo-a acima da cabeça e atacando o resto dos homens na plataforma, enquanto lançava um feroz grito de guerra.

Mas o grito ficou preso na garganta quando 40 outras balas entraram em seu corpo quase simultaneamente, jogando-o três metros para trás sobre a plataforma, o torso destruído, os olhos sem vida fixos nas vigas de aço do telhado da plataforma.

Eldridge ergueu-se sobre um joelho e então ficou de pé. Olhou através da janela do trem.

Maldição! Adams e Edwards tinham escapado.

6

Tentando ignorar os sons do tiroteio atrás deles, Adams correu através dos trilhos do outro lado do trem, para longe da plataforma. À frente deles havia outro trem, aprontando-se para partir. As portas de seu lado estavam fechadas, mas Adams sabia que tinham que embarcar nele se queriam ter alguma chance de sair dali com vida.

O tiroteio ainda continuava quando alcançaram o trem, e Adams agarrou Lynn e a puxou para cima, para o vão de uma porta fechada, erguendo-se atrás dela assim que o trem partiu.

Agarrados do lado de fora como estavam, eram um alvo fácil se um dos homens armados decidisse atirar neles, de forma que ele ajudou Lynn a alcançar as pequenas alças de metal que havia ao lado da porta e que serviam como escada, e indicou com gestos para que ela subisse.

Ela subiu, alcançando o alto e então ajudando-o a chegar lá também.

Ele rolou para o alto do trem quando ele passou pelo final da plataforma, deixando a estação.

E então o som dos tiros cessou.

Eldridge viu o que Adams e Edwards estavam fazendo e imediatamente ordenou a alguns de seus homens que retornassem

para os carros, para perseguir o trem se necessário, e aos outros para correrem até a outra plataforma.

Enquanto isso, seus alvos estavam subindo para o alto do trem. Eldridge abaixou-se, ficando sobre um joelho para estabilizar sua posição, encaixou com firmeza o cabo do rifle de assalto no ombro, mirou e apertou o gatilho, efetuando um único disparo.

Por pouco errou o tiro, que passou entre os dois, mas foi suficiente para desequilibrar Lynn. Ela se virou no teto instável do trem em movimento e escorregou, caindo pela lateral do vagão.

Adams reagiu num instante, sua mão agarrando-lhe o braço quando ela despencou, sustentando seu peso enquanto ela ficava pendurada diante de uma janela do vagão.

Firmando os pés no teto de metal e segurando um corrimão lateral com a mão livre, começou a puxá-la de volta.

Eldridge praguejou e passou a língua pelos lábios, mirando mais uma vez.

Apertou o gatilho de novo, e ficou satisfeito quando o tiro atravessou o braço de Adams, espirrando sangue.

Adams sentiu a bala entrar em seu braço e de imediato sua mão se abriu.

Ele viu quando Lynn caiu nos trilhos, e fez menção de segui-la; mas, em vez disso, sua cabeça se encheu de dor, a visão turvou-se e ele desmaiou, ficando inconsciente em cima do trem em movimento.

Eldridge viu quando seus homens pularam da plataforma oposta, pegaram Evelyn Edwards, que estava inconsciente, e a carregaram

para fora dos trilhos.

Mirou Adams de novo, o corpo dele debruçado na borda do teto do vagão, mas o trem fez uma curva, levando embora seu alvo.

Ele se virou para olhar os homens do outro lado da estação de trem e ligou seu microfone.

— Não matem a mulher ainda — ordenou. — Parem aquele trem, e tenham certeza de que primeiro o homem esteja morto. De momento, tragam-na até aqui. É possível que ainda precisemos usá-la.

Foi a dor lancinante no bíceps esquerdo que por fim despertou Adams, sua cabeça primeiro rolando, mole, para um lado, e então erguendo-se de súbito quando ele percebeu onde estava, e o que havia acontecido.

Ignorando de momento a dor no braço, ele se ergueu para uma postura agachada, olhando para trás, para a extensão do trem atrás de si e os trilhos mais além. A estação Genebra-Cornavin era agora apenas um pequeno ponto na distância, e Adams supôs que havia ficado inconsciente por um ou dois minutos. Tempo suficiente para que Eldridge e seus homens tivessem capturado Lynn.

Todo seu corpo se contorceu de fúria e, dada a persistência da dor, baixou os olhos para verificar o ferimento do braço. Não lhe pareceu tão grave; o projétil 9 mm tinha passado através da carne do bíceps como uma faca quente através da manteiga. O osso não tinha sido danificado, mas o ferimento sangrava muito, e ele sabia que, se não o estancasse em breve, logo perderia os sentidos por uma queda de pressão sanguínea.

Mesmo que o instinto lhe dissesse para deixar o trem de imediato e correr de volta para a estação, anos de treinamento e experiência

ditavam que antes de mais nada ele cuidasse do estrago feito em seu braço. Se não tratasse aquilo como uma prioridade, podia nem sequer conseguir sair daquele trem.

Ele tirou a jaqueta e rasgou a manga da camisa para expor por completo o ferimento, e rasgou a outra manga e atou-a ao redor do ferimento, como uma compressa apertada. Então rasgou a barra de uma perna da calça e amarrou com ela o curativo improvisado fazendo um nó firme. Vestiu de novo a jaqueta para ocultar o dano. Não era perfeito, mas serviria.

O trem estava ganhando velocidade, mas ainda não ia depressa demais para poder descer. Desceria com cuidado pela escada lateral, chegaria o mais perto possível dos trilhos para minimizar o impacto da queda e então pularia. Ele só esperava que o braço aguentasse.

E então ouviu pneus cantando e o som de motores poderosos, e virou-se para olhar. A 20 metros de distância, correndo pelas ruas paralelas aos trilhos, havia dois Audi 4x4, na mesma velocidade que o trem.

Ele se encolheu intuitivamente ao ver os rifles para fora das janelas laterais dos dois carros. Recuou e rolou, na mesma hora em que o teto do vagão se acendeu com faíscas, os projéteis de alta velocidade ricocheteando no metal. Os projéteis foram atrás dele pelo teto, cravando-se no metal tão perto dele que podia sentir o cheiro de cordite, e então ele estava completamente fora do teto, caindo pelo lado oposto do trem.

Não era a saída que tinha planejado, e embora tentasse rolar ao chocar-se com os trilhos, o impacto deixou-o sem fôlego, atordoando-o momentaneamente. Ele amorteceu a queda com o braço ferido, lutando contra a tentação de usar o outro. O braço ferido já estava inútil, imaginou, então por que arriscar-se a ferir o

que ainda estava bom? Precisou de grande presença de espírito para colocar em perigo o membro ferido, mas a dor terrível apenas fez com que sua mente ficasse ainda mais aguçada, fazendo-o erguer-se e afastar-se dos trilhos, correndo para o lado oposto ao dos homens de Eldridge.

Conseguiu chegar ao outro lado, mergulhando por cima de uma enorme barreira de metal antes que o trem terminasse de passar e revelasse sua posição aos perseguidores. Forçados a ficarem na rua, e incapazes de se aproximarem dos trilhos, os homens teriam que abandonar seus veículos e persegui-lo a pé.

Por trás dele havia outra barreira, e quando ele olhou por cima dela, viu uma galeria de lojas logo abaixo. Sem parar, ele saltou por cima da barreira e, segurando-se às traves de metal que sustentavam os trilhos, foi descendo até o nível inferior usando as pernas e o braço bom. Sabia que podia ser rastreado por satélite, e percebeu que poderia usar a passagem por baixo dos trilhos para despistar a vigilância. Tinha de tomar cuidado com as câmeras, mas estava acostumado a isso.

Ele se juntou à multidão de consumidores que transitavam pela galeria, tentando agir o mais normalmente possível, enquanto ficava atento tanto aos perseguidores armados quanto às inevitáveis câmeras de segurança. Viu uma placa indicando o estacionamento subterrâneo da galeria. Era justamente o que precisava.

Sabia que era inútil retornar para a estação agora, mesmo desejando isso de todo coração. Ayita e Stephenfield deviam estar ambos mortos, e Lynn... Mas ele não queria pensar sobre isso agora. Se queria ser útil, não podia fazer isso. Ele tinha de pôr de lado o que havia acontecido na estação, empacotar e guardar em um canto

distante da mente, para lidar com aquilo em algum momento no futuro.

Se sobrevivesse para ver o futuro, pensou, sombrio.

— Nós o perdemos — Eldridge ouviu um dos homens dizer. — Ele caiu do teto do trem nos trilhos, mas quando saímos dos veículos, já tinha desaparecido. Vasculhamos a área, mas não há sinal dele.

Eldridge fez dois cliques no rádio, para acusar o recebimento. *Maldição*. Ele já tinha recebido uma notificação do pessoal na Área 51, de que a vigilância por satélite o rastrearia até a galeria por baixo dos trilhos, e não havia voltado a localizá-lo. Ou Adams ainda estava em algum lugar da passagem — improvável, se os homens não o haviam encontrado —, ou de alguma forma tinha conseguido escapar da área.

De qualquer modo, Eldridge agora tinha Evelyn Edwards como refém, e estava certo de que poderia usá-la como seu trunfo se Adams investisse contra eles.

Ele ligou o rádio.

— Ok, então é isso. Comecem a voltar para a base. Está quase na hora.

— Sim, senhor — ouviu a confirmação retornando para ele, ansiedade na voz do homem.

Eldridge virou-se e olhou para Lynn Edwards, inconsciente e algemada no assento de couro do Audi, ao lado dele.

Um em dois não estava mal, pensou. De qualquer forma, ia ter que servir, por enquanto.

Poucos quilômetros atrás de Eldridge, sem que ambos soubessem, Adams dirigia seu carro recém-roubado. Tinha feito ligação direta no estacionamento e agora estava na estrada para o CERN. Não havia mais lugar para sutilezas, para tentativas de adivinhar os movimentos do outro lado. Não havia tempo. Ele apenas iria até o portão principal do CERN e exigiria que o deixassem entrar.

Ele se recordara de algo que o professor Travers tinha dito durante sua aula improvisada sobre "história oculta", nas entranhas da Área 51, e isso lhe dera algo que ao menos se parecia com um plano.

Ele só precisava fazer uma breve parada antes.

Quando o grande Audi chegou à entrada principal das instalações do CERN, em Meyrin, Lynn já estava desperta, embora tivesse decidido esconder o fato de seus captores.

Seus primeiros pensamentos tinham ido para o bebê. Estaria bem depois de semelhante queda? Mas não havia nada que ela pudesse fazer sobre isso agora; só o tempo diria.

Mas e quanto a Matt? O que havia acontecido com ele?

Quando olhou pelo interior do carro com olhos velados, reconheceu o grande vulto de Eldridge junto a dela, e percebeu que tinha sido algemada a ele. Mas Matt não estava em nenhum lugar à vista, e ela ficou pensando o que isso significaria.

Teria escapado? Ela esperava de todo o coração que fosse esse o caso. Mas e se ele tivesse sido capturado e estivesse em outro carro? E se estivesse morto? Mas o fato de ela ainda estar viva dava peso à possibilidade de que Matt também estivesse. Fazia sentido mantê-la como refém se ele ainda não tivesse sido morto.

Esse pensamento lhe deu esperança, a despeito de sua situação no momento. Se Matt estava vivo, então talvez eles ainda tivessem uma chance.

7

Eldridge baixou os olhos para Lynn.

— Pode parar de fingimento e abrir os olhos, dra. Edwards — disse ele, rude. — Sei que está acordada desde que saímos da cidade.

Lynn abriu os olhos e o encarou.

— Puxa, como você é esperto — disse, sarcástica.

Eldridge sorriu.

— Não creio que esteja em posição de fazer graça — censurou. — Estamos permitindo que viva, por enquanto. É bom que se lembre disso.

Ela o ignorou, e continuaram em silêncio. O carro passou pelo portão de entrada do CERN, uma estrutura um tanto modesta, que parecia estar protegendo uma área industrial comum e corrente. Enquanto passavam por blocos de escritórios, alojamentos temporários e um ou outro laboratório maior, de concreto, Lynn não se surpreendeu ao ver que o resto do complexo, como o portão, tampouco diferia de uma área industrial padrão.

Durante o tempo que estivera na NASA, ela viera a compreender que muitas das instalações científicas mais famosas e altamente recomendadas do mundo — o tipo de lugar que o público imaginava impecável, todo em aço inoxidável e equipamento eletrônico de

ponta — na verdade costumavam ser decepcionantes, comuns, e parecia que o CERN não era diferente.

Depois de alguns minutos, detiveram-se diante do que parecia ser a sede administrativa. O passageiro do banco da frente saiu e abriu a porta de Eldridge, e o homenzarrão saiu, puxando Lynn junto dele.

Entraram através das pesadas portas da frente, e Lynn surpreendeu-se ao ver que o saguão era muito mais elegante do que o exterior sugeria. Mas o fato era que, ela imaginou, a pesquisa desenvolvida ali dependia em grande medida de doações e financiamentos externos, e em sua experiência as pessoas que assinavam os cheques gostavam de ser paparicadas com vinhos e jantares de grande estilo.

Havia umas poucas pessoas por ali, e Eldridge teve o cuidado de não deixar evidente que tinha uma mulher algemada a ele. O segurança atrás do balcão percebeu, mas apenas acenou com a cabeça para Eldridge.

Ficaram em silêncio ao passarem pelo saguão, e Lynn notou as primeiras placas indicativas para o Grande Colisor de Hádrons, escritas em vários idiomas. Viraram em um longo corredor e seguiram por ele até o fim. Apesar das circunstâncias, Lynn estava excitada por estar ali. O LHC era a Meca científica do mundo, e ela sempre quisera vê-lo.

Eldridge notou o interesse dela e sorriu.

— Quer ver o colisor, hein? — perguntou. Lynn o ignorou, mas ele continuou assim mesmo. — Não está na agenda de hoje, lamento informar, dra. Edwards. Mas o que está a ponto de ver é bem mais especial, pode acreditar.

E embora ela odiasse o homem a seu lado, Lynn suspeitava que, nesse caso, ele bem poderia ter razão.

Chegaram ao elevador no final do corredor à esquerda e embarcaram. Eldridge apertou o botão para o nível do LHC, cem metros abaixo da superfície. Uma vez que o elevador parou, Eldridge pegou um cartão magnético e introduziu-o em uma fenda oculta, e o elevador começou a se mover de novo, descendo ainda mais nas entranhas da Terra, e Lynn lembrou-se de imediato de uma viagem subterrânea semelhante, na Área 51.

Um minuto depois, com certeza mais uma centena de metros abaixo dos túneis do LHC, o elevador finalmente chegou à sua parada final.

A porta se abriu para revelar uma luxuosa e enorme sala de conferência. Estava repleta de gente, bem mais de uma centena, e ao examinar os rostos, Lynn tinha certeza de ter reconhecido vários deles.

Lá estavam Scott Keating, o famoso ator de Hollywood; Roman Parlotti, notório magnata da mídia italiana; Kristina Nyetts, diretora da maior companhia farmacêutica do mundo; Tony Kern, assessor especial do próprio presidente dos Estados Unidos; e muitos mais além deles. Assim, eles estavam ali, os Cem de Bilderberg, além dos homens da Brigada Alfa. As pessoas mais poderosas do mundo, todas reunidas na esperança de se tornarem ainda mais poderosas, não importava o que tivessem de fazer.

E então os olhos dela vaguearam para o canto, e ela viu Samuel Atkinson, o diretor geral da NASA, bebericando casualmente uma taça de champanhe e conversando animado com Stephen Jacobs, o arquiteto de todo aquele projeto insano.

Ver seu antigo chefe, alguém em quem ela tinha confiado e que traíra a ela e a toda sua equipe, tagarelando com Jacobs como se

não tivesse nenhuma preocupação no mundo, destruiu a pouca compostura que lhe restara.

— Filho da puta! — ela berrou a plenos pulmões, e a sala ficou mortalmente silenciosa enquanto ela se lançava na direção dos dois homens.

Foi arrastada de volta dolorosamente por Eldridge, que deu um puxão violento nas algemas que ainda os uniam. Ela tentou ir de novo, mas Eldridge se aproximou e a agarrou entre os braços fortes, erguendo-a do chão.

Atkinson olhou para ela e então baixou os olhos para o chão, quando a reconheceu. Jacobs não sentia a mesma culpa, e sorriu através da sala para ela.

— Ah, dra. Edwards, que bom que se juntou a nós — disse, cativante. — E que sorte, chegou bem a tempo.

8

Uma vez que a sala já estava em silêncio, Jacobs aproveitou para dirigir-se aos visitantes reunidos.

— Senhoras e senhores, nossa missão aqui é extraordinária — ele entoou, duas vidas inteiras de falas públicas garantindo que ele captasse a atenção de todos —, e somos pessoas extraordinárias. A estrada tem sido longa e difícil, consistindo em doze anos de seleção de nosso pequeno grupo, e quase 70 desde que foi feito o primeiro contato. Desde então, temos usado nossa influência global para colocar o mundo todo sob nosso controle. Porque todos sabemos que não são os políticos que detêm o poder.

— Por quanto tempo pode um presidente ficar no poder, afinal de contas? Nos Estados Unidos, um máximo de oito anos. Mas podemos ficar no controle de uma companhia por *oitenta* anos, e os fundos movimentados pelos representantes no congresso em prol dessas companhias garantem mais influência política do que dez presidentes juntos. Atores, cantores, escritores, eles mudam e influenciam a cultura à nossa volta em um grau muito maior do que os políticos conseguem, e no entanto não precisam prestar contas a ninguém.

— O que temos, reunidos aqui hoje, são as cem pessoas mais influentes no mundo, pessoas que tornaram o mundo como ele é

hoje. Fizemos isso por todos os meios de manipulação, por corrupção e, sim, às vezes pela violência, mas com certeza fizemos. Assim sendo, somos indispensáveis para os Anunnaki. Controlamos o mundo como ele é, e portanto quem mais eles permitiriam que sobrevivesse? Eles *precisam* de nós, nunca nos esqueçamos disso.

— E logo teremos nossa recompensa. Controlaremos abertamente o mundo, e viveremos em luxo e conforto inimagináveis pelos próximos milhares de anos. O mundo como o conhecemos estará acabado, claro, mas é algo tão lamentável assim? A humanidade precisa ser purgada, nós nos tornamos fracos demais, e precisamos de uma reinjeção de sofrimento de modo a nos impulsionar para novas conquistas. Deste modo, dou as boas-vindas a nossos visitantes, os Anunnaki, que, não nos esqueçamos, são nossos próprios ancestrais, a raça humana original.

— Assim, sem me estender demais, vamos ver pela primeira vez o que nossos esforços ao longo dos anos ajudaram a financiar e criar — concluiu Jacobs, gesticulando para um par de portas duplas douradas atrás de si.

A multidão adiantou-se para as portas de tamanho fora do comum, que foram cerimoniosamente abertas por dois guardas uniformizados.

— Senhoras e senhores, apresento-lhes o primeiro *wormhole* cósmico controlável do mundo.

Lynn sentiu Eldridge puxando-a através das portas para o aposento mais além, mas ele já não precisava mais puxá-la; ela *queria* ver.

Ela soltou uma exclamação abafada ao passar através das portas.

Era o tipo de instalação de alta tecnologia que as pessoas provavelmente teriam esperado encontrar lá em cima. O lugar era

amplo, dúzias de técnicos de trajés brancos imaculados movendo-se de um grupo de monitores a outro. O aposento era uma colmeia de atividade, tudo tão perfeitamente clínico que Lynn não pôde evitar ficar impressionada.

E o que era ainda mais impressionante — embora mais sinistro, dado o propósito da coisa — era que o CERN empregava vários milhares de cientistas e profissionais de apoio que não sabiam que este lugar existia.

A outra metade da sala era uma espécie de galeria de observação, que se estendia por 60 metros para cada lado das portas. Diante deles havia uma enorme janela de acrílico, com luxuosos bancos de couro estofados ao longo da galeria, de uma ponta à outra.

Lynn tentou ver através da longa janela, mas o que quer que houvesse do outro lado estava envolto em escuridão. A despeito da situação, e a despeito da finalidade do aparelho, ela ainda estava curiosa a respeito dele. Um *wormhole* verdadeiro e operacional? Que aparência aquilo teria, afinal? Mesmo com seu grau elevado de conhecimento científico, ela nem podia imaginar.

Enquanto os membros do Grupo de Bilderberg tomavam assento, o professor Messier foi até a frente, com um largo sorriso.

— Meus amigos — disse, batendo as mãos uma na outra de contentamento. — Antes de qualquer coisa quero agradecer-lhes. Obrigado por ajudarem a financiar este projeto. Desde os primeiros dias do CERN, em 1954, a criação do que estão a ponto de ver consumiu o equivalente a seis *trilhões* de dólares norte-americanos, a maior parte dos quais veio de membros do Grupo Bilderberg como vocês. Stephen já falou sobre a importância do projeto, e não vou aprofundar o tema. Em vez disso vou mostrar-lhes.

Messier acenou com a cabeça para um dos lados, e de repente a câmara para além da imensa janela de observação foi inundada por luzes brilhantes.

Ele ficou satisfeito com os olhares de assombro nos rostos diante de si.

Lynn também estava atônita com o que via. Ela havia imaginado algo como o próprio Grande Colisor de Hádrons, uma peça gigantesca de maquinário, algo que urrasse "física de alta tecnologia, superavançada". Mas aqui havia apenas um imenso, colossal cânion subterrâneo; uma vala realmente gigantesca escavada nas profundezas da Terra, paredes do embasamento rochoso estendendo-se para cima e ao redor, até onde a vista alcançava.

— O que é isso? — ela ouviu um dos membros dos Cem exclamar, confuso.

Messier ergueu a mão.

— Eu sei, eu sei. Não é o que vocês esperavam, hein? Bem, não se preocupem, têm muitas peças e partes metálicas maravilhosas espalhadas por toda aquela caverna, todas planejadas para focalizar a energia no centro. Mas pensem logicamente sobre isso. Estamos trazendo de volta todo um povo, cerca de 12 *mil* deles. No espaço, o *wormhole* que criaram está do lado de fora de sua própria espaçonave, e toda a nave vai entrar por ele e voltar para cá. E lembrem-se, por favor, de que a nave deles é a própria Atlântida, considerada uma cidade-Estado quando estava na Terra, o que deve dar-lhes uma ideia de seu tamanho.

Messier prosseguiu, os olhos brilhando.

— De fato, a nave é tão grande que vai preencher por completo aquela vasta caverna. Será uma visão incrível. Vamos testemunhar o retorno de Atlântida, o retorno de uma antiga civilização pré-histórica, o retorno dos *deuses* da humanidade, e o retorno de nossos ancestrais biológicos diretos, tudo de uma vez. — Ele olhou para o relógio. — E vai acontecer na próxima hora.

9

Adams rodou pelas ruas de Maisonnex Dessus até por fim chegar ao portão principal do CERN.

A guarita na entrada não era lá grande coisa, mas o vigia pegou o telefone assim que viu o carro, sem dúvida chamando Eldridge ou outro de seus asseclas da Brigada Alfa. Mas Adams não se importava; ser pego pela brigada fazia parte de seu plano.

Quando parou diante do portão, o vigia saiu de seu posto e aproximou-se com cautela.

— Se puder esperar aqui, senhor, alguém já virá buscá-lo — disse, nervoso.

Adams só fez que sim com a cabeça e esperou.

De fato, daí a minutos seu carro foi cercado por uma dúzia de homens armados, todos gritando para que ele saísse do carro com as mãos onde pudessem ver.

Ele obedeceu, saiu do carro e colocou ambas as mãos no teto do veículo, ainda que isso provocasse uma dor tremenda no braço.

Dois dos homens o revistaram minuciosamente, e então o viraram, empurrando-o de costas contra o carro. Recuando, ergueram os rifles, prontos para executá-lo ali mesmo.

E então o comandante Eldridge apareceu, a pistola Sig Sauer em sua enorme mão.

— Sr. Adams, nos encontramos de novo — ele disse, gentilmente.
— Embora eu receie que desta vez eu tenha que ser rápido, pois precisamos voltar a tempo para o espetáculo.

Ele sorriu e ergueu a arma.

Adams olhou para a ponta do cano da pistola.

— Espere! — ele gritou, e a urgência em sua voz fez Eldridge hesitar por um momento. — Tenho uma informação sobre os Anunnaki!

Eldridge fez uma careta de desdém.

— O que você poderia saber sobre eles que já não saibamos?

— Algo que Travers me contou na Área 51, algo que pode ser útil para Jacobs. Tudo que quero saber é se Lynn está viva. Se estiver, solte-a, e eu conto tudo a Jacobs. Se não estiver, pode me matar agora.

Adams ficou olhando o rosto de Eldridge, e soube que o homem estava pesando suas opções. De repente ele abriu um celular e digitou um número. Repassou depressa o que Adams lhe dissera, escutou e dirigiu-se de novo a Adams.

— Ele não está interessado.

— Diga-lhe que é a respeito do lugar de onde eles vieram. Originalmente, quero dizer. Não creio que Jacobs saiba, não é?

Adams lembrava-se de aula de história de Travers, e recordava-se claramente dele dizendo que os humanos avançados surgiram na Terra muitos milhares de anos atrás, mas que ninguém, ao que parecia nem os próprios Anunnaki, sabiam como isso tinha acontecido.

Eldridge resmungou mas passou a mensagem para Jacobs. Ele então esperou, pelo que pareceu um tempo anormalmente longo, por uma resposta.

— Sim, senhor — confirmou, por fim, e encerrou a chamada. Então voltou-se para seus homens. — Vocês o revistaram?

Dois dos homens disseram que tinham feito uma revista minuciosa, e Eldridge virou-se outra vez para Adams, olhando-o de cima a baixo com desconfiança.

— Bem, revistem-no de novo. Ele vai entrar.

Jacobs não fazia ideia de qual informação Adams poderia ter, se é que tinha alguma. Ele percebeu que provavelmente era apenas um truque para entrar, mas havia uma chance remota de que Travers lhe tivesse dito algo; o professor havia passado mais tempo em contato com os Anunnaki do que ele próprio.

Ele também sabia que, apesar de sua confiança ao falar com os convidados, a posição deles não era tão segura quanto ele fazia crer; os Anunnaki eram muito mais poderosos do que eles, e não havia garantias de que as coisas seriam como prometidas. Assim, qualquer fragmento de informação que pudesse ter em benefício de suas negociações com aqueles humanos milenares seria precioso. Um conhecimento sobre suas origens, por exemplo, poderia ser de grande valor.

Assim, ele deixou a galeria de observação e voltou para a sala de conferências, onde se sentou e esperou pela chegada de Matthew Adams.

10

Adams foi empurrado para dentro da sala minutos depois, e forçado a se sentar em uma cadeira diante de Jacobs.

Este sorriu-lhe cordialmente.

— Devemos parar de nos encontrar desse jeito, de verdade — disse. — Mas receio que não haja tempo para conversas superficiais, de modo que vamos direto ao ponto. Qual é a informação que você tem?

— Lynn ainda está viva?

— Sim — respondeu Jacobs, simplesmente. — Pensamos que seria melhor mantê-la viva para o caso de você decidir vir para cá. Agora, qual é a informação? De onde os Anunnaki vieram?

— Não até que eu a veja — respondeu Adams.

Jacobs acenou com a cabeça para Eldridge, que agarrou a cabeça de Adams e a bateu na mesa de vidro, antes de empurrá-lo de volta para sua cadeira, o sangue escorrendo-lhe do nariz.

Adams apenas sustentou o olhar de Jacobs, calado.

Jacobs observou-o por vários instantes, buscando algum sinal de fraqueza, mas não encontrou nenhum.

Finalmente fez um *tsc* de desagrado para si mesmo e gesticulou para Eldridge.

— Vá e traga a dra. Edwards, por favor — disse, resignado.

Philippe Messier havia se retirado para a sala de controle para supervisionar a operação do *wormhole*, mas sua voz ainda podia ser ouvida pelos alto-falantes que estavam espalhados pela galeria de observação.

— A energia que será gerada na câmara será enorme — ele explicou através do sistema de som. — O vidro diante de vocês tem 25 centímetros de espessura. Sem ele, e sem o embasamento rochoso protetor que circunda a caverna, todo este nível seria destruído quando o *wormhole* ficar ativo. Mas não se preocupem. — Ele deu uma risadinha. — Vocês estarão seguros onde estão. Tudo já foi modelado e testado mil vezes.

Em seu assento, Lynn riu consigo mesma. Já foi testado? Talvez por um computador, mas de verdade? Era complicado fazer previsões sobre uma tecnologia que nunca tinha sido usada antes.

— Estamos agora a ponto de dar início aos procedimentos preliminares — explicou Messier. — Vocês vão ver parte da energia que somos capazes de gerar por meio do controle da antimatéria produzida no LHC acima de nós.

Houve um breve intervalo, quando todos fizeram silêncio e as luzes piscaram; e então um som como o de um gerador elétrico, só que muito mais potente, fez-se ouvir. Era um murmúrio profundo, intenso, pulsante, que percorria o corpo dela como um golpe físico em suas entranhas. E na galeria de observação as luzes se atenuaram de novo, mas permaneceram atenuadas, revelando a câmara à frente com nitidez ainda maior.

Segundos depois, as luzes se apagaram na própria câmara, e Lynn pôde ouvir os resmungos desapontados à sua volta.

— Esperem um pouco — ouviu Messier dizer. — Só um instante.

E então apareceram luzes distantes, nos recessos do teto da câmara imensa. A princípio eram apenas centelhas, mas então ficaram maiores, cada uma delas suficiente para iluminar a câmara toda. Não demorou muito, toda a caverna era esporadicamente iluminada por essas fontes de energia, que pareciam relâmpagos aprisionados, lampejos de vasta energia.

Lynn estava transfixada, e então sentiu uma pesada mão em seu ombro.

— Venha comigo — ouviu Eldridge murmurar em sua orelha.

O coração de Adams acelerou-se no peito quando ele viu Lynn entrar na sala. Ela *estava* viva!

Ele viu a emoção no rosto dela também, que se transformou em uma careta quando foi jogada sem cerimônia numa cadeira ao lado dele.

— Agora, sr. Adams, diga-me o que sabe — disse Jacobs.

— Não até que Lynn esteja a salvo — respondeu Adams. — Ela saiu do CERN *agora*, escoltada para fora das instalações.

Jacobs fez um sinal com a cabeça para Eldridge, que arrancou Lynn da cadeira, uma lâmina aparecendo em sua mão direita, mantida perto do olho direito dela.

— Ou você pode simplesmente me dizer agora, e Eldridge aqui não vai arrancar fora os olhos da vadia — gritou Jacobs, furioso, ciente de que na sala ao lado o aparelho estava começando a entrar em operação.

Adams olhou ao redor da sala. A porta para a galeria, à sua frente, estava vigiada por dois homens da Brigada Alfa, assim como a porta para o elevador por trás deles. E havia Eldridge, prendendo Lynn

com suas mãos fortes a poucos passos de distância, e Jacobs do outro lado da mesa.

Uma luz começou a piscar sobre as portas duplas para a galeria, e uma voz eletrônica soou pelo sistema de som.

— Três minutos para a abertura do *wormhole* — anunciou sem emoção. — Todos a seus postos.

Jacobs virou-se para Eldridge.

— Corte-a! — ordenou, cansado de jogos.

Adams viu o brilho no olho de Eldridge e reagiu um instante antes dele.

Os dardos estavam no céu da boca de Adams, e assim tinham passado despercebidos durante as duas revistas. Adams tinha comprado a madeira em uma loja de materiais de construção em Genebra, junto com uma faca, e ele mesmo os fizera antes de sair para o CERN. Eram pequenos, mas pesados e muito afiados.

Passando um dardo do céu da boca para a língua, ele a enrolou ao redor do dardo, soprando-o para fora da boca com a maior força possível.

Havia aprendido a técnica quando era garoto, e passara centenas de horas treinando para atingir um alvo de dois centímetros e meio a seis metros de distância, até isto ter-se tornado uma segunda natureza para ele. Era possível carregar até meia dúzia de dardos envenenados na boca, sem risco, embora ele tivesse sido incapaz de conseguir qualquer veneno no curto tempo que tivera para se preparar. Mas ele revestira as pontas dos dardos com pimenta *chili* em pó, e quando o primeiro dardo penetrou no olho direito de Eldridge, fez o homem se encolher de dor, gritando a todo pulmão.

Ele largou Lynn de imediato, deixando a faca cair ao solo, as mãos indo até seu olho danificado, as pernas bambeando com o choque

da dor excruciante.

Adams virou-se para Jacobs, sabendo que teria um só disparo contra o homem, antes de ter que lidar com os guardas. Atirou outro dardo, mas Jacobs reagiu mais depressa do que Adams tinha esperado, protegendo-se atrás da mesa, e o dardo assobiou inofensivo por cima da cabeça dele.

Adams abaixou-se para pegar a faca de Eldridge e lançou-a através da sala contra os guardas junto às portas duplas. Ele então voltou-se para os dois homens junto ao elevador.

As armas deles já estavam erguidas e apontadas, mas Adams disparou dois dardos em rápida sucessão, e ambos acertaram os homens no rosto. Não incapacitavam, mas eram suficientes para desviar a atenção dos guardas e impedi-los de atirar por poucos e preciosos momentos.

Ouviu um grito abafado atrás de si, e virou-se para ver a faca que havia atirado projetando-se do peito de outro guarda. O homem caiu de joelhos, olhos arregalados de surpresa, enquanto seu parceiro abria fogo com a arma no automático.

Enquanto Adams e Lynn se abrigavam atrás da armação de metal da mesa de vidro, Jacobs correu para as portas duplas.

O vidro se estilhaçou e as balas ricochetearam nos pés de metal da mesa. Com a mão ruim, Adams puxou para si o quase cego Eldridge, e esmurrou-lhe o queixo com a outra, nocauteando-o. Estendeu a mão para a arma dele, mas Lynn estava um passo adiante, pistola já em punho, apontando para os homens ao lado do elevador.

Os dois guardas estavam agora se recobrando dos dardos na face e ergueram de novo suas armas, mas foram jogados de encontro à porta de metal do elevador quando Lynn fez quatro disparos, dois

tiros acertando cada homem direto no peito. Esguichos de sangue explodiram, tingindo o chão de madeira polida.

Adams olhou para Lynn com uma surpresa momentânea e então se virou para as portas duplas.

— Maldição! — exclamou Lynn ao ver Jacobs desaparecer através delas para a segurança da galeria logo além.

O guarda remanescente disparou contra eles de novo, e então Lynn atraiu seu fogo, rolando para um lado, enquanto ela mesma disparava, ao mesmo tempo que Adams rolava para o lado oposto, lançando os dois dardos restantes.

O último guarda foi atirado para um lado quando um dos projéteis de Lynn o acertou no quadril, e então ele caiu para trás quando ambos os dardos de Adams penetraram em sua garganta.

— Dois minutos para a abertura do *wormhole* — anunciou a voz eletrônica.

— Venha! — disse Adams, pondo-se de pé. — Vamos entrar lá, agora!

11

A atenção dos Bilderbergers estava totalmente concentrada na janela de observação, e eles assistiam fascinados enquanto o mecanismo movido a antimatéria começava a ser plenamente ativado através da vasta caverna. Fachos de luz intensa pareciam ser emitidos de praticamente cada saliência e reentrância do teto distante, e era como se houvesse algum tipo de tempestade de raios e trovões dentro da câmara. A imensa energia sendo utilizada estava evidente para que todos vissem, e ninguém tinha qualquer dúvida quanto ao que estavam testemunhando.

Mas então as portas duplas para a sala de conferência se escancararam, e Jacobs entrou aos tropeções, caindo de joelhos ao cruzar as portas.

— Bloqueiem as portas — ele berrou, embora seus gritos não pudessem ser escutados acima do rugido atordoante do gerador de *wormhole*.

E então as portas duplas se abriram de novo, e Adams e Lynn invadiram o local, submetralhadoras apontadas para o aposento, varrendo o espaço ao longo das fileiras de bancos de couro. Os Bilderbergers se jogaram ao chão em massa, gritos começando a se erguer, e então os dois intrusos ergueram as armas e dispararam

para o teto, e todos se apertaram com mais força contra o piso, as cabeças abaixadas.

Quatro homens — homens da Brigada Alfa, desarmados nesta área supostamente sacrossanta — começaram a correr em direção a Adams e Lynn, mas foram detidos de imediato, os corpos cravejados de balas desabando com força no chão.

— Desliguem a máquina! — berrou Lynn, o mais alto que pôde. Ninguém se mexeu, e ela disparou mais uma rajada com sua submetralhadora, os projéteis passando a apenas centímetros acima da cabeça dos Bilderbergers. — Desliguem! — ela berrou de novo.

Ainda não houve resposta, e Adams saltou por cima dos bancos, tendo visto Jacobs se encolhendo por baixo deles. Estendeu a mão e o ergueu, colocando o cano de sua arma sob o queixo do homem.

— Desligue — sussurrou, com um ímpeto realmente ameaçador. — Desligue ou vou estourar seus miolos aqui mesmo, e você nunca vai chegar a ver os Anunnaki, de qualquer maneira.

— Um minuto para a abertura do *wormhole* — a voz eletrônica anunciou de novo.

— Desligue — disse Adams de novo, de forma ainda mais enfática.

— Você não pode parar o processo agora — disse Jacobs através dos dentes cerrados. — Está terminado.

Adams estava a ponto de puxar o gatilho quando as portas duplas se abriram uma vez mais e Eldridge irrompeu através delas com uma submetralhadora em cada mão.

Meio cego, a face ensanguentada, e inflamado pela fúria, o homenzarrão abriu fogo imediatamente, varrendo a galeria de observação com projéteis de calibre .40 de alto impacto.

Adams e Lynn se jogaram em busca de proteção e as balas atingiram o vidro de observação, ricocheteando do material

blindado.

— Não, seu idiota! — gritou Jacobs, caído no chão. — Vai nos matar a todos!

Mas Eldridge não estava ouvindo, e abriu fogo de novo, as balas traçando uma linha através da sala, esstraçalhando e destruindo todo um painel no centro de controle adjacente.

— Não! — gritou Messier, correndo até o painel e tentando salvá-lo. Mas ele havia sido destruído sem chance de reparo. Ele se virou para Eldridge e toda esperança sumiu de suas feições. — O que você fez? — perguntou.

Os cientistas ao redor dele estavam correndo pelo laboratório, cegos de pânico.

De repente, o painel blindado de observação começou a se mover, erguendo-se e se inclinando, abrindo como um gigantesco basculante, e Adams percebeu que Eldridge devia ter atingido o mecanismo de controle da janela.

Os relâmpagos na câmara mais além se tornaram ainda mais brilhantes, e cem de Bilderbergers urraram a plenos pulmões agora, recordando as palavras de Messier. Sem o vidro protetor, estariam todos condenados.

— Trinta segundos e contando — a voz continuou a anunciar, sem emoção.

12

— **F**echem a janela! — veio o mesmo grito de dezenas de bocas. Toda a galeria de observação se transformou em um caos.

Mas a janela não podia ser fechada. Era grande demais, pesada demais, e o painel de controle tinha sido completamente destruído pelos tiros de Eldridge.

E então as armas de Eldridge ficaram sem munição. Adams adiantou-se, jogando-se sobre ele e golpeando-o contra as portas duplas e passando através delas para a sala de conferências. Eldridge usou seu maior tamanho para virar Adams e empurrá-lo pela sala até ele se chocar com o metal duro das portas do elevador.

Adams contorceu-se com a dor que se irradiou por seu ombro, e então Eldridge prendeu-lhe a garganta com o braço enorme e musculoso, forçando com todo seu peso, tentando esmagar sua traqueia para que perdesse a consciência.

Adams viu a expressão de loucura no olho de Eldridge, e soube que o homem não pararia até matá-lo. Começou a sentir a visão escurecendo, o cérebro ficando sem ar, e seus dedos se estenderam por reflexo, tateando a parede a seu lado.

— Vinte segundos e contando — a voz informou, e então os dedos de Adams encontraram o botão pelo qual buscava.

Ele o apertou e as portas do elevador se abriram. Quando os dois homens caíram no piso de metal, a pressão na garganta de Adams diminuiu.

Adams usou o impulso da queda para colocar o pé no estômago de Eldridge e jogá-lo por cima de sua cabeça. O corpanzil do homem se chocou contra a parede dos fundos do elevador. Adams sentiu o elevador sacudir com o impacto, e então as portas se fecharam, e o elevador começou a subir. O corpo de Eldridge havia atingido os controles.

Adams ouviu a voz eletrônica pela última vez.

— Dez segundos e contando.

13

Ainda na galeria de observação, a excitação pela chegada dos Anunnaki havia dado lugar ao medo abjeto e ao horror quanto ao que estava para acontecer.

Na câmara, do outro lado do vidro, os relâmpagos haviam se tornado mais concentrados, mais permanentes; os fochos começaram a se centralizar no meio da caverna e uma bola de luz se formou no piso rochoso diante dos olhos deles.

Enquanto olhava, Lynn sabia o que devia fazer. Não sabia por que ou como, mas sabia com cada fibra de seu ser.

Enquanto todos os demais tentavam fugir da janela gigante, ela começou a mover-se na direção dela, até estar correndo rumo à caverna repleta de luz.

De repente, dedos se fecharam sobre seu ombro, impedindo-lhe o progresso, e ao se virar ela viu a face horrorizada de Jacobs olhando-a.

— Pare! — ele gritou. — Não entre lá! Você vai arruinar tudo!

Ele estendeu as mãos enlouquecidas para a garganta de Lynn, tentando estrangulá-la, o rosto a centímetros do dela, e finalmente ela viu a insanidade em seus olhos.

Ela nem sequer teve tempo de sentir satisfação ao puxar o gatilho de sua submetralhadora, e uma rajada de balas calibre .40 rasgou o

abdome de Jacobs. Ele caiu ao chão com um gemido, os dedos escorregando da garganta dela e indo para sua própria barriga, os intestinos derramando-se sobre suas mãos enquanto ele olhava sem poder acreditar. Os olhos dele se ergueram para encontrar os de Lynn, mas ela já tinha se afastado, indo em direção à janela aberta.

E então ela jogou de lado a arma e subiu na larga moldura da janela, as pernas dobradas, respirando fundo.

— Cinco... — a voz anunciou -... quatro... três... dois... um... *Wormhole* abrindo.

E então, fazendo uma oração pela primeira vez em muitos anos, ela pulou.

14

O elevador subia depressa, desequilibrando os dois homens, mas Adams percebeu que Eldridge ainda estava atordoado pelo impacto na parede de metal.

Tirou vantagem disso, empurrando-o para trás e então golpeando a garganta desprotegida do homem com a aba de pele entre o polegar e o indicador.

Eldridge gorgolejou, sua laringe destruída, mas se jogou para a frente, prendendo Adams em um abraço de urso, apertando-o e expulsando o ar de seus pulmões com os braços poderosos. O sangue começou a vazar pelo curativo improvisado no braço de Adams, e ele sentiu a visão turvar-se.

Mas ainda não estava derrotado, e de forma alguma iria desistir. Seu joelho ergueu-se com força na virilha de Eldridge e sua testa golpeou-lhe o rosto, quebrando-lhe o nariz, mas Eldridge ainda o segurava, apertando com ainda mais força.

E então o elevador começou a balançar, a sacudir e, aparentemente, a desmontar-se inteiro, e Eldridge finalmente afrouxou o aperto. Adams caiu ao chão, que estava abrasador, parecendo estar sendo superaquecido por baixo.

Por reflexo, ele se encolheu, e quando fez isso todo o piso do elevador cedeu.

Ele instintivamente se segurou aos corrimões do elevador, observando enquanto o piso, juntamente com o comandante Flynn Eldridge, se precipitava pelo vão do elevador, que estava preenchido por uma estranha chama verde.

A face de Eldridge ficou branca de choque enquanto ele despencava pelo vão incandescente, o medo finalmente entrando em seus olhos apenas momentos antes de seu corpo atingir as chamas.

15

Lynn entrou na câmara de um único salto, bem quando os relâmpagos se amalgamaram em uma única massa sólida, envolvendo toda a câmara em uma bola de pura energia.

Como a única coisa viva na câmara, a energia convergiu para seu corpo em queda, pulsando ao redor dela como outra entidade viva. E ela se viu suspensa no ar, a bola de intensa energia luminosa coagulando ao redor dela com a sensação de um líquido cálido. A luz se tornou ainda mais intensa, e ela perdeu todo o senso de quem era e de onde estava, todo o senso de existência.

E então tudo ficou negro, e ela não sentiu absolutamente nada.

16

A estranha chama verde morreu quase tão de repente quanto surgiu, deixando Adams pendurado ao corrimão, olhando para baixo, para o vão queimado e enegrecido e para a massa amorfa do corpo destruído de Eldridge lá embaixo.

Ele tocou com cuidado a parede exposta abaixo do elevador, e ficou surpreso por estar fria. Tateou ao redor, e percebeu que tudo estava frio, como se nunca tivesse sido queimado.

Lentamente baixou através do piso do elevador, usando os degraus de ferro na parede do vão para descer.

No fundo, olhou para o corpo de Eldridge. Parecia que havia sido desossado no vapor, a carne despregando-se dos ossos. Adams quase vomitou com o cheiro.

Com uma energia como aquela tendo estourado por todo o nível, o que teria acontecido com Lynn? Ele quase não queria voltar, mas sabia que precisava.

Estariam os Anunnaki lá?

Adams engoliu em seco, e seguiu adiante. Só havia uma forma de descobrir.

Ele chegou à sala de conferências e viu que a parede que a separava da sala de controle e da galeria de observação estava agora destroçada, sem qualquer sinal de atividade na câmara mais

além. Havia corpos por toda parte, e a maior parte da carne havia sido arrancada dos ossos. Foi até as enormes janelas. Parado junto ao parapeito, olhou a grande caverna, e ficou imediatamente evidente que não havia "nave-mãe" alguma, nenhuma espaçonave-Atlântida trazendo os Anunnaki genocidas.

Mas onde estava Lynn? Ele deu as costas à janela e olhou para as dezenas de corpos destroçados.

Cerrou os dentes e começou a procurar.

17

Uma hora depois ele terminou de examinar os corpos, convencido de que Lynn não estava entre eles. Onde estaria? Teria ela de alguma forma conseguido escapar? Ele esperava que sim, de todo o coração.

Mas o que havia acontecido ali? A energia tinha obviamente se concentrado na caverna — as paredes estavam queimadas, da mesma forma que o resto do nível subterrâneo destruído, e ainda assim o *wormhole* não tinha se aberto.

Ou tinha?

Ele pensou outra vez no desaparecimento de Lynn, e olhou de volta para a caverna agora mais atentamente.

Lynn estava viva, ele sabia. Não sabia onde, mas em algum lugar no universo, ela estava viva.

E ele não descansaria até encontrá-la.

PARTE CINCO

1

Lynn despertou, as mãos indo de imediato para sua barriga. Ela não tinha como saber, mas sentia que estava tudo bem, e por enquanto isso tinha que ser o suficiente.

Mas onde estaria? Estava escuro, e o chão por baixo dela era irregular.

Estava ainda na caverna? Olhou para cima, e foi saudada pela visão das estrelas. Não, ela estava ao ar livre, em algum lugar.

Então o que havia acontecido? Sua presença na câmara obviamente havia alterado de algum modo a mecânica do *wormhole*, fazendo com que ele agisse de forma não planejada.

Ela de repente teve o pensamento desagradável de que podia estar em qualquer lugar do universo, em absolutamente qualquer lugar.

Sua cabeça se ergueu de repente, para olhar de novo as estrelas, e ela se tranquilizou de imediato. Ainda estava na Terra, não havia dúvida alguma. No hemisfério norte, de fato, e ela distinguiu as visões familiares do Grande Carro, do Cinturão de Órion e Vênus, todos em seus lugares familiares no céu. E por trás dela, quando se virou, viu a lua em toda sua glória, banhando-a com sua luz suave. Além do mais, ela percebeu que, se de fato estava em outro planeta,

seria altamente improvável que fosse capaz de respirar na atmosfera.

Ainda não sabia onde estava, porém, e assim começou a caminhar, examinando a paisagem a seu redor.

Mas logo estava cansada, muito, muito cansada, e sentiu a necessidade de deitar-se. Encontrou o que considerou um lugar seguro, protegido por uma grande rocha, usou a jaqueta como um travesseiro improvisado e daí a segundos adormeceu.

Acordou na manhã seguinte, com raios de sol sobre ela.

Desanuviou a mente, e então ouviu um som. Era estranho, diferente de qualquer coisa que tivesse ouvido antes; um som curioso, rascante, como um lagarto rosando.

Ela olhou ao redor, e seus olhos se arregalaram quando ela viu os animais acima do topo da pequena colina à sua frente. Eram enormes criaturas peludas, e enquanto os observava cruzarem a paisagem deserta, teve certeza de que nunca tinha visto nada como aquilo. Ou tinha?

Lynn olhou para cima, para o Sol, como que para tranquilizar-se de que ainda estava na Terra.

Ergueu-se e começou de novo a caminhar. Caminhou e caminhou, e parecia que estava em um deserto desabitado. Caminhou por horas, até estar exausta, e ainda não tinha achado sinal de vida a não ser aquelas primeiras criaturas estranhas. Também não havia sinal de habitações humanas.

Ela se sentou e examinou a paisagem deserta. Os arbustos que podia ver pareciam-se com as variedades familiares, mas o que ela sabia sobre arbustos do deserto? Quase nada. Mas aquelas criaturas a incomodavam, recordando-lhe algo que havia visto antes, talvez

em um livro na escola, ou na universidade. Mas um livro sobre o quê?

Quando a resposta finalmente a atingiu, foi com a força de uma marreta.

2

Ela continuou a se locomover através da paisagem pelos dias seguintes, até que chegou a um rio, que fluía poderoso através de um terreno que de resto era árido. Foi uma verdadeira salvação, e ela decidiu ficar ali perto, recolhendo o que pudesse do deserto à sua volta para comer, e tomando a água maravilhosa e limpa do rio.

E então, um dia, ela os viu, primeiro a distância. Um grupo de uma meia dúzia, vindo até a água. Ela se escondeu atrás de algumas pedras enquanto os olhava, criaturas de um tipo que ela reconheceu com horrível certeza.

Caminhavam eretos, sobre duas pernas, tinham cerca de 1,65 metro de altura, com pelos cobrindo boa parte de seus corpos musculosos. As feições não eram diferentes de suas próprias e das pessoas que ela conhecia, mas eles não eram *Homo sapiens*.

Ela os observou enquanto tomavam água e se banhavam, durante uma hora, descontraídos, comunicando-se por meio de uma mistura de grunhidos e assobios. E então, finalmente, eles deixaram o rio e se foram de volta para qualquer que fosse o lugar de onde haviam vindo.

A percepção que ela teve ao vê-los fez com que começasse a entender o que tinha acontecido. Para testar sua hipótese, passou as

noites seguintes olhando para as estrelas, medindo seus movimentos o melhor que pôde.

Depois de várias noites, tinha certeza; estava horrorizada, mas tinha certeza.

* * *

As criaturas que tinha visto junto ao rio eram tratadas em profundidade em muitos livros que havia lido em Harvard sobre evolução humana, e em vários que ela havia estudado durante sua pesquisa recente.

Eram membros da extinta espécie de homínídeos *Homo neanderthalensis*.

Essa constatação confirmou seu reconhecimento das grandes criaturas peludas que tinha visto no primeiro dia como preguiças gigantes, animais que também estavam extintos havia muito tempo.

Ela sabia mais sobre astronomia do que paleontologia, e seu conhecimento só serviu para confirmar seus medos.

O céu noturno era muito parecido no correr do tempo, mas em períodos muito longos, havia diferenças sutis que podiam ser observadas, mesmo a olho nu. Ela sabia que o homem de Neandertal havia desaparecido dezenas de milhares de anos atrás, mas isso não ajudou a prepará-la para as conclusões a que chegou a partir das observações astronômicas, pois a posição das estrelas no céu eram as que teriam tido cerca de *duzentos* mil anos atrás.

Ela de fato tinha sido pega no *wormhole*, mas em vez de curvar o tecido do universo para enviar os Anunnaki através do espaço, ele a havia enviado através do tempo.

E enquanto pensava no que havia acontecido, ela não podia deixar de lembrar-se das palavras do professor Travers.

“Sim”, ele havia dito quando indagado sobre os Anunnaki, “e não me pergunte como eles evoluíram, pois eles mesmos não sabem. Em um momento, a Terra tinha outras espécies de *Homo*, incluindo *ergastor*, *heidelbergensis*, *rudolfensis*, *habilis*, *neanderthalensis*, entre outras, e no outro tínhamos *Homo sapiens sapiens*, com pleno desenvolvimento não apenas físico, mas mental.”

E, sentada à beira do rio, mais uma vez tocando o bebê de Matthew Adams que crescia dentro de dela, Evelyn Edwards finalmente entendeu tudo.